



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAMILA MOSSI DE QUADROS

A AMBIÇÃO EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Londrina
2014

CAMILA MOSSI DE QUADROS

A AMBIÇÃO EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Ferreira de Mello.

Londrina
2014

**Catálogo na publicação elaborada por:
Dina Yassue Kagueyama Lermen (CRB 9/1.138) – IFPR/Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Q1a Quadros, Camila Mossi de.

A ambição em *Memórias póstumas de Brás Cubas* / Camila Mossi de Quadros. – Londrina, 2014.
211f. : il.

Orientador : Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Semiótica. 2. Assis, Machado de, 1839-1908 – Crítica e interpretação. 3. Ficção brasileira – História e crítica. I. Mello, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDU 869.0(81)-34.09

CAMILA MOSSI DE QUADROS

A AMBIÇÃO EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Ferreira de Mello
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Arnaldo Cortina
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho - UNESP

Prof. Dr^a. Adelaide Caramuru Cezar
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 9 de julho de 2014.

À memória de Nico Nicolaiewsky (1957–2014),
amado maestro Pletskaya.

*Ao verme
que
primeiro roeu as frias carnes
do meu cadáver
dedico
como saudosa lembrança
estas
memórias póstumas*

(Machado de Assis)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Migliozi, que sempre foi uma grande inspiração, pela atenção, gentileza, compreensão, apoio e dedicação durante a produção deste trabalho.

Aos meus pais, Jurema Mossi e Roberto Molina de Quadros, por todo o incentivo e apoio nesta jornada e em todas as outras. Devo tudo o que sou a vocês.

À Nara Bolorino Martins, pelo carinho, pela paciência, pela força, pela compreensão e colaboração com este projeto.

À Me. Ângela Bolorino Martins, pela atenciosa colaboração com esta pesquisa.

Aos amigos, por compreenderem a minha ausência constante.

Às amigas do IFPR, Dina Yassue Kagueyama Lérmén, Mônica Monte de Souza e Vanessa Santos pelo incentivo e pela colaboração quanto aos horários, que viabiliza a minha produção científica. Aos demais colegas do IFPR *Campus* Londrina, pelo incentivo.

À Prof.^a Dr.^a Luciana Brito, membro da banca de qualificação deste trabalho, à Prof.^a Dr.^a Adelaide Caramuru Cezar, membro das bancas de qualificação e de defesa, e, ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina, membro da banca de defesa, pelos excelentes e valiosas contribuições a esta pesquisa.

À CAPES, que viabilizou parcialmente esta pesquisa por meio de auxílio financeiro.

“O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.”

(Machado de Assis)

QUADROS, Camila Mossi de. **A ambição em Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2014. 211p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Este trabalho toma como *corpus* de pesquisa o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. O objeto a ser investigado é a configuração da ambição no personagem Brás Cubas. A fundamentação teórica principal é a semiótica das paixões. Dentre os semioticistas que trabalham nessa linha de pesquisa, são cotejados autores como Greimas, Fontanille, Courtés, Benveniste, Bertrand, Barros, Fiorin, dentre outros. Como se sabe, a finalidade de uma investigação Semiótica é explicar como são criados os sentidos no texto. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é investigar como a obra se organiza para dizer o que diz sobre a ambição em Brás Cubas e como este se constitui como sujeito marcado pela ambição, que se apresenta como o “amor à glória”, como “sede de nomeada”. Em outras palavras, trata-se de um sujeito cuja finalidade é ter seu nome imortalizado, em alta consideração pela sociedade. Toda trajetória de Brás Cubas é marcada por essa busca. No entanto, este sujeito é marcado pela frustração, pela decepção, já que seu objetivo não é atingido. Além da base semiótica, esta pesquisa também se fundamenta nos estudos da Crítica Literária, como Bosi, Candido, Coutinho, Dixon, Facioli, Gledson, Meyer, Moisés, Pereira, Rodrigues, Schwarz, Teixeira, dentre outros.

Palavras-Chave: Semiótica das paixões. Ambição. Literatura. Machado de Assis. Brás Cubas.

QUADROS, Camila Mossi de. **The Ambition in Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2014. 211p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This work takes as *corpus* of research the novel *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), by Machado de Assis. The object to be investigated is the ambition in character Brás Cubas. The main theoretical foundation is the Semiotics of Passions. Among semioticians who work in this line of research, some of them are highlighted, such as Greimas, Fontanille, Courtés, Benveniste, Bertrand, Barros, Fiorin. The purpose of a semiotics investigation is to explain how meanings are created in the text. Thus, the main objective of this work is to investigate how the novel *Memórias póstumas de Brás Cubas* organizes itself to say what it expresses about the ambition in the character Brás Cubas and how he is constituted as a subject marked by ambition, which is presented as the "love of glory" or as "eager for nomination". In other words, his purpose is to have his name immortalized and in high regard by society. The entire trajectory of Brás Cubas is marked by this pursuit. However, this subject is tagged by frustration and deception, since his goal is not achieved. Besides the semiotic approach, this research is also based on studies of Literary Criticism, Bosi, Candido, Coutinho, Dixon, Facioli, Gledson, Meyer, Moisés, Pereira, Rodrigues, Schwarz, Teixeira, among others.

Keywords: Semiotics of passions. Ambition. Literature. Machado de Assis. Brás Cubas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrado semiótico	52
Figura 2 – Tabela de manipulações e competências	58
Figura 3 – Quadrado semiótico e as relações entre ser <i>versus</i> parecer	66
Figura 4 – Aplicação do quadrado semiótico.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recorrências que apontam para a ambição.....	75
Tabela 2 – Fortunas em contos de réis.....	79
Tabela 3 – Traduções de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	210

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Brás Cubas
<i>MPBC</i>	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>
QB	Quincas Borba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A AMBIÇÃO	21
1.1 A AMBIÇÃO NA LITERATURA MACHADIANA: BREVE ANÁLISE	29
2 FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA	43
2.1 INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA DAS PAIXÕES	51
2.1.1 Nível Fundamental	52
2.1.2 Nível Narrativo	54
2.1.3 Nível Discursivo	62
2.1.4 A Semiótica das Paixões	63
2.1.5 Ambição: Aproximações Lexemáticas	72
3 ANÁLISE DO CORPUS: A AMBIÇÃO EM MPBC	78
3.1 AS ORIGENS DA AMBIÇÃO EM BRÁS CUBAS	81
3.2 AMOR E AMBIÇÃO	96
3.2.1 Marcela	98
3.2.2 Eugênia	114
3.2.3 Virgília	119
3.2.4 Eulália	140
3.3 O AMOR DA GLÓRIA	145
3.3.1 Política e Ambição	150
3.3.2 O Emplasto Brás Cubas	177
3.4 A AMBIÇÃO E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE BRÁS CUBAS	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICE	209
APÊNDICE A – Tabela 3 – Traduções de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	210

INTRODUÇÃO

Afirmar que Machado de Assis é um dos expoentes da Literatura Brasileira não traz nenhuma novidade à comunidade acadêmica. Aclamado por público e crítica, o autor é exaustivamente estudado, todavia, não é de surpreender que um legado de tamanha magnitude não tenha sido totalmente esgotado. O desafio, nesse caso, passa a ser colaborar de forma inédita e inovadora no desenvolver da pesquisa. Nesse sentido, achou-se conveniente perscrutar sua obra sob o ponto de vista da Semiótica greimasiana. Essa escolha, no entanto, não é aleatória. A Semiótica possui um desdobramento chamado de Semiótica das paixões, cujo interesse é analisar e sistematizar objetos que, por muito tempo, foram marginalizados pelos estudos linguísticos: as paixões, os estados de alma. Esse aporte teórico consolida-se como de extrema pertinência diante da receita do sucesso da obra machadiana: sua matéria-prima é o comportamento humano e suas motivações intrínsecas. Em *O enigma do olhar* (2003, p.11), Alfredo Bosi afirma que “esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império”.

Afrânio Coutinho, no estudo crítico “Machado de Assis na Literatura Brasileira” (1997), ressalta que a sociedade contemporânea de Machado foi por ele “observada com olhar arguto, sensível e registrador”, o que tornou a sua obra “um seguro retrato de sua época”. No entanto, “a realidade, o meio, para ele, constituíam apenas a base, a matéria-prima que, à imagem de todos os grandes artistas, ele transfigurava e transformava em arte” (COUTINHO *In*: ASSIS, 1997, p. 24).

Esses cidadãos do Segundo Império inspiraram personagens dos romances e dos contos de Machado e foram artisticamente representados em variados contextos que engendram temáticas como amor, política, casamento, família, sociedade. Lúcia Miguel Pereira, em *Estudo crítico e biográfico* (1939), comenta:

[...] os temas principais, a inaniidade da vida, a falsidade dos sentimentos humanos, a impassibilidade da natureza e a grandeza, o poder da arte, são temas que por mais de quarenta anos, vão ser por ele debatidos, examinados, virados e revirados até que, cansado de tanto procurar em vão, se aquiete na suprema renúncia da atitude de espectador do Conselheiro Aires [...]. (PEREIRA, 1939, p. 145).

A política é um dos assuntos mais recorrentes, nas palavras de Pereira, “virados e revirados” por Machado, o que não a torna necessariamente o assunto mais importante no legado do autor, mas um pretexto para abordar algo menos explícito, a relação íntima entre paixões e interesses, como aponta Bosi em nota de rodapé:

Não foi a prática política em si que Machado colheu na sua ficção, mas atitudes esparsas nascidas do desejo de aparecer e brilhar, simulacros de poder que o teatro político engendra. Todo e qualquer regime lhe parecia uma combinação de paixões e interesses, um exercício de força ou de astúcia, uma extensão coletiva das relações entre indivíduos voltados para a autopreservação. (BOSI, 2003, p. 28).

Nas prosas do autor, essas paixões vão ao encontro dos mais variados interesses. Machado esmiúça o comportamento humano e as relações sociais, atribuindo insistentemente a seus personagens interesses como poder, prestígio social, tradição e riquezas, seja dentro do “teatro político” ou fora dele. Sobre essa reiteração temática, Pereira comenta que:

São freqüentes em Machado de Assis [...] essas voltas ao mesmo tema; levava anos a trabalhar a mesma idéia, expondo-a de diversos modos, completando-a, aprofundando-a com aquela ânsia de perfeição que o deve ter atormentado, como atormentou a muitas das suas personagens [...]. (PEREIRA, 1939, p. 228–229).

A ambição é uma das mais notáveis reiterações temáticas da obra machadiana. Essa paixão perpassa toda a produção de Machado, como se expende no capítulo seguinte, mas destaca-se especialmente no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Diante do exposto, elegeu-se *Memórias póstumas de Brás Cubas* como *corpus* e a ambição do personagem Brás Cubas como objeto de investigação.

Memórias póstumas de Brás Cubas, doravante *MPBC*, de autoria de Machado de Assis, começou a ser publicado em folhetins pela *Revista Brasileira em 1880* e foi reunido em volume pela Typografia Nacional em 1881. Seu lançamento dividiu o público e a crítica. Os cidadãos do final do século XIX não estavam preparados para suas inovações, que iam do estilo às temáticas, inovações linguísticas e estruturais regadas à ironia e ao sarcasmo. A obra é o livro de memórias de um pecador. Brás Cubas, doravante BC, rompe com o idealismo romântico, engendrando características bem incomuns para um protagonista da

época. Seu final de “negativas” não conseguiu arrancar do “defunto autor” uma narrativa arrependida, mas debochada, com a tristeza sutil do sujeito eternamente frustrado. Com esses elementos, BC conta, do túmulo, sua morte, seu delírio, seu nascimento e então o desenrolar de sua vida. A narrativa é construída de forma não linear e fragmentada, pois está sujeita à memória do narrador, que faz idas e vindas em meio aos 160 capítulos curtos do livro, englobando o período de tempo de 1805 até 1868.

Mais de cem anos após a sua publicação, Ivan Teixeira considera *MPBC* o “romance mais original”, bem como o mais “atual da nossa literatura” (TEIXEIRA, 1987, p. 93). Sua originalidade é corroborada por diversos estudiosos. Alfredo Bosi afirma que “o ponto mais alto e mais equilibrado” da prosa oitocentista brasileira “acha-se na ficção de Machado de Assis” (BOSI, 1995, p. 193).

Conforme levantamento realizado em 2008, pela *Enciclopédia Itaú Cultural de Literatura Brasileira* (cf. apêndice um), *MPBC* foi traduzida para dez idiomas, além das três publicações em Portugal. A obra também foi adaptada para diferentes suportes, conta com três versões cinematográficas, *Viagem ao fim do mundo* (1967), dirigida por Fernando Cony Campos, segundo Klotzel, rodada de forma completamente experimental (KLOTZEL, 2001, p. 190); *Brás Cubas* (1985), filmada por Julio Bressane, que Sérgio Augusto (AUGUSTO, 1995, p. 55), considera de um caráter estético mais ousado; e *Memórias póstumas* (2001), dirigida por André Klotzel, que foi comentarista de uma edição de *MPBC* publicada pela Sá Editora em 2001.

Em 2008, foi lançada uma versão de *MPBC* em quadrinhos pela editora Escala Educacional, com roteiro de Maria Sonia Barbosa e ilustrações de Sebastião Seabra. No ano de 2010, a editora Ediouro, por meio do selo Desiderata, agregou uma versão de *MPBC* em formato *Graphic Novel* à sua coleção “Grandes clássicos em *graphic novel*”, adaptada por Wellington Srbek e João Batista Melado e prefaciada por Moacyr Scliar. Ainda em 2010, o capítulo VII de *MPBC* foi adaptado por Marilda Castanha para uma versão infantil, que se chama *O Delírio: capítulo VII de Memórias póstumas de Brás Cubas* e foi publicado pela Companhia das Letras.

MPBC também inspirou uma versão juvenil, não menos inusitada, *Memórias desmortas de Brás Cubas*, de Pedro Vieira, lançada em 2010 pela Tarja Editorial. Nesta, o autor propõe uma continuação de *MPBC*, na qual Brás Cubas consegue desenvolver o emplasto e, pelo uso deste, torna-se um zumbi e sai

devorando os moradores da cidade do Rio de Janeiro e outros personagens machadianos. Acerca de *MPBC* existe, inclusive, além de incontáveis paródias e homenagens, das quais foram citadas algumas apenas para ilustrar, uma vasta fortuna crítica com diversas perspectivas sobre a obra. A temática da ambição em *MPBC* já foi abordada por outros autores, no entanto com objetivos e metodologias diferentes, servindo como diálogo para esse trabalho.

Valdira Meira Cardoso de Souza, em sua tese de doutorado “*Sede de nomeada*”: o “*amor da glória*” na produção literária de Machado de Assis (2007), orientada pela Prof.^a Dr.^a Cleide Antonia Rapucci, propõe um estudo da ambição em *MPBC*. A autora alvitra seis contos machadianos e o romance *MPBC* para a análise do amor da glória e da sede de nomeada, sob o enfoque teórico dos estudos literários. Ela propõe como objetivo da tese analisar a ação das personagens machadianas que buscam a nomeada e, assim, ressalta as relações temáticas propostas por Tomachevski e Bergez, os estudos de intertextualidade de tradição bakhtiniana, as teorias da narrativa de Genette e os estudos da personagem, por Aristóteles. Sob esse prisma, a autora faz a análise do amor à glória, da sede de nomeada, ou seja, da ambição em *MPBC*, o que fornece a essa dissertação rico material para diálogo. As diferenças entre o presente trabalho e a pesquisa de Souza são os objetivos e o enfoque teórico. Dividem, contudo, o objeto de investigação, a ambição em *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Paul Dixon apresenta um estudo muito interessante em *O chocalho de Brás Cubas: uma leitura das Memórias Póstumas* (2009). O título de seu livro remete a uma passagem de *MPBC*, na qual um chocalho é agitado na frente do pequeno BC, para que ele aprenda a andar antes do tempo. Dixon aponta o chocalho como núcleo de toda a narrativa. Ele considera os pais de BC sujeitos frustrados e que, por causa da intensidade do desejo deles, o menino vai para frente movido pela mesma vontade insatisfeita. Brás é “atraído pelo chocalho de lata”, pela ideia da “possessão do objeto brilhante” (DIXON, 2009, p. 19).

Esse ‘vaivém’ do chocalho nunca alcançado “será um padrão repetido, uma essência unificadora em vários níveis de significação no romance” (DIXON, 2009, p. 21). Dentre esses níveis, Dixon disserta sobre temáticas como o ato do defunto autor escrever suas memórias como busca de imortalidade; sobre os incentivos do pai de BC para que ele busque fama e carreira política; sobre a relação pecuniária com Marcela; sobre a falta de tradição da família de BC e,

finalmente, sobre o emplasto e a ambição de BC. A leitura dessa obra permite que se faça uma analogia entre a atração do pequeno BC pelo “objeto brilhante” chocalho e a atração de BC, em outras idades, pelos “objetos brilhantes” dinheiro, fama e imortalidade.

No livro *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre Psicanálise e Literatura* (2001), Luis Alberto Pinheiro de Freitas analisa as mulheres machadianas, duas delas personagens de *MPBC*: confere um subitem à Virgília e um à Marcela. No que se refere à Virgília, comenta que ela “terá seu egoísmo e ambição como defeitos de seu caráter destacados. Sua posição social, suas aspirações a um título de nobreza governam a cena” (FREITAS, 2001, p. 87). No que se refere à Marcela, Freitas reflete sobre a conduta apaixonada e irresponsável de BC ao gastar alta quantia de dinheiro para presentear a moça e sustentar a relação entre os dois. Destaca-se que Freitas considera BC e Virgília como pessoas que, para alcançar prazer, são capazes de fazer qualquer coisa má, desde que não sejam descobertas (FREITAS, 2001, p. 95), todavia, os comentários sobre esses comportamentos ambiciosos e egoístas são breves.

MPBC versa explícita e implicitamente sobre ambição. Utiliza-se de ironia e sarcasmo para criar diferentes representações dessa paixão que, expostas no texto ou ocultas nas entrelinhas, são o foco de análise dessa dissertação. Diante da complexidade da obra, muitos sentidos oriundos dessas representações podem acabar se dissolvendo nos meandros do texto. Essa dissolução é extremamente instigante, como aponta Teixeira:

As narrativas maduras de Machado de Assis não apresentam uma estória conclusa, que pudessem agradar pela intriga, como as da primeira fase. Não explicitam tampouco o problema que abordam ou a conclusão a que chegam. O significado delas dependerá sempre da interpretação do leitor. Por isso, devem ser lidas com um olho na ação e outro no sentido problematizador que encerram. (TEIXEIRA, 1987, p. 57–58).

Para colaborar com a descoberta desse sentido problematizador é necessário considerar o livro como um todo e analisar o encadeamento dos acontecimentos e os estados de alma que se forjam em BC, assim como sua relação com o recorte desta análise, a ambição. Com estudos dessa natureza,

podem-se recuperar as sutilezas do texto, ressaltando sua complexidade, seu estilo e a astúcia de seu enunciador.

Ante os fatos apontados, o principal objetivo dessa dissertação é investigar a configuração discursiva da ambição em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Para perscrutar o comportamento dessa paixão no *corpus*, toma-se o recorte da ambição no personagem Brás Cubas. Busca-se, ainda, explicar como diferentes estados de alma vinculam-se ao percurso da ambição de Brás Cubas. Por fim, pretende-se caracterizar a identidade de Brás Cubas como sujeito ambicioso.

Para tanto, propõe-se uma análise da obra sob o aporte teórico da Semiótica Greimasiana, dialogando com obras de Teoria e Crítica Literárias, procurando, assim, evidenciar a adequação da ponte entre os estudos semióticos e os literários. Todavia, a pedra fundamental da análise do *corpus* é a semiótica das paixões, que oferece um método para a investigação da ambição. Os Estudos Literários, por sua vez, corroboram os resultados da análise e configuram o diálogo cultural, sendo cotejados ao longo da dissertação e da análise do *corpus*.

Dessa forma, são elencados para embasamento teórico, no que se refere aos estudos literários, nomes como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Paul Dixon, Valentim Facioli, John Gledson, Massaud Moisés, Lúcia Miguel Pereira, Antônio Medina Rodrigues, Augusto Meyer, Roberto Schwarz, dentre outros.

A Semiótica greimasiana, também conhecida como Escola de Paris ou Semiótica de linha francesa tem como base a obra de Algirdas Greimas. Ademais, conta com diversos expoentes, como Joseph Courtés e Jaques Fontanille, coautores de Greimas em obras fundamentais para os estudos semióticos, como o *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 1979), e *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Ademais, os semioticistas Émile Benveniste, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Ana Cristina Fricke Matte e o orientador dessa dissertação, Luiz Carlos Mlgiozzi Ferreira de Mello, oferecem vasto e importante material de pesquisa para este estudo por meio de livros e artigos científicos.

As escolhas relativas ao embasamento teórico e à metodologia desta pesquisa se devem ao fato de esta dissertação de mestrado estar vinculada à linha de pesquisa “diálogos culturais” do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Dentro dessa linha de pesquisa, recentemente veio a figurar a

proposta de diálogo entre os estudos semióticos e os literários, distinta das que trabalham de forma canônica. Para estabelecer efetivamente um diálogo cultural, não se vinculam apenas as duas áreas de estudos, Semiótica e Literatura, mas se buscam sentidos e fundamentação teórica em diferentes áreas do saber, como Filosofia, História, Psicologia e Antropologia.

Greimas e Fontanille, no livro *Semiótica das Paixões* (1993), salientam a importância de se recorrer aos sentidos sociais presentes em diferentes áreas do saber para uma análise semiótica plena. Seguindo essa tendência, este trabalho apresenta, no primeiro capítulo, “A Ambição”, um estudo multidisciplinar sobre essa paixão, trazendo os apontamentos de Freud, Pascal, Robert Burton, Schopenhauer, Maricá, Charles Colton, Phillipe Gigantès, Neviraldo Lira Alves e Stephen Kanitz. Além disso, faz-se menção à mitologia grega e à mitologia cristã.

Sequencialmente, no item “1.1 A ambição na literatura machadiana: breve análise” é desenvolvida uma análise sucinta da presença da ambição nas obras machadianas e suas diferentes formas de representação. Nessa análise, lança-se mão de olhares de críticos machadianos e de pesquisadores da área da Literatura para contextualizar e ressaltar a importância da ambição em Machado de Assis.

No item “2.1.5 Ambição: aproximações lexemáticas” são apresentadas as proposições de Greimas, que em *Du sens II* (1983), já ensinava sobre a importância de um estudo de Semântica lexical para um estudo de Semiótica das paixões. Ao modo do mestre, nesse item são elencadas acepções de diversos dicionários de Língua Portuguesa sobre o lexema ambição para, dessa forma, coletar as primeiras pistas de como a paixão da ambição se caracteriza.

O capítulo 2, “Fundamentação Epistemológica”, como o próprio nome sugere, ocupa-se de apresentar a epistemologia da Semiótica greimasiana amparada por alguns recortes de Crítica Literária. São dispostos e ilustrados os conceitos e a metodologia utilizada na análise do *corpus*.

Devido à extensão da obra analisada e as diversas relações de sentido que engendra, o capítulo 3, “Análise do *corpus*: a ambição em *MPBC*”, é subdividido em itens com relações temáticas. No item “3.1 As origens da ambição em Brás Cubas”, é abordado o surgimento da paixão da ambição na personagem Brás Cubas, assim como a influência de sua família no desenrolar desse processo. O item “3.2 Amor e ambição” disserta sobre os relacionamentos amorosos de Brás

Cubas, entremeados e direcionados pela ambição, dedicando um subitem para cada um em ordem cronológica: “3.2.1 Marcela”, “3.2.2 Eugênia”, “3.2.3 Virgília” e “3.2.4 Eulália”. Em seguida, é apresentado o item “3.3 O Amor da glória”, que é o sentimento que move Brás Cubas por toda a vida e influência as suas escolhas. As duas maiores empreitadas, frustradas, de Brás Cubas movido por esse sentimento são estudadas nos subitens “3.3.1 Política e ambição” e “3.3.2 O Emplasto Brás Cubas”. Investigadas todas essas aventuras do defunto-autor, a análise desemboca na observação da influência da ambição na constituição da identidade de Brás Cubas, da qual se ocupa o item “3.4 A ambição e a constituição identitária de Brás Cubas”.

1 A AMBIÇÃO

A ambição é uma paixão recorrentemente representada nas artes e na Literatura. Também é retratada na mitologia de diversas religiões. Nos compêndios de História e de Sociologia, são apresentadas muitas personalidades históricas tomadas pela ambição. A grande presença dessa paixão na história da humanidade parece ligá-la à própria natureza humana. Shakespeare escreveu em *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (2001): “Ser ou não ser... Eis a questão” (p. 33), que é realmente uma das grandes questões humanas. O ser humano sempre quer ser algo que para ele tenha algum tipo de prestígio, no entanto, nem sempre ele pode ser, sabe ser ou deve ser o que almeja. Sigmund Freud diz que “no fundo, não diferimos, em conteúdo, dos homens primitivos: somos seres desejan-tes, movidos pelo desejo” (FREUD *apud* LOBO, 2004, p. 245). Freud ensina que toda relação humana é permeada por algum interesse e, não obstante,

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica. Existem homens que não deixam de ser venerados pelos contemporâneos, embora sua grandeza repouse em qualidades e realizações inteiramente alheias aos objetivos e ideais da multidão. Provavelmente se há de supor que apenas uma minoria reconhece esses grandes homens, enquanto a maioria os ignora. Mas a coisa pode não ser tão simples, devido à incongruência entre as ideias e os atos das pessoas e à diversidade dos seus desejos. (FREUD, 2011, p. 10).

Para Freud, as pessoas têm como objeto de desejo poder, sucesso e riqueza e admiram aqueles que têm algum desses objetos. No entanto, existem pessoas que têm objetos de desejo diferentes desses e, mesmo assim, são admirados por uma parte da sociedade: a pequena parte que entende os autênticos valores da vida. Muito antes de Freud, o pensador Pascal (1623–1662), em sua obra *Pensamentos* (2003) já dizia sobre a natureza humana:

Somos tão presunçosos que desejaríamos ser conhecidos por toda a Terra, e mesmo por aqueles que existirem quando já não formos deste mundo; e somos tão vãos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos rodeiam basta para entreter-nos e contentar-nos. A vaidade está tão fortemente ancorada no coração do homem que um soldado, um vagabundo, um cozinheiro, um carregador se gaba e quer ter os seus admiradores. Os próprios filósofos não fazem exceção à regra, e os que escrevem contra isso querem ter a glória de escrever bem; e aqueles que os lêem querem ter a glória de haver lido; e eu, que escrevo isto, não me eximo talvez dessa intenção; e quem sabe se os que me lerem. (PASCAL, 2003, p. 104–105).

Robert Burton, acadêmico de Oxford e pesquisador do comportamento humano, cujo trabalho mais expoente foi o livro *The Anatomy of Melancholy*, publicado originalmente em 1621, ensina que a melancolia é resultado de paixões selvagens e do desespero dos apaixonados, assim como das agonias e dos êxtases dos devotos religiosos, dos frenesins dos loucos, dentre outros. No livro *Melancholy* (1801), elaborado essencialmente a partir do *Anatomy of Melancholy*, Burton explica que, mesmo inerente ao comportamento humano, comportamentos de ambição e de cobiça podem ser causadores de diversos males, dentre eles, a melancolia. Burton afirma:

Ambição, a alta e gloriosa paixão que causa tais estragos entre os filhos dos homens, surge de um desejo orgulhoso de honra e distinção, e quando os ornamentos esplêndidos em que é geralmente adornada são removidos, descobre-se consistir dos materiais desprezíveis de inveja, orgulho e cobiça. É descrita por diferentes autores, como uma loucura galante, um veneno agradável, uma praga oculta, um veneno secreto, um cáustico da alma, a traça da santidade, a mãe da hipocrisia, [...] a causa da melancolia e da loucura. (BURTON, 1801, p. 107, tradução nossa)¹.

Burton compara o comportamento dos ambiciosos ao *Trabalho de Sísifo*, na mitologia grega, o castigo infligido a Sísifo por enganar os deuses e se levantar da morte: “Aqueles que, como Sísifo, rolam a pedra inquieta de ambição, são, em geral, duvidosos, apreensivos, desconfiados, e estão em agonia perpétua”

¹ Tradução de: “Ambition, that high and glorious passion which makes such havoc among the sons of men, arises from a proud desire of honor and distinction; and when the splendid trappings in which it is usually caparisoned are removed, will be found to consist of the mean materials of envy, pride, and covetousness. It is described different authors, as a gallant madness, a pleasant poison, a hidden plague, a secret poison, a caustic of the soul, the moth of holiness, the mother of hypocrisy, [...] the cause of melancholy and madness” (BURTON, 1801, p. 107).

(BURTON, 1801, p. 107, tradução nossa)². O autor complementa: “Como cães numa roda, pássaros numa gaiola, ou esquilos acorrentados, eles ainda sobem e sobem, com grande labor, e incessante ansiedade, mas nunca chegam ao topo” (BURTON, 1801, p. 108, tradução nossa)³.

Para Burton, a despeito do esforço empregado na busca pelos objetivos, o ambicioso nunca consegue alcançá-los. Não obstante, pelo fato de o desejo ser veemente, o sujeito tomado pela ambição acaba sacrificando os bons sentimentos e o senso ético para tentar alcançar seus objetivos “E, na verdade, todo sentimento honrado e exaltado, todos os princípios de virtude real e todas as alegações honestas de independência são sacrificados para obter os objetos que induzem a esta paixão culpada” (BURTON, 1801, p. 107–108)⁴.

Ainda segundo o autor, a ambição consome não apenas a ética do sujeito, mas suas posses e sua mente:

É surpreendente observar a escravidão desprezível e o vício da prostituição ao qual essa descrição de personagens se sujeita; que dores assumem [...] e como se cansam e gastam suas fortunas para possuir aquilo sem o qual estariam muito mais felizes e confortáveis: com aquelas noites em claro, horas dolorosas, mentes ansiosas e amargura de pensamento, consomem o tempo e terminam seus dias. A mente, em resumo, de um homem ambicioso nunca está satisfeita; sua alma é assediada com ansiedades incessantes e seu coração atormentado pela crescente inquietação. (BURTON, 1801, p. 108, tradução nossa)⁵.

Burton finaliza com a máxima “A sede de ambição, em suma, está nas proximidades do inferno” (BURTON, 1801, p. 110, tradução nossa)⁶.

² Tradução de: “*who, like Syfiphus, roll the restless stone of ambition, are, in general, doubtful, apprehensive, suspicious, in perpetual agony*” (BURTON, 1801, p. 107).

³ Tradução de: “*Like dogs in a wheel, birds in a cage, or squirrels in a chain, they still climb and climb, with great labour, I and incessant anxiety, but never reach the top*” (BURTON, 1801, p. 108)

⁴ Tradução de: “*and, in truth, every honorable and exalted sentiment, every principle of real virtue, and all the honest claims of independence, are sacrificed to obtain the objects which induce this guilty passion*” (BURTON, 1801, p. 107–108).

⁵ Tradução de: “*It is astonishing to observe the abject slavery and vicious prostitution to which this description of characters subject themselves; what pains they take, [...] and how they fatigue themselves, and spend their fortunes, to obtain possession of that which they would be much happier and handier without: with what waking nights, painful hours, anxious minds, and bitterness of thought, they consume their time and end their days. The mind, in short, of an ambitious man is never satisfied; his soul is harassed with unceasing anxieties, and his heart harrowed up by increasing disquietude*” (BURTON, 1801, p. 108).

⁶ Tradução de: “*the seat of ambition, in short, is the suburbs of hell*” (BURTON, 1801, p. 110).

Dialogando com o filósofo Schopenhauer, há evidências de que a ambição pode ocasionar a melancolia por ser um fato relacionado com a ideia de que:

todo querer se origina da necessidade, portanto, da carência, do sofrimento. A satisfação lhe põe um termo; mas para cada desejo satisfeito, dez permanecem irrealizados. Além disto, o desejo é duradouro [...] a satisfação é curta e de medida escassa. O contentamento finito, inclusive, é somente aparente: o desejo satisfeito, imediatamente dá lugar a um outro. (SCHOPENHAUER, 1980, p. 26).

Na visão de Schopenhauer, o homem é insaciável, pois seus desejos são contínuos, profundos e múltiplos. A humanidade vive em um ciclo vicioso, como “cães em uma roda” (BURTON, 1801, p. 108), correndo atrás de uma satisfação que nunca chega definitivamente, de um vazio que nunca é totalmente preenchido. O autor complementa: “Satisfação duradoura e permanente objeto algum do querer pode fornecer” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 26).

Famoso por suas máximas, o matemático e filósofo Maricá corrobora muitas das afirmações anteriores. Ele afirma que “a ambição sujeita os homens a maior servilismo do que a fome e a pobreza” (MARICÁ, 1850, p. 15). O autor postula, ainda, que “a ambição he hum enredo que nos enreda por toda a vida” (MARICÁ, 1850, p. 19), e que “os cegos por ambição ainda vêm menos que os cegos por nascimento” (MARICÁ, 1850, p. 159).

Maricá também reflete sobre as consequências da ambição, ensina que “os bens que a ambição promete são como os do amor, melhores imaginados que conseguidos” (MARICÁ, 1850, p. 66), e que “a ambição nos faz perder freqüentes vezes os bens de que gozamos, correndo inutilmente após daquelles que cobizamos” (MARICÁ, 1850, p. 209).

Para Maricá, a ambição tem caráter ilusório. O sujeito superestima os bens que deseja, então tem suas expectativas frustradas quando se depara com a realidade. Movido pela ilusão, o ambicioso arrisca e, frequentemente, perde o que já possui. Diante disso, o filósofo afirma que “a ambição tortura e tritura os homens” (MARICÁ, 1850, p. 296), pois “a ambição de poder e mando tem feito infeliz a muita gente que seria feliz se não fosse ambiciosa” (MARICÁ, 1850, p. 93). Para Maricá, a ambição não é apenas o corrosivo da alma do ambicioso, mas algo que afeta a sociedade como um todo, pois “de todas as paixões a ambição é a origem dos

maiores crimes e males: ella emprega indistinctamente todos os meios bons e máus para chegar aos seus fins de riqueza, poder e mando” (MARICÁ, 1850, p. 92).

Charles Colton, em *Lacon or many things in few words* (1821), afirma:

A AMBIÇÃO comete o mesmo erro em relação ao poder que a avareza sobre a riqueza; ela começa a acumular poder como forma de felicidade e termina continuando a acumular como um fim em si. A ambição é, de fato, a avareza de poder e a felicidade por si só logo é sacrificada em nome do grande desejo de dominação que foi incentivado antes apenas como o melhor modo de alcançá-la. (COLTON, 1821, p. 84, tradução nossa)⁷.

Percebe-se no discurso desses pensadores que, para eles, a ambição relaciona-se intimamente à frustração e à obsessão. A ambição é uma paixão intensa, sedutora, viciosa e constante. Não obstante, tanto na mitologia grega, quanto na cristã, há exemplos de ambição logo nas narrativas sobre a criação do homem. No mito grego, o ambicioso foi Prometeu:

Prometeu era um dos titãs que habitou a terra antes do homem. Ambicionando tornar o homem superior aos animais, Prometeu furtou o fogo dos deuses para entregar ao homem. Punido por tamanha ousadia, Prometeu foi condenado a ficar acorrentado em uma pedra, onde seu fígado seria devorado eternamente por um abutre. É o castigo da ambição desmedida. (TRANJAN, 2013, s/p).

Na tradição cristã, a ambiciosa foi Eva, que desejou ser como Deus:

2 E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos,
 3 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.
 4 Então a serpente disse à mulher: Certamente não morreréis.
 5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.
 6 E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (BÍBLIA, 1998, p. 05–06).

⁷ Tradução de: “*AMBITION makes the same mistake concerning power, that avarice makes concerning wealth ; she begins by accumulating power, as a mean to happiness, and she finishes by continuing to accumulate it, as an end. Ambition is, in fact, the avarice of power, and happiness herself is soon sacrificed to that very lust of dominion which was first encouraged only as the best mode of attaining it*” (COLTON, 1821, p. 84).

Em ambos os casos, a ambição resulta em castigo: o de Prometeu é ter o seu fígado devorado por corvos por toda a eternidade e o de Eva é sofrer dores de parto, ter que trabalhar para produzir alimentos, ser expulsa junto com seu marido do paraíso e ter toda sua descendência amaldiçoada.

Por outro lado, na História Universal, a ambição não resulta em castigo, embora, muitas vezes, resulte em destruição e em diversa sorte de males. Phillipe Gigantès, em sua obra *Poder e Ambição* (2004) comenta que

[...] qualquer que seja sua cultura e época, o gênero humano buscou adquirir o que leva a satisfazer cinco desejos básicos: segurança, abrigo, sustento, sexo — por prazer ou procriação — e auto expressão. Para evitar o caos, a sociedade precisa de regras que limitem a liberdade de seus membros na busca dos desejos deles. (GIGANTÈS, 2004, p. 10).

Para amenizar as consequências da ambição, tão intrínseca ao gênero humano, Gigantès afirma que é preciso de regras sociais:

Muitos pensadores abordam o conflito entre liberdade para os indivíduos que buscam satisfazer seus desejos e regras que a sociedade usa para conter essa liberdade. Entre eles destacou-se um punhado de gigantes: Moisés, Sólon, Platão, Jesus, Maomé, Lao-tseu, Confúcio, os fundadores do bramanismo e Buda. Eles foram gigantes porque tiveram seus regulamentos enormemente seguidos e seus ensinamentos marcaram as sociedades humanas. (GIGANTÈS, 2004, p. 10).

Essas regras, em seus devidos contextos sócio-históricos, delimitam o que o indivíduo pode e o que ele deve ser ou fazer. O sujeito ético que se encontra diante de algo que ele não deve ou não pode fazer desiste do interesse em realizar a ação. Já o sujeito antiético não se importa com essas regras e segue em direção à sua realização. Sobre esses sujeitos, Gigantès discorre:

A segunda parte [do livro] focaliza-se naqueles que insistem em infringir ou contornar as regras da sociedade. Estes são os grandes aquisitores. Os grandes aquisitores sempre querem mais e, portanto, perturbam a ordem social. São maniqueístas, tanto criadores quanto destruidores que, entre outras contribuições, nos deram a revolução Industrial, ferrovias e automóveis produzidos em massa. Podem ser comparados ao macho dominante num bando de leões: o restante do bando faz todo o trabalho para obter um abate; o macho dominante fica com a melhor parte da carne, com todo o sexo e ruge solene. O leão dominante tem o poder; e tem a ambição. (GIGANTÈS, 2004, p. 10–11).

Para o autor, grandes aquisitores foram responsáveis pelas duas Grandes Guerras, assim como por várias outras de menor escala e toda sorte de maldades. Figuram em sua análise personalidades como Napoleão (1769–1821), Hitler (1889–1945), Mussolini (1883–1945), Mao Tsé-Tung (1893–1976), dentre outros. No entanto, nesses registros históricos, a ambição não está tão ligada à frustração quanto nos textos dos pensadores filosóficos. Não sem consideráveis sucessos precedendo-a, sucessos que transformaram o mundo no que conhecemos. É observável que Gigantès não os chamava apenas de ambiciosos, mas de aquisitores, porque eram antiéticos e egoístas.

Diante dessa realidade, Neviraldo Lira Alves comenta que fomos educados para considerar a ambição um defeito, pois essa paixão, quando desmedida, pode arruinar o homem: “A ambição pode conduzir o homem a um abismo, ao despertar nele o desejo pelo que é ilícito [...] A pessoa dominada pela ambição tem um desejo incontido de obter glória, fortuna e bens materiais”. Porém, afirma que o indivíduo deve considerar os seus aspectos positivos, já que a ambição ética pode “motivá-lo a lutar pelo sucesso e pela realização de sonhos legítimos” (ALVES, 2008, p. 40).

Da mesma forma, a ambição é a mesma ilustrada por Stephen Kanitz. Ele afirma que ambição é tudo que alguém “pretende fazer na vida. São os objetivos, os sonhos, as esperanças” (KANITZ, 2009, p. 75).

Sob essa concepção amplamente divulgada na era do *coach* empresarial e nos livros de autoajuda, a ambição é apontada como sinonímia de aspiração, de pretensão. Kanitiz continua:

A mais pobre das ambições é querer ganhar muito dinheiro, porque dinheiro por si só não é objetivo: é um meio para alcançar sua verdadeira ambição, como viajar pelo mundo. No fim da viagem você estará de volta à estaca zero quanto ao dinheiro, mas terá cumprido sua ambição. (KANITZ, 2009, p. 75).

Nesse sentido, a História Universal também têm diversos exemplos de ambiciosos éticos que mudaram o mundo, pois sem a ambição não haveria

O Novo Mundo, a luz elétrica, a teoria da relatividade, a máquina a vapor, o motor elétrico, o avião, o automóvel e tantos outros inventos. Todos eram ambiciosos: Cristóvão Colombo, Thomas Edison, Albert Einstein, Charles Lindbergh, Santos Dumont e Henry Ford. No meio empresarial, não existiriam General Motors, Microsoft, Wal-Mart, MacDonalds, Disney e outras corporações que fizeram e ainda fazem história. A ambição é uma forma de energia que faz com que empreendedores coloquem seus tempos, esforços e talentos em prol de suas idéias. (TRANJAN, 2013, s/p).

Nesses exemplos, a ambição não aparece mais relacionada à frustração ou aos malefícios, mas à motivação, ao talento e ao sucesso. Quando se comparam a abordagem dada pelos filósofos e a dada pelo *coach* empresarial, parecem tratar sobre duas paixões diferentes, no entanto, é apenas uma divergência de pontos de vista. A ambição é uma só paixão, mesmo que haja variações dos olhares lançados sobre ela. Nesse caso, as diferenças entre as abordagens sobre a ambição sugerem um percurso passional.

A ambição é, sobretudo, um querer. Quando relacionada à frustração e à decepção presume-se que o indivíduo dotado desse querer não foi capaz de realizá-lo, pois, para isso, precisa de certas competências. Esse enfoque foi predominante entre os filósofos que compõem o embasamento teórico sobre a ambição, o que se deve à própria natureza da Filosofia, que reflete sobre a condição humana e suas mazelas. Eles estudam, então, as consequências da ambição que, quando frustrada pode causar melancolia, como propõe Burton; quando desmedida pode consumir o ambicioso, como afirma Maricá; ou tornar-se um vício, como sugere Colton. Já nas tradições mitológicas gregas e cristãs, a ambição desmedida termina em castigo, pois uma das funções do texto religioso é moralizar o indivíduo.

Nos relatos históricos, o olhar do pesquisador sobre a ambição é diferente, mesmo no caso de Gigantès, que se propõe a mostrar as consequências da ambição desmedida, pois ele também mostra as realizações dos ambiciosos. O que se deve ao enfoque convencional da pesquisa histórica, de acordo com George Orwell, “a história é escrita pelos vencedores” (ORWELL, 1998, p. 89, tradução nossa) ⁸. O ambicioso, mesmo que tenha se frustrado em determinados momentos, somente será objeto de estudo histórico se conseguir executar grandes atos. O que se ressaltam nesses relatos são a intensidade e a continuidade da ambição, que

⁸ Tradução de: “*History is written by the winners*” (ORWELL, 1998, p. 89).

levam o ambicioso a quebrar regras e passar por cima de inocentes, para conseguir realizar seus desejos.

Relativamente ao referencial teórico da área do *coach* empresarial e das tão populares obras de autoajuda, os autores lançam um olhar sobre a ambição mais adequado às suas finalidades, que também insinuam um percurso passional para esse estado de alma. Mostram à pessoa dotada do querer que, para conseguir alcançar seus objetivos, deve adquirir motivação e, em seguida, empenhar-se em desenvolver as habilidades necessárias para satisfazer seus desejos, de forma ética, pois é isso que, teoricamente, se deseja no mundo dos negócios. Para respaldar a validade de seus conselhos, os autores mostram exemplos de grandes líderes humanistas e não de grandes aquisitores. Eles ressaltam os benefícios da ambição como mola propulsora para grandes realizações, como motivação que revela talentos únicos, capazes de mudar o mundo.

Haja vista essa multiplicidade de olhares, para estudar a ambição em um texto literário é necessário perceber como a literatura se relaciona com esse sentimento e descobrir qual é o olhar que essa área do conhecimento lança sobre a temática da ambição. Dessa tarefa ocupa-se o próximo subitem.

1.1 A AMBIÇÃO NA LITERATURA MACHADIANA: BREVE ANÁLISE

A ambição é abordada de diversas maneiras na perspectiva machadiana, desde o início de sua produção. Este subitem dedica-se a elencar brevemente essas abordagens para contextualização da dimensão da paixão estudada na obra de Machado de Assis.

Freitas ensina que

Machado sempre foi um autor interessado em prospectar as paixões dos homens, em dissecar-lhes as intimidades, em levantar questões e em torná-las públicas através da voz dos seus personagens [...] Fundado no pessimismo e no humor [...] Machado percebia com clareza o lado trágico das relações humanas. (FREITAS, 2001, p. 54).

O dissecar da intimidade fundamentado no pessimismo oferece um fértil terreno para o desenvolvimento de paixões consideradas menos nobres, como a ambição, a cobiça, a inveja. Também não é de surpreender que, sob essa

abordagem, os ambiciosos, cobiçosos e invejosos acabem geralmente frustrados e abram mão de sentimentos nobres em nome da busca por vantagens pecuniárias ou projeção social. Assim, Alfredo Bosi afirma que “a projeção social constitui um dos pilares sobre que assentam as personagens de Machado e é seu fundamento impulsionador” (BOSI, 1982, p. 220).

Nos chamados ‘romances de primeira fase’, que compreendem a fase romântica de Machado, o autor Ivan Teixeira, em *Apresentação de Machado de Assis* (1987), analisa o que chama de “ciclo da Ambição” (TEIXEIRA, 1987, p. 18). Esse ciclo compreende os livros que relacionam amor e ambição, o casamento e/ou as relações amorosas como meio para ascensão social e acúmulo de riquezas. É curioso que, mesmo na fase romântica, Machado já flerta com características realistas: em *A mão e a luva* (1997), em *Helena* (1997) e em *Iaiá Garcia* (1997), publicados pela primeira vez, respectivamente, em 1874, 1876 e 1878, destacam-se personagens de origens humildes que desejam ascender de classe social.

Teixeira aponta que os “três últimos romances da primeira fase de Machado de Assis [...] apresentam pessoas pobres que buscam superar o passado e mudar de classe social” (TEIXEIRA, 1987, p. 18). O autor ressalta que o sentimento de felicidade das personagens depende do “culto da ambição”. A personagem que ficar dividida entre o “amor espontâneo e a ambição orientada” e não se render ao “culto da ambição”, pode acabar “destruída por inquietações”, como acontece com Helena.

[...] fica claro, nesses romances, que o êxito social e a felicidade das personagens só podem resultar do culto da ambição, exemplificado em Guiomar, de *A mão e a luva*. Os casos em que o orgulho é posto acima das vantagens do casamento rico não geram mais que uma resignada melancolia muito distante do prazer de existir, conforme se vê em Estela, de *Iaiá Garcia*. Helena, que acabou destruída por inquietações, representa o caso das pessoas que ficam a meio caminho, divididas entre o amor espontâneo e a ambição orientada. (TEIXEIRA, 1987, p. 18).

Em *A mão e a luva* (1997), por exemplo, o próprio título já é uma analogia à relação dos protagonistas: encaixam-se como uma luva. No entanto, isso não se refere ao amor que uniria um casal em um texto comum do período romântico: as personagens encaixam-se perfeitamente no que diz respeito às suas ambições. Guiomar, segura de si e de seus desejos, busca desde o princípio um

marido que a resgate de sua condição social precária e suas raízes modestas. Por causa disso, opta por casar-se com Luis Alves, que possui uma característica superior ao amor, à paixão ou ao romantismo aos olhos da moça: ambição. O que é negociado entre eles é o *status* que podem trocar:

- Vi que você era homem resoluto, disse a moça a Luís Alves, que, assentado, a escutava.
- Resoluto e ambicioso, ampliou Luís Alves sorrindo; você deve ter percebido que sou uma e outra cousa.
- A ambição não é defeito.
- Pelo contrário, é virtude; eu sinto que a tenho, e que hei de fazê-la vingar. Não me fio só na mocidade e na força moral; fio-me também em você, que há de ser para mim uma força nova.
- Oh! sim! exclamou Guiomar.
- E com um modo gracioso continuou:
- Mas que me dá você em paga? um lugar na câmara? uma pasta de ministro?
- O lustre do meu nome, respondeu ele. (ASSIS, 1997, v.1, p. 270).

Por sua vez em *Helena* (1997) há um cenário diferente, mas que não deixa de versar explicitamente sobre ambição e outras peculiaridades dos interesses pecuniários. A protagonista, Helena, escolhe por manter sua paternidade falsa, que lhe garante uma herança notável, a contar a verdade para viver o amor que nutre por seu (suposto) irmão e perder tudo o que herdaria. Novamente, o desejo pelo dinheiro aparece como superior aos sentimentos românticos.

Arrematando o “ciclo da ambição” nos romances de primeira fase, há em *Iaiá Garcia* (1997) uma mãe rica que prefere ver o filho ir à guerra a casar-se com sua amada, que é pobre e filha de um ex-empregado da família. Valéria Gomes não quer passar a tradição da família para alguém sem lustro social como Estela, mesmo que para evitar isso arrisque a vida do próprio filho.

Valdira Meira Cardoso de Souza, em sua tese de doutorado “*Sede de nomeada*”: o “amor da glória” na produção literária de Machado de Assis (2007) faz alguns apontamentos sobre a ambição na produção machadiana de contos. A autora comenta que existem traços de ambição nos contos “A mulher de preto” (1870), “Aurora sem dia” (1873), e “A chinela turca” (1882), apenas o último posterior a *Memórias Póstumas*, a abordagem feita por meio desses traços reflete a “crítica que Machado de Assis faz aos que, sem talento, buscam a glória” (SOUZA, 2007, p. 44), pois, nesses contos os “personagens querem se destacar como artistas (poeta,

dramaturgo), mas não possuem talento para a criação literária” (SOUZA, 2007, p. 44).

Machado publicou, no *Jornal das Famílias*, o conto “Um ambicioso” (1877) que, como o título sugere, versa explicitamente sobre ambição. Nesse conto, o protagonista Juca, que até então promovia a candidatura de eleitores⁹ de forma bem-sucedida, começou a desejar esse cargo. Sua ambição voltou-se para o posto, que tinha muito prestígio na época, como aponta Barreiros Neto: “até 1846, o eleitor tinha que dispor de 100 mil réis por ano para ser votante e 200 mil para ser eleitor (segundo grau). A partir de 1846, os valores foram atualizados para 200 mil e 400 mil, respectivamente” (BARREIROS NETO, 2009). A ambição de Juca é voltada ao prestígio social que a posição de eleitor engendra e não aos benefícios financeiros. A candidatura do protagonista fracassa com apenas 32 votos, mesmo com o alto investimento de Juca em sua campanha. O rapaz, a princípio, fica frustrado com o resultado da eleição. Contudo, mais tarde, passa a ter orgulho de sua tentativa e de cada voto recebido. Esse final de conto é mais otimista do que os demais finais que tratam da ambição nos contos e romances produzidos na segunda fase de Machado de Assis, todavia, ainda destoa muito da produção romântica em geral.

Não obstante, essas pinceladas de realismo presentes no estilo machadiano desde meados dos anos 70 do século XIX, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1994), escrito em 1881, foi um divisor de águas na carreira de Machado. O seu estilo amadurece, assim como muda seu modo de ver a vida e de abordar a ambição, rompendo definitivamente com a escola romântica. Suas personagens, mesmo os protagonistas, consolidam-se pecadores, o que não indica que não o eram anteriormente, pois, desde a fase romântica do autor, suas mocinhas já eram ambiciosas, como relaciona Bosi:

Em termos de complexidade, laiá, com seus ímpetos e cóleras a custo sopitadas, prepara, melhor que a “hirta e pausada” Guiomar, as figuras fortes e coleantes de Virgília, Sofia e Capitu. Todas almejavam, como da primeira está dito nas Memórias Póstumas, aliar “o amor e a consideração pública”. Separar ambas as instâncias é sempre uma operação ingrata, mas em caso de perigo a consideração pública, a alma exterior, terá a primazia. (BOSI, 2003, p. 25–26).

⁹ Candidatura de eleitores: Segundo Nicolau, as eleições “para o Senado, a Câmara dos Deputados e as Assembléias Provinciais, foram indiretas (em dois graus, como se dizia na época) até 1880: os votantes escolhiam os eleitores (primeiro grau), que por sua vez elegiam os ocupantes dos cargos públicos (segundo grau)” (NICOLAU, 2002, p. 10).

A única exceção à tradição machadiana da predominância de personagens pecadoras e fragmentadas é o enredo do romance *Memorial de Aires* (1997), no qual, segundo Freitas,

há ainda o microrrealismo psicológico dominando a cena, porém a *maioria dos personagens não apresentará as ambigüidades e contradições tão marcantes na obra machadiana*. Até o próprio memorialista, Aires, será um sexagenário com madura crítica quanto a seus desejos atuais. Uma crítica que sempre se apresenta sob a forma de uma denegação: "... encantadora Fidélia! Não escrevo isto porque a deseje, mas porque é assim mesmo: encantadora!" (MA, p. 1083). Podemos perceber que os outros personagens principais, Fidélia, Carmo, Aguiar e Tristão, são pessoas de bem: Fidélia "vale mais do que me parecia a princípio" (MA, p. 1061). O casal Tristão e Fidélia "não tem ciúmes um do outro" (MA, p. 1076). Tristão, "um coração bom" (MA, p.1070). A santa Carmo "não conhece a língua do próprio louvor" (MA, p, 1059), bem como "a alegria do casal Aguiar é coisa manifesta" (MA, p. 1072). [...] o casal Aguiar será apresentado, como a maioria dos personagens principais do Memorial, como pessoas com sentimentos puros e verdadeiros — não há lugar para vilanias e perversões. *No Memorial não há pessoas más, todos são personagens que representam seres humanos idealizados*. (FREITAS, 2001, p. 144, grifo nosso).

Retomando os apontamentos de Pereira, a possível explicação para a "suprema renúncia da atitude de espectador do Conselheiro Aires" é o esgotamento do autor por debater, durante mais de 40 anos, temas como "a inanidade da vida, a falsidade dos sentimentos humanos, a impassibilidade da natureza e a grandeza, o poder da arte" (PEREIRA, 1939, p. 145).

No que se refere às protagonistas da primeira fase machadiana, Bosi comenta que elas fazem "o tipo comum da mocinha bonita e viva, que o "equivoco da fortuna" fizera nascer em berço modesto, se enriquece e se personaliza pela ação de uma vontade potente" (BOSI, 2003, p. 24). Elas têm as virtudes comuns aos ricos, mas, por erro de cálculo do universo, nasceram pobres. Tomar o lugar que lhes cabe é um direito e quase um dever. Por outro lado, nas personagens de segunda fase retratam-se a prostituta, o louco, o farsante, os adúlteros, o sovina, o obcecado, o invejoso, ou seja, tipos que se destacam por seus pecados e não por suas virtudes.

Essa tendência também é notória na produção subsequente de contos, na qual Machado faz experimentações acerca da ambição ao representá-la

tendo como foco diferentes objetos: ambição por cargos específicos, pelo poder, pelo dinheiro, pelo prestígio social, pela fama, como se observa em sequência.

Souza estuda a representação da ambição em alguns contos de Machado de Assis e sua relação com *MPBC*. A autora comenta que os protagonistas dessas histórias buscam a glória por meio da ciência:

Da mesma forma que a personagem Brás Cubas revela a busca da glória por meio da invenção de um “emplasto,” as personagens Patimau, Languru, Titané, o bonzo Pomada e Diogo Meireles (“O Segredo do Bonzo”), Simão Bacamarte (“O alienista”), o cônego Vargas (“A sereníssima república”), também desejam “a nomeada” por meio da experimentação científica. (SOUZA, 2007, p. 18–19).

BC, sem sucesso no desenvolvimento do emplasto, escolhe a arte como meio de alcançar a glória, recorre à escrita de um livro além-túmulo como última tentativa de alcançar a nomeada. Souza ensina que essa escolha é comum às personagens machadianas que

[...] querem deixar algo de si para a humanidade: Brás Cubas (além da invenção do emplasto) deseja perpetuar seu nome por meio da escritura de um livro; Romão (“Cantiga de esponsais”) e Pestana (“Um homem célebre”) tentam utilizar uma composição musical como recurso para eternizarem seus nomes. (SOUZA, 2007, p. 44).

No livro *Papéis Avulsos* (1994), publicado originalmente em 1882, são empregadas abordagens interessantes sobre a ambição. No conto “Sereníssima República” (*Papéis Avulsos*, 1994) é apresentada a carta de uma personagem que alega ter descoberto a linguagem dos insetos, especificamente, das aranhas. Admirado por elas, organizou-as em sociedade e propôs eleições em sistema de república. Assim, o conto gira em torno das tentativas de eleições e suas fraudes, pois os candidatos, sempre sedentos pelo poder, utilizam-se de artimanhas e falácias para se elegerem. Esse conto é uma obra alegórica que retrata o sistema eleitoral da época e os jogos de ambição que o moviam, como aponta Nicolau, “o processo eleitoral era absolutamente viciado pelas fraudes em larga escala e, salvo poucas exceções, as eleições não eram competitivas” (NICOLAU, 2002, p. 34).

O conto “Teoria do medalhão” (*Papéis Avulsos*, 1994), por sua vez, mantém íntimas relações intertextuais com *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Em “Teoria do medalhão” é representado o diálogo entre Janjão e seu pai, que lhe

aconselha sobre o futuro: “Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes” (ASSIS, 1994, p. 32). O pai complementa dizendo: “é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição” (ASSIS, 1994, p. 32). O desenvolver do discurso do pai demonstra que o dinheiro, a publicidade e o reconhecimento público são meios para se chegar ao objeto de sua ambição, impelida também ao filho: ser medalhão. Segundo o dicionário *Aurélio* (FERREIRA, 2004), ser medalhão é ser homem importante, figurão guindado a posições relevantes pelo dinheiro ou pela influência de boas amizades, jeitosamente conseguidas. Da mesma forma que em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em “Teoria do medalhão” é caracterizada a ambição de um pai por poder e por glória, e sua tentativa de convencer seu filho a acatar seus valores, tornar-se ambicioso e levar a família à glória.

No livro *Histórias sem data* (1997), publicado originalmente em 1884, há um conto que leva explicitamente a palavra 'pecuniária' em seu título, o que sugere o direcionamento do texto. Em “Anedota pecuniária” é apresentado o personagem Falcão, milionário e solteirão, que ama o dinheiro e não os benefícios que ele pode trazer. Não ama o luxo, nem o *status*, nem nada que o dinheiro possa comprar, mas as moedas, as notas, os títulos.

Falcão, que é um ambicioso declarado, comenta: “Dinheiro, mesmo quando não é da gente, faz gosto ver” (ASSIS, 1997, p. 120). Diferentemente de BC, Falcão vê o dinheiro como meta final. Ganhar dinheiro e mantê-lo é o seu propósito, não gastá-lo com luxos, como aponta o texto:

Entendamo-nos: ele faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que ele pode dar, mas pelo que é em si mesmo! Ninguém lhe vá falar dos regalos da vida. Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem comenda! Não se ganha dinheiro para esbanjá-lo, dizia ele. (ASSIS, 1997, p. 119).

Ao contrário de BC, que tem sede de nomeada, ou seja, deseja ter fama, Falcão não se preocupa em parecer rico, mas em ser rico. Não tem interesse em comendas, em reconhecimento social ou fama. Para ele o prestígio é inerente ao dinheiro. O valor de um homem é o que ele possui. Também não se preocupa em não parecer ambicioso e sovinas, mesmo sendo milionário, ele

[...] vive de migalhas; tudo o que amontoa é para a contemplação. Vai muitas vezes à burra, que está na alcova de dormir, com o único fim de faltar os olhos nos rolos de ouro e maços de títulos. Outras vezes, por um requinte de erotismo pecuniário, contemplá-los só de memória. (ASSIS, 1997, p. 119).

Falcão, tal qual BC, coloca a paixão da ambição acima dos laços familiares: BC entra em litígio com a irmã Sabina pela herança de seu pai, Falcão, por sua vez, promete a mão de suas duas sobrinhas em casamento, uma por 10 contos de réis e outra por uma coleção de moedas avaliada em 5 mil dólares, detalhe é que, antes de as propostas de noivado das sobrinhas envolverem dinheiro, ele não estava de acordo, não queria que as moças se casassem.

Essa representação de ambição mantém uma relação muito próxima com a avareza. Vale ressaltar que a ambição pode ter como objeto dinheiro ou riquezas, no entanto, segundo Greimas, “a ligação com o dinheiro pode ser mais ou menos viva; contudo, tendo atingido o patamar moral, ela torna-se avareza” (GREIMAS, 1993, p. 102).

É caracterizada nesse texto a ambição pelo dinheiro e pelo acúmulo de riquezas, abordagem menos comum dessa paixão na obra machadiana, oposta a que é apresentada em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), obra na qual a ambição de BC é caracterizada como amor à glória, aos benefícios e ao reconhecimento que o dinheiro pode trazer. BC deseja poder e gasta grandes volumes de dinheiro para manutenção deste, é ambicioso sem ser avarento.

No conto “A igreja do Diabo” (*Histórias sem data*, 1997) apresenta-se a ambição do personagem Diabo, ele quer ser igual a Deus. Seu objeto de desejo não é dinheiro, nem poder, que ele já possui. O que o Diabo quer é o *status* de um deus. Ele quer todo o aparato eclesiástico, os cultos, as regras, a sistematização dos cultos voltados a Deus. O personagem ressalta que sempre teve lucro vivendo da forma que vive, mas que se cansou de ser marginalizado, de ser posto à parte. As pistas espalhadas pelo texto demonstram que ele quer prestígio social entre os homens e entre os anjos e que a organização eclesiástica é o caminho para se chegar a esse prestígio.

Na obra *Várias histórias* (2008), publicada originalmente em 1896, há o conto “Um homem célebre”, no qual o protagonista anseia por prestígio social em um nicho específico da sociedade: a academia clássica de música. Pestana já goza de prestígio social, porém, junto a um nicho social popular: é admirado por ser

um exímio compositor de polcas, cujo sucesso lhe rende fama e dinheiro. No entanto, nada disso constitui-se objeto de sua ambição. O desejo de Pestana é por sucesso e prestígio, mas não o que já possui. Pelo contrário, seu reconhecimento como músico popular o afasta de sua realização como músico erudito.

Diferentemente de BC, a ambição de Pestana era um desejo veemente que o dotava de um ímpeto, que o motivava, que o fazia se esforçar para alcançar seu objetivo. No entanto, seu esforço era vão, quando conseguia compor alguma coisa ao sabor clássico descobria logo que era algo que já existia e que vagava pela sua memória. Segundo o texto, Pestana:

Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se a para o lado da ponte, caminho de S. Cristóvão.
— Para que lutar? Dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!
Homens que passavam por ele, e ouviam isto, ficavam olhando, como para um doudo. E ele ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao chegar à porteira da estrada de ferro, teve ideia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que visse e o esmagasse. (ASSIS, 2008, p. 39).

Pestana é um sujeito extremamente frustrado mesmo sendo famoso. Sua frustração é tão intensa que o leva a pensar em suicídio. Em seguida, Pestana torna-se obstinado: desiste da produção das polcas e passa um ano dedicando-se apenas a ser um compositor clássico, sem sucesso. Durante esse período o protagonista abre mão dos rendimentos que obtinha com as polcas por dois anos e tem que vender sua casa para saldar dívidas, demonstrando que sua ambição realmente não enfoca nem valoriza o dinheiro. No final desse período, volta a compor polcas, segundo o texto, com a mesma genialidade de antes. Deixa de ser obstinado e se conforma:

Conservava os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista ia, metia-se a um canto, gozando aquela porção de cousas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. (ASSIS, 2008, p. 40).

Enquanto BC passa a vida toda sendo ambicioso e tendo como objetivo a fama que nunca alcança, Pestana é famoso, mas não em seu contexto de

prestígio, da música erudita, o que o mantém frustrado até o fim de sua vida:

Assim foram passando os anos, até 1885. A fama do Pestana deralhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polca; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma [...] e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo. (ASSIS, 2008, p. 40–41).

BC, por vezes, também anseia prestígio em um microuniverso, no entanto, esse desejo está sempre consonante ao desejo pelo reconhecimento social em um macrouniverso. Por outro lado, apesar de não ser avarento, BC não sacrificaria algo que lhe desse lucro, a não ser visando a ser famoso. Não é como Pestana, que sacrifica seus rendimentos em busca de seu sonho.

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1994) é uma ode à ambição, paixão que acompanha Brás Cubas do berço até a sepultura. Obviamente, o romance não se limita a tratar de assuntos pecuniários; ele aborda os amores de Cubas, suas relações familiares, sua carreira política, seus ideais filosóficos, todavia, é notório o quanto esses tópicos são permeados pela ambição, visto que intermediados por um sujeito ambicioso. Nas palavras de Augusto Meyer, BC representa

o Homem essencial que há em nós, além deste saco de vísceras condenado ao apodrecimento, é o ser que deseja ser, o ser que é uma ansiedade infinita de ser. Stefan George resume num verso feliz esse impulso misterioso que brota do mais íntimo da vida e é a própria vida: *Ich Bin Beginn will alles fur allzeit*.

“Eu sou o começo e quero tudo por todo o sempre” — todos os sofismas deste mundo, as palavras de vaidade e mentira, se resumem na fome humana de ser. (MEYER, 2008, p. 29).

A ambição de Cubas não é apenas voltada ao dinheiro, nem mesmo voltada a uma mera ascensão social. Para BC, a riqueza não é o bastante, ele tem sede de nomeada, amor da glória, quer reconhecimento e fama. Todo o enredo do livro gira em torno dessa ambição. Ele, como um bom personagem da segunda fase da produção machadiana, também é um indigno. Poucos episódios de sua vida são desprovidos de ambição e, muitas vezes, o defunto-autor tenta enganar os leitores quanto às suas intenções e finge generosidade, desprendimento, altruísmo, abnegação, até porque o livro é o maior fruto de sua ambição, tentativa derradeira,

vinda direto do “outro lado”, de alcançar a glória, sanar sua sede de nomeada e fugir da insignificância que lhe assolou a vida.

É possível perceber que o mote da ambição perpassa toda a produção de Machado de Assis. Souza aponta representações desse sentimento nos romances subsequentes a *MPBC*, reitera que o tema da sede da nomeada já fazia parte, de forma modesta, da obra de Machado desde antes de 1880 e que esse assunto “continuará sendo desenvolvido nos romances *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908)” (SOUZA, 2007, p. 33).

Em *Quincas Borba* (2009) predominam assuntos pecuniários, há traços de ambição, de cobiça, de vaidade, de ganância, dentre outros, conforme explica Gledson:

O mais significativo, agora, é a possibilidade de passagem de uma classe para outra; a principal escada utilizada com esse objetivo são os negócios, e Cristiano Palha, ex-seminarista, junto com sua esposa Sofia, filha de um funcionário público, são mostrados com cuidadosos detalhes, em sua suave e cínica ascensão através dos escalões sociais. (GLEDSON, 1986, p. 58).

Nisso está a principal diferença entre o desejo do casal Palha e o desejo da família Cubas. Os Palha querem ascender socialmente e, para isso, precisam de dinheiro, sua história gira em torno dessa busca. Os Cubas têm dinheiro, estão no topo da pirâmide social, mas não têm tradição, portanto, são sedentos pela nomeada e pela glória.

Obviamente, as duas famílias têm traços em comum, são interesseiros, vaidosos, ostentadores e amorais. Todavia, a primeira mola que move o casal Palha é a cobiça. Cristiano Palha deseja que a mulher, Sofia, flerte com Rubião, herdeiro ingênuo, em troca de joias, empréstimos e privilégios. A mulher resiste: “— Alguns presentes, algumas jóias, camarotes no teatro não são motivos para que eu fite o Cruzeiro com ele” (ASSIS, 2009, p. 114), todavia, logo cede à estratégia do marido.

Sofia e o marido acreditam que, para alcançarem seus objetivos, precisam se apropriar do dinheiro de Rubião, pois não conseguem ascender socialmente sozinhos. Esse processo é movido por cobiça e por ganância e ocorre de forma privada, apenas o casal conhece suas verdadeiras intenções. Publicamente, eles fazem sua ascensão parecer natural:

Palha, o caso mais significativo de mudança social no romance, destaca-se em parte pelo fato de sua ascensão ser tão suave, aparentemente inevitável, baseada exclusivamente no que poderia ser chamado de perspicácia de comerciante, embora Machado encare isso como uma mistura de intuição e cobiça. (GLEDSON, 1986, p. 60).

Quando o casal conquistou seu objetivo, descartou Rubião. Sofia acabou o pseudo-romance com o herdeiro e Cristiano, movido pela cobiça, finalizou a sociedade que mantinham. Vale ressaltar que o cobiçoso não apenas quer cada vez mais dinheiro, como também deseja fortemente preservar o que já tem: “A carreira daquele homem era cada vez mais próspera e vistosa. O negócio corria-lhe largo; um dos motivos da separação era justamente não ter que dividir com outros os lucros futuros” (ASSIS, 2009, p. 220).

Rubião, ao contrário do casal Palha, desce todos os degraus da escala social, acaba louco e miserável: “a sua fortuna se dissolve em ostentação e no sustento de parasitas; mas serve sobretudo como capital para as especulações comerciais de um arrivista hábil, Cristiano Palha, por cuja mulher, ‘a bela Sofia’, Rubião se apaixona” (CANDIDO, 1995, p. 35).

A ascensão social, conseguida pelo casal Palha à custa do dinheiro de Rubião lhes rendeu, conseqüentemente, certa nomeada, mas nada além de considerações sobre a posição de emergentes. A ambição do protagonista de *MPBC*, no entanto, vai muito além, BC quer-ser ministro e quer-ser inventor de um medicamento que cure a humanidade, um “divino emplasto” que lhe daria “o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza” (ASSIS, 1994, p. 139). Ou seja, em *MPBC* há outra escala de ambição, causada, até certo ponto, pela natureza hiperbólica de BC.

Quanto à obra *Dom Casmurro* (1997), publicado originalmente em 1899, há o exemplo peculiar da ambição de José Dias, que tentava distinguir-se e projetar-se sobre os demais por meio do uso da linguagem “ao empregar com insistência os superlativos das palavras”. Capitu, por sua vez, “revela o ‘amor da glória’ em algumas situações — logo após o casamento com Bento Santiago, deseja aparecer em público ao lado do marido e desfrutar dos privilégios da nova posição social” (SOUZA, 2007, p. 34).

Sobre *Esaú e Jacó* (1997), publicado originalmente em 1904, Souza comenta a ambição de Natividade, que “procura conhecer antecipadamente o futuro

dos filhos ao consultar uma cartomante” (SOUZA, 2007, p. 35), e a questiona insistentemente sobre a possibilidade de os filhos terem projeção social. Pode ser observada, também, a sede de nomeada do marido de Natividade, Santo, que “revela o desejo de ser famoso” e “após a obtenção do título de Barão [...] passa a desfrutar de fama e admiração de todos” (SOUZA, 2007, p. 35). Nesse romance, Souza também comenta as atitudes da personagem D. Cláudia, que “expressa a “sede de nomeada” quando usufrui o alarido em torno de Batista. Desejava ver o nome do esposo nos jornais sem se preocupar com o conteúdo ou com o teor das notícias publicadas” (SOUZA, 2007, p. 36).

O olhar acurado de Souza alcança até o *Memorial de Aires* (1997), publicado originalmente em 1908, cujo enredo Freitas afirma não ter lugar para personagens fragmentadas e interesseiras. De acordo com Souza, “na obra *Memorial de Aires* podemos identificar o tema da “nomeada” na atuação de Tristão e de padre Bessa. Tristão é determinado e ainda menino já revela anseio de obter fama”. Sua ambição é satisfeita, pois “Tristão obtém a glória por meio da política” (SOUZA, 2007, p. 36). No que diz respeito ao padre Bessa, Souza aponta que ele “aproveitará dos raros momentos de fama” quando “o sacerdote apagado terá alguns minutos de celebridade ao lado do casal Tristão e Fidélia” (SOUZA, 2007, p. 36).

Teixeira complementa o levantamento da ambição na produção de Machado de Assis. O autor afirma que a obra *Casa Velha* (1994), reunida em volume pela primeira vez em 1985, “deve ser incluída no ciclo da ambição, porque apresenta as mesmas linhas de A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia” (TEIXEIRA, 1987, p. 19), uma agregada da casa, pobre, sem tradição, apaixonada pelo mocinho rico, cuja mãe desaprova a relação por causa da diferença de classe.

Não obstante, Teixeira discorre sobre os romances machadianos de segunda fase, no que se refere à influência do pessimismo do autor:

Tal visão faz com que seus personagens só ajam em proveito próprio, numa busca incessante do prazer, raro deixando espaço para as ações desinteressadas. Elas são arrastadas pelo que poderíamos chamar o *instinto do privilégio*, que é um refinamento do instinto de preservação, em virtude do qual a existência humana só ganha sentido na luta pela acumulação de vantagens. Mas o mais aflitivo é que tal luta institucionaliza pela máscara das boas maneiras, cuja feição mais corriqueira é a hipocrisia, por via da qual se disciplinam a traição e a pilhagem. (TEIXEIRA, 1987, p. 64).

Devido à vasta presença da ambição nas obras machadianas, se sobressai uma necessidade de afunilar a representação desse sentimento que é o objeto de investigação desse estudo. A ambição que interessa a este trabalho é a que se volta para a glória e para o reconhecimento social. É o sentimento de desejo pelo poder, nas palavras de Machado, “o amor da glória”, a “sede de nomeada”. Essa paixão, aspecto central em diversos textos machadianos, que acompanha BC do berço à sepultura é fundamental na sua constituição identitária. A manifestação desse estado de alma em BC é o objeto de investigação dessa dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Denis Bertrand ensina que a Semiótica tomou como base a Linguística Saussureana, além de se inspirar na Antropologia cultural, na Filosofia e, em parte, na Fenomenologia. Sob essas influências, a teoria semiótica busca o “parecer do sentido” dos discursos. Trata-se de uma “abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso” (BERTRAND, 2003, p. 21). A Semiótica procura estudar os mecanismos que engendram o texto, buscando, a partir do plano do conteúdo, explicar o que o texto diz e de que recursos se utiliza para dizer o que diz.

Nas palavras de Algirdas Greimas e Joseph Courtés, “a teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicar, sob a forma de uma construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 415).

José Luiz Fiorin pontua que a Semiótica é concebida como “uma teoria gerativa, sintagmática e geral. É uma teoria sintagmática, porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos. É geral, porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação” (FIORIN, 1995, p. 165).

A Semiótica não se detém ao estudo do texto verbal, pois se baseia no apontamento de Greimas, que conceitua texto como objeto de significação (GREIMAS, 1976, p. 237–239). Por conseguinte, a Semiótica configura-se como “uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente por uma combinação de planos de expressão visual e verbal” (FIORIN, 1995, p. 165).

Fiorin explica o conceito de texto proposto por Greimas:

Dar ênfase ao conceito de que o texto é um objeto de significação implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de uma organização específica, diferente da da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido. Cabe lembrar que a palavra texto provém do verbo latino *texo, is, texui, textum, texere*, que quer dizer *tecer*. Da mesma forma que um tecido não é um amontoado desorganizado de fios, o texto não é um amontoado de frases, nem uma grande frase. Tem ele uma estrutura, que garante que o sentido seja apreendido em sua globalidade, que o significado de cada uma de suas partes dependa do todo. (FIORIN, 1995, p. 165–166).

A Semiótica não analisa frases isoladas, mas aborda o texto como um todo. Não se detém apenas na análise de elementos estruturais, apesar de ser fruto de uma tradição estruturalista. Além disso, propõe que todos os sentidos do texto dependem exclusivamente do próprio texto e não de fatores externos a ele. A questão referente a este apontamento será aprofundada após as discussões acerca do objeto de estudo da Semiótica.

Primeiramente, é pertinente afirmar que o texto é um objeto histórico e isso “leva a preocupar-se primordialmente com a formação ideológica de que ele é expressão, com as relações polêmicas que, numa sociedade dividida em classes, estão na base da constituição das diferentes formações discursivas” (FIORIN, 1995, p. 166).

Na busca pela significação, “o objeto da Semiótica é explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (COQUET *apud* BERTRAND, 2003, p. 15). Dessa forma, a escolha pela aplicação de sua teoria na análise do texto literário é relevante, pois, segundo Bertrand, “a literatura é, de todas as formas do discurso social, a que em nossas culturas fixa, isola e valoriza identidades, tipos e percursos passionais” (BERTRAND, 2003, p. 29). O estudioso postula, ainda, que

A literatura é esse imenso reservatório da memória coletiva, canteiro em que ela se elabora com os materiais de que dispõe, arquivo em que ela se fixa e se institui como referência cultural. Ela é assim reconhecida como meio de transmissão dos conteúdos míticos e axiológicos, das maneiras de ser e das maneiras de fazer de uma comunidade, em parte fundadora de sua identidade. (BERTRAND, 2003, p. 25).

Não obstante a importância de explicitar as estruturas significantes do discurso que influencia direta e profundamente a identidade dos sujeitos, Bertrand aponta, ainda, que o discurso literário é um dos campos de exercício privilegiado para a Semiótica (BERTRAND, 2003, p. 11), devido ao meio de formulação incomum do discurso, ao uso inovador da linguagem. O discurso sai do lugar-comum, as palavras perdem o seu significado vulgar, desgastado pelo uso. O autor comenta:

Podemos dizer que uma dupla tensão caracteriza a posição da literatura no campo dos discursos: tensão entre literatura e língua de um lado, tensão entre literatura e cultura de outro lado. É peculiaridade do escritor, dizia R. Barthes, “ver a língua”, isto é, apreender ao mesmo tempo o som e o sentido, o ritmo, a sintaxe e as imagens, a voz e os conceitos, a convenção que desgasta a língua na cotidianidade de seu uso e a inovação que a torna, em cada obra por assim dizer nascente, quase estrangeira a si mesma. [...] O escritor é aquele que sabe se fazer estrangeiro em sua própria língua, ele escava nela possibilidades inéditas, não percebidas até então. Ele a força a tornar-se outra. A literatura exerce pois, por natureza, uma função crítica sobre a língua, desaprumando-a em relação a si mesma em cada obra. (BERTRAND, 2003, p. 25).

Valentim Facioli, em *Um defunto estrambótico* (2008), afirma que *MPBC* configura um “estatuto original de texto e representação” (ASSIS, 1994, p. 162). O autor discute que *MPBC* “poderia conter todas as verdades que os vivos não alcançam, nem compreendem”, afinal, BC está além-túmulo, na eternidade, onde nenhum outro pôde narrar, “mas, ao invés disso, fundado na trapaça, o livro das memórias do defunto não contém afinal nenhuma verdade edificante e provada, nem dele e nem dos vivos”. Portanto, de acordo com Facioli, a verdade na narrativa está obscurecida por diversos elementos, isto é, a verdade encontra-se:

comumente soterrada sob grossa e pesada camada de fingimento, simulação e trapaça (de fato, a ideologia) e, sobretudo, um modo de produzir sentido, permanentemente ameaçado pelo logro e a inversão, não sendo também nunca um sentido pronto, mas um processo. A verdade é uma procura dinâmica e uma produção dos homens através da linguagem viva e inovadora e não um dogma ou uma frase feita ou um estereótipo ou o ranço ideológico, que são linguagens mortas. (FACIOLI, 2008, p. 162).

Dos apontamentos de Facioli, apreende-se que *MPBC* é um exemplo perfeito do uso da linguagem que Bertrand atribui aos grandes escritores, Machado “escava nela [na linguagem] possibilidades inéditas, não percebidas até então” (FACIOLI, 2008, p. 162). Por conseguinte, a obra machadiana é fértil terreno para a análise semiótica.

Massaud Moisés afirma que a escrita de Machado, a partir de *MPBC*, faz parte de uma corrente chamada de Realismo Interior. Este difere-se do Realismo comum pela atenção mais voltada ao drama interno das personagens do que à ação que evidencia seus dramas. O teórico ensina que, no Realismo Interior,

“as personagens mal se conhecem, tendem a esconder a sua verdadeira identidade, envolvidas que estão por uma atmosfera esquivada ao olhar” (MOISÉS, 2001, p. 27).

Portanto, Moisés postula sobre Machado:

Reiteradas vezes a sua pena lança mão das meias-tintas, dos meios-tonos, em que a sugestão psicológica vale mais do que a pintura da exterioridade. [...] O resultado é uma narrativa feita de pinceladas insinuativas, capazes de sugerir as turbulências da alma e as paixões avassaladoras da vontade, que utiliza expedientes como o delírio, a visão retrospectiva além-túmulo. (MOISÉS, 2001, p. 27).

O autor aponta dois importantes quesitos a serem observados. O primeiro é a tendência das personagens de esconder a verdadeira identidade, o segundo é o fato de a narrativa se constituir por pinceladas insinuativas. Facioli complementa que, em *MPBC*, “a pretexto de revelar a verdade surgem continuamente formas e meios de ocultá-la e transformá-la em produto e subproduto dos interesses ideológicos e materiais do narrador-personagem” (FACIOLI, 2008, p. 35). Esses fatores contribuem para a dissolução das significações nas tramas do texto.

A Semiótica oferece ferramentas e estratégias para recuperar esses sentidos. Para tal, parte de um método de análise que abarca apenas o texto, excluindo qualquer elemento excedente a ele, como discorre Bertrand:

Nosso método consiste pois, inicialmente, em nos atermos ao texto propriamente dito, em reconhecer sua autonomia relativa de objeto significativo. Ele considera o texto como um todo de significação que produz em si mesmo, ao menos parcialmente, as condições contextuais de sua leitura. Uma das propriedades sempre reconhecidas no texto dito “literário” é que [...] ele incorpora seu contexto e contém em si mesmo o seu “código semântico”: ele integra assim, atualizado por seu leitor e independente das intenções de seu autor, as condições suficientes para sua legibilidade. (BERTRAND, 2003, p. 23).

Isso não quer dizer que a Semiótica ignore o contexto ou a enunciação. Porém, relaciona-se com esses elementos de forma diferente de outros métodos de análises discursivas/literárias. Quanto às intenções do autor, algumas teorias fazem análise do texto literário de forma inerente à biografia do autor ou às declarações deste sobre sua obra. A Semiótica, pelo contrário, considera apenas o ‘autor’ que está no ‘presente’ no texto, conforme Fiorin, “dentre as distintas

instâncias enunciativas não está a do falante de carne e osso, ontologicamente definido” (p. 63).

Sob essa ótica, o autor, no caso, Machado de Assis, pertence ao mundo natural e o que interessa para a Semiótica é o mundo linguístico. Fiorin ensina que, “exatamente por criar, com toda liberdade, uma versão de si mesmo e ainda pelo fato de que não se tem acesso ao sujeito senão por aquilo que ele enuncia nas diferentes semióticas que o autor é um autor implícito” (2002, p. 63). Por isso, quando o autor produz o texto, também passa a ser uma instância do discurso. Sua projeção discursiva dá voz ao enunciador. A projeção discursiva do leitor, por sua vez, corresponde à voz do enunciatário. Essas vozes, como instâncias do discurso, deixam marcas linguísticas no enunciado e podem ser, dessa forma, estudadas.

Para explicar a relação da Semiótica com o contexto, Matte (2012) retoma o pensamento da semioticista francesa Julia Kristeva (2002) que,

com outras palavras, diz que o contexto é uma armadilha para o analista, pois o contexto sempre pode ser maior e maior e maior. O contexto sempre pode ser ampliado, *ad infinitum*, e sempre vamos, nessa ampliação, encontrar novos sentidos e novas conexões. Assim, uma análise exaustiva do contexto é impossível. (MATTE, 2012 p. 07).

Matte (2012) postula que “no fim das contas, tudo é texto, inclusive aquilo que chamamos de contexto”, pois, ao se considerar que “o mundo não é discreto, o mundo é contínuo, é a compreensão humana que setorializa a percepção do mundo para administrar a apreensão do sentido” percebe-se, de fato, que “o limite do texto não é dado *a priori*, é culturalmente determinado”. Diante da multiplicidade de textos, cabe ao analista escolher o seu *corpus*, o seu texto que, como tal, é um todo dotado de sentido. Diante desse patamar, o livro é culturalmente determinado como uma forma canônica de texto, cujo limite é mais facilmente delimitável.

Fiorin ressalta que a Semiótica considera a historicidade do sentido, no entanto, não direciona sua abordagem ao contexto de produção:

A Semiótica, ao contrário do que afirma certa vulgata, nunca repudiou a historicidade do sentido. Recusou-se, no entanto, a considerar válida uma análise linguística acoplada a uma análise histórica do momento de produção do texto, cada uma feita com um princípio metodológico distinto. Ao contrário, ao propor a incorporação da História, sob o primado da forma, o que pretendeu foi, de um lado, estabelecer um mínimo de coerência epistemológica na análise do sentido; de outro, ver a História como interna e inerente ao sentido. A História não é externa ao sentido; ele é histórico porque se constitui num processo dialético. (FIORIN, 2012, p. 29–30).

A relação que a Semiótica mantém com a enunciação é regida pelo texto, ou seja, pelo enunciado, pois, por definição, a enunciação pode apenas ser recuperada. Como afirma Benveniste, "a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização" (1974, p. 80). Anscombre e Ducrot complementam, afirmando que a enunciação é "da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma" (1976, p. 18). Sob essas considerações, Fiorin comenta que, "daí decorre logicamente sua impossibilidade de constituir um objeto científico" (FIORIN, 1996, p. 31).

Fiorin ensina que, atualmente, enunciação e enunciado não são mais considerados opostos, mas o "processo dinâmico" da enunciação é recuperado, também de forma dinâmica, no enunciado:

o lingüista não mais opõe "a enunciação ao enunciado como o ato a seu produto, um processo dinâmico a seu resultado estático", mas, impossibilitado de estudar diretamente o ato da enunciação, busca "identificar e descrever os *traços* do ato *no produto*". (FIORIN, 1996, p. 31)

Assim, sendo a enunciação um ato de linguagem, não é possível estudá-la diretamente, mas apenas como pressuposição lógica, como afirma o mestre Greimas:

Qualquer ato participa de uma realidade desprovida de manifestação linguística. Assim sendo, o ato de linguagem somente se manifesta através e por seus resultados, enquanto enunciado, ao passo que a enunciação que o produz somente possui o status de pressuposto lógico. O ato, em geral, só recebe a formulação linguística de duas formas diferentes: ou quando é descrito, de forma aproximativa e variável, no âmbito do discurso-enunciado, ou então quando é objeto de uma reconstrução lógico-semântica utilizando os pressupostos extraídos da análise do enunciado, no âmbito de uma metalinguagem semiótica. (GREIMAS, 1983, p. 67, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ Tradução de : "Tout acte relève d'une réalité dépourvue de manifestation linguistique. Ainsi,

Como os atos de linguagem são oriundos de “uma realidade desprovida de manifestação linguística”, só podem ser recuperados e compreendidos se submetidos a uma análise lógico-semântica embasada na metalinguagem Semiótica.

É importante para esta dissertação adotar algumas proposições de Eduardo Calbucci em sua tese de doutorado *A construção do ator da enunciação em romances com narrador-personagem: a experiência machadiana em Memórias póstumas de Brás Cubas* (2007), orientada pelo Prof. Dr. José Luiz Fiorin. Quando trata das questões relativas ao enunciado e à enunciação, Calbucci depara-se com a questão da ironia na obra machadiana e afirma:

Um verdadeiro lugar-comum da crítica literária é dizer que os textos machadianos são caracterizados pela ironia. A questão é que, muitas vezes, nas análises que são feitas sobre a obra de Machado, o termo ironia é usado para designar vários outros processos discursivos que não nascem necessariamente de uma falta de correspondência entre o que se diz no enunciado e o que se diz na enunciação: é como se ironia fosse sinônimo de efeito de humor e como se qualquer sátira machadiana nascesse de procedimentos irônicos. (CALBUCCI, 2007, p. 171).

Para estudar a ironia de uma forma *strictu sensu*, Calbucci propõe a observação dos níveis enunciativos: o primeiro é o do enunciador

essa instância, pressuposta, que corresponde ao que chamamos primeiro nível enunciativo, em princípio, não tem voz no texto. [...] Esse nível é justamente o do início do processo de delegação de voz: é o enunciador que comanda *quem* fala no texto. O segundo nível enunciativo engloba o narrador e o narratário, isto é, o destinador do discurso instalado no enunciado e o destinatário inscrito no texto. [...] Há um “eu” que fala e um “tu” ou “você” que ouvem[...] (CALBUCCI, 2007, p. 40 grifos dele)

O terceiro nível é do interlocutor, pois “quando o narrador [...] instala no enunciado um interlocutor, ele instaura também uma enunciação, que será a

l'acte de langage n'est manifesté que dans et par ses résultats, en tant qu'énoncé, alors que l'énonciation qui le produit ne possède que le statut de présupposition logique. L'acte en général ne reçoit la formulation linguistique que de deux manières différentes: ou bien lorsqu'il est décrit, de façon approximative et variable, dans le cadre du discours-énoncé, ou bien quand il est objet d'une reconstruction logico-sémantique utilisant les présupposés tirés de l'analyse de l'énoncé, dans le cadre d'un métalangage sémiotique” (GREIMAS, 1983, p. 67).

instância logicamente pressuposta pela existência da fala em discurso direto” (CALBUCCI, 2007, p. 171).

Essa proposição de níveis é importante, pois, na medida em que estuda a ironia em *MPBC*, Calbucci se depara com alguns desafios:

Para perceber a necessidade que alguns textos impõem de estudar os níveis enunciativos em mais detalhes, explicitando as relações entre as enunciações de 1º, 2º e 3º grau, podemos, por exemplo, retomar algumas idéias sobre o conceito de ironia.

Semioticamente, pode-se entender a ironia como um recurso discursivo em que “se afirma no enunciado e se nega na enunciação” (Fiorin, 2000, p. 56). Se é assim, há três tipos de ironia, considerando cada um dos níveis enunciativos apresentados. Haveria uma ironia do enunciador, uma do narrador e uma dos eventuais interlocutores. É claro que só faz sentido considerar que há graus de ironia quando essas enunciações não são equivalentes. (CALBUCCI, 2007, p. 72 –73).

Essa reflexão é deveras importante para se diferenciar, na análise de *MPBC*, a ironia do Brás Cubas vivo – personagem / actante, do Brás Cubas morto – narrador, e do ‘Machado’ – enunciador, abordada por Calbucci e retomada por esta dissertação.

Resgatar as significações de um texto, no entanto, não é tarefa simples. Para tentar não cair na tentação da subjetividade e evitar o “olho viciado” no estudo de um texto canônico, objeto de vasta fortuna crítica, recorre-se a uma metodologia bem definida de análise, de acordo com Morentin:

O rigor metodológico da semiótica é o que permite sua utilização para explicar a relação entre determinada enunciação e a capacidade de tal enunciação em *construir a qualidade ontológica* específica de determinado fenômeno social que resultará, por efeito de certa enunciação (e não antes, nem em si), um fenômeno jurídico, político, estético, clínico, matemático, astronômico, etc. (MORENTIN, 2008, p. 26).

O rigor metodológico e a metalinguagem da Semiótica são assuntos do próximo item deste estudo, que se aprofunda na linha de interesse da pesquisa, a semiótica das paixões.

2.1 INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA DAS PAIXÕES

Para a compreensão da semiótica das paixões, é necessária a compreensão de diversas peculiaridades da teoria semiótica, como metalinguagem e abordagem metodológica. Para isso, esse capítulo ocupa-se de uma breve explicação desses conceitos.

Como exposto no item anterior, a Semiótica busca resgatar as significações do texto. Para isso, utiliza-se do percurso gerativo de sentido, a teoria de que todo objeto semiótico pode “ser definido segundo o modo de sua produção”, pois, “os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um "percurso" que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 206).

O percurso gerativo de sentido é, então, dividido em níveis, que se ocupam do texto, nas palavras de Bertrand, “partindo das estruturas elementares e profundas, isto é, indo do mais simples (do que é mais elementar) ao mais complexo (a diversidade das formas manifestadas na superfície)”. Dessa forma, “enriquecendo-se progressivamente de nível em nível, ele propõe uma simulação da geração do sentido” (BERTRAND, 2003, p. 46).

Bertrand ressalta que “as expressões "nível superficial" e “nível profundo” não comportam, nesse caso, nenhum juízo de valor, contrariamente às mesmas expressões, quando são às vezes utilizadas na análise literária”. Diferentemente da tradição hermenêutica, “em que a "significação profunda” (...) supostamente revelaria um sentido guardado no segredo do texto, e por isso implicitamente julgado mais essencial” (BERTRAND, 2003, p. 46). Os níveis de estratificação, para a Semiótica, são uma “rede hierarquizada de dependências em que cada um dos níveis mais profundos converte seus dados semânticos e sintáticos, articulando-os” e gerando as significações do texto (BERTRAND, 2003, p. 47).

Esses níveis são conhecidos como nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo, conforme explica Barros:

c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental [...] nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado nível narrativo [...] organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o do discurso [...] em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 1999, p. 9)

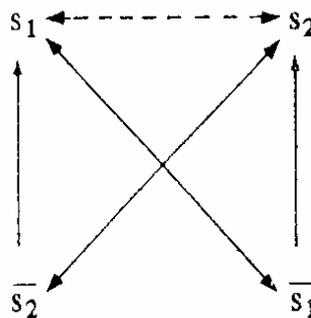
A inter-relação entre os níveis é responsável por criar as significações do texto. Dessa forma, nos próximos subitens serão brevemente elucidados os conceitos e as inter-relações dos níveis de estratificação semióticos, para explanar, em seguida, o universo patêmico, que se encontra no nível narrativo.

2.1.1 Nível Fundamental

Conforme aponta Barros, o nível fundamental é o mais abstrato, pois abarca a rede básica de relações temáticas no texto. Assim, ele aborda os termos que se relacionam e se distinguem pela diferença, como na oposição entre os termos vida e morte. Segundo Fiorin, “são contrários os termos que estão em relação de pressuposição recíproca” (FIORIN, 2006, p. 22), ou seja: vida = não morte, morte = não vida.

Assim, esse nível comporta a chamada oposição semântica fundamental, que constroem o sentido do texto. Greimas e Courtés criaram o quadrado semiótico para explicar como funcionam essas oposições:

Figura 1 – Quadrado Semiótico



Fonte: GREIMAS e COURTÉS (1979, p. 365).

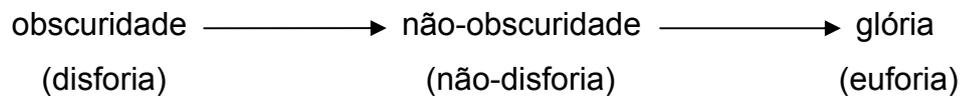
Aplicando esse jogo de relações aos termos “vida” e “morte”, onde s_1 = vida e s_2 = morte e mantém entre si uma relação de contrariedade, representada pela seta pontilhada. Dessa forma, \bar{s}_1 = não-vida e \bar{s}_2 = não-morte. Ou seja, s_1 = vida e \bar{s}_1 = não-vida, assim como s_2 = morte e \bar{s}_2 = não-morte, mantêm

uma relação de contraditoriedade. Diante disso, $s_1 = \text{vida}$ e $\bar{s}_2 = \text{não-morte}$, por conseguinte, $s_2 = \text{morte}$ e $\bar{s}_1 = \text{não vida}$, se complementam.

Barros comenta que “as categorias fundamentais são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas” (BARROS, 1999, p. 10). O que determina o valor de cada uma dessas categorias é o texto analisado e a determinação axiológica, seu valor cultural.

Para ilustrar esse conceito, considere-se o episódio de *MPBC*, no qual BC retorna ao Brasil depois de formado e presencia a morte de sua mãe. Abatido, o rapaz vai para a Tijuca recuperar-se. Após certo tempo, seu pai vai a seu encontro para estimulá-lo a voltar às atividades na capital. Bento Cubas orienta BC a temer e a fugir da obscuridade e do que é ínfimo. Ressalta que é importante continuar e ilustrar o nome da família Cubas e que BC deve buscar a glória e brilhar. (cf. ASSIS, 1994, p. 40).

Nesse caso, a glória é o valor positivo, enquanto a obscuridade são o valor negativo. Assim:



Segundo Barros, a euforia está relacionada com a conformidade e a disforia com uma não-conformidade, dessa forma tornam-se valores axiológicos:

Eufórica é a relação de conformidade do ser vivo com o meioambiente, e disfórica, sua não-conformidade. Os termos da categoria semântica assim investidos são ditos valores axiológicos, e não apenas valores descritivos, e surgem, em relação à semântica narrativa, como valores virtuais, ou seja, não relacionados ainda a um sujeito. A atualização só ocorre na instância superior da semântica narrativa, quando tais valores são assumidos por um sujeito. (BARROS, 2001, p. 24).

A definição dos valores eufóricos e disfóricos, positivos e negativos do texto, por assim dizer, ocorrem no nível fundamental, no entanto, a tomada desses valores por um sujeito ocorre no nível narrativo. A atualização à qual Barros refere-se, é a capacitação, a modalização, do sujeito para realizar a *performance*, e para alcançar os estados eufórico ou disfórico. Esse processo ocorre no nível

narrativo, portanto, esses conceitos são abordados, juntamente ao nível em questão, no próximo subitem.

2.1.2 Nível Narrativo

No nível narrativo “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidas como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos”. Portanto, nesse nível, “não se trata mais de afirmar ou negar conteúdos [...] mas de transformar, pela *ação do sujeito*, estados” (BARROS, 1999, p. 11). No caso de BC, estados de glória ou de obscuridade.

Para Floch, o nível narrativo comporta:

o encadeamento ordenado das situações e das ações que atravessa tanto as frases quanto os parágrafos, tanto os planos quanto as seqüências; é a versão dinamizada e humanizada daquilo que se passa no nível profundo: as relações aí se tornam faltas ou perdas, aquisições ou ganhos, as transformações tornam-se performances; e os operadores destas transformações tornam-se sujeitos. (FLOCH, 2001, p. 22).

Conforme Fiorin, “na sintaxe narrativa, há dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado e enunciados de fazer” (FIORIN, 1992, p. 21). O enunciado de estado é o que compreende a relação de junção do sujeito com o objeto. A junção pode ser conjuntiva ou disjuntiva. O enunciado do fazer, por sua vez, é o que transforma um enunciado de estado, conjuntivo ou disjuntivo, em outro.

Esses conceitos podem ser ilustrados da seguinte forma: “estado 1 disjuntivo: Cinderela é pobre (não-ter) e humilhada (não-ser). Ela encontra o príncipe e casa-se com ele (enunciado do fazer). Estado 2 conjuntivo: Cinderela é rica e respeitada” (BERTRAND, 2003, p. 291). Nesse caso, o enunciado de estado 1 compreende a relação de junção do sujeito Cinderela, disjuntiva, com os objetos riqueza e respeito. O enunciado de estado 2 compreende a relação de junção do sujeito Cinderela, conjuntiva, com os objetos riqueza e respeito. Essa mudança de estado da Cinderela se deve ao enunciado do fazer “Ela encontra o príncipe e casa-se com ele” que muda o estado do sujeito de 1 para 2.

Na perspectiva de Barros, a Semiótica propõe duas concepções de narrativa complementares, estruturas que simulam “tanto a história do homem em

busca de valores ou à procura de sentido quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos” (BARROS, 1999, p. 16). A primeira concepção se relaciona à mudança de estado ilustrada e a segunda com as relações dos sujeitos com os contratos estabelecidos, que são abordados mais à frente. Dessa forma, a Semiótica considera:

[1] narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos; [2] narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos. (BARROS, 1999, p. 16).

Na tentativa de simular “a história do homem em busca de valores” e os “conflitos que marcam os relacionamentos humanos” desenvolve-se o percurso narrativo, que “é uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição” (BARROS, 1999, p. 26). No percurso narrativo é utilizado um modelo canônico no qual o termo actante “substitui com vantagem” o termo personagem (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 13). Bertrand comenta que no modelo apresentado por Greimas em *Sémantique structurale* (1966), figuram:

Um actante Destinador, actante soberano (rei, providência, Estado, etc.), fonte e garantia dos valores, transmite-os, por intermédio de um actante Objeto, a um actante Destinatário: é a categoria da comunicação. O sujeito (que pode se fundir com o Destinatário) tem por missão conquistar esse Objeto, “entrar em conjunção” com ele: é a categoria da busca. Nesse fazer, o Sujeito é contrariado pelo Oponente e apoiado pelo actante Adjuvante: é a categoria polêmico-contratual. (BERTRAND, 2003, p. 288).

Apoiados nessa estrutura, Barros demonstra que existem três percursos narrativos distintos: o percurso do sujeito, o do destinador-manipulador e o do destinador julgador:

O percurso do sujeito é constituído pelo encadeamento lógico do programa da competência, pressuposto, e do programa da *performance*, pressuponente, ou seja, o sujeito adquire competência modal e semântica, torna-se sujeito competente para um dado fazer ou *performance* e executa-o, passando a sujeito realizador. Os diversos tipos de competência e de *performance*, assim como o encadeamento dos dois programas, caracterizam diferentes percursos do sujeito. (BARROS, 2001, p. 36, grifo da autora).

Nesse caso, o sujeito quer alterar o seu estado original, torna-se sujeito do fazer. Quando o sujeito está dotado de um querer, ele precisa adquirir outras competências, ou seja, os atributos dos quais o sujeito necessita para modificar seu estado inicial, ou seja, chegar à *performance*. Se ele não conseguir adquirir tais competências, ele é um sujeito virtual, que não pode chegar à *performance*. Se conseguir a competência necessária, é um sujeito atualizado, ou seja, está preparado para agir e para entrar em conjunção com seu objeto-valor. Quando isso ocorre, a *performance* é executada com sucesso e o sujeito torna-se um sujeito realizado.

Quanto ao percurso do sujeito, é importante elucidar os conceitos propostos. Grosso modo, pode-se considerar que objeto-valor é o objeto no qual o sujeito investe valores, positivos ou negativos, o que rege o seu querer-ser conjunto ou disjunto. Para BC o objeto-valor é a glória, que ele não possui. Ou seja, no seu enunciado de estado, ele está disjunto do objeto-valor. Para obtê-lo, ele precisa de um enunciado do fazer, que ocorre caso, além de querer, o sujeito deva, saiba e possa executar a *performance*. Essas são as quatro modalidades básicas propostas por Greimas (1983, p. 77): /querer/, /dever/, /poder/ e /saber/.

Existe também o objeto chamado de objeto-modal. Diferente do objeto-valor, que é o objetivo, o objeto-modal agrega ao sujeito uma competência, um poder ou um saber, para atualizá-lo para a busca do objeto-valor. No caso de BC, o objeto-valor é a glória. A carreira política, que ele deseja para levá-lo à glória, é o objeto-modal, pois como político influente ele pode alcançar a glória. Portanto, alcançar o objeto-modal não garante que o sujeito saia do enunciado de estado, enquanto que, ao alcançar o objeto-valor o sujeito passou do enunciado de estado, ao enunciado do fazer e chegou ao novo enunciado de estado.

A virtualização ocorre quando o sujeito não tem uma ou mais das competências: BC deseja criar o emplasto, objeto-modal, mas não possui a competência do saber, portanto, é um sujeito virtual e não realiza a *performance*. Assim, não sai do enunciado de estado.

Ademais, quando o sujeito empreende a busca por valores, a conjunção pode ser fácil, difícil, impossível, decepcionante etc., tornando a busca mais ou menos tensa. Por conseguinte, a tensão é a maneira pela qual o sujeito se relaciona com o objeto-valor, que diz muito sobre o sujeito, pois “se, por um lado, o objeto não existe senão em razão do valor nele investido pelo sujeito; por outro, a

identidade do sujeito decorre dos valores por ele buscados e da relação mantida com o objeto de sua busca” (CRUZ, 2009, p. 01). Por exemplo, tanto o econômico quanto o avaro não-querem estar disjuntos do objeto-valor dinheiro. A diferença entre esses sujeitos é a tensão que empregam na relação conjunta com o objeto-valor, a tensão do avaro é muito maior que a do econômico.

Da mesma forma ocorre com a distinção entre rancor e ressentimento, a tensão é maior no rancor e menor no ressentimento, embora o rancor tenha um aspecto mais pontual, enquanto o ressentimento é mais durativo. No que se refere à obra *MPBC*, o desejo de BC de obter a nomeada é tenso e durativo, enquanto seu desejo por Marcela era muito mais tenso, porém mais pontual. A tensão também rege a relação de BC e Virgília, na qual há uma tensão maior de BC em relação ao objeto-valor Virgília do que entre Virgília e seu objeto-valor BC. Prova disso é o fato de Virgília abandonar BC para preservar o *status* social e seguir com o marido, enquanto BC estava disposto a abandonar a carreira política para ficar com a sua amante Virgília.

Os outros dois percursos são o percurso do destinador-manipulador e percurso do destinador-julgador. Barros afirma que “o destinador-manipulador é a fonte dos valores, ou melhor, é quem determina os valores que serão visados pelo sujeito ou o valor dos valores” (2001, p. 36–37). Retomando o exemplo de *MPBC*, pode-se verificar esse percurso.

Quando BC está de luto na Tijuca, seu pai tenta convencê-lo a casar-se e a seguir carreira política, para que o nome da família Cubas torne-se ainda mais ilustre e BC brilhe, ou seja, oferece a BC objetos investidos de valor. Para levar BC a realizar a *performance*, ou seja, entrar em conjunção com esses objetos-valor, seu pai utiliza-se de estratégias de manipulação. Bento Cubas interveem, para persuadir o filho a um fazer-fazer. Segundo Greimas e Courtés, “a manipulação, enquanto fazer-fazer, dá lugar a quatro possibilidades” (1979, p. 270): fazer-fazer (*intervenção*), fazer não fazer (*impedimento*), não fazer não fazer (*deixar fazer*) e não fazer-fazer (*não-intervenção*).

As estratégias de manipulação, por sua vez, podem ser exercidas com base nas modalidades do destinador-manipulador. Greimas e Courtés ensinam que, caso o fazer persuasivo esteja

apoiando-se na modalidade do poder: na dimensão pragmática, ele proporá então ao manipulado objetos positivos (valores culturais) ou negativos (ameaças); em outros casos, ele persuadirá o destinatário graças ao saber: na dimensão cognitiva, fará então com que ele saiba o que pensa de sua competência modal sob forma de juízos positivos ou negativos. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270)

As diferentes estratégias de manipulação foram organizadas por Barros em tabela, que explicita as modalidades necessárias ao destinador-manipulador para cada uma delas e as consequências nas modalidades do destinatário:

Figura 2 – Tabela de manipulações e competências

	competência do destinador-manipulador	alteração na competência do destinatário
PROVOCAÇÃO	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Fonte: BARROS (1999, p. 33).

Diante disso, podem-se ilustrar, grosso modo, as manipulações cognitivas. A provocação ocorre quando o destinador diz: “você é um covarde, não seria capaz de encarar o sujeito que roubou minha bolsa”. Nesse caso, o destinatário deve-fazer para não ter a imagem negativa de um covarde. A sedução é muito comum ao discurso publicitário, se dá quando o destinador diz: “homens elegantes, como você, preferem carros da marca x”. Portanto, o destinatário quer-fazer para ter a imagem positiva de um homem elegante. Já as manipulações pragmáticas não mexem com a imagem do destinatário, mas lhe oferecem valores. A intimidação ocorre quando o destinador diz: “se você não me trouxer o dinheiro até amanhã, vou partir sua cara”. Assim, o destinatário deve-fazer para não receber o valor negativo, surra. A tentação dá-se quando o destinador diz: “traga minha filha de volta e eu lhe darei esse castelo”. Nesse caso, o destinatário quer-fazer para receber o valor positivo, castelo.

Entretanto, nem sempre as estratégias de manipulação surtem efeito. Tomando novamente o exemplo de *MPBC*, nas primeiras tentativas de Bento Cubas de persuadir BC quanto à carreira política e ao casamento, seus estímulos

não surtem efeito, BC não aceita o contrato. Dessa forma, o pai não consegue manipular o filho a tornar-se o sujeito do fazer. Decorrente disso, se a narrativa acabasse nesse ponto, o enunciado do fazer não aconteceria, e o enunciado de estado não se modificaria.

Barros aponta que a manipulação cognitiva, na qual o destinador busca a adesão do destinatário por um fazer persuasivo, “deve ser entendida como um contrato fiduciário”, pois “pretende fazer com que o destinatário, ao exercer o fazer interpretativo que lhe cabe, *creia ser verdadeiro* o objeto apresentado, o discurso do outro e o próprio destinador” (BARROS, 2001, p. 37, grifo da autora).

Como não conseguiu convencer BC a aceitar o casamento, mas apenas a carreira política, o pai continua utilizando estratégias de manipulação para convencer o filho. Ele apela para a autoestima do filho ao dizer que ele deve brilhar como lhe convém, deve ilustrar o nome dos seus ainda mais, ou seja, já são ilustres. Ademais, diz para o filho zelar pela posição vantajosa que tem. Ressalta a importância da carreira política para homens como ele. Quando BC aceita a manipulação acontece o contrato fiduciário e BC se propõe a fazer o que o pai lhe pede:

A manipulação é a proposição de um contrato, um fazer-fazer. O destinador coloca em jogo sua própria competência modal em relação a um quadro de valores que julga ser o do destinatário. Para que a manipulação seja eficaz, o destinatário precisa confiar/crer nesses elementos da manipulação. Por isso, chamamos o contrato na manipulação de contrato fiduciário. (MATTE, 2012, p. 6).

É importante ressaltar que, algumas vezes, o contrato fiduciário pode ser fruto da imaginação do sujeito, constituindo um simulacro, ou seja, a simulação de uma dada realidade por um sujeito, que pode ou não ser compartilhada por outros sujeitos, por exemplo, um sujeito crê que sua esposa o está traindo, porém o restante do texto nega isso: ela é uma mulher fiel e dedicada ao marido. No entanto, se o marido crê na traição da esposa, ele vai sofrer todas as dores dessa traição, mesmo que ela não tenha ocorrido. Por esta razão se afirma que a Semiótica trabalha com o “parecer do sentido”. Isso é fruto do simulacro do marido, da realidade que ele forjou em sua mente.

O percurso seguinte é o percurso do destinador-julgador, ou percurso da sanção. Para ilustrá-lo, tomamos novamente *MPBC*. BC, já deputado, é dotado de um querer, ele deseja fortemente ser ministro. Assim, ele tenta realizar a

performance, mas não consegue, pois não possui a modalidade do saber. Ele faz um discurso eloquente, mas sobre um assunto fútil, que não representa os interesses públicos. Nesse momento, BC recebe três sanções diferentes, uma cognitiva negativa, na qual disseram que seu discurso era desastroso, uma pragmática negativa, na qual ele perde seu posto de deputado e, a última, cognitiva positiva. Vale ressaltar, entretanto que “a sanção pragmática pressupõe a cognitiva e caracterizam-se, ambas, como programas de doação de valores, modais e descritivos, que modificam o ser do sujeito” (BARROS, 2001, p. 39). Portanto, quando BC perde a cadeira, ainda que não receba explicitamente uma crítica ao discurso, ela estaria implícita na sanção pragmática, ou seja, ele perde o posto porque o consideram incompetente.

Desse modo, a sanção é “um juízo epistêmico, proferido pelo Destinator-julgador sobre a conformidade dos comportamentos e, mais precisamente, do programa narrativo do sujeito “performante” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 389). Caso o sujeito realize a *performance* pode receber uma contrapartida “positiva (recompensa) ou negativa (punição)”. Estas, por sua vez, podem ser cognitivas, como um elogio ou reprimenda, ou pragmáticas, como uma premiação ou surra. Finalmente, podem ser aplicadas por um destinator individual ou social.

Quando BC recebe a sanção pragmática negativa da perda do posto de deputado, é um destinator social que aplica a sanção, que representa a justiça: BC não está apto para exercer o cargo e, para o bem da sociedade, deve ser afastado dele. No entanto, o mesmo discurso que BC proferiu na câmara sem sucesso, é calorosamente elogiado por seu amigo Quincas Borba, que é um destinator individual e aplica uma sanção cognitiva positiva.

No entanto, não são apenas estados de coisas que estão em jogo em um programa narrativo. Barros ensina que a Semântica narrativa é o “momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos. Para isso, esses elementos inscrevem-se como valores, nos objetos, no interior dos enunciados de estado.” (BARROS, 1999, p. 42). Em *MPBC*, o sujeito BC está em relação de conjunção com os valores riqueza, respeito familiar, inseridos nos objetos dinheiro e elogios da família. Essas relações “do sujeito com os valores podem ser modificadas por determinações modais” (BARROS, 1999, p. 42), a relação de junção

entre BC e o dinheiro é determinada, no texto, como uma relação desejável, BC quer dinheiro, e possível, BC pode ter o dinheiro.

Barros explica que, “do mesmo modo, a relação do sujeito com seu fazer sofre qualificação modais” (BARROS, 1999, p. 42). BC, ao conhecer Marcela, passa a querer conquistá-la, isto é, querer fazer alguma coisa, para obter o valor amor de Marcela.

Diante disso, é preciso ter em vista que a modalização que incide sobre enunciados de estado é denominada modalização do ser e a que incide sobre o enunciado do fazer é denominada modalização do fazer, “responsável pela competência modal do sujeito do fazer, por sua qualificação para a ação” (BARROS, 1999, p. 43). É importante ressaltar, ainda, que “tanto para a modalização do ser quanto para a do fazer, a semiótica prevê essencialmente quatro modalidades: o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*” (BARROS, 1999, p. 43, grifos dela).

Quanto às modalizações do fazer, Barros distingue dois aspectos, o fazer-fazer, “o fazer do destinador que comunica valores modais ao destinatário-sujeito, para que ele faça” (BARROS, 1999, p. 43) e o ser-fazer, “a organização modal da competência do sujeito” (BARROS, 1999, p. 43), no que se refere à organização modal, Barros aponta:

Na organização modal da competência do sujeito o perador, combinam-se dois tipos de modalidades, as *virtualizantes*, que instauram o sujeito e as *atualizantes*, que o qualificam para a ação. O dever-fazer e o querer-fazer são modalidades virtualizantes, enquanto o saber-fazer e o poder-fazer são modalidades atualizantes. (BARROS, 1999, p. 43, grifos dela).

Barros ensina, ainda, que “se estabelece um jogo de compatibilidades e de incompatibilidades de modalidades, na organização da competência” (BARROS, 1999, p. 43), por exemplo, BC quer conquistar a pasta ministerial, mas não sabe-fazer, ou seja, há incompatibilidades entre o querer e o saber.

No que se refere à modalização do ser, Barros aponta que dois ângulos precisam ser examinados: o da modalização veridictória, que é tratada na página 66 deste trabalho, e o da modalização pelo querer, dever, poder e saber, que modifica a relação do sujeito com os valores, por exemplo, BC queria não ser casado, no entanto, passou a querer ser casado com Virgília e quando isso

aconteceu, Virgília casou-se com outro, e a conjunção de BC com esse objeto torna-se impossível. Assim, a relação de BC com o poder também muda, ele passa da possibilidade de ser sem o querer-ser, para a impossibilidade de ser com o querer-ser, assim, o efeito de sentido gerado é de frustração. Como Barros explica,

os efeitos de sentido desses dispositivos modais podem se reconhecidos como medo, ambição ou amor. Em outras palavras, a modalização do ser produz efeitos de sentido “afetivos” ou “passionais”. [...]

As paixões, do ponto de vista da semiótica, entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. (BARROS, 1999, p. 46–47).

Esse patamar, que muda significativamente os sentidos do texto, é abordado mais profundamente pela semiótica das paixões, sobre a qual se discorre subsequentemente ao próximo subcapítulo, no item “2.1.4 A semiótica das paixões”.

2.1.3 Nível Discursivo

O nível discursivo encontra-se em um patamar superficial no que se refere ao percurso gerativo de sentido. Ele é o nível mais próximo da manifestação textual. Nesse nível,

a organização narrativa é temporalizada, espacializada e actorializada, ou seja, as ações e os estados narrativos são localizados e programados temporalmente e espacialmente, e os actantes narrativos são investidos pela categoria de pessoa. Além disso, os valores do nível narrativo são disseminados no discurso, de modo abstrato, sob a forma de percursos temáticos, que, por sua vez, podem ser investidos e concretizados. (BARROS, 2005, p. 204).

O responsável por programar temporalmente e espacialmente as estruturas do nível narrativo assumidas por um actante é o enunciador. Assim, ele pode inserir marcas de proximidade ou de distanciamento. Essas marcas no enunciado são analisadas pela Semiótica na sintaxe discursiva e permitem recuperar a enunciação.

Barros ressalta que o nível discursivo compreende as estruturas capazes de revelar as relações entre enunciador e enunciatário e, para isso:

Dois aspectos principais da manipulação precisam ser examinados: o contrato que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário e os meios empregados na persuasão e na interpretação. Pelo contrato, o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler "a verdade". O enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Para escolher as pistas a serem oferecidas, o enunciador considera a relatividade cultural e social da "verdade", sua variação em função do tipo de discurso, além das crenças do enunciatário que vai interpretá-las. O enunciatário, por sua vez, para entender o texto, precisa descobrir as pistas, compará-las com seus conhecimentos e convicções e, finalmente, crer ou não no discurso. (BARROS, 1999, p. 63).

Barros comenta, ainda, que no enfoque do nível discursivo há de se considerar a semântica discursiva, que se ocupa dos percursos temático e figurativo do texto. A autora postula que “as relações e operações elementares do nível fundamental, já retomadas como transformações, valores e paixões narrativas, apresentam-se, no nível discursivo, como percursos temáticos e figurativos” (BARROS, 2001, p. 19).

Sobre os temas, grosso modo, pode-se dizer que são categorizações abstratas dotadas de valores, que podem ou não ser recobertas por figuras, mais concretas. Fiorin afirma que “todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado” (FIORIN, 2006, p. 90). Dessa forma, o tema pertence ao “mundo das ideias”, enquanto a figura, ao “mundo narrado” ou ao “mundo das coisas”.

Barros, por sua vez, ilustra a relação entre as figuras e temas: “A figura do beijo reveste, na *Bela Adormecida* e na *Branca de Neve*, o percurso temático de “doação da vida” ou de “fazer renascer”, comum aos dois textos em que “o amor faz reviver” (BARROS, 1999, p. 74).

2.1.4 A Semiótica das Paixões

Ao se adentrar na teoria da semiótica das paixões, primeiramente é necessário esclarecer o conceito de paixão, pois a noção popularizada desse termo é composta pelo uso que algumas disciplinas, como a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia têm feito dele, desde o começo de seus estudos. (cf. GREIMAS; COURTÉS, 1991, p. 186). Destarte, a maioria das configurações passionais nos dicionários, é definida “como “disposição a”, “sentimento que leva a”, “estado interior

daquele que se inclina a”, e a descrição da “disposição” ou da “inclinação” é feita, em seguida, em termos de comportamento ou de ação” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 61–62).

Considerada sob esse ponto de vista, a paixão seria uma “simples competência, cujas modalizações produziriam *ipso facto* um efeito de sentido passional” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 62). Dessa forma, o universo patêmico seria coextensivo do modal e não haveria espaço para fazer distinção entre eles. No entanto, “mesmo quando a paixão é em parte traduzível como “competência para fazer”, esta última não esgota e não explica por si só o efeito passional” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 62), pois a paixão não engendra apenas essa competência, essa modalidade, nem mesmo feixes de modalidades, mas se organiza com base em uma sintaxe intermodal. (cf. FONTANILLE, 1986, p. 12).

Assim, Greimas e Courtés explicam que, em “oposição à ação, a paixão pode ser considerada como uma organização sintagmática dos ‘estados de alma’ e manifesta-se pela projeção da modalidade do /ser/ sobre os sujeitos narrativos” (Greimas; Courtés, 1986, p. 162)¹¹, ou seja, a evidência não está mais no fazer, ou na modalização para o fazer.

Para compreender esses estados de alma, vale retomar o exemplo de *MPBC* (cf. p. 59). BC, inspirado pelo estado de alma da ambição, quer ser ministro. O enunciado de estado compreende o sujeito, BC, em disjunção com o objeto-valor pasta ministerial. BC tenta executar a *performance*, o enunciado do fazer é o discurso que ele fez na Câmara. Como o discurso é mal sucedido, BC não consegue entrar em conjunção com objeto-valor, portanto o enunciado de estado não se modifica. Todavia, os sentimentos que envolvem o sujeito se modificam, pois a não *performance* de BC causou-lhe profunda frustração, tristeza e vergonha.

Em sua jornada em busca da pasta ministerial, BC passa, portanto, de sujeito ambicioso, para sujeito frustrado e envergonhado. Essa mudança nos sentidos do texto é significativa, no entanto, esse universo patêmico não tinha uma atenção sistematizada anteriormente à semiótica das paixões. Bertrand discorre sobre essa lacuna, afirma que o estudo que engloba apenas as dimensões

¹¹ Tradução de: “*opposition à action, la passion peut être considérée comme une organisation syntagmatique d’“états d’âme”, en entendant par là l’habillage discursif de l’être modalisé des sujets narratifs*”, (GREIMAS; COURTES, 1986, p. 162).

pragmática e cognitiva dos textos “deixava na sombra, como um vazio a preencher, a dimensão dos sentimentos, das emoções e das paixões, que ocupam, no entanto, um lugar essencial nos discursos, sejam eles literários ou não” (BERTRAND, 2003, p. 357).

No livro em que Greimas e Fontanille discutem a epistemologia das paixões, existe uma pista de seu comportamento logo no título: *Semiótica das Paixões: dos estados de coisa, aos estados de alma* (1993). Pois o quando o sujeito está tentando mudar o seu estado de coisa, pode se envolver em conflitos e polêmicas que influenciam seu estado de alma.

Greimas e Courtés afirmam que a paixão é, então, um conjunto de efeitos de sentidos e deve ser analisada no nível narrativo:

A paixão designa um conjunto de efeitos de sentido que surgem muito frequentemente no campo narrativo, mas que não encontraram sua análise em termos de narratologia das ações. A paixão se expressa frequentemente por meio da figuratividade fundamentando a narratividade em questão, mas ela é sempre relacionada a um assunto a princípio já apresentado como acional – parece que somente se pode padecer após ter agido, ou agindo – e, portanto, deve ser analisado no plano estritamente narrativo. (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 163, tradução nossa)¹².

A relação das paixões com o nível narrativo deve-se ao fato de os estados de coisas causarem os diversos estados de alma por consequência do jogo entre as modalidades. A esse respeito, Mello ensina que

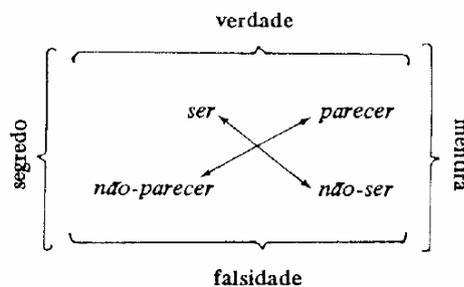
A paixão surge como o resultado do jogo entre as modalidades do querer ser, do dever ser, do saber ser e do poder ser. Cada uma destas modalidades pode desdobrar-se em quatro posições modais, já que se pode negar cada um dos predicados ou os dois ao mesmo tempo. A partir da modalidade do querer ser, por exemplo, pode-se chegar ao querer ser, ao não querer ser, ao querer não ser e ao não querer não ser. Uma paixão é, então, o fruto de arranjos modais. (MELLO, 2005, p. 47).

¹² Tradução de : "La passion désigne un ensemble d'effets de sens qui surgissent très fréquemment dans le champ narratif, mais qui n'ont pas trouvé leur analyse en termes de narratologie des actions. La passion s'exprime souvent à travers la figurativité sous-tendant la narrativité en question, mais elle est toujours liée à un sujet en principe déjà présenté comme actionnel — il semble que l'on ne puisse pâtir qu'après avoir agi, ou en agissant —, et doit donc être analysée au niveau strictement narratif" (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 163).

Quanto às modalidades, Barros afirma que existem dois ângulos na modalização do ser: “o da modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, dizendo-a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta, e o da modalização pelo querer, dever, poder e saber” (BARROS, 1999, p. 45), que influenciam especificamente os valores investidos nos objetos.

A autora comenta que as modalidades veridictórias se articulam como categoria modal, apresentando as relações entre ser *versus* parecer. Essas relações são demonstradas por Greimas e Courtés na aplicação do quadrado semiótico:

Figura 3 – Quadrado semiótico e as relações entre ser *versus* parecer



Fonte: GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 367.

Sob as considerações de Barros, “com a modalização veridictória substitui-se a questão da verdade pela da veridicção ou do *dizer verdadeiro*: um estado é considerado verdadeiro quando um sujeito, diferente do sujeito modalizado, o *diz verdadeiro*” (BARROS, 1999, p. 46). A veridicção tem relação direta com o processo de manipulação, já que o sujeito só adquire os valores do destinador se o dizer deste for assumido como verdadeiro.

O outro ângulo de abordagem da modalização do ser, de acordo com Barros, enfoca a relação do sujeito com os valores e altera a sua existência modal. Calbucci diz que “as modalidades básicas [...] podem ser concebidas como impulso à ação, como manutenção da competência, como meio de reavaliar as sequências narrativas, e assim por diante” (CALBUCCI, 2009, p. 76). O arranjo dessas modalidades, no entanto, podem desencadear estados de alma. Todavia, como ressalta Fontanille, a paixão dificilmente é proveniente de uma só modalização, mas de uma sintaxe intermodal:

As paixões não se engendram a partir de modalidades isoladas, nem mesmo de feixes de modalidades, mas a partir de uma sintaxe intermodal. Essa ideia de sintaxe intermodal não tem em si nada de original; explícita ou implicitamente, está presente nos trabalhos de todos aqueles que, ainda que minimamente, têm estudado as paixões (FONTANILLE, 1980; GREIMAS, 1981; MARSCIANI, 1984; PARRET, 1986), mas ela somente é explorada como momento da descrição, ou até mesmo como método de abordagem, e não como o próprio âmago do efeito passional. (FONTANILLE, 1986, p.12, tradução nossa)¹³.

Fiorin ilustra algumas possibilidades patêmicas a partir da modalização do ser:

Por exemplo, a infelicidade define-se como um querer ser aliado a um saber não poder ser, enquanto o alívio reúne um querer ser a um saber não poder não ser (Barros, 1989-1990, p. 63). O infeliz é aquele que continua a querer, apesar de saber da impossibilidade evidente da conjunção, enquanto o aliviado deseja apenas aquilo que sabe que é inevitável. (FIORIN, 2007, p. 05).

Bertrand ensina que, ao se investigarem os arranjos modais que originam as paixões, não se pode atentar apenas para a modalização dos estados, pois, “desse ponto de vista, nada permitiria perceber o que distingue o “econômico” e o “avaro”: ambos se definem pelo /querer/ e /dever estar/ conjuntos aos objetos de valor e à vontade de não estar disjuntos” (BERTRAND, 2003, p. 370).

O autor comenta, ainda, a complexidade nas relações patêmicas:

A impossível conquista de um objeto de desejo reforça, ao longo dos obstáculos encontrados, o querer do sujeito, e eis a “obstinação”; os objetos virtuais crescem no decorrer das aquisições parciais; dilatando o ser potencial do sujeito, e eis a “ambição”. Essa profusão de simulacros cuja remanescência o sujeito passional preserva ou projeta no futuro, analisáveis na medida em que eles se tornam objetos efetivos no discurso, que a língua nomeia e organiza, levou a semiótica ao estudo desta dimensão relativamente autônoma, que é a das paixões. (BERTRAND, 2003, p. 28).

¹³ Tradução de: "*Les passions ne s'engendrent pas à partir de modalités isolées, ni même de faisceaux de modalités, mais à partir d'une syntaxe intermodale. Cette idée d'une syntaxe intermodale n'a en elle-même rien d'original : elle est présente, explicitement ou implicitement, chez tous ceux qui ont tant soit peu étudié les passions (Fontanille, 1980; Greimas, 1981; Marsciani, 1984; Parret, 1986), mais elle n'est exploitée que comme un moment de la description, voire comme une méthode d'approche, et non comme le cœur même de l'effet passionnel*" (FONTANILLE, 1986, p. 12).

Devido às inúmeras possibilidades de representação patêmica no discurso, exigem-se categorizações que deem conta das particularidades das paixões. Para isso, as paixões são divididas em simples e complexas. Ademais, as relações patêmicas podem ser reguladas por uma macrossintaxe ou uma microssintaxe. Finalmente, elas podem aparecer no texto de forma lexicalizada ou representada.

Nas palavras de Fiorin, as paixões simples são “resultantes de uma única modalização do sujeito. A cobiça, por exemplo, define-se por um querer ser. Esse estado passional não exige nenhum percurso modal anterior” (FIORIN, 2007, p. 05). No que se refere às paixões complexas, Barros afirma que elas “prevêem a explicação de todo um percurso passional” (BARROS, 1999, p. 48). A autora retoma os apontamentos de Greimas:

O estado inicial do percurso das paixões complexas é denominado por Greimas (1983) estado de *espera*. A espera define-se pela combinação de modalidades, pois o sujeito deseja um objeto (querer-ser) mas nada faz para consegui-lo e acredita (crer-ser) poder contar com outro sujeito na realização de suas esperanças ou na obtenção de seus direitos. Caracteriza-se, portanto, pela *confiança* no outro e em si mesmo e pela *satisfação* antecipada ou imaginada da aquisição do valor desejado. Ao saber impossível a realização do seu *querer* e infundadas as suas crenças, o sujeito passa ao estado de *insatisfação* e de *decepção*. (BARROS, 1999, p. 48).

Mello comenta que a distinção etimológica entre paixões simples e complexas é legítima, mas que quando “o analista se debruça sobre o texto para efetivar sua análise, a tendência é encontrar ali relações intersubjetivas muito complexas, mesmo se tratando de uma paixão simples, como a cobiça” (MELLO, 2012). O autor esclarece que isso decorre da inter-relação que os percursos mantêm entre si:

No caso da cobiça mencionada acima por Fiorin, por exemplo, a relação entre o sujeito e o objeto é, de fato, marcada pelo querer ser. Contudo, para passar a estar conjunto com o seu objeto valor, o sujeito pode traçar um percurso bastante complexo do ponto de vista modal e intersubjetivo: ele pode se arrepender por ter entrado em conjunção com o objeto valor, a conjunção com o objeto valor por ser impossível ou insatisfatória, a conjunção pode ser espoliativa e, por isso mesmo, despertar a ira e o desejo de vingança daquele que fora privado de seu objeto valor, etc. [...] em termos analíticos, as paixões tendem à polêmica e à complexidade das relações intersubjetivas. (MELLO, 2012, p. 04).

Esses apontamentos são deveras pertinentes quando a paixão analisada é a ambição, pois Barros, assim como Fiorin, a considera uma paixão simples, da ordem do querer: “há paixões em que o sujeito quer o objeto-valor, como na *cobiça*, na *ambição* ou no *desejo*” (BARROS, 1999, p. 48, grifo da autora). As paixões simples podem ser representadas, ainda, por um sujeito que não quer um objeto-valor “como na *repulsa*, no *medo* ou na *aversão*”, ou por um sujeito que “não quer deixar de ter valores, como na *avareza* ou na *sovinice*” (BARROS, 1999, p. 48, grifo da autora). Dessa forma, as paixões simples podem ser diferenciadas pela intensidade do querer e pelo objeto-valor almejado, “o desejo de valores cognitivos caracteriza, por exemplo, a *curiosidade* ou, o querer-saber” (BARROS, 1999, p. 48).

Vale, aqui, reiterar o exemplo de *MPBC*, que é aprofundado na análise do *corpus*. O pai de BC é rico, BC morre rico, grande parte devido à sua herança. Por vezes, no romance, a família de BC recebe atenção e louvor das autoridades, o que caracteriza um reconhecimento social, uma posição de glória. Mesmo assim, o pai de BC sempre quer mais glória e, por outro lado, não quer que nada prejudique o *status* que a família já tem. Assim, a sua ambição comporta-se de forma semelhante à *avareza* analisada por Greimas e Fontanille: “se a eficácia da competência passional insistisse em sua aspectualização: a paixão do avaro não se exerce com efeito e só é reconhecível em razão do caráter iterativo da conjunção e do caráter continuativo da não-disjunção” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 105).

O pai de BC quer intensamente e continuamente um objeto-valor e deposita no filho as expectativas de que ele mantenha e aumente a conjunção da família com tal objeto. Esse objeto, a glória, no entanto, não é definível e se assemelha ao que Greimas e Fontanille chamam de imagem-fim no exemplo da *avareza*:

Mesmo se experimenta satisfação em acumular riquezas, nem por isso o avaro pára de acumular —, e, de outro lado, ela parece imagem-fim para o sujeito, instituindo assim o objetivo do objeto para ele mesmo e neutralizando o sistema de valores em curso. Assim, poder-se-ia dizer que o que visa o avaro não são tanto as riquezas que ele acumula quanto essa imagem-fim, erigida em simulacro potencial em que ele “sonha” consigo mesmo cercado de riquezas. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 105).

O pai de BC sente prazer com o reconhecimento social que a família tem e se orgulha disso, o que o faz desejar ainda mais o reconhecimento. Na sua imagem-fim, projeta a família recebendo todos os louros possíveis a alguém da

época. Assim, quando recebe algum reconhecimento, não ocorre uma *performance*, pois a *performance* está ligada à imagem-fim de seu simulacro, inatingível. Esse percurso passional, por sua vez, não é um percurso simples. A ambição, nesse caso, é uma paixão complexa.

Como já se mencionou anteriormente, a apresentação das paixões no texto, pode ocorrer de forma lexicalizada ou de forma representada. A paixão lexicalizada é aquela cujo lexema é mencionado no texto, como acontece com a ambição no trecho: “Uma idéia expelia outra, a *ambição* desmontava Marcela” (ASSIS, 1994, p. 31). Percebe-se que, no texto, aparece escrito o lexema ambição. Fiorin comenta que as paixões lexicalizadas devem analisar o “lexema no interior de uma dada cultura para verificar a configuração da paixão” (FIORIN, 2008, p. 60–61).

A paixão representada não aparece lexicalizada no texto, pois decorre das transformações modais do sujeito, portanto, “permitem estudar textos narrativos constituídos sobre um processo de edificação ou de transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer” (BARBOSA; SANTOS, 2010, p. 05). Ela é construída por meio da interligação dos sentidos que envolvem as posições modais e as sequências modais. Fiorin ilustra esse tipo de paixão com o exemplo da obra *Dom Casmurro*, na qual “o leitor vai vendo o ciúme de Bentinho aparecer e como ele interfere na maneira como a personagem vê Capitu. Isso é representado no romance” (FIORIN, 2008, p. 61), sem a necessidade de se lexicalizar que Bentinho está com ciúmes.

Para finalizar o panorama da análise patêmica, é necessário distinguir a macrossintaxe e a microssintaxe passional. Mello comenta a distinção feita por Fontanille, que explica a sintaxe que regula as paixões:

a) uma macrossintaxe, que transforma as paixões em outras paixões. Ou seja, uma sequência modal é transformada em outra sequência modal; b) uma microssintaxe, que transforma uma posição modal em outra, no interior de cada configuração passional. (MELLO, 2012, p. 03).

A macrossintaxe engloba percursos passionais mais complexos, nos quais uma paixão dá origem a outra, algo bem comum no texto literário, principalmente no que diz respeito ao romance, que tem uma grande extensão.

No que se refere ao método de análise, Greimas aponta em *Du sens II* (1983), que o estudo das paixões deve adotar uma abordagem sintagmática

e sintática: “ao contrário da abordagem taxonômica e classificatória adotada pela maioria dos filósofos dos séculos clássicos elaborando suas teorias das paixões, nossa abordagem será francamente sintagmática e até, frequentemente, sintática” (GREIMAS, 1983, p.225, tradução nossa) ¹⁴.

Essa abordagem deve-se a consideração do autor, de que os lexemas são “condensações” que perpassam as estruturas do texto, e podem se tornar “modelos de previsibilidade” sobre o comportamento da paixão estudada:

A existência, dentro do enunciado-discurso, das expansões que reproduzem as mesmas estruturas de maneira mais ou menos espalhada e difusa não deve nos incomodar, pelo contrário: já que se trata apenas de uma diferença de dimensões, e não de natureza, as descrições lexemáticas podem constituir, de maneira econômica, modos de previsibilidade das análises discursivas futuras. (GREIMAS, 1983, p. 225, tradução nossa) ¹⁵.

Eis a razão pela qual é comum, ao se empreender uma análise semiótica, recorrer a dicionários variados para tentar abstrair deles as condensações sêmicas e os modelos de previsibilidade que os dicionários apontam em suas explicações.

Foram apresentadas, neste capítulo, breves explicações sobre os conceitos semióticos que são utilizados na pesquisa. Essa base teórica deve ficar mais clara com as análises empreendidas à frente. Ressalta-se, no entanto, que a finalidade de uma investigação semiótica é explicar como as significações são criadas no texto. A base teórica norteia os passos do analista. Porém, não se deve perder de vista que não se faz semiótica apenas pela utilização da metalinguagem. Assim, fazer semiótica não é a aplicação de um método mecânico, que determina os sentidos do texto. É preciso ter uma atitude semiótica, que é, como se indicou anteriormente, explicar os efeitos de sentidos do texto. A assimilação dos conceitos auxilia o analista na busca das explicações dos sentidos textuais.

¹⁴ Tradução de: “*Contrairement à l’approche taxionomique et classificatoire adoptée par la plupart des philosophes des siècles classiques élaborant leur théorie des passions, notre démarche sera franchement syntagmatique et même, souvent, syntaxique*” (GREIMAS, 1983, p. 225).

¹⁵ Tradução de: “*L’existence, à l’intérieur de l’énoncé-discours, des expansions qui reproduisent les mêmes structures de manière plus ou moins étalée et diffuse ne doit pas nous gêner, bien au contraire: puisqu’il ne s’agit que d’une différence de dimensions, et non de nature, les descriptions lexématiques peuvent constituer, de façon économique, des modes de prévisibilité des analyses discursives ultérieures*” (GREIMAS, 1983, p. 225).

Isso significa dizer que é possível fazer uma investigação semiótica, sem explicitar sua metalinguagem. Mais do que isso, a redação do texto, sem a utilização exacerbada e explícita da metalinguagem, torna a redação mais fluida, mais aprazível ao leitor, sem perder, contudo, a cientificidade analítica.

2.1.5 Ambição: Aproximações Lexemáticas

Em *Du sens II*, publicado em 1983, Greimas já postulava que o estudo do universo patêmico necessita de um estudo de semântica lexical, sintagmático e sintático. Essa necessidade é reiterada na obra *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma* (1993), na qual Greimas e Fontanille ensinam:

as paixões só têm existem discursiva graças ao uso, comunitário ou individual, seu estudo não pode limitar-se às generalidades e aos “noemas” semânticos e sintáticos que as constituem; a língua natural é a esse respeito como que a testemunha do que a história de uma cultura reteve como paixões dentre todas as combinações modais possíveis. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 101).

Os pesquisadores postulam que “a partir daí, é interrogado o dicionário, considerado aqui como um discurso sobre o uso de dada cultura, que começaremos a coletar as primeiras informações sobre a maneira como funcionam as paixões” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 101). Assim, “o estudo dos lexemas passionais exige primeiro a substituição de uma definição à sua denominação, depois uma reformulação sintática da própria definição” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 101).

Greimas e Fontanille explicam esse processo:

Trata-se, em suma, de transformar papéis patêmicos, cujos “nomes-lexemas” atestam a existência em dado uso, em *patemas-processos* e de pôr às claras, graças à análise e à catálise conjugadas, as organizações modais subjacentes, assim como as operações que as predis põem a participar das configurações passionais. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 101, grifo do autores).

Todavia, ressaltam que o modelo sintático de cada paixão não está contido naturalmente na sua ocorrência linguística, pois:

A lexicalização é um fenômeno segundo da estrutura semântica; ela opera nos produtos do uso, isto é, nas seções e nos arranjos que se observam em discurso e de que a práxis enunciativa é responsável. É por isso que o estabelecimento do modelo só começa depois da análise pragmática das definições, que só servem para premunir-nos contra nossas próprias tendências idioletais, e até para compensar nossa ignorância, e durante a qual podemos ter separando os constituintes sintáticos generalizáveis dos que não o são. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 101–102).

Os autores afirmam que esse método “consiste ao mesmo tempo em dar uma base dedutiva e em explorar, a seguir, os discursos e os usos que estes manifestam para estabelecer os modelos sintáticos” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 102). Por conseguinte, o objetivo é “compensar as fraquezas da dedução pela indução” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 102). Dessa forma, caracteriza-se uma “metodologia que se apresenta globalmente como hipotético-dedutiva, as hipóteses não procedem necessariamente da especulação axiomatizante: a parte da indução é muitas vezes dominante” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 102).

Diante desses apontamentos, essa dissertação perscruta diversos dicionários de língua portuguesa, apresentados e discutidos, em ordem cronológica, conforme a metodologia utilizada por Greimas e Fontanille, para estudar a avareza em *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma* (1993).

O primeiro dicionário de Língua Portuguesa o *Vocabulário Portuguez e Latino*, publicado entre 1712 e 1728 por Raphael Bluteau, traz a seguinte entrada:

AMBIC,AM. Dezejo immoderado de honras, não merecidas, ou maiores das que merecemos. Derivase do Latim. *Ambire, Rodear*, porque o ambicioso anda rodeando na Republica, & na corte para se introduzir em lugares honorificos. Por ambição de ordinario entende o vulgo desejo nimio de riquezas. *Vid.* Cobiça. Ambição de honras, cargos, dignidades, governos, &c *AMbitio, onis*. (BLUTEAU, 1728, p. 325–326).

Publicado em 1789, o *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, postula: “AMBIÇÃO, s.f. O desejo immoderado de conseguir honras, empregos, fazenda. § As artes usadas para esse fim” (SILVA, 1789, p. 118). Nessa definição, como na anterior, o autor aponta a ambição como um forte desejo por honra. Considera, ainda, ambição, as tramas, as artes usadas para conseguir essas honras. O sentido de riquezas fica implícito em “fazendas”. Ambas as definições são deveras semelhantes, distinguindo-se apenas os objetos de desejo,

enquanto Bluteau utiliza-se dos termos república e corte, Silva recorre ao uso de empregos e fazenda.

Em 1832 foi publicado o *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto. Neste, tem-se a breve acepção: “Ambição, s.f. Desejo desordenado de honras, empregos, etc.” (PINTO, 1832, s/p). Nesse caso, a diferença entre essa acepção e as apresentadas anteriormente é o uso do termo “desordenado”.

No *Novo Diccionário da Língua Portuguesa* (1913), de Candido de Figueiredo, a acepção do termo ambição é a seguinte: “ambição f. Desejo ardente (do poder, glória, riqueza). Aspiração. (FIGUEIREDO, 1913, p. 104). Nesse caso o adjetivo escolhido para mostrar a intensidade do desejo foi o termo ardente. Além disso, define ambição como aspiração.

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (1996–1999), dicionário virtual que tem por base o *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa* (Porto, Lello Editores, 1996 e 1999), resume as acepções dos outros dicionários: “ambição s. f. 1. Desejo veemente (do que dá superioridade)”. Ao invés de ilustrar os objetos de desejo, como os outros dicionários mencionados, este se utiliza do termo “superioridade” para englobar vários sentidos. Nesse caso, ambição pode ser um desejo veemente ou uma aspiração por qualquer objeto que remeta ao conceito de superioridade.

Do século XXI, elencam-se os clássicos: *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2004), *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse* (2007) e *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2011). Além disso, consulta-se o *Dicionário da Língua Portuguesa – com acordo ortográfico* (2003–2013), de edição mais recente.

Segundo o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2004):

Ambição: 1. Desejo veemente de alcançar aquilo que valoriza os bens materiais ou o amor-próprio (poder, glória, riqueza, posição social, etc.). 2. Desejo ardente de alcançar um objetivo de ordem superior; aspiração, anelo. 3. Aspiração relativamente ao futuro. 4. Desejo intenso. (FERREIRA, 2004).

No *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2004) há a reiteração da intensidade da ambição por meio dos termos “veemente”, “ardente” e “intenso”. Ademais, é o primeiro que relaciona ambição com o termo “anelo”. Observa-se que

foram utilizados muitos mais temas do que figuras nas acepções do Aurélio. Diferentemente da maioria dos dicionários, cobiça não é colocada como parassinônimo de ambição. O uso da palavra “amor-próprio”, na primeira acepção, é deveras interessante, por não se apresentar em nenhum outro dos dicionários dessa pesquisa.

Na acepção do *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse* (2007), ambição aparece como “1. Desejo imoderado de glória, fortuna, poder, cobiça, cupidez. 2. Aspiração, pretensão” (LAROUSSE, 2007, p. 78). Esse dicionário utiliza, na definição de ambição, o termo “fortuna”, temático, ao invés de ilustrar os diversos objetos integrantes de uma fortuna, de ordem mais figurativa, como dinheiro, casas, joias, fazendas etc.

De acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2011), ambição é: “1. forte desejo de poder ou riquezas, honras ou glórias; cobiça; cupidez. 2. anseio veemente de alcançar determinado objetivo, de obter sucesso; aspiração, pretensão” (HOUAISS, 2011). Nesse caso, a novidade se dá no uso do adjetivo “forte”.

No site *Infopédia*, que reúne e disponibiliza para consulta 22 Dicionários da Editora Porto (Portugal), figura o *Dicionário da Língua Portuguesa – com acordo ortográfico* (2003–2013), no qual consta: ambição: 1. Desejo veemente de riqueza, honras ou glórias. 2. Expectativa em relação ao futuro; aspiração. 3. Cobiça; ganância; sede. Nessa acepção, há o termo “sede”, que não é apresentado pelos demais dicionários.

Em um esquema simples¹⁶ podem-se considerar as recorrências que apontam para a ambição:

Tabela 1 – Recorrências que apontam para a ambição

Querer possuir ou gozar de...	→	Querer-ser - Modalidade
Desejo, anseio, aspiração, anelo, pretensão, sede.		
Característica do desejo	→	Intensidade - Tensividade
Imoderado, nímio, desordenado, veemente, ardente, intenso, forte.		
Objetos do desejo materiais ou cognitivos	→	Objeto-valor
Honras, lugares honoríficos, riquezas, cargos, dignidades, governos, empregos, fazenda, poder, do que dá superioridade, aquilo que valoriza os bens materiais ou o amor-próprio, posição social, objetivo de ordem superior, determinado objetivo, fortuna.		

Fonte: o próprio autor.

¹⁶ Baseado no método de GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 102.

Devem-se considerar também as ocorrências de parassinônimos, que surgem porque os dicionários não têm grande lastro para fazer as acepções ajuizadas e, por isso, elas se confundem. Portanto, é importante distinguir a ambição dos sentimentos e paixões que a orbitam. A distinção pode ser feita, por exemplo, com base nas modalidades envolvidas, nos objetos-valor almejados e na tensão da relação conjunta do sujeito com o objeto.

A tensão que rege determinada paixão pode ser considerada excessiva, ou seja, ser acompanhada por um julgamento. Além disso, as diferenças de tensão podem distinguir uma paixão da outra, como demonstram Greimas e Fontanille:

A paixão mede-se assim numa escala em que a moral institui os *patamares* de apreciação: a ligação ao dinheiro pode ser mais ou menos viva; contudo, tendo atingido o patamar moral, ela torna-se avareza. O patamar não é, no entanto, uma fronteira entre uma não-paixão e uma paixão, mas entre duas formas passionais, que o dicionário, em sua própria nomenclatura, chama respectivamente de um “sentimento” e de uma “paixão”. Por outro lado, [...] essa escala de intensidade e esse patamar moral aparecem em superfície como meio de normalização da paixão [...] (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 102–103).

As palavras “anelo” e “aspiração”, por exemplo, não são paixões, caracterizam apenas um desejo intenso por algo indeterminado. Os parassinônimos cobiça, cupidez e ganância, no entanto, representam paixões. O lexema “cobiça” deriva do termo latino *cupiditas* e aparece como “forte desejo de possuir algo” no *Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse* (2007, p. 274). Nessa consideração, cobiça nada divergiria de anelo ou aspiração. No mesmo dicionário, a segunda acepção apresenta a cobiça como “desejo imoderado, desmedido, de riquezas” (LAROUSSE, 2007, p. 274). Sob esse ângulo, a ambição, que engloba em seu desejo tanto riquezas quanto glória, seria, também, cobiça. Já a cobiça, sendo apenas o desejo por riquezas, não configuraria a ambição como um todo.

Todavia, no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (1996–1999), a definição de cobiça é “desejo imoderado e inconfessável de possuir (o que, geralmente, não se merece)” (PRIBERAM, 2008–2013). Sob esse ponto de vista, o lexema cobiça deixa de ser tão semelhante ao anelo ou à ambição, pois abrange julgamentos de valor que seus parassinônimos não abrangem.

A cupidez, por sua vez, é definida como: “desejo, cobiça (esp. de bens materiais)” (HOUISS, 2008), e mantém estreita relação com a ganância, cujo

significado é dado como “desejo exacerbado de ter ou de receber mais do que os outros”. A diferença entre ganância e ambição está no que assemelha ganância à cupidez: ganância tem raiz etimológica espanhola, que remete a ganho, lucro (HOUAISS, 2008). Dessa forma, cupidez e ganância estão relacionadas a um forte desejo por bens materiais. Não dão conta, portanto, das significações de ambição como desejo por glória.

Considerando os levantamentos culturais e lexemáticos, a ambição tem a modalidade do querer-ser, que é excessivo, por objetos de desejo. Estes podem ser acumuláveis, isto é, “poder ser conjunto em vários exemplares a um mesmo sujeito” (fazenda, dinheiro), ou não-acumuláveis (honra). Consumíveis (poder) ou não-consumíveis, “não poder ser destruído pela conjunção com um sujeito”, “poder ser conjunto com um sujeito n depois de ter sido conjunto a um sujeito (n – 1)”, (fazenda, riquezas). (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 108).

Contudo, a consulta aos dicionários não define de fato a paixão, ele apenas colabora para a elucidação do termo, assim como o levantamento cultural serve para encontrar modelos de previsibilidade. O estudo do sujeito patêmico e a caracterização da ambição dependem, sobretudo, do discurso analisado.

3 ANÁLISE DO CORPUS: A AMBIÇÃO EM MPBC

Afirmar sobre a considerável presença da paixão *ambição* no personagem Brás Cubas é perfeitamente possível, pois, BC é conhecidamente um anti-herói, de caráter duvidoso. Diversas vezes, no romance, ele apresenta sinais explícitos de *ambição*. Em outros momentos, esses sinais são mais sutis, implícitos no discurso.

Perscrutando os capítulos anteriores, pode-se observar que o ambicioso é, primeiramente, alguém que quer-ser. Muitas vezes, o ter é um possibilitador para o ser, um objeto-modal: ter dinheiro para ser poderoso, por exemplo. A *ambição*, segundo os dicionários, apresenta aspecto durativo, considerando que os objetos de desejo dos ambiciosos são objetivos de longo prazo: fama, prestígio, reconhecimento social, tradição. Além disso, a *ambição* é uma paixão que “se origina da necessidade” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 26), ou seja, da falta, é uma paixão da ordem do querer.

Como proposto anteriormente, o querer é, ainda, descrito por Schopenhauer de forma viciosa, pois, a felicidade advinda da satisfação de um desejo é pontual e logo substituída por outro desejo. O filósofo afirma ainda que “satisfação duradoura e permanente objeto algum do querer pode fornecer” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 26). Considerando que o objeto de desejo da *ambição* de BC é o prestígio social, não se pode definir efetivamente quando ocorre essa conjunção com o prestígio, pois ele pode ser local, regional, nacional ou internacional. Ademais, o querer do ambicioso é insaciável, pela própria natureza da *ambição*. O indivíduo continua a desejar atingir os níveis seguintes de prestígio existentes no contexto em que está inserido.

A *ambição* em BC não tem como alvo, objeto-valor, o dinheiro, mas o poder e o sucesso. O personagem sempre foi rico, como se evidencia no momento de sua morte: “Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos¹⁷ e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos” (ASSIS, 1994, p. 03). A questão principal aqui, é que por rico, entenda-se milionário. Segundo Anibal de Almeida Fernandes, “em 1860, 1 conto de réis

¹⁷ Segundo Fernandes (2011), “**conto de réis** é uma expressão adotada no Brasil e em Portugal para indicar um milhão de réis. Sendo que um **conto de réis** correspondia a mil vezes a importância de um mil-réis que era a divisionária, grafando-se o conto por **Rs 1:000\$000**” (FERNANDES, 2011, s/p, grifo do autor).

(1:000\$000) comprava 1 kg. de ouro”¹⁸, (FERNANDES, 2011, s/p), pois a moeda teve seu período forte entre 1840 e 1870. BC faleceu “às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869” (ASSIS, 1994, p. 03), isto é, com a moeda ainda em alta. Tinha o equivalente a 300 kg de ouro. Fernandes considera o preço da grama do ouro a R\$90,00, multiplicando-se por 300.000 g de ouro, a sua fortuna equivaleria a 27 milhões de reais, o que, mesmo para os nobres da época, era um bom montante:

Tabela 2 – Fortunas em contos de réis

Muito pequenas	Até 200\$000 réis
Pequenas	201\$000 reis a 1conto
Médias/baixas	1:100\$000 a 2 contos
Médias	2:100\$000 a 10 contos
Médias/altas	10:100\$000 a 50 contos
Grandes/baixas	50:100\$000 a 200 contos
Grandes/médias	200:100\$000 a 500 contos

Fonte: FERNANDES (2011).

Outra consideração importante é que, historicamente, BC tinha montante financeiro suficiente para ser nobre:

Pela tabela de **2/4/1860**, ser nobre no Brasil custava em contos de réis: Duque: 2:450\$000 = R\$220.500,00; >> Marquês: 2:020\$000 = R\$181.800,00; Conde: 1:575\$000 = R\$141.750,00; >> Visconde: 1:025\$000 = R\$92.250,00; >> Barão: 750\$000 = R\$67.500,00. (FERNANDES, 2011, s/p, grifo do autor).

Dessa forma, observa-se que não é a falta de recursos monetários que impedem Cubas de ser deputado ou marquês. As pistas do texto sugerem que BC padeça, assim como sua família, da frouxidão da vontade. Além disso, ele apresenta, por vezes, um estado melancólico. Sob esses dois males, BC nunca busca as competências necessárias para colocar seus projetos em prática. Por exemplo, apesar de BC ter dinheiro suficiente para desenvolver-se na carreira política e desejar isto, ele não soube fazer um discurso político coerente.

Segundo Teixeira, as peculiaridades da narrativa regidas pela

¹⁸ De acordo com Fernandes (2011): “**1840>a>1870**: foi o apogeu econômico do **Império** com o dinheiro **MUITO** forte: nesse contexto todos os dados econômicos e as fortunas dos 4 fazendeiros abaixo analisados são **da década de 60 do séc. XIX** e, para haver similitude de valores, eu usei para a atualização monetária (séc. XXI), o valor da gr. (sic) de ouro a R\$ 90” (FERNANDES, 2011, s/p, grifo do autor).

ambição de BC “formam um livro de fofocas póstumas, com grande diferença das fofocas dos vivos: à medida que difama os amigos e inimigos, acusa, aos risos, os seus próprios defeitos” (TEIXEIRA, 1987, p. 87). Quando BC descreve o cunhado Cotrim, defendendo suas maneiras duras e sua sovinice no enunciado, ele está criticando o cunhado e expondo a nobreza escravocrata, da qual faz parte, na enunciação. Segundo Calbucci, BC compõe um retrato moral cruel do cunhado, pois:

O teor corrosivo da ironia expressa neste capítulo advém também dos argumentos pouco sérios que o narrador apresenta para desfazer a impressão negativa que Cotrim despertava em algumas pessoas. Para rebater a avareza, transforma-a em “exageração de uma virtude”; para rebater a crueldade, transforma-a em necessidade da profissão, além de admitir, sarcasticamente, a validade das teorias deterministas (“não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais”); para comprovar seus “sentimentos pios”, cita o amor aos filhos como se fosse algo surpreendente e fala sobre sua participação em irmandades, sugerindo que essas irmandades apenas faziam recrudescer a vaidade do cunhado, cujo retrato a óleo foi tirado; por fim, para rebater a mania de tornar públicas suas ações assistenciais, disfarça-a no nobre “fim de espertar a filantropia dos outros”. (CALBUCCI, 2007, p. 117 – 178).

Calbucci arremata: “esse tipo de ironia é o que vamos chamar de ironia do narrador, já que Brás é o responsável por ela, embora o enunciador a corrobore” (CALBUCCI, 2007, p. 179). BC, no futuro, é vítima de sua própria ironia, pois desenvolve um comportamento muito similar ao de Cotrim.

Freitas afirma que alguém morto, fora da sociedade e de suas regras, “não se preocupa com a incompatibilidade entre verdade e vantagem”, no entanto, a narrativa hiperbólica de BC vai de encontro a esse pensamento.

A história de um homem que andou à roda da vida, sofreu e divertiu-se. Um homem complexo, vaidoso, introspectivo que fala de sua vida após ter morrido de forma polidamente cínica e contundente. Suas confissões são uma análise da existência, a intimidade do ser permanentemente decomposta. Revela-se, pois independente da crítica alheia, bem como pode levantar suspeitas, ridicularizar e dizer a verdade, já que, morto, não se preocupa com a incompatibilidade entre verdade e vantagem. (FREITAS, 2001, p. 67).

Se BC pode se revelar, “independente da crítica alheia”, não há motivos para ele preencher apenas com reticências o capítulo CXXXIX “De como não fui Ministro d’Estado”. No entanto, movido por ambição, mesmo após sua morte,

BC superestima os sucessos e esconde os fracassos do passado, em uma tentativa derradeira de alcançar a nomeada por meio da escrita do livro.

O próximo subitem analisa as origens da ambição, do amor da glória de BC, milionário excêntrico, que podia tudo em vida, mas não realizou nada. Deixando como único legado um livro póstumo, registro irônico de sua ambição frustrada.

3.1 AS ORIGENS DA AMBIÇÃO EM BRÁS CUBAS

“Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.”

A ambição é uma paixão que não se vê na natureza, no mundo animal, como o medo, por exemplo. Destarte, pode-se considerá-la uma paixão cultural. Assim, o indivíduo vai desenvolvê-la em contato com determinada cultura, com a sociedade, ou seja, eventos socioculturais desencadearam em BC o estado de alma da ambição. Essa paixão não aparece como traço de personalidade, não é uma característica intrínseca. O comportamento de BC é condicionado pelo meio em que está inserido. Sua ambição é fruto desse meio, como se pode observar logo no capítulo III, Genealogia, no qual BC narra o seguinte:

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou —, porque Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha. (ASSIS, 2001, p. 72).

Seu ascendente, Damião Cubas, tinha o ofício de artesão de cubas, tonéis, o que não lhe dava muito lucro, como se observa no trecho “teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria” (ASSIS, 2001, p. 72). Todavia, Damião não se conformou, pelo contrário, lutou contra a obscuridade. Damião era um sujeito em disjunção com o dinheiro, objeto-modal, e com o

prestígio, objeto-valor. No entanto, ele era um sujeito atualizado, queria, sabia e podia realizar a *performance*. Assim, trabalhou e administrou bem o fruto do seu trabalho e conseguiu formar um filho e lhe deixar um patrimônio de herança.

Deixar herança caracteriza a realização da *performance* quanto ao objeto-modal dinheiro. Entretanto, quanto ao objeto-valor, prestígio social, a *performance* não foi realizada. Ele é lembrado como tanoeiro, como trabalhador braçal e sua descendência continua caracterizada como sujeito da falta, no caso, de tradição, prestígio. Continuam com sede de nomeada. Ademais, a *performance* do ambicioso depende dos olhos do outro, de uma sanção positiva, e Damião não conquistou esse reconhecimento nem em seu próprio círculo familiar, que o renega.

Essa postura da família Cubas é consequência do valor que ela atribui ao prestígio social: Damião conseguiu enriquecer, alcançou dinheiro e posses, mas tinha o *status* social de trabalhador braçal, enquanto seu filho, Luís Cubas era estudado, fez carreira no estado e era amigo de poderosos, até do vice-rei. Tinha destaque e prestígio social. Renegando Damião, a família ignora, inclusive, que o objeto-modal para que Luís alcançasse o objeto-valor prestígio era o dinheiro do pai. Mesmo assim, apenas os atributos prestigiosos de Luís Cubas não eram suficientes para suprir a falta de tradição da família Cubas. Visando entrar em conjunção com o objeto-valor prestígio social, o pai de BC mente sobre suas origens:

Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto de Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um calembur. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas. (ASSIS, 2001, p. 72).

A ambição, a sede de prestígio, era tão intensa, que o pai de BC tenta se apropriar do prestígio alheio dando o nome de um famoso para o filho. Intenta falsificar suas origens ao aproximar sua família da linhagem histórica de um

fidalgo, fundador de uma vila e detentor de um cargo importante, que remete a poder, tradição, prestígio.

O pai de BC espera reconhecimento social por ser rico e por achar-se merecedor, nobre. Como a sociedade não o vê da mesma forma, ele precisa parecer mais nobre, para persuadi-la a reconhecê-lo. O pai de BC é um sujeito da espera. Sua espera é fiduciária: ele simula a conjunção da família com objetos modais heroísmo, tradição, poder. Quanto mais nobre sua família for, no seu simulacro, mais a sociedade tem o dever de reconhecer essas características da nobreza e atribuir prestígio. Assim, o sujeito do fazer é a sociedade que, no simulacro criado por ele, deve reconhecer essas vitórias, objetos-modais e lhes atribuir o objeto-valor prestígio social. Diante disso, verifica-se que a realização da *performance* do ambicioso depende da sua imagem diante do grupo e do olhar do outro, ou seja, de uma sanção positiva.

Valdira Meira Cardoso de Souza pergunta: “O que subjaz nas atitudes obsessivas de busca de glória?” (SOUZA, 2007, p. 71). Ela mesma responde:

Nossa resposta se baseia na hipótese de que, ao buscarmos a glória, as personagens buscam a construção de uma imagem social vencedora, porque por meio dela obtêm a celebridade, visto que longe do olhar do outro/espectador, nada tem importância para aquelas que desejam brilhar. (SOUZA, 2007, p. 71).

Não é possível ter poder, tradição, fama ou prestígio social sozinho. Obtê-los depende da *sanção* positiva da sociedade sobre os *objetos modais* adquiridos, no caso da família de BC, sobre os talentos dos sujeitos. Por causa disso, para o ambicioso, não há importância no que se é feito no ambiente privado, mas apenas no ambiente público. Assim, no privado o sujeito pode ser o que realmente é, enquanto que no público, o sujeito deve parecer digno de admiração. Quando desmascarado pela família do homônimo histórico do filho, o pai de BC não conseguiu manter-se no eixo do parecer, que o aproximava da linhagem de um fidalgo e do prestígio, voltando ao eixo do ser, que o liga ao trabalhador e à vulgaridade. Não consegue, assim, realizar a *performance*, obter reconhecimento social.

O progenitor de BC recorre à outra inventiva sobre as suas origens que alude à heroicidade. Nessa versão, Damião Cubas teria sido cavaleiro, herói, e recebera o apelido Cubas não pelo ofício de construí-las, não pela tanoaria, mas

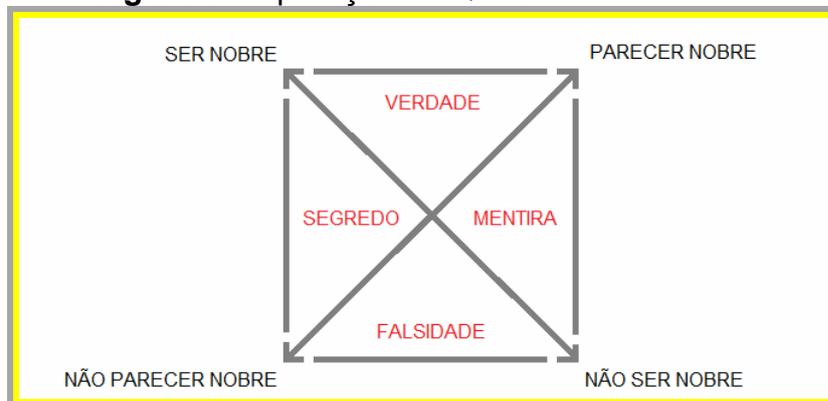
pela façanha de ter arrebatado “trezentas cubas aos mouros” (ASSIS, 2001, p. 72). Por meio dessas histórias, ele se afasta do tanoeiro, representado pelo trabalhador, o popular, o vulgar e aproxima-se do prestígio social, proveniente do brio, da bravura, do heroísmo. No entanto, não é possível que ele mude suas origens, mas, apenas, que as dissimule. Os Cubas machadianos não são descendentes de um Damião herói nas jornadas africanas, ainda que recorram a dissimulações para parecerem.

Quando o pai de BC tenta parecer da família do capitão-mor, ele tenta manipular a sociedade, para fazê-la crer, acreditar na veridicção da sua nobreza; e fazê-la fazer: tratá-lo com as honrarias devidas aos nobres.

A ambição, nesse caso, apresenta-se de forma complexa: a sociedade passa por um sincretismo de papéis: por um lado, somente ela pode levar o ambicioso ao reconhecimento. Todavia, para isso, o ambicioso precisa convencê-la de sua nobreza. Com suas pequenas vitórias devidamente reconhecidas, a sociedade passa a ser quem analisa o conjunto da vida do sujeito, a sua nobreza. Assim, a sociedade passa a exercer o papel de sujeito sancionador, que pode aprovar o ambicioso com o reconhecimento ou reprová-lo com a indiferença. Assim, a sociedade é, ainda, um actante coletivo.

O pai de BC tenta convencer a sociedade da veridicção das suas origens nobres, mas não consegue. Aplicando o quadrado semiótico apresentado por Greimas e Courtès (1979, p. 367), podem-se observar as relações entre o ser e o parecer, articuladas pelo pai de BC:

Figura 4 – Aplicação do Quadrado semiótico.



Fonte: o próprio autor.

Verdade – é nobre e parece ser.
 Mentira – parece nobre, mas não é.
 Falsidade – não parece nobre e não é.
 Segredo – é nobre, mas não parece ser.

Dessa forma, o pai de BC tenta fazer o outro crer em sua mentira, pois ele não é nobre, mas tenta parecer. Quando, desmascarado, a falsidade é revelada, ele não é, nem parece ser nobre, portanto, não consegue realizar a *performance* de fazer a sociedade reconhecer a sua nobreza. Ou seja, não consegue manipular a sociedade a dar-lhe reconhecimento.

BC afirma que, com essa história, seu pai “escapou à tanoaria nas asas de um calembur” (ASSIS, 2001, p. 72). De um trocadilho, portanto, infere-se que o pai de BC conseguiu manter-se no eixo do parecer e desvincular-se da simplicidade do ascendente trabalhador braçal. No entanto, não consegue executar a *performance* de obter prestígio.

O protagonista, BC, não faz nenhuma objeção a essa cultura de sua família, pois está em consonância com esse meio. Pelo contrário, quando afirma que o pai escapou nas *asas de um trocadilho*, denota que o pai *alçou voo* e ressalta a sua *esperteza*. Comenta ainda, que o pai era dotado de *bom caráter, dignidade e lealdade*. Porém, BC ironiza o pai ao afirmar e elogiar seu bom caráter, pois os fatos narrados revelam a falta de caráter nas entrelinhas de sua narração. Assim, o texto diz algo no enunciado para significar o oposto na enunciação.

Ainda no que diz respeito ao seu núcleo familiar, no capítulo II, BC comenta sobre dois indivíduos do seu meio familiar que sustentavam opiniões diferentes sobre a ambição, discursivizada como “amor da glória”:

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição. (ASSIS, 2001, p. 71).

Notoriamente, o tio cônego, que parece ostentar uma opinião mais próxima da integridade e do desapego, vive de prebenda inteira, isto é, de renda eclesiástica que, segundo o dicionário *Houaiss* (2011), tem o sentido figurado de ser

conhecidamente uma ocupação de considerável rentabilidade, que exige pouco trabalho. Essa possibilidade cria uma dúvida sobre o desapego apregoado pelo tio cônego de BC, que parece ter uma visão negativa da ambição. O tio oficial, por outro lado, proclama seu apoio à ambição, mantendo uma visão positiva sobre ela. Apesar da dúvida lançada, não existem evidências no trecho que indiquem se os tios realmente são o que divulgam. Alguns capítulos depois, no capítulo X, é contado o nascimento de BC e pode-se observar os apontamentos dos mesmos tios sobre o recém-nascido:

Cada qual prognosticava a meu respeito o que mais lhe quadrava ao sabor. Meu tio João, o antigo oficial de infantaria, achava-me um certo olhar de Bonaparte, coisa que meu pai não pôde ouvir sem náuseas; meu tio Ildefonso, então simples padre, farejava-me cônego.

— Cônego é o que ele há de ser, e não digo mais para não parecer orgulho; mas não me admiraria nada se Deus o destinasse a um bispado... É verdade, um bispado; não é coisa impossível. (ASSIS, 2001, p. 86).

O tio oficial, declaradamente favorável à ambição, antevia a BC um futuro prestigioso, pois o sobrinho tinha traços semelhantes ao de Napoleão Bonaparte, líder político, integrante das forças armadas, imperador da França, todas características que remetem ao prestígio. Assim, ele espera que BC tenha o sucesso que ele mesmo não teve como oficial. Quer que BC supra a sua falta de prestígio em sua área, que seja maior que ele e que todos, que seja um Napoleão.

O tio cônego, por sua vez, conjectura que o destino de BC pode vir a ser um bispado, algo mais modesto frente à opinião do tio oficial, no entanto, prestigioso no contexto canônico. É um cargo que o tio, “simples padre”, não conseguiu. Ele também sente falta de prestígio e espera que BC supra essa falta.

Denota-se, nesse trecho, que ambos os tios preveem um futuro de sucesso para BC, com mais realizações do que eles mesmos conseguiram lograr. Desse modo, os familiares projetam suas ambições no pequeno BC, anseiam que, no futuro, ele alcance a tradição, o prestígio que nem a sua geração da família, nem as gerações anteriores conseguiram. Portanto, os tios de BC têm expectativas, assim como o pai de BC, de que o recém-nascido agregue o prestígio à família, sendo superior ao que eles foram. Para isso, os tios criaram um simulacro, uma ilusão de que BC nasceu com as características necessárias a um cidadão notável.

O nascimento de BC e as expectativas dos tios sobre ele restauraram a confiança perdida de seu pai, que teve sua espera frustrada quando a sociedade não correspondeu aos feitos mentirosos de sua família com o desejado prestígio social. Mesmo respondendo aos tios com certa modéstia, o pai de BC já atribui ao recém-nascido características referentes à glória: “Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse; e alçava-me ao ar, como se intentasse mostrar-me à cidade e ao mundo; perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inteligente, bonito...” (ASSIS, 2001, p. 86).

Os padrinhos de BC também foram escolhidos, buscando associar os Cubas ao sucesso e à tradição, como se observa no capítulo X:

Batizei-me na igreja de São Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o coronel Rodrigues de Matos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas famílias do norte e honravam deveras o sangue que lhes corria nas veias, outrora derramado na guerra contra Holanda. (ASSIS, 2001, p. 86).

Não obstante, as ilusões e expectativas depositadas no filho aumentam frente aos elogios (sanções cognitivas positivas) que o pequeno recebia a respeito de tarefas realizadas na infância. Os progressos de BC louvados pelo círculo familiar, pelas visitas, satisfazem a ambição de seu pai à curto prazo, como um reconhecimento social em um microuniverso, o da vizinhança, e mudam seu estado de alma para a paixão do orgulho:

Cuido que os nomes de ambos foram das primeiras coisas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa estranha diante de quem me não obrigassem a recitá-los.

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

— Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor Coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora D. Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.

— É muito esperto o seu menino! exclamavam os ouvintes.

— Muito esperto, concordava meu pai, e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava-me longo tempo, namorado, cheio de si. (ASSIS, 2001, p. 86–87).

Desse modo, cria-se um ciclo vicioso que começa com a ambição e com as expectativas (espera fiduciária). Devido ao fato do pequeno BC demonstrar

talento e receber elogios, reconhecimento, origina-se o orgulho que, por sua vez, reforça a ideia de que BC pode vir a ser um grande homem, ou seja, reforça as expectativas sobre seu futuro, alimentando ainda mais a ambição do pai.

O pai de BC acredita ser nobre: “Meu pai, que, à força de persuadir os outros da nossa nobreza, acabara persuadindo-se a si próprio” (ASSIS, 2001, p. 90). Esse crer-ser aumenta a espera do pai, pois quanto mais ele acredita merecer reconhecimento, mais espera ser reconhecido. O crer-ser também intensifica as expectativas do pai sobre BC, visto que o progenitor mantém altas expectativas sobre o filho, de que o pequeno consiga fazer coisas importantes na vida. Para que BC assuma esse papel, seu pai precisa manipulá-lo a isso.

Na infância, a tática de manipulação que ele utiliza é a da sedução, ele atribui valores positivos ao filho. Nesse trecho, isso se sucede pelo reforço positivo: “— Muito esperto, concordava meu pai, e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava-me longo tempo, namorado, cheio de si” (ASSIS, 2001, p. 86).

Na narração de seu nascimento, BC comenta que ignora os pormenores, visto que ouvira os relatos anos depois. Presume-se, dessa forma, que a família narrou os acontecimentos, repletos de expressões que remetem à glória e à nobreza, como destaca-se no excerto abaixo:

Nasci; recebeu-me nos braços a *Pascoela*, *insigne parteira* minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma *geração inteira de fidalgos* [...] Digo essas coisas por alto, segundo as ouvi narrar anos depois; ignoro a mor parte dos pormenores daquele *famoso dia*. Sei que a *vizinhança veio ou mandou cumprimentar* o recém-nascido, e que durante as primeiras semanas *muitas foram as visitas* em nossa casa. *Não houve cadeirinha que não trabalhasse; aventou-se muita casaca e muito calção*. Se não conto os *mimos, os beijos, as admirações, as bênçãos, é porque, se os contasse, não acabaria mais o capítulo*, e é preciso acabá-lo. (ASSIS, 2001, p. 86).

O mesmo observa-se na breve, mas nada modesta, descrição do batizado: “Item, não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi *uma das mais galhardas festas* do ano seguinte” (ASSIS, 2001, p. 86, grifo nosso). A expressão em destaque refere-se claramente ao tema da nobreza.

Nesse contexto familiar, sempre se espera de BC grandes feitos mesmo que, para isso, seja preciso ir contra a natureza:

Comecei a andar, não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressar a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar às cadeiras, pegavam-me da fralda, davam-me carrinhos de pau. — Só só, nhonhô, só só, dizia-me a mucama. E eu, atraído pelo chocalho de lata, que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, cai aqui, cai acolá; e andava, provavelmente mal, mas andava, e fiquei andando. (ASSIS, 2001, p. 87).

Paul Dixon considera esse episódio a grande analogia da vida de BC. Na infância, é estimulado pela família a perseguir o chocalho brilhante e barulhento de lata e é atraído por ele. Da mesma forma, durante toda a vida de BC, sua família chacoalha objetos que representam prestígio e glória até ele ser atraído por eles:

O capítulo do chocalho representa a transferência do desejo mimético de uma geração para a outra. Os adultos na família de Brás Cubas, que passaram a vida imitando os desejos e projetos de modelos superiores, agora querem fazer o filho recém-nascido um novo imitador. [...] são fantasias egoístas, pois cada um se lisonjeia com a possibilidade de que os desejos do menino serão modelados por ele. Sonham com a possibilidade de passar de imitador para imitado. (DIXON, 2009, p. 106).

Dessa forma, o pequeno BC segue o chocalho, caindo e levantando na direção da sua família, “seu público”: “Cada pessoa no grupo, interessada no menino, também nutre um interesse próprio — um desejo pessoal que deve ter sido o produto da imitação de uma figura dominante no passado” (DIXON, 2009, p. 106). Diante dessa cena,

Cada um vê agora a possibilidade de se tornar o padrão pelo qual o menino seguirá seus próprios desejos. Cada qual empenha-se em começar a caminhada, mesmo que seja “antes do tempo”. A criança anda num curso inseguro, desequilibrado, em parte porque sua atenção está dividida entre o objeto, o chocalho, e os mediadores deste desejo. O olhar do menino é duplo, alternando entre o chocalho e os adultos a seu redor. Esta alternância perceptual, oscilação do desejo mediado, ligada às duas faces da “medalha” já mencionada, é ainda outra versão do vaivém que constitui o movimento essencial do romance em diversos níveis. (DIXON, 2009, p. 106–107).

Assim, paulatinamente, BC vai sendo tomado pela ambição: a primeira manifestação observada é quando ele acredita ser mais poderoso que Napoleão porque tinha um espadim novo, enquanto Napoleão caíra do poder e não tinha mais espada alguma. Nesse caso, a posse de um espadim faz BC crer-ser poderoso:

Chegando ao Rio de Janeiro a notícia da primeira queda de Napoleão, houve naturalmente grande abalo em nossa casa, mas nenhum chasco ou remoque. Os vencidos, testemunhas do regozijo público, julgaram mais decoroso o silêncio; alguns foram além e bateram palmas. A população, cordialmente alegre, não regateou demonstrações de afeto à real família; houve iluminações, salvas, tédum, cortejo e aclamações. Figurei nesses dias com um espadim novo, que meu padrinho me dera no dia de Santo Antônio; e, francamente, interessava-me mais o espadim do que a queda de Bonaparte. Nunca me esqueceu esse fenômeno. Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão. (ASSIS, 2001, p. 90).

Não apenas a ambição de BC é fruto do seu meio familiar, mas diversos dos seus comportamentos, como o capítulo XI enuncia “O menino é o pai do homem”, e os reforços ou as reprovações aos comportamentos da meninice interferem no desenvolvimento do caráter da personagem. BC era extremamente mimado pelo pai, que aprovava seu mau comportamento e suas travessuras como forma de afirmar a impunidade da classe social dominante:

[...] o pai namora-se no filho, sobretudo em seus malfeitos, que funcionam como extensão graciosa da impunidade do primeiro. Atropelar a dignidade do próximo e viver como manda o capricho são condutas que parecem indicar uma existência acima da lei. (SCHWARZ, 1990, p. 125).

BC não aceitava receber uma negativa: o trecho abaixo é bem óbvio quanto a essa característica. Ao ser contrariado, BC, privado de ter seu desejo pelo doce de coco realizado, desenvolve a paixão da ira e quebra a cabeça da escrava (sanção pragmática negativa). Desejando maior punição para o sujeito que o impediu de ter o que queria, BC muda seu estado de alma para o da vingança: sabota o doce e mente para a mãe, que representa um sujeito-julgador com mais poder que ele:

Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. (ASSIS, 2001, p. 87).

BC era cruel, narra sem nenhum resquício de arrependimento as crueldades que fazia a Prudêncio, por prazer:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!". (ASSIS, 2001, p. 87).

BC era egocêntrico, vingativo e calculista: no jantar em comemoração à queda de Napoleão, havia um glosador, Vilaça, que foi o centro das atenções da festa:

— Trás... trás... trás... fazia o Vilaça batendo com as mãos uma na outra. O rumor cessava de súbito, como um estacado de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador. Quem ficava longe aconchegava a mão atrás da orelha para não perder palavra; a mor parte, antes mesmo da glosa, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e cândido. (ASSIS, 2001, p. 92).

Nas notas de fim da versão anotada e comentada de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2001), publicada pela editora Ateliê Editorial, Antônio Medina Rodrigues afirma que "Vilaça fora o dono da festa, menos para a gula reprimida de Brás Cubas" (*in*: ASSIS, 2001, p. 275). Por conseguinte, os comentários de BC demonstram mais que mera gula, mas, sinais da sua egocentricidade. Durante toda a narração acerca do glosador, BC destaca o quanto Vilaça estava recebendo atenção, sendo aplaudido, ouvido, mimado, pois "a mor parte, antes mesmo da glosa, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e cândido" (ASSIS, 2001, p. 92). A inveja fica evidente na forma em que Vilaça é retratado, sempre com adjetivos positivos e a atenção de todos, era o centro da festa. Depois do glosador, tomavam a atenção do pai a alegria dos convidados, todos os detalhes da festa, mas nunca o pequeno príncipe mimado, BC. Vilaça estava reinando no território de BC, que se sente solitário e deslembado, não apenas com fome ou com desejo pelo doce:

Quanto a mim, lá estava, *solitário e deslembado*, a namorar certa compota da minha paixão. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intata. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, *saboreava* a goles extensos a *alegria dos convivas*, mirava-se todo nos carões alegres, nos pratos, nas flores, deliciava-se com a *familiaridade travada entre os mais distantes espíritos*,

influxo de um bom jantar. Eu via isso, porque *arrastava os olhos da compota para ele e dele para a compota*, como a pedir-lhe que ma servisse; *mas fazia-o em vão. Ele não via nada; via-se a si mesmo*. E as glosas sucediam-se, como bâtegas d'água, obrigando-me a recolher o desejo e o pedido. Pacientei quanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim bradei, berrei, bati com os pés. *Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lho exigisse*, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde. A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e entregara-me a uma escrava, não obstante os meus gritos e repelões. (ASSIS, 2001, p. 92–93, grifo nosso).

Mesmo com um comportamento condenável, BC conseguiu convencer o pai a lhe dar o doce. Esse estado de espera de BC sobre o pai deriva dos precedentes abertos pela relação que mantinham, o que se percebe na afirmação: “Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lho exigisse” (ASSIS, 2001, p. 93). Toda a família de BC, exceto a tia Emerenciana, era suscetível aos caprichos de BC, o que o tornou extremamente mimado. Acostumado a ter suas vontades feitas, sentia sua honra ferida quando não era assim, tornando-se calculista e vingativo:

Não foi outro o delito do glosador: retardara a compota e dera causa à minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, coisa que de alguma maneira o tornasse ridículo. Que ele era um homem grave o Dr. Vilaça, medido e lento, quarenta e sete anos, casado e pai. Não me contentava o rabo de papel nem o rabicho da cabeleira; havia de ser coisa pior. Entrei a espreitar durante o resto da tarde, a segui-lo, na chácara, aonde todos desceram a passear. Vi-o conversar com D. Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta donzelona, que, se não era bonita, também não era feia. (ASSIS, 2001, p. 93).

Vale ressaltar que Vilaça era casado e se encontrou às escondidas com D. Eusébia, donzela, solteira, travando o seguinte diálogo testemunhado por BC:

— Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que idéias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

D. Eusébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum pedaço literário e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu.

— Não chores, meu bem; não queiras que o dia amanheça com duas auroras.

Disse isto; puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos. (ASSIS, 1994, p. 20).

Diante dessa situação, o pequeno BC percebe uma situação conveniente para vingar-se e o faz:

— O Dr. Vilaça deu um beijo em D. Eusébia! bradei eu correndo pela chácara.

Foi um estouro esta minha palavra; a estupefação imobilizou a todos; os olhos espraivavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, à socapa, as mães arrastavam as filhas, pretextando o sereno. (ASSIS, 2001, p. 93–94).

O comportamento de infidelidade de Vilaça fere mais o sistema de valores sociais do que o surto de gula e inveja de BC, ou mesmo que a indiscrição de anunciar o ocorrido a todos da festa. Mesmo assim, o pai de BC, segundo as convenções sociais, deveria ser o juiz do filho e puni-lo quando vai contra o sistema de valores sociais (sistema deontológico) em que está inserido, ou seja, respeitar as convenções sociais, as regras de convivência e de ética. Entretanto, seu pai procura, apenas, parecer um pai disciplinador, que se irrita quando está em público, mas, quando está em ambiente privado, no eixo do ser, mostra-se permissivo e orgulhoso do filho, que rompe com as regras: “Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indiscrição; mas no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir: Ah! brejeiro! ah! Brejeiro!” (ASSIS, 2001, p. 94).

Em outra ocasião, o próprio BC admite seu mau comportamento e comenta a permissividade do pai:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. [...]

— Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos. (ASSIS, 2001, p. 87–88).

BC era temperamental: comenta que é governado pelos nervos e o sangue, analogia que remete ao tema dos sentimentos, ao nervosismo, à irritação. O pai responde a essa personalidade novamente com permissividade e orgulho:

Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: — Ah! brejeiro! ah! brejeiro! (ASSIS, 2001, p. 88).

BC assume, explicitamente, que a educação que sua família lhe empregava era deveras insuficiente e falha, fato que era percebido por seu tio cônego:

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio. (ASSIS, 2001, p. 88).

Não obstante, a frouxidão dos pais quanto à disciplina de BC, outro fator que influencia a sua personalidade e a origem da sua ambição são os valores que permeiam todo o seu contexto familiar:

O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor. (ASSIS, 2001, p. 90).

Nesse trecho, os familiares de BC são explicitamente considerados ambiciosos, pois têm “amor das aparências rutilantes”. Segundo o Houaiss (2011), rutilante: “luzente, cintilante”, “cujo brilho chega a ofuscar”. Com isso, a família Cubas aprecia demasiadamente a ostentação, a imagem gloriosa pública, o prestígio social; além disso, são dominadas pelos caprichos. Outro ponto importante é a característica “frouxidão da vontade” que BC atribui a seus familiares, visto que a sua ambição geralmente é acompanhada desse mesmo defeito, principalmente na idade adulta. A falta de motivação, de força de vontade, faz com que BC não corra

atrás do que quer, sendo, na maior parte das vezes, incapaz de lutar pelo que deseja. Ademais, a permissividade, a amoralidade e a frouxidão da vontade da família colaboram para BC desenvolver a volubilidade, que o acompanha por toda a vida, nas palavras de Schwarz

Por seu lado, a escravaria oferece campo propício às brutalidades e caprichos do Brasinho, que aliás atingem também as visitas da casa, cuja reação complacente possivelmente se deva à proeminência da família Cubas. É óbvia em cada uma destas relações a ofensa a certo ideal de razão, dignidade e firmeza interior. No todo, um ambiente composto só de defeitos de que a volubilidade de Brás – insuficiência ela também – pareceria o fruto natural. (SCHWARZ, 1990, p. 123).

Compreender seu contexto familiar é fundamental para compreender BC, já que seu senso de justiça e de ética originou-se do exemplo familiar. Sua conduta e personalidade também derivam desse contexto, fruto da regra oligárquica à qual BC se submeterá a vida toda:

Os dois Cubas conformam-se estritamente à regra da oligarquia, a saber, na circunstância, casamento arranjado, filhotismo político e horror aos pobres, além de pretenderem ao estatuto de adiantados (“meu pai (...) aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado”). Ainda uma vez o desrespeito à lei, o conformismo oligárquico e a presunção moderna andam juntos. Como de hábito, a inviabilidade da aliança só se pode passar por alto graças à convivência de classe. (SCHWARZ, 1990, p. 125–126).

No entanto, BC considera que seu comportamento de adulto não reflete exatamente a sua infância:

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras. (ASSIS, 2011, p. 88).

Implicitamente, a ambição toma forma no discurso de BC. Sob influência de sua família, principalmente de seu pai, que lança sobre BC muitas expectativas e reforço positivo sobre seu potencial, o pequeno começa a crer-ser nobre e superior aos seus. Isso é observável no trecho: “mas opinático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui” (ASSIS, 2011, p. 88).

BC é presunçoso, nutre uma opinião muito favorável sobre sua própria imagem, como se percebe nos trechos: “Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão” (ASSIS, 2001, p. 90) e “dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor” (ASSIS, 2001, p. 90).

No primeiro trecho, BC demonstra acreditar em uma ilusão, na qual sua família é maior e mais nobre que Napoleão Bonaparte. No segundo, BC afirma-se superior à sua família, que é terra e estrume, matéria bruta, enquanto ele é a flor, o produto acabado, o sofisticado. Sua autoestima é deveras grande: ele crê-ser superior a sua família, que crê-ser superior a Napoleão. No entanto, essa sofisticação apontada no enunciado, é negada na enunciação, pois soa de forma irônica. Enquanto o narrador se esforça, em sua narrativa hiperbólica, para louvar as qualidades do BC vivo, o enunciador revela a mesquinhez da sua vida, frustrada em todas as suas empreitadas.

Como mencionado anteriormente, acreditar ser nobre, importante, implica um querer-ser reconhecido pela sociedade e/ou pelos pequenos círculos sociais. Isso começa em seguida, na juventude de BC, como é abordado no próximo subitem.

3.2 AMOR E AMBIÇÃO

O amor, como os demais sentimentos em *MPBC*, é regido e condicionado pela ambição. Retomando Rodrigues, “as relações mais íntimas, portanto, têm motivações exteriores” (2001, p. 40), na obra. BC diversas vezes coloca essas motivações acima de sentimentos verdadeiros, como se expende nos próximos subcapítulos. Semioticamente, isso ocorre porque a tensão investida na busca do objeto-valor prestígio social é, geralmente, maior do que a investida na busca do objeto-valor mulher amada.

Na primeira relação amorosa de BC com a prostituta Marcela, o rapaz está realmente apaixonado e expende onze contos de réis, correspondentes a cerca de R\$990.000,00¹⁹, para manter a relação com a moça. Surge, diante disso, a dúvida: alguém que gasta tamanha quantia para manter uma relação amorosa com

¹⁹ Conforme procedimento de cálculo utilizado por Fernandes (2011, s/p), cf. página 77.

uma prostituta pode ser considerado ambicioso? Afinal, o esforço de BC pela relação presume um sentimento verdadeiro de sua parte. Ele parece, nesse contexto, desprendido de dinheiro, o que vai contra uma identidade ambiciosa.

No entanto, é importante ressaltar, novamente, que o dinheiro não é o foco da ambição de BC, mas o prestígio social. Na maioria das vezes o dinheiro não passa de objeto-modal, que o capacita para realizar a *performance* e para manter a relação conjunta com o objeto-valor, como no caso de Marcela. Até porque, mesmo nutrindo sentimentos verdadeiros, BC também é movido por certa vaidade, já que o seu interesse pela moça se intensifica pela existência de um rival. Finalmente, BC também é movido por ambição, pois a moça tem diversas características que trazem glória e reconhecimento ao jovem junto ao círculo dos rapazes boêmios que frequentava. Esse assunto é perscrutado no subitem “3.2.1 Marcela”.

A breve relação com Eugênia não escapa da influência da ambição de BC, todavia a relação não é fruto, mas empecilho para a ambição do protagonista. Veja-se que BC acredita que poderia “amar de veras” (ASSIS, 1994, p. 46), a moça, ou seja, realmente se interessa por ela. Mas esse interesse vai de encontro à sua ambição, pois a moça, além de não ser rica, é filha bastarda e coxa. Como um homem que quer ter uma carreira política de sucesso poderia casar-se com uma moça bastarda e coxa? A resposta é: não poderia. Apesar das diversas características positivas que BC ressalta na moça, a falta de glória da sua condição faz BC abandonar os sentimentos verdadeiros e ir à busca da satisfação de sua ambição. Essa relação é abordada no subcapítulo “3.2.2 Eugênia”.

O relacionamento com Virgília é o mais duradouro da vida de BC. É motivado por ambição, Bento Cubas quer que o filho aceite “as duas Virgílias”, a noiva e o parlamento. Virgília, além de ser a ponte para a candidatura de BC, tem diversas características prestigiosas. Entretanto, essas características não são suficientes para BC desejá-la com afinco, seu interesse é frouxo, ao menos até a moça optar por se casar com outro. Sob essa condição de indisponibilidade, Virgília passa a ser um objeto-valor para BC. Tanto, que passam a ter um caso extraconjugal e BC, indiferente ao provável escândalo, deseja fugir com Virgília, que não aceita. Mesmo ambicioso, BC está disposto a abdicar de sua carreira política para ter a moça unicamente para si. No entanto, a força desse desejo por Virgília só

chega a esse nível quando, para possuí-la, BC precisa tomá-la de um rival para alimentar a sua vaidade. Esse processo é estudado no subitem “3.2.3 Virgília”.

A última relação amorosa de BC é com a jovem Eulália ou Nhã-Loló e também é estimulada pela ambição. A irmã e o cunhado de BC argumentam que, para seu sucesso na vida pública, o protagonista deve casar-se. Convenientemente, a pretendente é sobrinha do cunhado de BC, que deseja ascender socialmente. Apesar de ser pobre e de não ter tradição familiar, Eulália é como BC, esconde as origens humildes e tenta parecer nobre, o que BC considera uma afinidade mais entre eles (ASSIS, 1994, p. 118). Além disso, a moça representa a possibilidade de BC ter um herdeiro, dar continuidade ao nome Cubas e ilustrá-lo ainda mais, como planejava seu pai (ASSIS, 1994, p. 40). Assim, tanto as motivações de BC, quanto as da moça, têm origens na ambição e são abordadas no subcapítulo “3.2.4 Eulália”.

3.2.1 Marcela

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.”

No capítulo XIV, “O primeiro beijo”, tem-se uma das primeiras configurações da ambição em BC. Esse estado de alma começa a tomar BC por causa de um crer-ser, pois, como proposto anteriormente, BC tinha uma opinião deveras favorável sobre si mesmo:

TINHA DEZESETE ANOS; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança, com fumos de homem, se um homem com ares de menino. Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros. (ASSIS, 2001, p. 95–96)

Conforme Rodrigues, “para não dizer simplesmente que ele se mostrava jovial e romântico, [BC] usou a alegoria que fala de botas, esporas, corcel, baladas, castelo etc.” (*in*: ASSIS, 2001, p. 276). Quando BC dá “com ele nas ruas do

nosso século” (ASSIS, 2001, p. 96), o corcel está estafado e é encontrado destruído. Rodrigues afirma que essa imagem tenta “mostrar o caráter antiquado dessa alegoria romântica” (*in*: ASSIS, 2001, p. 275). O BC defunto, que conta da cova a história, zomba da inocência e suscetibilidade da sua juventude ao afirmar que entrava na vida como um típico romântico para, ao final, dar de cara com o realismo, ou com os olhos de cobiça e com as bexigas de Marcela (ASSIS, 1994, p. 48).

As características atribuídas ao jovem BC são prestigiosas: lindo, audaz e arrogante, apesar de jovem. No trecho seguinte, BC reitera seus atributos: “Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos” (ASSIS, 2001, p. 96)

Relacionando essas características, nota-se que BC acredita ser desejável, atraente. Por isso, cria uma ilusão de que as mulheres têm o dever de reconhecer seus atributos e sentirem-se atraídas por ele. A alegoria zomba desse simulacro, visto que o BC que conta a história já sabe que a espera depositada sobre Marcela é ilusória.

BC é a mistura de uma visão romântica e um mundo realista. Assim surge a personagem idealizadora de sonhos e desejos, mas frustrada porque esses desejos não se realizam. BC nasce dessa dualidade entre duas visões de mundo: um romântico (desejo, ambição), outro realista (decepção, frustração).

A Crítica Literária contribui substancialmente para a compreensão do primeiro amor de BC pela afirmação de Dixon:

A relação entre Brás e Marcela representa um encontro de interesses díspares, com um aspecto quase comercial. O narrador emprega o recurso do zeugma para resumir o namoro: “...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” (cap. XVII) O tropo é excelente para tratar de relatividades. Há uma contabilidade dupla na expressão. Os “quinze meses” representam a perspectiva possessiva e agressiva do jovem protagonista. O número quer fixar uma história de conquista e controle, registrando um período que Cubas compara com o domínio de Roma (cap. XV). Os “onze contos de réis” dão a perspectiva de Marcela. O narrador como defunto autor é capaz de reconhecer que os recursos de sua família, e não o magnetismo pessoal, eram o principal encanto para a jovem espanhola. Vale notar, também, que o namoro com Marcela corresponde ao padrão da briga de cães, pois a imaginada conquista de Marcela inclui a eliminação de um rival, Xavier (cap. XV). (DIXON, 2009, p. 128).

Apesar de apaixonar-se profundamente por Marcela, a ambição de BC exerce forte influência no relacionamento dos dois. O rapaz tinha apenas 17 anos e não se distinguia muito bem de uma criança. Marcela, por sua vez, era “a linda Marcela”, mulher excêntrica e desejada, dona de “um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras” (ASSIS, 2001, p. 96). Conquistá-la traria *status* a BC, faria dele o macho dominante diante do microuniverso dos rapazes que frequentam o círculo dos bordéis. BC ostentava Marcela, que também era movida por ambição.

Existem pistas da consciência do BC defunto quanto aos interesses unicamente pecuniários de Marcela já na primeira descrição da moça:

De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a "linda Marcela", como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. [...] a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano, morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico, — uma pérola. (ASSIS, 2001, p. 96).

BC fala explicitamente das características problemáticas de Marcela: lépida, sem escrúpulos, excêntrica, interesseira e vulgar. No entanto, o jovem BC não tem a mesma consciência do BC defunto e, diante da beleza da moça, apaixona-se e torna-se submisso a ela:

Vi-a pela primeira vez, no Rocio Grande, [...] Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras. — Segue-me, disse ela ao pajem. E eu segui-a, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada, deixei-me ir namorado, vibrante, cheio das primeiras auroras. A meio caminho, chamaram-lhe "linda Marcela", lembrou-me que ouvira tal nome a meu tio João, e fiquei, confesso que fiquei tonto. (ASSIS, 2001, p. 96).

A paixão (uso popular do termo) é reiterada na narração do primeiro beijo de BC:

Fomos; era em casa de Marcela. O Xavier, com todos os seus tubérculos, presidia ao banquete noturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres, — todas de partido, — e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me levou a fazer uma coisa única; à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante, e tornei a subir as escadas.

— Esqueceu alguma coisa? perguntou Marcela de pé, no patamar.

— O lenço.

Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim, e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que desci outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio. (ASSIS, 2001, p. 96–97).

As expressões “só tinha olhos para a dona da casa [Marcela]”, “veloz como um tufão”, e “incerto como um ébrio” demonstram a suscetibilidade de BC. Em outro trecho, da sepultura, BC relembra a paixão (uso popular do termo) que sentia por Marcela por meio de uma comparação:

Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma coisa, leitor amigo, e se alguma vez contaste dezoito anos, deves lembrar-te que foi assim mesmo. (ASSIS, 2001, p. 97).

Apaixonado por Marcela, BC quer se relacionar com ela com exclusividade, quer uma posição de domínio. No entanto, há um rapaz que tem uma posição de prestígio nas “amizades” de Marcela, era um amante fixo, o preferido. BC, então, anseia o lugar do Xavier, que o colocaria acima de todos os rapazes que frequentam o círculo de Marcela.

Freud afirma em *Um tipo especial de escolha de objeto* (1980) que existem precondições complexas para o amor, uma delas é a tendência masculina de escolher como objeto de amor uma mulher “sobre a qual outro homem possa reivindicar direitos de posse, como marido, noivo ou amigo” (FREUD, 1980, p. 150).

Para obter esse lugar, destronando o rival, BC utilizou-se do dinheiro do pai. De pouco em pouco, ele compra o bem-querer da moça:

GASTEI TRINTA DIAS para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dois meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. Não direi as traças que urdi, nem as peitas, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas baldadas, nem nenhuma outra dessas coisas preliminares. Afirmo-lhes que o asno foi digno do corcel, — um asno de Sancho, deveras filósofo, que me levou à casa dela, no fim do citado período; apeei-me, bati-lhe na anca e mandei-o pastar. (ASSIS, 2001, p. 97).

Sobre as comparações de BC, Rodrigues comenta que o touro de Europa é uma alusão à mitologia grega, uma história na qual “Zeus, na forma de um touro, seduziu a bela Europa, na praia de Tírio ou de Sidon. Pô-la nas costas, entrou no mar, chegou a Creta. Brás Cubas compara esta “via rápida” da conquista à velocidade do cavalo” (*in*: ASSIS, 2001, p. 276). BC afirma que esse é um dos métodos de conquistar as mulheres e o relaciona não apenas à velocidade, mas à violência, ao desejo cego, tal qual a ambição, um desejo veemente.

Entretanto, BC afirma que também há a forma insinuativa de conquistar as mulheres e alude novamente à mitologia grega, citando o cisne de Leda, história na qual “em forma de cisne, Zeus seduz Leda. Esta, depois, casou com o rei espartano Tindareo, de quem teve Helena e Clitemnestra. Com paciência e lentamente, o cisne seduzia Leda, daí sua comparação com a andadura do asno” (*in*: ASSIS, 2001, p. 276). BC alude também à chuva de ouro de Dânae, história em que, “na forma de uma chuva de ouro, Zeus possui Dânae, filha de Acrísio, rei de Argos. Daí nasce Perseu. A lentidão da chuva sugere estratégia, astúcia”, conforme aponta Rodrigues (*in*: ASSIS, 2001, p. 276).

Não contente com a comparação ao cisne de Leda, forma de conquista que se opõe ao touro de Europa, configurando a oposição entre a sedução *versus* a força bruta, BC afirma que não vai comentar os artifícios que usou, nem as peitas, presentes com o intuito de subornar, nem as esperas frustradas, todavia, no eixo da essência, compara seus esforços a uma chuva de ouro, o que faz deveras sentido, pois, implicitamente, BC foi pingando ouro até seduzir Marcela. Está implícita uma relação de compra, já que BC pinga ouro e passa por esperas frustradas, ou seja, BC dá presentes esperando algo em troca.

Assim, o amor é tratado de forma comercial. O dinheiro é uma via para levá-lo ao coração de Marcela.

Esse não é um fato isolado. BC trata, diversas vezes, da relação com Marcela e da relação com o amor em geral, de forma comercial. No trecho seguinte, ele compara a sua posição e a posição do amante de Marcela, Xavier, a posições políticas:

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. (ASSIS, 2001, p. 98).

BC considera a relação com Marcela como uma concentração de poderes na sua mão: o universo é seu. Porém, ele aponta explicitamente o custo dessa posição na vida da moça:

Era meu o universo; mas, ai triste! não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma coisa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último: entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura. (ASSIS, 2001, p. 98).

Rodrigues ensina que “As menções “romanas” (fases imperial e consular, Roma, insígnias, cesariana) são alegoria irônica, quebrada pelos eufemismos monetários: *não era de graça, larguezas, tudo que me pedia, abuso, franquezas, desviar alguma cousa*” (in: ASSIS, 2001, p. 276, grifo nosso). Observa-se que a manutenção do universo particular de BC custava tanto dinheiro, que ele tinha de recorrer a empréstimos que pagaria com juros. Essa manutenção era necessária porque Marcela era ambiciosa e interesseira. Todavia, tentava dissimular essa ambição, como BC narra ironicamente:

— Em verdade, dizia-me Marcela, quando eu lhe levava alguma seda, alguma jóia; em verdade, você quer brigar comigo... Pois isto é coisa que se faça... um presente tão caro...

E, se era jóia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade dos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos. (ASSIS, 2001, p. 98).

Nas posturas de Marcela nota-se o jogo entre o enunciado e a enunciação. Ela diz, no enunciado, que não quer o presente caro ganhado, mas o ostenta, o admira, ou seja, a enunciação sugere que ela o quer. Assim, o que BC discursiviza como beijos de reincidência impetuosa e sincera é uma afirmação irônica sobre Marcela. O jovem BC era enganado pela moça, mas o BC narrador não. Este entende a malícia sob a aura angelical da moça:

Ela ouvia-me e ria, com uma expressão cândida, — cândida e outra coisa, que eu nesse tempo não entendia bem; mas, agora, lembrando o caso, penso que era um riso misto, como devia ter a criatura que nascesse, por exemplo, de uma bruxa de Shakespeare com um serafim de Klopstock. (ASSIS, 2001, p. 98).

Marcela utilizava-se dessa malícia para manipular BC a dar presentes caros a ela. Tentava parecer, desinteressada e apaixonada, pois assim poderia conseguir mais vantagens do crédulo BC:

Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um *simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.*

— *Não lhe perdão, se você fizer de mim essa triste idéia,* concluiu ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, *puxou-me a si e fez um trejeito gracioso, um momo de criança.* Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. Vendera muita vez as aparências, mas a realidade, guardava-a para poucos. Duarte, por exemplo, o alferes Duarte, que ela amara deveras, dois anos antes, só a custo conseguia dar-lhe alguma coisa de valor, como me acontecia a mim; ela só lhe aceitava sem relutância os mimos de escasso preço, como a cruz de ouro, que lhe deu, uma vez, de festas. (ASSIS, 2001, p. 100, grifo nosso).

No enunciado, Marcela diz não querer o colar, que ela mesma viu no joalheiro e lhe chamou a atenção a ponto de pedir ao amante. Ou seja, as pistas do discurso sugerem que ela deseja o colar. Como BC não pode satisfazer esse desejo, ela finge que não precisa, que não é interessada apenas nisso. Não satisfeita, ainda faz chantagem emocional, demonstrando-se ofendida sob qualquer suspeita de interesse. O BC narrador, que já conhece o desenrolar da história, ironiza: a moça começou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Mais uma vez, o enunciador diz algo no enunciado para afirmar o oposto na enunciação.

Essas posturas de Marcela demonstram quão intensa é a vontade de BC de manter a conjunção com a moça, seu objeto-valor. O rapaz recorre a vários métodos para conseguir dinheiro e atender às manipulações da moça. Ela, por sua vez, recorre a diversas estratégias, inclusive sentimentalismo, para corroborar sua mentira, manter-se no eixo do parecer não ambiciosa e apaixonada.

— Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que...

Marcela abanou a cabeça com um ar de lástima:

— Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para te não molestar? Vem cá, *chiquito*, não sejas assim desconfiado comigo... Amei a outro; que importa, se acabou? Um dia, quando nos separarmos...

— Não digas isso! bradei eu.

— Tudo cessa! Um dia...

Não pôde acabar; um soluço estrangulou-lhe a voz; estendeu as mãos, tomou das minhas, conchegou-me ao seio, e sussurrou-me baixo ao ouvido: — Nunca, nunca, meu amor! (ASSIS, 1994, p. 24).

Marcela quer que BC acredite em seu desinteresse monetário e na sua paixão, para que ele continue a agradando com joias e com presentes. O jovem BC acredita nela:

Eu agradeci-lho com os olhos úmidos. No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado.

— Para te lembrares de mim, quando nos separarmos, disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a jóia. Sorriu e ficou. (ASSIS, 2001, p. 100).

BC tinha dois motivos que o mantinham acreditando na cortesã, o primeiro era o fato de estar apaixonado e o segundo era o fato de Marcela fazer muito bem para o seu ego, para sua imagem pública daquele momento específico

da juventude. Marcela supria a sua ambição, além de enredá-lo com reforço positivo. Ela recompensava BC: “a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade dos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim” (ASSIS, 2001, p. 98). As recompensas não eram apenas carinho, mas também atendia os caprichos do jovem BC:

Entretanto, pagava-me à farta os sacrifícios; espreitava os meus mais recônditos pensamentos; não havia desejo a que não acudisse com alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criancice, vê-la trajar de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra coisa assim, e ela cedia a tudo, risonha e palreira.

— Você é das Arábias, dizia-me.

E ia pôr o vestido, a renda, os brincos, com uma obediência de encantar. (ASSIS, 1994, p. 25).

Essa relação comercial leva BC a gastar muito dinheiro e endividar-se. Seu pai, furioso, o repreende e diz que vai mandá-lo estudar na Europa. Sem dinheiro e desesperado por causa da ideia de ficar longe de Marcela, BC pensa em levá-la com ele:

[...] ruminava a idéia de levar Marcela comigo. Fui ter com ela; expus-lhe a crise e fiz-lhe a proposta. Marcela ouviu-me com os *olhos no ar*, sem responder logo; como insistisse, disse-me que ficava, que não podia ir para a Europa. [...] Marcela *franziu a testa, cantanolou uma seguidilha*, entre dentes; depois *queixou-se do calor*, e *mandou vir um copo de aluá*. Trouxe-lho a mucama, numa salva de prata, que fazia parte dos meus onze contos. [...] Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. (ASSIS, 1994, p. 25–26).

BC não pode mais satisfazer a cobiça de Marcela. Então, não serve mais para ela, que se recusa a fugir com ele. A moça não precisa mais fingir paixão, porque não preza mais a relação com BC. Segundo Rodrigues (*in*: ASSIS, p. 277), mostra-se a verdadeira Marcela, indiferente às súplicas e aos sofrimentos de BC:

Marcela deixara-se estar sentada, *a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore*. Tive ímpetos de a estrangular, de a humilhar ao menos, subjugando-a a meus pés. Ia talvez fazê-lo: mas a ação trocou-se noutra; fui eu que me atirei aos pés dela, contrito e súplice; beijei-lhos, recordei aqueles meses da nossa felicidade

solitária, repeti-lhe os nomes queridos de outro tempo, sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando-lhe muito as mãos; ofegante, desvairado, pedi-lhe com lágrimas que me não desamparasse... Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que *brandamente me desviou* e, com um *ar enfastiado*:

— Não me aborreça, disse.

Levantou-se, sacudiu o vestido, ainda molhado, e *caminhou para a alcova*. — Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e *fechara-se*. (ASSIS, 1994, p. 26).

Os trechos (cf. primeira citação da página anterior): “olhos no ar”, “franziu a testa”, “cantarolou uma seguidilha”, “queixou-se do calor”, “mandou vir um copo de aluá” e (cf. segunda citação da página anterior), “a estalar as unhas nos dentes”, “brandamente me desviou”, “ar enfastiado”, “caminhou para a alcova” e “fechara-se”, além da comparação “fria como um pedaço de mármore”, demonstram o processo de ressemantização do querer de Marcela.

O comportamento de BC aponta inicialmente para a ira, o que denota-se dos trechos (cf. primeira e segunda citações da página anterior): “bradei eu”, “disse-lhe que ela era um monstro”, “que jamais me tivera amor”, “chamei-lhe [...] nomes feios”, “fazendo [...] gestos descompostos” “tive ímpetos de a estrangular, de a humilhar ao menos, subjugando-a a meus pés”. Após esse primeiro estado, BC se desespera, o que percebe-se nas suas reações dos trechos: “me atirei aos pés dela”, “contrito e súplice”; “repeti-lhe os nomes queridos de outro tempo”, “sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando-lhe muito as mãos; ofegante, desvairado, pedi-lhe com lágrimas que me não desamparasse” (cf. segunda citação da página anterior).

Dessa forma, Marcela, anteriormente tomada por ambição, passa à indiferença quando BC não pode mais atender às suas expectativas pecuniárias. Já BC, que além de apaixonado, tinha a relação como *status* de macho dominante, passa a receber apenas indiferença da moça no rompimento do casal.

BC não pôde mais atender aos desejos e expectativas de Marcela quando perdeu (temporariamente) o prestígio que tinha com seu pai, que o chama de gatuno, arruador, peralta e pelintra (ASSIS, 1994, p. 25). Essa perda de prestígio deve-se às dívidas que BC contraiu para a manutenção de sua relação com Marcela

Ressalta-se que a perda do prestígio familiar é resultado de BC colocar em perigo o nome da família, a pouca tradição que tem, visto que, como

discutido no primeiro tópico, o prestígio social, o amor da glória é o objeto mais querido por seus familiares. O sofrimento pelo gasto monetário em si é secundário, mesmo sendo uma quantia exorbitante.

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara: — Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Dessa vez ou toma juízo, ou ficas sem coisa nenhuma. (ASSIS, 1994, p. 25).

A relação comercial que mantinha com Marcela é revelada por BC, que afirma: "...MARCELA AMOU-ME durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil" (ASSIS, 1994, p. 25). A permissividade de Bento Cubas quanto aos comportamentos do filho, da infância à juventude, comporta certa "condescendência, contudo os gastos desmedidos poderiam denunciar mais que um estouvamento juvenil, poderiam comprometer o nome da família numa ligação apaixonada e duradoura, todavia, moralmente indesejável" (FREITAS, 2001, p. 102).

No que se refere à reprovação moral da relação entre BC e Marcela, se deve lembrar que as características gloriosas de Marcela são válidas apenas em um microuniverso masculino, o dos rapazes que frequentavam a vida boêmia. Ela serve para BC ter um caso, mas não para se apaixonar, pois, uma cortesã não é socialmente aceita para um casamento e, essa possibilidade, afastaria a família Cubas do prestígio social:

Extravagâncias eram aceitas, mas até certo ponto, porque essas extravagâncias financeiras podiam ser indícios de paixões juvenis perigosas, indesejáveis, inconseqüentes. [...] Sabemos que jovens apaixonados, costumeiramente, não avaliam a situação com critérios sensatos. Necessitam criar a ilusão de serem amados, imaginam-se amados com a mesma intensidade juvenil com que amam. Negam o numerário despendido, através do seu protesto viril, nos grandioso presentes que oferecem à suas amadas em seus romances, como nos mostra Machado. (FREITAS, 2001, p. 102–103).

O jovem e volúvel BC não avalia a situação com sensatez. Tem sentimentos confusos, ora quer vingar-se, ora quer retomar a relação, ora quer

ofender Marcela, ora implora a seus pés. Isso se deve ao seu estado de desespero, ele não sabe o que fazer para tê-la de volta. Assim, assume o seu desespero diante do rompimento com Marcela:

la mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida; evocava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me comprazia em crer que eles eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo, ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los de mim, como um fardo inútil. Então resolvia embarcar imediatamente para cortar a minha vida em duas metades, e deleitava-me com a idéia de que Marcela, sabendo da partida, ficaria ralada de saudades e remorsos. Que ela amara-me a tonta, devia de sentir alguma coisa, uma lembrança qualquer, como do alferes Duarte... Nisto, o dente do ciúme enterrava-se-me no coração; toda a natureza bradava que era preciso levar Marcela comigo.
— Por força... por força... dizia eu ferindo o ar com uma punhada. (ASSIS, 1994, p. 26).

Dessa vez, BC quer dar lugar novamente ao ímpeto, ao desejo veemente, visto que, ao cessar a estratégia, a chuva de ouro de Dânae, Marcela não estava enredada pelo seus encantos, como a Dânae estava por Zeus. BC quer recorrer à força, ao touro de Europa, pois, no desespero, sente ressentimento, raiva e ciúmes. No entanto, BC opta, mais uma vez, pela estratégia. Desta vez, ele tenta o cisne de Leda. Como Zeus, BC decide mentir, parecer o que não é para seduzir e recuperar o relacionamento (estado de conjunção) com Marcela:

Enfim, tive uma idéia salvadora [...] Era nada menos que fasciná-la, fasciná-la muito, deslumbrá-la, arrastá-la; lembrou-me pedir-lhe por um meio mais concreto do que a súplica. Não medi as conseqüências; recorri a um derradeiro empréstimo; fui à rua dos Ourives, comprei a melhor jóia da cidade, três diamantes grandes encastados num pente de marfim; corri à casa de Marcela. (ASSIS, 1994, p. 26–27).

Com a joia cara, BC parece apto a suprir as expectativas de Marcela. Assim, tenta convencê-la novamente: “Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma” (ASSIS, 1994, p. 27). Marcela paga-lhe o presente como outrora:

A segunda [resposta] foi puxar-me para si, e pagar-me o sacrifício com um beijo, o mais ardente de todos. Depois tirou o pente, admirou muito a matéria e o lavor, olhando a espaços para mim, e abanando a cabeça com um ar de repreensão:
— Ora você! dizia. (ASSIS, 1994, p. 27).

Assim, BC consegue convencer a moça a ir com ele para a Europa. Como a sua capacidade de agradá-la parecia restituída, o amor de Marcela por ele também parecia: “Agradei-lho de joelhos. Tinha achado a minha Marcela dos primeiros dias, e disse-lho; ela sorriu, e foi guardar a jóia, enquanto eu descia a escada” (ASSIS, 1994, p. 27).

BC comenta esse novo momento da relação do casal e revela certo incômodo por ele decorrer dos diamantes, contudo, afirma que uma mulher bonita pode aceitar presentes e que, sobretudo, ele confia em Marcela:

Achava-me feliz. Certo é que os diamantes corrompiam-me um pouco a felicidade; mas não é menos certo que uma dama bonita pode muito bem amar os gregos e os seus presentes. E depois eu confiava na minha boa Marcela; podia ter defeitos, mas amava-me... (ASSIS, 1994, p. 28).

Rodrigues postula que o trecho “pode muito bem amar os gregos e os seus presentes” é um “pastiche da Eneida de Virgílio II. 49: *timeo Danaos et dona ferentis* (“temo os gregos mesmo se trazem presentes”). Brás Cubas preparava um artil. O presente grego, na forma de um cavalo de madeira, levou Tróia à destruição” (*in*: ASSIS, 2001, p. 278). Em outras palavras, BC usou a joia para enganar Marcela, para persuadi-la a viajar com ele. Para fazê-la acreditar que ele podia manter o padrão de vida que mantinha, até então, e acompanhá-lo. BC utilizou-se de um presente majestoso para tentar manter-se imperador de Marcela. Nisso faz-se o paralelo com o cavalo de Tróia.

No texto, há reiteração da ideia que, como escreve Rodrigues, “o amor não diminui quando ornado pelo dom de uma bela jóia” (*in*: ASSIS, 2001, p. 278). Essas afirmações, sobre a possibilidade de convivência entre o amor e o gosto pelas joias, parecem ser a artimanha de BC para ironizar a relação afetivo-comercial com Marcela:

OCORRE ME UMA reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no cap. XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me... (ASSIS, 2001, p. 101).

Desse trecho, Rodrigues afirma que “As joias não fazem mal, ao contrário, estimulam o amor” (In: ASSIS, 2001, p. 277). No entanto, percebe-se uma crítica a esse tipo de relação. Esses pensamentos, no jovem BC, também servem para atenuar suas dúvidas quanto à verdade dos sentimentos da amada. Ele tenta se convencer de que, mesmo custando caro, o amor de Marcela é genuíno. Mesmo ela parando de lhe demonstrar amor quando ele não tinha mais dinheiro e voltando a parecer apaixonada quando ele aparece com mais uma joia cara, BC continua tentando se convencer que o sentimento da moça é verdadeiro, tanto que fica deprimido quando embarca à força, separando-se de Marcela, que tinha aceitado ir com ele.

As reações de BC vão ao encontro da afirmação de Freitas: “Estas paixões adolescentes também podem muitas vezes levar a soluções exasperadas, inflacionando neste quadro tragicômico o lado trágico” (FREITAS, 2001, p.103).

Como consequência, BC desenvolve a obsessão pela morte: “Três dias depois segui barra fora, abatido e mudo. Não chorava sequer; tinha uma idéia fixa... Malditas idéias fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela” (ASSIS, 1994, p. 28).

Além de apaixonado por Marcela, BC também demonstra ambição: quer impor-se como homem, quer-ser admirado pelos outros rapazes. O rapaz quer namorar uma mulher cheia de características que remetem à glória. Para manter esse posto, BC esforça-se de todos os modos e, ao perdê-lo, BC passa por estados de desespero, ressentimento, raiva, ciúme. A ruptura bruta do relacionamento culmina em um estado de depressão e a obsessão pela morte. Isso ocorre porque, para o jovem BC, a sua relação com Marcela é muito mais importante do que dinheiro ou do que a aprovação familiar.

Marcela era uma ambição voltada ao prestígio em um pequeno círculo social, diferente do amor à glória, que é voltado a uma grande parte da sociedade, seja de uma cidade ou de um país. O desejo pelo prestígio social configura o sentimento nutrido pela família em BC desde o berço. Eles têm “amor das aparências rutilantes” (ASSIS, 1994, p. 17). Com elogios e incentivos, estimulam BC a acreditar ser importante o suficiente para conseguir realizar atos prestigiosos e, dessa forma, levar toda a família à conjunção com o objeto-valor prestígio social.

BC frustra as expectativas de sua família quando se relaciona com Marcela, pois gasta uma fortuna em joias e mimos para uma prostituta, contraindo

dívidas com a garantia da herança do pai. Com isso, suja o nome da família. Esse é pior pecado que BC poderia cometer em seu berço familiar, pois eles zelam deveras pela pouca tradição que conseguiram ao longo das gerações. Dessa forma BC abriu mão do *status* de pequeno príncipe que tinha em casa para ser imperador de Marcela. No entanto, o *status* prestigioso com a família era que fornecia dinheiro a BC que, por sua vez, era o meio de ter o amor de Marcela. Nesse caso, também pode-se considerar o prestígio familiar como meio indireto, porque ele fornece o dinheiro (objeto-modal). Sem o amor de Marcela, sem dinheiro e sem a aprovação da família, BC desenvolve a depressão e a obsessão pela morte, sua primeira ideia fixa: “tinha uma idéia fixa... Malditas idéias fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela” (ASSIS, 1994, p. 28). Com esses estados de alma BC sobe à bordo do navio que o leva à Europa.

No começo da viagem, BC ainda deseja Marcela, tanto que, diante da mulher moribunda do capitão, ele afirma: “Eu não sabia nem pensava nada. Que me importava a mim o destino de uma mulher tísica, no meio do oceano? O mundo para mim era Marcela” (ASSIS, 1994, p. 28). BC leva adiante as ideias suicidas: “Uma noite, logo no fim de uma semana, achei ensejo propício para morrer. Subi cauteloso, mas encontrei o capitão, que junto à amurada, tinha os olhos fitos no horizonte” (ASSIS, 1994, p. 29).

Essa ideia, que BC chama de ideia fixa, durou menos tempo do que a viagem de barco à Europa. Durante um temporal que coloca toda a tripulação em risco, BC desiste de suicidar-se: “Confesso que foi uma diversão excelente à tempestade do meu coração. Eu, que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo” (ASSIS, 1994, p. 29).

Tendo experimentado o medo da morte, BC mostrou-se mais sensível. Antes desse episódio, ele afirma que pouco lhe importa a morte de uma desconhecida no meio do oceano. Entretanto, depois do temporal, BC demonstra tristeza com a morte iminente da mulher e o sofrimento de seu marido:

[...] achei-a, na verdade, quase moribunda, mas falando ainda de descansar em Lisboa alguns dias antes de ir comigo a Coimbra, porque era seu propósito levar-me à Universidade. Deixei-a consternado; fui achar o marido a olhar para as vagas que vinham morrer no costado do navio, e tratei de o consolar; ele agradeceu-me, relatou-me a história dos seus amores, elogiou a fidelidade e a dedicação da mulher, relembrou os versos que lhe fez, e recitou-

mos. Neste ponto vieram buscá-lo da parte dela; correremos ambos; era uma crise. Esse e o dia seguinte foram cruéis; o terceiro foi o da morte; eu fugi ao espetáculo, tinha-lhe repugnância. Meia hora depois encontrei o capitão, sentado num molho de cabos, com a cabeça nas mãos, disse-lhe alguma coisa de conforto. (ASSIS, 1994, p. 30).

Sob esse novo estado de alma, a tristeza, BC torna-se solidário ao capitão quando do falecimento de sua mulher:

A tristeza murchara todos os rostos; o do viúvo trazia a expressão de um cabeço rijamente lascado pelo rio. Grande silêncio. A vaga abriu o ventre, acolheu o despojo, fechou-se, — uma leve ruga, — e a galera foi andando. Eu deixei-me estar alguns minutos, a popa, com os olhos naquele ponto incerto do mar em que ficava um de nós. . . Fui dali ter com o capitão, para distraí-lo.
— Obrigado, disse-me ele compreendendo a intenção; creia que nunca me esquecerei dos seus bons serviços. Deus é que lhos há de pagar. Pobre Leocádia! tu te lembrarás de nós no Céu. (ASSIS, 1994, p. 30)

A solidariedade é expressa por meio de gentilezas, como oferecer consolo, elogiar os versos do capitão e até oferecer-se para publicá-los. Com essas atitudes, BC conquista a simpatia do capitão:

No dia seguinte veio ler-me um epicédio composto de fresco, em que estavam memoradas as circunstâncias da morte e da sepultura da mulher; leu-mo com a voz comovida deveras, e a meio trêmula; no fim perguntou-me se os versos eram dignos do tesouro que perdera.
— São, disse eu.
— Não haverá estro, ponderou ele, no fim de um instante, mas ninguém me negará sentimento, se não é que o próprio sentimento prejudicou a perfeição...
— Não me parece; acho os versos perfeitos. [...]
No fim, confessou-me que era a sua obra mais acabada; eu disse-lhe que sim; ele apertou-me muito a mão e predisse-me um grande futuro. (ASSIS, 1994, p. 31)

Esse grande futuro, predito por um capitão agradecido, despertou em BC a paixão que o domina pelo resto da sua vida, o amor da glória. Frente às palavras do marujo, BC começou a achar-se digno de um grande futuro, ou seja, de um futuro de reconhecimento social.

É válido reiterar que, pelos excessos cometidos por BC para manter a relação com Marcela, é que ele foi mandado, à força e às pressas, nessa viagem,

que foi o estopim para a personalidade ambiciosa que se desenvolveu em seguida. Dessa forma, Marcela foi um divisor de água na vida de BC, pois, como aponta Rodrigues, ela “obedece a um certo arquétipo da mulher aventureira e fatal, que sempre desencadeia uma transformação, um rito de passagem em seus amantes” (*In: ASSIS, 2001, p. 277*).

3.2.2 Eugênia

Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?

A interação de BC com Eugênia passa, primeiramente, por um estado de paixão (na acepção vulgar do termo), mas, em seguida, é determinada pela ambição. A fim de perceber esse processo, é útil contextualizar no romance a relação entre os dois.

BC conheceu Eugênia quando estava na Tijuca, no período após a morte de sua mãe. A moça, de 16 anos, era filha de D. Eusébia e de Vilaça, o glosador, ou seja, o casal que BC desmascarou na infância por vingança, como foi analisado no item referente ao surgimento da ambição de BC.

Em sua descrição, BC atribui à Eugênia diversas características positivas. Quanto aos modos,

em verdade, parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada [...] sorria com os olhos fúlgidos, como se lá dentro do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante”. (*ASSIS, 1994, p. 42*).

A moça chama deveras a atenção de BC, que cria expectativas sobre ela. Movido pelo seu crer-ser, ele espera ser a borboleta de ouro e diamante, espera que a moça o deseje por ser bom partido. No entanto, quando se reencontram, a moça o cumprimenta de igual para igual. BC espera que, depois de passar por ele, Eugênia torne a olhá-lo, mas ela não o faz, ferindo a vaidade dele.

O interesse de BC aumenta no jantar marcado por D. Eusébia. Para sua surpresa, Eugênia aparece sem ornamentos. Ele ressalta as qualidades da moça:

[...] duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira. Era isso no corpo; não era outra coisa no espírito. Idéias claras, maneiras chãs, certa graça natural, um ar de senhora, e não sei se alguma outra coisa; sim, a boca, exatamente a boca da mãe. (ASSIS, 1994, p. 43).

Schwarz ensina que a atitude de Eugênia de receber BC sem as ornamentações de costume é uma “solução poética e exigente” (SCHWARZ, 1990, p. 82), pois, dessa forma

Eugênia corta as fantasias de paridade social e mostra conhecer o seu lugar; entretanto, e claro que o gesto tem mais outro sentido, pois, prescindir da quinquilharia externa é também lembrar a igualdade essencial entre os indivíduos e proibir ao moço tratá-la como inferior. (SCHWARZ, 1990, p. 82).

Eugênia é diferente de BC, ela não se preocupa com o parecer, mas com o ser. Schwarz postula que essa dignidade da moça em não tentar ocultar suas origens impressiona, mas também irrita BC, pois é um não rebaixamento à classe dominante, é a afirmação da “igualdade essencial entre os indivíduos”.

Somente após esse encantamento inicial, BC percebe que Eugênia é coxa, fato que ela assume sem receios. Mesmo assim, BC parece manter-se interessado. Enquanto D. Eusébia lhe mostrava toda a chácara, ele observa os olhos da moça, e afirma: “palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranqüilos. [...] fitavam-me com franqueza, sem temeridade, nem biocos” (ASSIS, 1994, p. 44).

Dixon considera que por serem verdadeiros os sentimentos de BC, “a felicidade com Eugênia teria dependido de um desejo linear — um amor nutrido exclusivamente pelo afeto entre o sujeito e o objeto” (DIXON, 2009, p. 105). Todavia, BC é volúvel e sofre de frouxidão da vontade, assim não consegue levar um desejo não triangular a cabo.

O desenvolvimento do afeto por Eugênia foi concomitante à manipulação de Bento Cubas para que BC case-se com a filha de uma influência política por interesse. Nessa conversa, o pai de BC tenta impor-lhe seus valores, quer que o rapaz brilhe, que tema a obscuridade, que se case com a filha de um

político influente e siga a carreira política. O pai quer que BC busque a glória e cuide da projeção social que a sua família tem (ASSIS, 1994, p. 40).

BC demonstra-se de acordo com a busca da glória e assume o compromisso de casar-se e de seguir carreira política, ou seja, é manipulado pelo pai. Mesmo assim, dias depois, BC reitera o seu interesse por Eugênia e se contrapõe a esses valores que o esperam na capital:

Lá embaixo a família a chamar-me, e a noiva, e o Parlamento, e eu sem acudir a coisa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. Enlevado é uma maneira de realçar o estilo; não havia enlevo, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Queria-lhe, é verdade; ao pé dessa criatura tão singela, filha espúria e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor ao pé de mim. E isto na Tijuca. Uma simples égloga. D. Eusébia vigiava-nos, mas pouco; temperava a necessidade com a conveniência. A filha, nessa primeira explosão da natureza, entregava-me a alma em flor. (ASSIS, 1994, p. 44–45).

Entretanto, BC não ignora a questão acerca da conveniência no casamento, fator que fazia D. Eusébia vigiá-los, “mas pouco; temperava a necessidade com a conveniência” (ASSIS, 1994, p. 45), afinal, ter a filha casada com BC faria a sua família ascender socialmente.

Bento Cubas pressiona o filho para voltar à capital, que promete retornar brevemente, mas posterga seu retorno por causa dos sentimentos que tem pela moça. Eugênia pede e BC permanece na Tijuca por mais um dia, fato que lhe rende o primeiro beijo da moça:

Não descí, e acrescentei um versículo ao Evangelho: — Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças. Com efeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugênia, — o primeiro que nenhum outro varão jamais lhe tomara, e não furtado ou arrebatado, mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida. (ASSIS, 1994, p. 45).

Mesmo dotada de características positivas, Eugênia representava três valores considerados negativos à época: era pobre, filha bastarda e coxa. A preocupação de BC com esses valores vai aparecendo sutilmente, “quanto mais [BC] pensa na necessidade de descer à cidade (o que equivale ao lugar da opinião pública), mais vexame sente com a ideia de casar com a moça” (DIXON, 2009, p. 105):

Pobre Eugênia! Se tu soubesses que idéias me vagavam pela mente fora naquela ocasião! Tu, trêmula de comoção, com os braços nos meus ombros, a contemplar em mim o teu bem-vindo esposo, e eu com os olhos de 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem... (ASSIS, 1994, p. 45)

A forte atração de BC por Eugênia “parece mais fácil enquanto o protagonista permanece na Tijuca, afastado do Rio de Janeiro” (DIXON, 2009, p. 105). Isto se deve às preocupações com a opinião pública, à qual BC sempre tenta parecer mais nobre do que realmente é. Essa preocupação com a imagem social faz parte da ambição. O pai de BC o ensinou que não há modo melhor de valer, do que valer pela opinião dos outros, manter uma imagem social vencedora para, assim, conseguir mais *status* social.

A não adequação da moça ao seu modo de vida faz BC lamentar: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita?” (ASSIS, 1994, p. 44). BC mantém como “pivô das cogitações” apenas o defeito físico da moça, todavia, essas cogitações se prolongam sarcasticamente mesmo após o rompimento com Eugênia. Sobre isso, Schwarz ensina:

Não obstante, será ela, a inferioridade física, o pivô das cogitações do moço. Este despejará sobre a deformidade natural os maus sentimentos que lhe inspira o desnível de classe, e, mais importante, verá a iniquidade social pelo prisma sem culpa e sem remédio dos desacertos da natureza. (SCHWARZ, p. 88)

Sobre o desnível de classe, Schwarz ressalta que a moça não é pobre. Ainda que filha ilegítima, a moça recebeu herança do pai e foi “educada na proximidade do mundo abastado” (SCHWARZ, 1990, p. 83). Assim, ela tem possibilidade de casar-se com alguém de posses, mas “pode também terminar, como termina, pedindo esmola num cortiço” (SCHWARZ, 1990, p. 83). Seu desfecho depende do valor que lhe for atribuído por algum proprietário. Bento Cubas não estava totalmente equivocado em dizer que o melhor modo de se valer é pela opinião dos outros. O futuro de Eugênia “depende de um capricho de classe dominante” (SCHWARZ, 1990, p. 83).

Mesmo sendo membro da classe dominante, BC não está isento de ser submetido à mesma regra que Eugênia. No que tange ao desejo suscitado em

BC na relação com a moça: ele “corre o risco de “amar de veras”, quer dizer, de igual para igual, e casar” (SCHWARZ, 1990, p. 82). Sucumbindo a esse desejo, “o amor o levaria a superar as prevenções de família e classe” (SCHWARZ, 1990, p. 82). Todavia, desafiar as tradições e prevenções de classe não é a melhor escolha para quem busca o seu reconhecimento dessa classe. Por conseguinte, BC estaria casando-se com alguém que, além de não agregar valores positivos, agregaria valores negativos à sua imagem social. O casamento o afastaria da realização da sua *performance* de alcançar a glória pública.

Destarte, a breve relação de BC com Eugênia oferece os valores opostos aos do relacionamento com Marcela, que mesmo sendo cortesã, era cobiçada, era a linda Marcela, que todos desejavam. A relação de Marcela e BC agregava valores a ele no microuniverso dos rapazes que frequentam o círculo boêmio. Tudo acerca de Marcela relacionava-se à glória, à sofisticação. A relação com Eugênia, pelo contrário, aproxima BC da simplicidade, do afeto, do bucolismo, da honestidade e, por outro lado, do popular, do vulgar, da falta de tradição, da vergonha. Assim, não agrega nenhum valor positivo diante da sociedade, nem mesmo diante do círculo de rapazes em que BC está inserido. Pelo contrário, acarreta valores negativos.

Diante disso, BC decide voltar à cidade e romper a relação com Eugênia porque a tensão investida no querer estar com o objeto-valor moça pela qual se apaixonou é menor do que a tensão investida na busca do objeto-valor prestígio social, e a conjunção com o primeiro objeto-valor poderia sacrificar ou postergar a conjunção com o segundo.

Encerrar a relação com Eugênia deixa BC, em suas palavras, amargurado, mas também satisfeito por fugir ao vexame. Ele tenta se convencer de que fez o melhor para si: “Vinha dizendo a mim mesmo que era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a constituição... que a minha noiva... que o meu cavalo...” (ASSIS, 1994, p. 46). Ao abandonar a moça pela qual está apaixonado por conveniência, BC demonstra que definitivamente acatou a manipulação do pai e os valores do seu contexto sócio-histórico.

Schwarz ressalta, no entanto, que tempos depois BC vai considerar casar-se com Eulália, que também não pertence à mesma classe social que ele. O estudioso levanta a questão: “Como explicar a diferença, uma vez que o protagonista não mudou?” (SCHWARZ, 1990, p. 96). A diferença está na postura

das moças. Eugênia tinha dignidade e não escondia sua situação inferior, enquanto Eulália era ambiciosa e, para ascender socialmente, escondia suas origens:

O problema portanto não estava no casamento desigual, admissível desde que reafirme o domínio dos proprietários. Inadmissíveis são a dignidade e o direito dos pobres, que restringiriam o campo à arbitrariedade dos homens de bem. Observe-se ainda que a defesa da prerrogativa de classe é enérgica, mas não acompanha de ideologia ou convicção da própria superioridade. Esta ausência de justificação consistente [...] parte de um apego cru e indiscriminado a quaisquer vantagens sociais. (SCHWARZ, 1990, p. 96).

Ou seja, Eugênia e seu orgulho ferem a prerrogativa de classe, à qual Eulália se submete. BC, movido por sua ambição, por um “apego cru e indiscriminado a quaisquer vantagens sociais” é o maior interessado na prerrogativa de classe, pois as vantagens da classe dominante são, de certa forma, a sanção positiva pelo desenvolvimento de sua *performance* de alcançar a nomeada.

3.2.3 Virgília

“Demais, a noiva e o Parlamento são a mesma coisa...”

As relações entre o amor e a ambição ficam explícitas logo na apresentação da proposta de casamento e de carreira política que Bento Cubas faz ao filho, quando o rapaz está na Tijuca, enlutado. BC propõe-se a “a examinar as duas coisas, a candidatura e o casamento, contanto que [...] não fique obrigado a aceitar as duas” (ASSIS, 1994, p. 40), pois crê que pode “ser separadamente homem casado ou homem público...” (ASSIS, 1994, p. 40). Todavia, seu pai argumenta que “todo o homem público deve ser casado [...] Demais, a noiva e o Parlamento são a mesma coisa...” (ASSIS, 1994, p. 40). Essa afirmação de Bento Cubas deve-se ao fato de Virgília ser filha do Conselheiro Dutra, influência política, que pode levar BC ao Parlamento.

A princípio Virgília é colocada como uma ponte, um facilitador para BC conquistar uma carreira política de sucesso, ou seja, a moça é, nesse momento, um objeto-modal para levar BC ao objeto-valor sucesso político. Além disso, a moça é associada a diversas características de prestígio nas descrições feitas pelo pai de BC — “Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, desta

altura, viva como um azougue, e uns olhos... filha do Dutra..." (ASSIS, 1994, p. 40) — que tenta manipular o filho a aceitar o casamento. Em outra ocasião, Bento Cubas reitera: “quanto à noiva, é o nome que dou a uma criaturinha, que é uma jóia, uma flor, uma estrela, uma coisa rara... é a filha dele; imaginei que, se casasses com ela, mais depressa serias deputado” (ASSIS, 1994, p. 47).

Schwarz faz um resumo de diversas características que remetem a glória, “reverberação mítica da personagem”, que apontam para a aura prestigiosa que envolve Virgília.

A própria Virgília tem a boca “fresca como a madrugada, e insaciável como a morte”. Na estação madura da vida a sua beleza chega ao “grandioso”. A figura é talhada em mármore grego, “lavor nobre, rasgado e puro, tranquilamente bela, como as estátuas”. A sua pupila “resumia todo o amor”. Mais tarde ela parecerá uma “imponente ruína”. A reverberação mítica da personagem, que de resto vive as complicações triviais de casamento, adultérios, doenças de parentes, disputas de herança, ânsias de baronato etc., estava em linha com a reação antinaturalista contemporânea. (SCHWARZ, 1990, p. 132–133)

BC também faz uma descrição prestigiosa de Virgília:

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que ia lhe coubesse a primazia da beleza [...] mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. (ASSIS, 1994, p. 39)

Assim, opostamente à Eugênia, que agregaria a BC três valores negativos, classe social baixa, falta de tradição e defeito físico, Virgília possui três valores positivos, classe social alta, tradição familiar e perfeição física. Virgília seria a esposa adequada para BC, pois seria bem aceita socialmente, além de ajudá-lo em suas aspirações políticas.

Como se expende mais posteriormente, a manipulação de Bento Cubas sobre o filho não se dá apenas pela atribuição de características positivas à moça. No momento em que propõe o casamento e a carreira a BC, seu pai consegue passar-lhe seus valores, em termos semióticos, BC é manipulado e passa

a desejar fortemente o prestígio social e decide realizar a *performance* que o pai lhe impele.

No princípio, BC teve sua candidatura bem vista pelo pai de Virgília. No que diz respeito à relação com a moça, BC comenta: “o nosso olhar primeiro foi pura e simplesmente conjugal. No fim de um mês estávamos íntimos” (ASSIS, 1994, p. 47). Entretanto, BC não consegue sequer entrar em conjunção com o objeto-modal, nesse caso, não consegue casar-se com Virgília. O atraso de BC para o jantar com a família da moça, devido ao encontro com Marcela, velha e marcada pelas bexigas, faz com que a moça perca o interesse em BC. Segundo Rodrigues, em *MPBC*,

[...] as relações mais íntimas, portanto, têm motivações exteriores, que não correspondem à plena intimidade, e, que, por força, se obrigam a corresponder a ela. Não há nem espaço nem tempo para que cada um desdobre um conteúdo pessoal mais livre. Daí talvez a mágoa e o laconismo de Virgília com Brás Cubas, e que abriria a Lobo Neves as portas do matrimônio e do parlamento. Talvez Dutra adivinhasse em Lobo Neves uma alternativa mais feliz. É que a roda do destino anda depressa, sem tempo para escusas ou caprichos. (RODRIGUES, 1994, p. 40).

Assim, por falta de objetividade, por acaso, por escusas e caprichos, BC também é afastado de seu objeto-valor, isto é, de sua candidatura: “Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências” (ASSIS, 1994, p. 52).

Segundo BC, Lobo Neves não tinha mais características positivas do que ele. Em termos semióticos, não era um sujeito mais atualizado do que ele, no entanto conseguiu realizar a *performance* na qual BC se frustrou:

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. (ASSIS, 1994, p. 52).

Contudo, a principal diferença entre BC e Lobo Neves é justamente o “ímpeto cesariano” empregado pelo segundo. Ímpeto é a veemência manifestada ao se realizar algo, característica da qual BC é desprovido, o que se observa pelo fato de ele ser um sujeito virtual na maioria das vezes e nada fazer para atualizar-se. Essa condição fica implícita na comparação de BC, quando comenta que “Virgília

comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera” (ASSIS, 1994, p. 52).

O termo águia remete à força, ao poder, à objetividade e à velocidade, devido às características do animal, predador veloz, com bico e asas potentes. Ademais, remete à vitória por ser símbolo comumente utilizado em insígnias e bandeiras. Representa, segundo o Houaiss (2009), uma “pessoa notável, que sobrepuja as demais por seus dotes intelectuais, talento ou perspicácia”. Dessa forma, Lobo Neves sobrepõe-se a BC em relação às modalidades do ser. O termo pavão remete à beleza, à vaidade, ao exibicionismo e, sobretudo ressalta-se a necessidade da aparência para conquistar a fêmea. Como bom medalhão, o pavão BC está mais preocupado em parecer do que efetivamente ser.

Virgília, que também é ambiciosa, procura alguém mais promissor que BC para relacionar-se, Lobo Neves, que além de ser o novo protegido de seu pai, é decidido, realizador. Souza ensina que “Virgília compara os pretendentes: Brás Cubas é identificado com o pavão, símbolo de ostentação, mas Virgília queria a glória e opta por Lobo Neves porque este se preparava para dar vôos como os da águia” (SOUZA, 2007, p. 150). A objetividade e a decisão de Lobo Neves ficam evidentes no trecho:

Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— Pela minha vontade, já; pelas dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque eu serei marquês. (ASSIS, 1994, p. 52).

BC é acomodado, preguiçoso, não teve interesse próprio na política, dependeu totalmente da manipulação do pai para desejar Virgília e a carreira. Assim, a sua ambição não foi um desejo veemente o suficiente para que ele se atualizasse e realizasse a *performance*. Por causa disso, percebem-se paixões tensas, como a decepção e a frustração, que caracterizam seu pai:

Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-lo. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! (ASSIS, 1994, p. 52).

A repetição de “Um Cubas!”, título do capítulo XLIV, várias vezes a partir do rompimento entre BC e Virgília, até a morte de Bento Cubas, quatro meses depois, é a forma de o enunciador representar a frustração e a decepção pelo fato de BC, sujeito da ação, não conseguir realizar sua performance. Apesar de essa postura de Bento Cubas não ser uma sanção, ela é sentida por BC como uma sanção negativa, pois a tristeza e o inconformismo do pai soam, para o filho, como uma reprimenda.

O rompimento do noivado é a primeira situação de frustração que Virgília causa em BC, que passa de ambicioso a frustrado. Essa macrossintaxe passional, da ambição para a frustração, ocorre pelo rompimento das expectativas de BC, que não se referem à paixão (uso vulgar do termo). BC assume explicitamente que seus sentimentos por Virgília não caracterizavam amor nesse momento:

Não foi alegre o almoço; eu próprio estava a cair de sono. Tinha velado uma parte da noite. De amor? Era impossível; não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que tinha de amar aquela, tempos depois, não lhe estava agora preso por nenhum outro vínculo, além de uma *fantasia passageira, alguma obediência e muita fatuidade*. E isto basta a explicar a vigília; era *despeito, um despeitozinho agudo*. (ASSIS, 1994, p. 52–53, grifo nosso).

Em outro momento, questionado pelo primo de Virgília, Luís Dutra, sobre suas intenções de casar-se com a moça, BC não demonstra interesse, entusiasmo, ou mesmo algum pesar. BC simplesmente atribui a ideia ao pai, o que demonstra, mais uma vez, como BC é manipulado pelo sistema de valores do pai:

- E só hoje é que eu soube uma coisa, seu maganão...
- Que foi?
- Que você quis casar com ela.
- Idéias de meu pai. Quem lhe disse isso? (ASSIS, 1994, p. 57–58)

No entanto, a atribuição da ideia ao pai exime BC de seu fracasso ao melhor estilo “eu nem queria mesmo...” que nega o interesse em algo que não se conseguiu, o que sugere despeito. Afinal, mesmo sendo um sujeito atualizado, que queria, sabia, devia e podia casar-se com Virgília, BC não o fez, não realizou a *performance*. A decepção de BC deve-se, portanto, ao despeito que sentiu ao ser trocado pelo rival, que fere toda a presunção, a vaidade e a fatuidade empregadas na relação com a moça. A paixão da frustração está representada na narrativa,

quando BC fala sobre o rompimento com Virgília: “desde então fiquei perdido” (ASSIS, 1994, p.52). A decepção também é representada quando BC afirma que, no dia que se seguiu, o almoço foi triste e ele tivera insônia. Esse estado de BC também se evidencia quando ele afirma que seu despeito é “agudo como ponta de alfinete” (ASSIS, 1994, p. 53).

As paixões que se seguem na macrossintaxe passional de BC são o despeito, apenas lexicalizada, seguido pela apatia: “viviam; deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo” (ASSIS, 1994, p. 56). Em seguida, tem-se o despeito representado, que acaba por se tornar inveja.

Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas, e cheguei a alcançar certa reputação de polemista e de poeta. Quando me lembrava do Lobo Neves, que era já deputado, e de Virgília, futura marquesa, *perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, — eu, que valia mais, muito mais do que ele, — e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...* (ASSIS, 1994, p. 56, grifo nosso).

A frase em destaque é composta por temas e por figuras que remetem ao despeito, como a reflexão de BC sobre ser mais valioso do que o rival e, mesmo assim, ter sido trocado por ele. Ressalta-se a representação da grande autoestima de BC, que se considera mais valioso que Lobo Neves. Quando desenvolve esse crer-ser, BC passa a acreditar que merece os méritos relativos à sua crença. Desenvolve a paixão da inveja, BC passa a querer-ser o que Lobo Neves é.

Gabriel Perissé aponta que a observação da ponta do nariz serve para tentar superar a inveja, o sujeito olha para as suas próprias qualidades, para tirar seu foco das qualidades do rival:

O nariz permite à humanidade equilibrar-se, superando o ódio que nasce inevitavelmente da convivência diária. Ao olhar para a ponta do nariz e concentrar-se, portanto, em sua própria individualidade, o homem enfurecido, corroído pela inveja ou pela sede de vingança, desliga-se do exterior, esquece os inimigos e rivais, volta-se para o invisível, o intangível, o inefável. Fincando os olhos nesse ponto, impede-se o crime. O universo todo subordina-se àquela ponta de nariz e o gênero humano é preservado. (PERISSÉ, 2011, s/p.)

A inveja também é representada no exemplo dos chapeleiros, ao qual BC recorre para explicar sua teoria do capítulo XLIX, sobre o nariz:

Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis a oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; o chapeleiro compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles chapéus com os seus, menos buscados, ainda que de igual preço. Mortifica-se naturalmente; mas vai andando, concentrado, com os olhos para baixo ou para a frente, a indagar as causas da prosperidade do outro e do seu próprio atraso, quando ele chapeleiro é muito melhor chapeleiro do que o outro chapeleiro... Nesse instante é que os olhos se fixam na ponta do nariz. (ASSIS, 1994, p. 57)

A mortificação representa a frustração que acompanha a inveja, ocasionada porque “quando vemos para além do nosso nariz, ou do nosso umbigo, nos comparamos aos outros, queremos imitá-los ou superá-los” (PERISSÉ, 2011, s/p). BC inveja Lobo Neves, o que lhe causa um sentimento de frustração que deriva da condição do sujeito marcado pela inveja, que quer-ser e sabe não ser. Nas palavras de René Girard, a inveja, “admiração velada do prestígio do outro, do que o outro possui, é a constatação clara de ser insuficiente. Constatação esta muito angustiante e incômoda” (GIRARD, 2010, s/p). Dessarte, admirar a ponta do nariz é uma forma do sujeito melhorar a sua autoestima, ou seja seu crer-ser, que está abalado diante da impossibilidade de obter um objeto que já está na posse de outro.

Considerando que BC padece da frouxidão da vontade, como já foi dito anteriormente, não teve iniciativas suficientes para conquistar Virgília quando se conheceram. Todavia, quando a moça volta de viagem, casada, BC tem a mola propulsora para realizar o seu querer. Freud, em *Uma escolha especial de objeto feita pelos homens* (1980), aponta algumas precondições para o desenvolvimento do amor. Uma delas converge exatamente com a postura de BC, a

[...] precondição de que deva existir ‘uma terceira pessoa prejudicada’; estipula que a pessoa em questão nunca escolherá uma mulher sem compromisso, como seu objeto amoroso - isto é uma moça solteira [...] em alguns casos, essa precondição evidencia-se de modo tão convincente que a mulher pode ser ignorada ou mesmo rejeitada, desde que não pertença a qualquer homem, mas torna-se objeto de sentimentos apaixonados, tão logo estabeleça um desses relacionamentos com outro homem. (FREUD, 1980, p.150).

Essa precondição analisada por Freud converge com a teoria do desejo triangular de René Girard²⁰, embora esta tenha um sentido mais lato e aquela um sentido mais estrito. Os apontamentos de Freud estão exclusivamente voltados para o amor, enquanto o desejo triangular pode se aplicar a qualquer situação. Ainda que Girard seja manifestadamente²¹ divergente de algumas ideias de Freud, a relação de BC vai ao encontro de ambas as teorias. Como se evidencia na citação acima, o desejo de BC por Virgília casada exprime a precondição de Freud para o amor. Por sua vez, no que tange às ideias de Girard, a postura de BC é resumida pela seguinte regra, comum à psicologia humana: “os objetos que se nos apresentam livre e espontaneamente, plenamente disponíveis e facilmente adquiridos, não têm o mesmo encanto dos objetos afastados de nosso alcance, cuja posse apresenta um desafio formidável” (GIRARD *apud* DIXON, 2009, p. 130).

Ter um rival estimula BC na conquista de Virgília, como sugere Dixon, quando trata da teoria do desejo triangular: “O reencontro, alguns anos depois, apresenta uma oportunidade evidentemente mais triangular, pois agora se trata de uma mulher casada, e de um terceiro, Lobo Neves, que funciona como mediador” (DIXON, 2009, p. 101).

Quando BC se reaproxima de Virgília, eles conversam e dançam em uma festa e BC confessa: “não nego que, ao conchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado” (ASSIS, 1994, p. 58). O termo roubado, ter algo seu tirado de si, remete à posse, à propriedade.

Ao se encontrarem na festa seguinte, BC e Virgília têm uma interação sensual, flertiva:

Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: — O senhor hoje há de valsar comigo. — Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que essa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio. (ASSIS, 1994, p. 58)

²⁰ Teoria desenvolvida por René Girard na obra *Mensonge romantique et vérité romanesque* (1961).

²¹ Girard reitera sua contrariedade às ideias de Freud: “Sim, há uma oposição entre as ideias de Freud e as minhas. Muitos diriam que tanto na repressão da libido em Freud, quanto no uso do mecanismo de vítimas arbitrárias para aplacar explosões, reside uma ideia similar. Mas não concordo com Freud e com sua teoria de que tudo está relacionado ao desejo sexual. Freud justifica todo comportamento humano baseando-se nesta ideia. Ele foi o primeiro a ver a profunda influência que uma pessoa tem sobre a outra. Mas discordo de sua visão de que a influência dos pais delinear a personalidade. A visão de Freud ficou muito restrita ao período em que viveu, no qual predominava um certo tipo de estrutura familiar” (GIRARD, 2010, s/p).

Mesmo havendo o flerte e o gosto, a ideia de posse é colocada por BC:

— É minha! disse eu comigo, logo que a passei a outro cavalheiro; e confesso que durante o resto da noite, foi-se-me a idéia entranhando no espírito, não à força de martelo, mas de verruma, que é mais insinuativa.
— É minha! dizia eu ao chegar à porta de casa. (ASSIS, 1994, p. 58)

BC denomina seu comportamento como “arroubos possessórios” e faz uma comparação entre a posse da moça e a posse de uma moeda de ouro:

Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse, se lembrasse de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios, luziu-me no chão uma coisa redonda e amarela. Abaixei-me; era uma moeda de ouro, uma meia dobra.
— É minha! Repeti eu a rir-me, e meti-a no bolso. (ASSIS, 1994, p. 59)

Esse paralelo entre Virgília e a meia dobra demonstra o gosto de BC por possuir, tanto a moeda quanto Virgília têm valor social, remetem à glória, a moeda é de ouro, “é uma jóia, [...] uma coisa rara” (ASSIS, 1994, p. 47). Segundo Dixon:

Virgília tem um vínculo figurado com o sucesso — com uma boa profissão, e mais especificamente com uma carreira política. Não surpreende, portanto, que Lobo Neves, como esposo de Virgília, possui estas evidências de êxito. Na lógica machista e perversa de Brás Cubas, então, roubar a mulher de Lobo Neves não é simplesmente a apropriação de sua parceira, mas também é roubo, em sentido metonímico, de sua carreira, seu prestígio, seu sucesso na vida. (DIXON, 2009, p. 130–131).

Ambição é desejo de ter o que agrega prestígio, o que eleva a autoestima, o que tem valor honorífico. Virgília “tem um vínculo figurado com o sucesso”, é a compilação de valores que elevam a autoestima, que têm valor honorífico e, assim, agregam prestígio. Assim, desejar Virgília é ser ambicioso.

Na ambição inicial de BC sobre Virgília, quando deseja a moça para alcançar a carreira política de sucesso, a moça é objeto-modal, uma ponte para BC alcançar a nomeada. No interesse por Virgília já casada, a moça passa a ser objeto-valor. BC é, nessa situação, sujeito atualizado, ele quer, pode, sabe e, em seu simulacro, deve conquistar a moça e, então, realiza a *performance*: tem início uma relação extraconjugal, que vem a ser o relacionamento mais significativo da vida de

BC. Apesar de movido pela ambição, BC desenvolve um sentimento de amor por Virgília, que ele crê-ser recíproco, no entanto, é importante reiterar que, apesar desse amor, há interesse de BC em tudo aquilo que Virgília representa.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. (ASSIS, 1994, p. 61)

O amor entre os amantes é reiterado algumas vezes por BC, como no trecho em que ele afirma: “Sim, senhor, amávamos. Agora, que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nos amávamos deveras” (ASSIS, 1994, p. 63), e “era a nossa sorte amar-nos; se assim não fora, como explicaríamos a valsa e o resto?” (ASSIS, 1994, p. 64).

BC declara um sentimento de amor por Virgília que parece verdadeiro tanto no enunciado quanto na enunciação. Todavia, ele levanta a dúvida sobre o amor de Virgília quando comenta: “Um dia, depois de me confessar que tinha momentos de remorsos, como eu lhe dissesse que, se tinha remorsos, é porque me não tinha amor” (ASSIS, 1994, p. 64). Virgília tenta parecer amá-lo, no nível do enunciado, abraça-o e declara: “— Amo-te, é a vontade do Céu” (ASSIS, 1994, p. 64).

Porém, BC ressalta características do ser de Virgília, que contradizem a jura de amor da moça:

E esta palavra não vinha à toa; Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono. Tinha medo às trovoadas; nessas ocasiões, tapava os ouvidos, e resmoneava todas as orações do catecismo. Na alcova dela havia um oratorozinho de jacarandá, obra de talha, de três palmos de altura, com três imagens dentro; mas não falava dele às amigas; ao contrário, tachava de beatas as que eram só religiosas. *Algum tempo desconfiei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa de flanela, preservativa e clandestina; mas evidentemente era engano meu.* (ASSIS, 1994, p. 64, grifo nosso).

Ao fazer um paralelo entre a religiosidade e o amor de Virgília por ele, BC acaba por desqualificar os sentimentos da moça. Mesmo o rapaz ressaltando que estava enganado sobre a pouca religiosidade de Virgília, na enunciação permanece a ideia de que o amor, para ela, também era como uma camisa de flanela, o amor por Lobo Neves preservativo e o amor por BC clandestino. Essa relação de preservação e clandestinidade é que leva BC para a próxima frustração.

BC tinha Virgília como um refúgio e era crente no seu amor por ele, chegando a acreditar que ela existe para satisfazê-lo:

Desde a sopa, começou a abrir em mim a flor amarela e mórbida do capítulo XXV, e então jantei depressa, para correr à casa de Virgília. *Virgília era o presente; eu queria refugiar-me nele, para escapar às opressões do passado [...]* Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, enfronhado em cambraia e bruxelas. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas, ou até dolorosas. E, bem pesadas as coisas, *não era outra a razão da existência de Virgília*; não podia ser. (ASSIS, 1994, p. 68).

BC fica “embriagado” pela ideia da fuga e da construção de uma vida conjunta com a amante: “lobrigava, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a expansão da vontade” (ASSIS, 1994, p. 69). Diante da proposta de fuga, Virgília encontra-se em uma situação em que deixa transparecer a sensibilidade do seu amor clandestino por BC frente ao amor preservativo do marido.

Quanto BC questiona se Virgília o ama, tem como resposta apenas um suspiro, um abraço e uma postura permeada por temas e por figuras, grifados, que remetem a uma postura esquiva, de alguém que não quer tocar naquele assunto. Mesmo assim, o protagonista, acredita no amor da moça:

Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade patente. *Com os braços ao meu pescoço, calada, respirando muito, deixou-se ficar a olhar para mim, com os seus grandes e belos olhos [...]* tinha o aspecto das naturezas cálidas, e podia-se dizer que, na realidade, resumia todo o amor. *Resumia-o, sobretudo naquela ocasião, em que exprimia mudamente tudo quanto pode dizer a pupila humana.* (ASSIS, 1994, p. 69, grifo nosso).

No enunciado, o texto mostra que Virgília ama BC. Porém, ao reconstruir a enunciação que está por trás destes enunciados, percebe-se a visão pragmática, utilitária pela qual Virgília vê sua relação com BC. Além disso, o relato demonstra também como o enunciador do texto mostra que a narração de BC não é totalmente confiável. Isso se evidencia nesse jogo entre o que diz o enunciado e o que se abstrai da enunciação textual.

O apaixonado BC fundamenta a sua proposta de fuga no amor, na possibilidade de ficarem juntos e nos perigos da iminente descoberta do romance proibido pela sociedade e pelo marido de Virgília: [se Lobo Neves] “descobrir alguma coisa, e estarás perdida... ouves? perdida... morta... e ele também, porque eu o matarei, juro-te” (ASSIS, 1994, p. 70). A proposta não é do interesse de Virgília, que não demonstra empolgação, pelo contrário, sustenta uma de espanto diante da declaração do amante: “Virgília *empalidecera* muito, *deixou cair os braços* e *sentou-se* no canapé. Esteve assim alguns instantes, *sem me dizer palavra*, não sei se *vacilante* na escolha, se *aterrada* com a idéia da descoberta e da morte” (ASSIS, 1994, p. 70). Em seguida, comenta: “— Não escaparíamos talvez; ele iria ter comigo e matava-me do mesmo modo” (ASSIS, 1994, p. 70, grifo nosso).

Entretanto, para o apaixonado BC, o mundo é grande e ele tem meios para viver “onde quer que houvesse ar puro e muito sol”. Lobo Neves não “chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes ações, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe” (ASSIS, 1994, p. 70). A reação mais intensa de Virgília nessa sequência é em defesa de sua relação: “Virgília fez um gesto de espanto e quase indignação; murmurou que o marido gostava muito dela” (ASSIS, 1994, p. 70).

Ambiciosa, Virgília quer manter as aparências, preservar o matrimônio, o que percebe-se na sua interação com o marido, Lobo Neves:

Virgília sentara-se ao lado dele, *pegou-lhe numa das mãos*, compôs-lhe a gravata, e tornou a *perguntar o que era*.

— Nada menos que um camarote.

— Para a Candiani?

— Para a Candiani.

Virgília *bateu palmas*, *levantou-se*, *deu um beijo no filho*, *com um ar de alegria pueril*, que destoava muito da figura; depois *perguntou se* o camarote era de boca ou do centro, *consultou o marido*, *em voz baixa*, *acerca da toilette que faria*, *da ópera que se cantava*, e de *não sei que outras coisas*. (ASSIS, 1994, p. 71, grifo nosso).

Decorrente da intensidade dos sentimentos e da prepotência de BC, ele aproxima-se novamente da frustração por causa do desinteresse de Virgília pela sua proposta. Enciumado por causa da interação da moça com o marido, BC diz:

era a primeira grande cólera que eu sentia contra Virgília. Não olhei uma só vez para ela durante o jantar; falei de política, da imprensa, do ministério, creio que falaria de teologia, se a soubesse, ou se me lembrasse. Lobo Neves acompanhava-me com muita placidez e dignidade. (ASSIS, 1994, p. 71, grifo nosso).

Apesar de frustrado e enciumado, BC é logo dissuadido de sua suposta cólera por Virgília demonstrar-se magoada e acusá-lo de falta de amor. BC se retrata pelos maus modos e reitera a proposta de fuga, que ela recusa novamente. Virgília sugere que, ao invés de fugir, eles deveriam alugar uma casa para se encontrarem com mais privacidade: “uma casinha só nossa, solitária, metida num jardim, em alguma rua escondida” (ASSIS, 1994, p. 72).

A contraproposta de Virgília não contenta BC, mas ele acaba aceitando, pois a amante consegue manipular a situação. O desejo de fuga de BC foi um desejo linear, sem intermédio de ninguém, mas BC é volúvel, fraco em relação às posturas que toma de forma original, sem ser manipulado pelos outros, o que o torna um sujeito da ação fraco, incapaz de executar sua *performance* na vida.

Mesmo diante da frustração de BC de não ser a prioridade de Virgília, BC é manipulado por ela e aceita manter a relação extraconjugal em uma casinha escondida. Todavia, devido às desconfianças sobre a relação de BC e Virgília, o protagonista reitera, ainda mais uma vez, seu desejo de fugir com a amada. Virgília é explícita, responde “nunca”. BC comenta:

Vi que era impossível separar duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dois dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá lá; arranжемos a casinha. (ASSIS, 1994, p. 75).

Nesse relato, o enunciador, mais uma vez, demonstra que o narrador BC não é confiável, já que ele, narrador, esconde o caráter de Virgília: alguém que não abre mão daquilo que tem, que é egoísta e pragmática. Mais uma

vez percebe-se o jogo entre o enunciado e a enunciação. A relação de Virgília com o amor por BC é menos intensa do que a sua ambição. Portanto, manter a relação conjuntiva com o prestígio social e a consideração pública possui muito mais tensividade. É esse fato que o enunciador quer explicitar, mas o narrador oculta, pois isso seria mostrar um BC menor, inferior a Lobo Neves.

Virgília é deveras similar a BC, que coloca a ambição acima das relações amorosas e familiares. A similaridade, no entanto, não é vantajosa para BC, que não é objeto-valor em cuja busca Virgília empreende pouca tensão, ou seja, não é prioridade para ela. Virgília é forte, utilitarista e sabe o que quer. Nas palavras de Schwarz:

Ela faz questão do bom e do melhor, em que se incluem as audácias da elegância moderna tanto quanto as vantagens da situação tradicional. Brilho mundano, um pouco de agnosticismo, galanteios românticos, liberdade no amor — sem prejuízo de vida familiar sólida, consideração pública, oratório de jacarandá no quarto, reputação imaculada, privilégio. (SCHWARZ, 1990, p. 128).

Para manter esses valores contraditórios, Virgília utiliza-se de artimanhas sutis, “compensações voluntárias e involuntárias” (SCHWARZ, 1990, p. 127), para manter o bom convívio entre marido e amante. Ela exerce essa tarefa de uma forma competente por longo tempo: consegue manter o caso extraconjugal na casa em que mora com o marido sem levantar desconfianças dele, consegue frequentar por um grande período de tempo a casa que aluga para se encontrar com o amante e, sobretudo, consegue que Lobo Neves convide BC para ser seu secretário, se mudando de cidade juntamente ao casal. Dessa forma, a moça não perde os benefícios do casamento nem os prazeres do caso extraconjugal. Essa busca simultânea dos dois objetos-valor

diminui, os varões, pois lhes tira o crédito a gravidade moral, assentada sobre a presunção de consciência. Ao passo que a mulher mesma inconsciente é um encanto a mais, e até uma manifestação de força, já que indica a possibilidade de satisfação em toda a linha onde a mania masculina da coerência só enxerga inviabilidade e necessidade de optar. (SCHWARZ, 1990, p. 128–129).

A “mania masculina da coerência” de BC, que enxerga apenas a necessidade de Virgília optar entre Lobo Neves e ele, se deve à ambição do protagonista. BC que ostentar a gloriosa Virgília como um troféu aos olhos de todos,

pois “as suas conquistas são para serem apreciadas, o que lhe aumenta a importância como macho, ao produzir não só a admiração, como a inveja dos outros homens” (FREITAS, 2001, p. 96). Diante de um escândalo que revelasse o caso, BC provaria que foi mais competente que Lobo Neves, pois, como acreditava, valia muito mais que ele (ASSIS, 1994, p. 56). Dessarte, BC quer ostentar a sua vaidade e alimentar a sua ambição: somente quando um assunto passa à esfera pública ele pode render prestígio aos envolvidos. No entanto, como sua vontade é frouxa, BC não consegue fugir com Virgília e colher os louros de sua conquista.

Como não pode vencer a ambição de Virgília, BC aceita as condições de sua amada. Diante da nova realidade, BC passa novamente por “arroubos possessórios”: “Para mim era aquilo uma situação nova do nosso amor, uma aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto” (ASSIS, 1994, p. 75). Virgília é o objeto-valor de sua ambição e objeto de seu amor, portanto, BC não quer dividi-la, sequer lembrar-se da duplicidade dos alvos do amor da moça: “Já estava cansado das cortinas do outro, das cadeiras, do tapete, do canapé, de todas essas coisas, que me traziam aos olhos constantemente a nossa duplicidade” (ASSIS, 1994, p. 75).

A dualidade dos sentimentos de Virgília, entre o amor e a consideração pública são novamente explicitados quando o marido é nomeado para presidente de uma província. Apesar de aborrecida, Virgília não cogita dissuadir Lobo Neves de aceitar o cargo, diante dos argumentos dele:

— Não posso recusar o que me pedem; é até conveniência nossa, do nosso futuro, dos teus brasões, meu amor, porque eu prometi que serias marquesa, e nem baronesa estás. Dirás que sou ambicioso? Sou-o deveras, mas é preciso que me não ponhas um peso nas asas da ambição. (ASSIS, 1994, p. 83).

Dessa forma, Virgília tenta convencer BC a ir com eles. O próprio Lobo Neves acaba convidando BC para ocupar o cargo de seu secretário. BC passa por breve indecisão, mas acaba aceitando, como forma de resolver as coisas politicamente: “Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as coisas de um modo administrativo” (ASSIS, 1994, p.85). Assim, BC espalha a notícia de que será secretário de uma província, e as pessoas associam a sua nomeação com a de Lobo Neves e com sua proximidade de Virgília. Diante de

insinuações sobre a relação de BC com a moça, o rapaz sorria, representando a paixão do orgulho:

Virgília era um belo erro, e é tão fácil confessar um belo erro! Costumava ficar carrancudo, a princípio, quando ouvia alguma alusão aos nossos amores; mas, palavra de honra! sentia cá dentro uma impressão suave e lisonjeira. Uma vez, porém, aconteceu-me sorrir, e continuei a fazê-lo das outras vezes. Não sei se há aí alguém que explique o fenômeno. Eu explico-o assim: a princípio, o contentamento, sendo interior, era por assim dizer o mesmo sorriso, mas abotoado; andando o tempo, desabotoou-se em flor, e apareceu aos olhos do próximo. (ASSIS, 1994, p. 87)

Esse excerto vai ao encontro das ideias de Freitas, que postula que o homem associa ao amor a sua necessidade de admiração e de louros. Por causa disso, “a mulher torna-se um troféu que, por vezes declaradamente, e por outras mais timidamente, gosta de, vaidosamente, exhibir” (FREITAS, 2001, p. 96). Esse sentimento se parece com o que tomava BC na relação com Marcela. A esse respeito, Dixon comenta:

Na primeira oportunidade, Virgília não consegue captar suficientemente o interesse do protagonista, apesar das aparentes prendas físicas e sociais. Somente no segundo encontro, depois de casada, quando “pertence” a outro, é que a mulher realmente consegue despertar seu desejo. Já vimos no caso do namoro com Marcela que o rival, Xavier, faz parte do conjunto de fatores que tornam a espanhola atrativa para o protagonista. A instância de Virgília é parecida, porque a rivalidade do esposo, Lobo Neves, contribui para o encanto da mulher. Vale mais a conquista quando é preciso disputá-la. (DIXON, 2009, p. 130).

Dixon complementa que “o caso adúltero envolve Lobo Neves, tanto quanto Virgília [...] uma parte do prazer de Cubas, ao seduzir Virgília, é pôr chifres na cabeça de seu esposo” (DIXON, 2009, p. 131). Dessa forma, “as mulheres naturalmente se esforçam para mantê-lo encoberto, enquanto os homens, para esconder o caso aos olhos do público, precisam dominar o orgulho” (DIXON, 2009, p. 131). O orgulho, nesse caso, relaciona-se à ambição de BC, afinal, ambição é ter desejo pelo que eleva a autoestima. Vencer o rival Lobo Neves e manter o caso com Virgília, considerando tudo que ela representa, eleva de veras a autoestima de BC.

O desejo de BC por Virgília é caracterizado como o desejo mimético, o desejo triangular de Girard, no qual o modelo é Lobo Neves. O desenvolvimento

do orgulho e da vontade de causar inveja nos outros pela divulgação do caso extraconjugal representa uma iniciativa de BC para abandonar a sua postura costumeira, do desejo mimético, e passar a ser o modelo ao qual o desejoso mimético imita. Nas palavras de Girard, “o modelo, o intermediário, não é passivo dentro deste mecanismo. Pelo contrário, faz de tudo para provocar o desejo do outro sobre seu objeto. Pois, que valor tem o objeto, senão pelo desejo de outrem? Este é o ciclo infernal do desejo. E também dos conflitos” (GIRARD, 2010, s/p).

Em outro momento do romance essa postura de BC é novamente evidenciada, a relação entre ambição, orgulho, vaidade e desejo de causar inveja é reiterada explicitamente. Insinuados seus antigos amores com Virgília, por um conhecido, BC sente prazer na conversa e reflete:

Em pontos de aventura amorosa, achei homens que sorriam, ou negavam a custo, de um modo frio, monossilábico, etc., ao passo que as parceiras não davam por si, e jurariam aos Santos Evangelhos que era tudo uma calúnia. A razão desta diferença é que a mulher (salva a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor, ou seja o amor-paixão de Stendhal, ou o puramente físico de algumas damas romanas, [...] mas o homem, — falo do homem de uma sociedade culta e elegante, — o homem conjuga a sua vaidade ao outro sentimento. (ASSIS, 1994, p. 122)

BC ressalta que “a mulher, quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular com arte maior” (ASSIS, 1994, p. 123), enquanto o homem mantém um sentimento menos secreto, “essa boa fatuidade, que é a transpiração luminosa do mérito” (ASSIS, 1994, p. 123), pois “sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso” (ASSIS, 1994, p. 123). BC diferencia a entrega da mulher, por amor, dos desejos do homem na relação, que se direcionam a diversas outras coisas. As ideias de tornar-se vencedor e obter mérito são os desejos do ambicioso, enquanto o orgulho e a vaidade são as paixões desenvolvidas após a realização da *performance*, isto é, após a conquista da mulher.

Não obstante, BC também desenvolve o estado de alma da ambição quando a amante engravida. Mais do que amor paternal, BC sente um misto de orgulho e de projeção de futuro brilhante para sua prole. Ademais, ter um filho é algo prestigioso, ainda que em uma relação extraconjugal, pois se não levará seu nome ou o nome da família, ao menos levará seu sangue, eternizando BC.

Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, morte do Viegas, nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia-me homem. (ASSIS, 1994, p. 94).

BC crê-ser o pai da criança, que tem a “paternidade obscura”. Esse crer-ser não se deve a nenhum tipo de evidência, mas um forte querer, um desejo veemente por algo prestigioso, que eleva a autoestima e coloca BC em posição honorífica, ou seja, de ambição.

O melhor é que conversávamos os dois, o embrião e eu, falávamos de coisas presentes e futuras. O maroto amava-me, era um pelintra gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou *então traçava a beca de bacharel, porque ele havia de ser bacharel e fazia um discurso na Câmara dos Deputados. E o pai a ouvi-lo de uma tribuna, com os olhos rasos de lágrimas.* De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, lousa e livros debaixo do braço, ou então caía no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos: ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora, — *baby* e deputado, colegial e pintalegrete. (ASSIS, 1994, p. 95, grifo nosso).

Novamente aparece a representação do desejo triangular, pois demonstra a intenção de “transferência do desejo mimético de uma geração para outra” (DIXON, 2009, p. 106). Assim como Bento Cubas, BC também passou “a vida imitando os desejos e projetos de modelos superiores” (DIXON, 2009, p. 106), e projeta no filho, ainda não nascido, esses desejos, querendo torná-lo um imitador. BC, como seu pai, demonstra ser sujeito da falta, da falta de nomeada e de prestígio. Por causa disso, espera que o filho venha a suprir essa falta adquirindo prestígio social como bacharel e deputado, ou seja, realizando a *performance*.

Vale notar que, apesar do entusiasmo de BC quanto à gravidez de Virgília, ela ficava aborrecida com as “antecipadas carícias paternas” (ASSIS, 1994, p. 98), do amante. Virgília sentia “medo do parto e vexame da gravidez” (ASSIS, 1994, p. 98), pois, “padecera muito quando lhe nasceu o primeiro filho” (ASSIS, 1994, p. 98). No que se refere “ao vexame, complicava-se ainda da forçada privação de certos hábitos da vida elegante” (ASSIS, 1994, p. 98). Virgília tem, como BC,

“amor das aparências rutilantes” e não gosta de abrir mão da vida social prestigiosa por causa da gravidez.

Das expectativas, cuidados e da ambição de BC sobre o filho provém, novamente, o estado de alma da frustração:

Uma tarde, após algumas semanas de gestação, esboroou-se todo o edifício das minhas quimeras paternais. Foi-se o embrião, naquele ponto em que se não distingue Laplace de uma tartaruga [...] Senti tocar-me no ombro; era Lobo Neves. Encaramo-nos alguns instantes, mudos, inconsoláveis. (ASSIS, 1994, p. 99).

A derradeira frustração que Virgília causa a BC é proveniente da nova nomeação política de Lobo Neves. Ao tomar conhecimento da notícia pela própria Virgília, BC a provoca: “— De maneira, que desta vez fica você baronesa, interrompi eu” (ASSIS, 1994, p. 102). A moça, que apesar de esforçar-se para parecer, no enunciado, indiferente à possibilidade de ascensão social, demonstra-se interessada, na enunciação: “Ela derreou os cantos da boca, e moveu a cabeça a um e outro lado; mas esse gesto de indiferença era desmentido por alguma coisa menos definível, menos clara, uma expressão de gosto e de esperança”. (ASSIS, 1994, p. 102).

Virgília, que “amava cordialmente a nobreza” e que “possuía a vocação diplomática” (ASSIS, 1994, p. 102), parte com o marido e abandona BC, que comenta: “Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses” (ASSIS, 1994, p. 111), e conclui: “A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez” (ASSIS, 1994, p. 122).

BC torna-se um sujeito marcado pela frustração e pela decepção, como se percebe no trecho:

Ai dor! era-me preciso enterrar magnificamente os meus amores. Eles lá iam, mar em fora, no espaço e no tempo, e eu ficava-me ali numa ponta de mesa, com os meus quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios; ficava-me para os não ver nunca mais, porque ela poderia tornar e tornou, mas o eflúvio da manhã quem é que o pediu ao crepúsculo da tarde? (ASSIS, 1994, p. 112).

A dor e os anos vadios e vazios denotam a frustração e a decepção de BC pela disjunção com o objeto Virgília. Em seguida, BC conta que ficou recluso

em casa, a caçar moscas: “fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto” (ASSIS, 1994, p. 112). BC também se mostra apático às mortes dos seus familiares: “não me dei por abalado: levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro a um banco. Que digo? como quem leva cartas ao correio: selei as cartas, meti-as na caixinha, e deixei ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria” (ASSIS, 1994, p. 112). Não obstante, BC demonstra-se indiferente ao nascimento da sobrinha: “morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas” (ASSIS, 1994, p. 112).

A frustração, posteriormente, cede lugar ao entusiasmo diante da possibilidade de BC casar-se com Eulália e ser pai, todavia, a mera lembrança de Virgília é suficiente para levar BC a um estado de decepção novamente. A lembrança da amada é acompanhada por um diabo negro que mostra o reflexo de Virgília sofrendo por BC (ASSIS, 1994, p. 116). A decepção é consequência de um sentimento de culpa pela possibilidade de BC ser feliz com outra.

Essas alterações de sentimentos de BC demonstram que, apesar de clandestina, a relação teve importância para os personagens, pois “a relação entre Virgília e Brás não é só plena, como é *longa*, apesar de desprovida dos motivos nobres que também nas ligações irregulares costumam ser o penhor da continuidade” (SCHWARZ, 1990, p. 134). A ausência de motivos nobres se deve ao fato de que, tanto para BC, quanto para Virgília, o amor era um interesse secundário.

Virgília segue a definição de Barreto Filho de que a mulher na obra machadiana “com raras exceções, [é] um elemento perturbante e incerto, um ser estranho e fascinante que acentua o trágico da vida, porque é contraditória e surpreendente como fatalidade” (BARRETO FILHO, 1997, p. 106). O autor comenta, ainda, que “Virgília pertence a essa galeria de criaturas fantásticas, inconsequentes, que perderam a distinção do bem e do mal, e se entregam à dissipação das forças do caráter e até de grandes qualidades, em ações mesquinhas e ingloriosas” (BARRETO FILHO, 1997, p. 106). Não é de se surpreender que com todas essas características, Virgília cause diversas frustrações em BC. Além de inquietante, Virgília acentua o trágico da vida, combustível para o determinismo e o pessimismo que assolam BC e o levam à melancolia.

De acordo com Schwarz “o amor nas *Memórias* é frouxo” (SCHWARZ, 1990, p. 127). O que caracteriza essa frouxidão não romanesca do amor é a sua falta de prioridade. A atenção dada aos desejos amorosos deriva da “regra perversa na psicologia humana” (DIXON, 2009, p. 130): o desejo triangular, que já foi discutido anteriormente. A frouxidão do desejo acontece diante dos objetos livres, disponíveis e de fácil aquisição. O desejo veemente se dá diante dos objetos de difícil acesso, indisponíveis e que apresentam desafio para a conquista (DIXON, 2009, p. 130).

Essa regra não se aplica apenas a BC, pois Virgília também passa a desejá-lo apenas quando já está casada e a relação entre eles é proibida, portanto perigosa e instigante. O desejo de BC de tomar a moça para si ou, no mínimo, escachar o rival tornando público o conhecimento do caso com Virgília é aprazível publicamente, destrona Lobo Neves e alimenta a autoestima de BC. Por outro lado, o desejo de Virgília por BC é clandestino e desafia o marido, portanto, a moça preza por discrição.

A competição com Lobo Neves leva BC a paixões como o orgulho e a vaidade, porque o desejo de BC por Virgília é ambição, é desejo de ser mais prestigioso do que seu marido bem-sucedido. Já, para Virgília, Lobo Neves é objeto-modal para sua ambição. Divulgar o caso e perder o marido a afastaria da proximidade com a glória e com os títulos honoríficos. Como BC sofre de frouxidão da vontade, acaba perdendo a moça, que não sofre do mesmo mal: ela sacrifica o caso extraconjugal para manter-se em conjunção com seu objeto-modal Lobo Neves e com seu objeto-valor prestígio social.

3.2.4 EULÁLIA

“Não há remédio, disse eu comigo, vou arrancar esta flor a este pântano!”

Eulália ou Nhã-loló é um breve relacionamento na vida de BC, que se dá, basicamente, pela manipulação da família do protagonista. Devido às desconfianças públicas do relacionamento extraconjugal de BC e Virgília e à motivação do rapaz de seguir com a moça e com o marido, como secretário, para a província onde Lobo Neves foi nomeado presidente, Sabina tenta convencer o irmão de que o melhor para ele é se casar: “deixe, que eu ainda arranjo uma noiva para

você” (ASSIS, 1994, p. 88), o que BC chama de “porteiro das conveniências” e não vê com bons olhos, pois, além de apaixonado por Virgília, está empolgado com a possibilidade de ser o pai do filho que ela espera.

Cotrim pede para Damasceno, seu cunhado, levar um bilhete a BC, convidando-o para jantar. Damasceno apresenta-se e faz uma propaganda gloriosa de sua família e de sua filha. Ele “fizera a revolução de 1831” (ASSIS, 1994, p. 97), tinha diversas ideias políticas “pouco baralhadas” (ASSIS, 1994, p. 97). Damasceno “tinha patriotismo”, “o que não admirava porque era de família; descendia de um antigo capitão-mor muito patriota. Sim, não era nenhum pé-rapado. Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa” (ASSIS, 1994, p. 97). Damasceno continua tentando expor bom gosto e prestígio, como aponta BC:

Opinava por várias coisas, entre outras, o desenvolvimento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses. Gostava muito de teatro; logo que chegou foi ao Teatro de São Pedro, onde viu um drama soberbo, a *Maria Joana*, e uma comédia muito interessante, *Kettly, ou A volta à Suíça*. Também gostara muito da Deperini, na *Safo*, ou na *Ana Bolena*, não se lembrava bem. Mas a Candiani! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o *Ernani*, que a filha dele cantava em casa, ao piano: *Ernani, Ernani, involami...* — E dizia isto levantando-se e cantarolando a meia voz. — No Norte essas coisas chegavam como um eco. A filha morria por ouvir todas as óperas. Tinha uma voz muito mimosa a filha. E gosto, muito gosto. (ASSIS, 1994, p. 97).

Rodrigues observa que essa postura de Damasceno, tentando se aproximar de características prestigiosas causa irritação, que ele “vem das classes emergentes, e quer esconder a condição. Afeta importância, mas é um deslocado” (*In*: ASSIS, 2001, p. 294). Essa tentativa de Damasceno de querer parecer importante deve-se ao seu desejo de casar a filha com BC, o que seria uma ascensão social para sua família, que é emergente apenas. Além disso, Damasceno também apela para a autoestima de BC “ele parou dizendo que simpatizava muito comigo. Quando casara, estava eu na Europa. Conheceu meu pai, um homem às direitas” (ASSIS, 1994, p. 97).

Apesar de Damasceno tentar fazer sua família parecer uma família gloriosa, BC percebe que, na essência, a família de Eulália é humilde. Ele comenta que Damasceno “trajava a filha com outra elegância e certo apuro, coisa difícil de explicar, porque o pai ganhava apenas o necessário para endividar-se; e daí, talvez

fosse por isso mesmo” (ASSIS, 1994, p. 100). Dessa forma, BC demonstra saber que é um investimento para a família da moça, que, todavia, não é menos investimento para ele.

No jantar em que conhece a moça, BC faz uma boa descrição dela: “moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim” (ASSIS, 1994, p. 97). BC comenta, ainda, “de noite [Eulália] cantou; a voz era como dizia o pai, “muito mimosa”. Não obstante, esquivei-me” (ASSIS, 1994, p. 97). Sabina explicita sua intenção de manipular BC, como se percebe:

Sabina veio até à porta, e perguntou-me que tal achara a filha do Damasceno.

— Assim, assim.

— Muito simpática, não é? acudiu ela; falta-lhe um pouco mais de corte. Mas que coração! é uma pérola. *Bem boa noiva para você.*

— Não gosto de pérolas.

— Casmurro! Para quando é que você se guarda? para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, *quer você queira quer não, há de casar com Nhã-loló.* (ASSIS, 1994, p. 97–98, grifo nosso).

Novamente, os interesses de BC se dão de forma triangular: “minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhã-loló de um modo verdadeiramente impetuoso. Quando dei por mim estava com a moça quase nos braços” (ASSIS, 1994, p. 122- 113). Sabina usa de manipulação para que ele queira se casa com Eulália: “Não, senhor, agora quer você queira, quer não, há de casar, disse-me Sabina. Que belo futuro! Um solteirão sem filhos” (ASSIS, 1994, p. 116).

Bento Cubas muito estimulou BC a casar-se, ter filhos e continuar o nome da família, até porque, “estabelecemos famílias, vendo nelas uma eternidade genética” (DIXON, 2009, 112). O argumento surte efeito em BC:

Sem filhos! A idéia de ter filhos deu-me um sobressalto; percorreu-me outra vez o fluido misterioso. Sim, cumpria ser pai. A vida celibata podia ter certas vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão. Sem filhos! Não; impossível. Dispuse-me a aceitar tudo, ainda a aliança do Damasceno. (ASSIS, 1994, p. 116)

Do pai de BC também veio o conselho “todo o homem público deve ser casado” (ASSIS, 1994, p. 40), que é reiterado por Cotrim, que afirma apoiar o casamento de BC pelo bem de sua carreira política, não porque a moça seja sua sobrinha:

— Isso é outro negócio. Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. Saiba que na política o celibato é uma remora. Agora, quanto à noiva, não posso ter voto, não quero, não devo, não é de minha honra. Parece-me que Sabina foi além, fazendo-lhe certas confidências, segundo me disse; mas em todo caso ela não é tia carnal de Nhã-loló, como eu. Olhe... mas não... não digo... (ASSIS, 1994, p. 118).

Cotrim tenta parecer desinteressado e tenta fazer BC crer que o casamento é para o seu bem, para o bem da sua carreira e da sua descendência. BC aceita a manipulação e passa a desejar os valores apregoados pela irmã e pelo cunhado. Mais uma vez, BC é manipulado pelos outros porque é um sujeito fraco, sem convicção pessoal. Diante da inconstância e insegurança da relação com Virgília, BC mostra-se cansado da vida de aventuras e comenta: “Sentia-me tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de canalizar a vida. Por que não? Meu coração tinha ainda que explorar; não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro” (ASSIS, 1994, p.106). Essa reflexão demonstra que BC foi efetivamente manipulado. Em seguida ele faz cogitações que demonstram um contexto familiar, ao qual ele atribui valor e passa a querer:

deixei-me ir atrás da imaginação; vi-me logo casado, ao pé de uma mulher adorável, diante de um *baby*, que dormia no regaço da ama, todos nós no fundo de uma chácara sombria e verde, a espiarmos através da chácara uma nesga do céu azul, extremamente azul... (ASSIS, 1994, p.106).

Dixon afirma que o desejo que brota em BC “indica que, outra vez, as expectativas e normas da classe e da profissão desejada servem como presença mediadora, sempre determinando a natureza dos desejos do protagonista” (DIXON, 2009, p. 106). Apesar de Nhã-loló ser pobre e de não ter tradição familiar, características que não aproximariam BC da glória, o simples fato de casar-se já era considerado uma mola para a carreira política, assim como ter um herdeiro o aproximaria de uma glória da eternidade genética. Além disso, o casamento o afastaria de Virgília e das possibilidades de desgraça e de escândalo, que

prejudicariam a sua busca pela nomeada. Assim, indiretamente, Eulália aproxima BC da glória ao afastá-lo do vexame público.

Schwarz discorre sobre o aceite de BC à Eulália, frente à recusa de BC à Eugênia, ambas de origem humilde:

Anos depois, Brás admite casar com Nhã Loló, outra moça de situação inferior à dele. Como explicar a diferença, uma vez que o protagonista não mudou? Buscando subir, Nhã Loló estuda e adivinha a vida elegante, e trata de "mascarar a inferioridade da (sua) família". No momento oportuno renega o pai, cujas afinidades populares dão vexame. "Este sentimento pareceu-me de grande elevação; era uma afinidade mais entre nós", recorda o noivo, decidido a "arrancar esta flor a este pântano". O problema portanto não estava no casamento desigual admissível desde que reafirme o domínio dos proprietários. Inadmissíveis são a dignidade e o direito dos pobres". (SCHWARZ, 1990, p. 96).

O "momento oportuno" a que se refere Schwarz é o episódio no qual passeiam BC, Eulália e Damasceno e o pai da moça se envolve com homens que promovem uma rinha de galos. Segundo BC, "Damasceno não sabia mais nada; o espetáculo eliminou para ele todo o universo. Em vão lhe disse que era tempo de descer; ele não respondia, não ouvia, concentrara-se no duelo. A briga de galos era uma de suas paixões" (ASSIS, 1994, p. 117). Nesse momento, sobressai a essência popular da família de Damasceno, que ele tentara dissimular, buscando parecer culto. Eulália, que também tentava parecer prestigiosa, ficou deveras constrangida: "O que vexava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se metera com os apostadores punha em relevo antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno" (ASSIS, 1994, p. 117).

Eugênia não era boa o suficiente para BC porque tinha dignidade, não intentava dissimular suas origens. A dignidade do pobre, como postula Schwarz, não é bem vista pela sociedade da época. O pobre deve querer se ajustar ao que determina a sociedade, ao prestigioso. BC considera a vexação de Eulália diante da atitude popular do pai como "uma intenção muito fina" (ASSIS, 1994, p. 117):

Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família. Naquele dia, porém, a manifestação do pai foi tamanha que a entristeceu

grandemente. [...] Era tão profundo o abatimento, tão expressivo o desânimo, que cheguei a atribuir a Nhã-loló a intenção positiva de separar, no meu espírito, a sua causa da causa do pai. Este sentimento pareceu-me de grande elevação; era uma afinidade mais entre nós.

— Não há remédio, disse eu comigo, vou arrancar esta flor a este pântano. (ASSIS, 1994, p. 117).

BC deseja o casamento com Eulália porque ela é, essencialmente, como ele. Ambiciosa, quer ascender socialmente, quer aproximar-se do que traz prestígio e afastar-se do que remete à vulgaridade. Nessa passagem evidencia-se a diferença da ironia nos níveis enunciativos que propõe Calbucci (cf. 2007, p. 72 – 73). Enquanto o narrador BC considera as posturas ambiciosas e o vexame de Eulália sobre as suas origens uma intenção fina, existe outra voz, a do enunciador, que mostra o quanto a moça é mesquinha, ou seja, a ironia ocorre no terceiro nível.

Damasceno, como Bento Cubas, faz de tudo para parecer mais nobre do que é, para assim receber reconhecimento social. Eugênia, por sua vez, é a “flor da moita”, que não dissimula suas origens e vai ao jantar com BC sem joias ou ornamentos. É coxa e não nega o defeito físico. Tem a dignidade do pobre, que incomoda. Não tem contradição entre o ser e o parecer.

Não obstante, quando conheceu Eugênia, BC tinha uma possibilidade que o aproximaria muito mais da glória do que ela: o promissor envolvimento com Virgília solteira. Nesse momento, Eugênia é uma borboleta preta e mórbida, e Virgília representa uma borboleta desejável, azul. Quando conhece Eulália, no entanto, BC não tem mais possibilidade de conseguir um casamento com alguma filha de uma influência política. Assim, a relação com Eulália não seria uma ponte para a sua carreira, mas seria de algum lucro, pois ao político é necessário o casamento.

Ademais, a relação extraconjugal com Virgília pode atrapalhar BC nos seus planos de alcançar sucesso e nomeada, pois pode causar um escândalo público. Além disso, manter a relação extraconjugal estimula BC a manter sua solteirice, que prejudica sua carreira. Assim, Virgília passa a ser detentora de dois valores negativos, que afastam BC da glória. Nesse momento, a lembrança de Virgília é trazida por um diabo negro, enquanto as expectativas com Eulália são trazidas por um diabo rosa:

No fim de três meses, ia tudo à maravilha. O fluido, Sabina, os olhos da moça, os desejos do pai, eram outros tantos impulsos que me levavam ao matrimônio. A lembrança de Virgília aparecia de quando em quando, à porta, e com ela um diabo negro que me metia à cara um espelho, no qual eu via ao longe Virgília desfeita em lágrimas; mas outro diabo vinha, cor-de-rosa, com outro espelho, em que se refletia a figura de Nhã-loló, terna, luminosa, angélica. (ASSIS, 1994, p. 116).

As características positivas de Eulália são ressaltadas conforme aumentam os impulsos, por essência ambiciosos, de BC ao casamento. Casar-se com a moça é uma tentativa de preservar o estado de conjunção de BC com a posição social que possui e de estabelecer uma relação de conjunção com a carreira política. No entanto, BC torna-se um sujeito virtual, pois Eulália morre de febre amarela, e BC não pode realizar a *performance* e entrar em conjunção com o objeto-modal Eulália. Esvai-se a derradeira tentativa de BC de continuar o nome da família.

3.3 O AMOR DA GLÓRIA

“O amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem.”

Quando o desejo de BC muda de foco, de Marcela para posições superiores, surge o desejo de glória, de prestígio social. Diferente da ambição por Marcela, que englobava apenas um microuniverso socioletal, o dos rapazes que frequentam bordéis, essa ambição engendra todo o restante da vida de BC. Sob a influência do capitão do barco que o levava para Coimbra, BC passou a acreditar ser digno de um grande futuro, de uma posição prestigiosa. Esse merecimento no qual BC acredita, por sua vez, aumenta o seu desejo de ser prestigiado pela sociedade. No trecho, o próprio BC narra o nascimento dessa ambição:

Um grande futuro! Enquanto esta palavra me batia no ouvido, devolvia eu os olhos, ao longe, no horizonte misterioso e vago. Uma idéia expelia outra, a ambição desmontava Marcela. Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo, — bispo que fosse, — uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo, e desvendou a pupila fulva e penetrante. (ASSIS, 1994, p. 31).

Nesse excerto, percebe-se que o cargo, que poderia ser qualquer um, desde que uma posição superior, não é o objeto de desejo de BC, mas serve apenas para levá-lo a ter uma grande reputação. Ter uma reputação no universo dos bordéis e dos cabarés, a que pertence Marcela, perde definitivamente o interesse de BC: “Adeus, amores! adeus, Marcela! dias de delírio, jóias sem preço, vida sem regímen, adeus! Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade” (ASSIS, 1994, p. 31).

Sobre essa postura de BC, Rodrigues afirma que

[...] assim se cumpre o rito de passagem, pelo qual Brás Cubas esquecerá Marcela. Sua ambição, entretanto, não é convincente. Pois Brás Cubas é essencialmente volúvel. Todo esse capítulo consiste num resumo bastante drástico das experiências vividas fora do Brasil. Mas, a toda hora podemos sentir o grande contraste entre a imagem estróina e medíocre que Brás Cubas faz de si mesmo e a imagem brilhante que ele nos apresenta como narrador. (*In*: ASSIS, 2001, p. 279).

Esse contraste entre a imagem de BC, estróina e medíocre, para o qual os fatos da narrativa apontam e a forma manipuladora, com a qual o BC defunto tenta persuadir o narratário de sua nobreza, configura o jogo entre o ser *versus* o parecer. O eixo do parecer compreende os termos que remetem à glória, enquanto o eixo do ser compreende as características do acadêmico, para o qual:

A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. (ASSIS, 1994, p. 31, grifo nosso).

O contraste entre a essência e as aparências causa certo desconforto em BC, que diz se sentir logrado. Ao mesmo tempo em que ter o diploma causa orgulho a BC, ter a responsabilidade (o dever-ser), somada à consciência de estar longe de trazer a ciência arraigada no cérebro (saber não ser) causam o desconforto:

No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade dava-me a responsabilidade. (ASSIS, 1994, p. 31–32).

Após se formar, BC voltou ao Rio de Janeiro e foi ao encontro de sua mãe moribunda. Os fatos que envolvem a morte de sua mãe é uma das únicas representações de amor verdadeiro e desinteressado na vida de BC. Por causa disso, BC fica devastado e vai à Tijuca viver seu luto. Como o rapaz demora muito nesse processo, seu pai vai a seu encontro, com a ideia de convencê-lo a voltar para a capital e “com duas propostas na algibeira” (ASSIS, 1994, p. 37). Essas propostas são a mola propulsora para o desenvolvimento do sentimento de ambição de BC. Novamente, como se discute no item 3.1. As origens da ambição em Brás Cubas, o pai exerce função fundamental nas escolhas futuras de BC.

Essa influência do pai efetiva-se por meio de uma manipulação que começa quando, antes de fazer as propostas, o pai ressalta a importância da família e massageia o ego do filho:

[...] meu pai fez recair a conversa na Regência: foi então que aludiu à carta de pêsames que um dos Regentes lhe mandara. Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-ma duas vezes.
 — Já lhe fui agradecer este sinal de consideração, concluiu meu pai, e acho que deves ir também...
 — Eu?
 — Tu; é um homem notável, faz hoje às vezes de Imperador. (ASSIS, 1994, p. 37).

Esse comportamento de massagear o ego de BC é recorrente em seu pai e tem a finalidade de levar BC a acreditar em sua nobreza e querer-ser ainda mais nobre. O pai apresenta, então, a proposta, “com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição cujo fim era cavá-las mais profundamente” no espírito do filho: “um lugar de deputado e um casamento” (ASSIS, 1994, p. 37). BC não recebe bem a ideia: “A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas, que eu cheguei a não entendê-la bem” (ASSIS, 1994, p. 38).

O pai de BC sentia uma forte falta de prestígio, portanto insiste para que BC assumira essa posição que agrega reconhecimento social à família. BC declina da proposta novamente: “Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou” (ASSIS, 1994, p. 38). Assim, o pai continua tentando manipular o rapaz:

Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento. Quanto à noiva, bastava que eu a visse; se a visse, iria logo pedi-la ao pai, logo, sem demora de um dia. Experimentou assim a fascinação, depois a persuasão, depois a intimação; eu não dava resposta, afiava a ponta de um palito ou fazia bolas de miolo de pão, a sorrir ou a refletir; e, para tudo dizer, nem dócil nem rebelde à proposta. (ASSIS, 1994, p. 38).

BC é manipulado a desejar a carreira e a noiva. O pai insiste, tenta fazer o filho assumir seus valores. A proposta, que o pai tentou cavar profundamente em BC, começa a deixar o rapaz em dúvida, o desejo começa a surgir:

Sentia-me aturdido. Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma esposa formosa e uma posição política eram bens dignos de apreço; outra dizia que não; e a morte de minha mãe me aparecia como um exemplo da fragilidade das coisas, das afeições, da família... (ASSIS, 1994, p. 38).

O pai continua pressionando BC: “Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo” (ASSIS, 1994, p. 38). Assim, o rapaz disponibiliza-se a pensar sobre as propostas, “contanto que não fique obrigado a aceitar as duas; creio que posso ser separadamente homem casado ou homem público...” (ASSIS, 1994, p. 40).

Frente a essa recusa de BC, que deseja acatar a apenas uma das propostas de seu progenitor, ele reitera a importância do aceite a ambas, afirma que “todo o homem público deve ser casado” (ASSIS, 1994, p. 38). Em seguida, o pai emprega, novamente, a tática de elogiar as características do filho, para que ele queira suprir as expectativas paternas. Além disso, o pai não quer criar em BC apenas um querer voltado a agradá-lo, mas que os seus desejos se tornem os desejos do filho.

— Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. Olha, estou com sessenta anos, mas se fosse necessário começar vida nova, começava, sem hesitar um só minuto. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios... (ASSIS, 2009, p. 46).

Aqui, pelas pistas do discurso: “que não te deixes ficar aí inútil, *obscuro*, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te *não ver brilhar*, *como deves*, e te convém” (ASSIS, 2009, p. 46, grifo nosso), apreende-se que a intenção desse incentivo é criar a ambição em BC. O “como deves”, reitera que a ambição no sistema de valores (deontológico) da família Cubas é um dever. Por conseguinte, BC aceita as propostas do pai:

VENCERA meu pai, dispus-mo a aceitar o diploma e o casamento, Virgília e a Câmara dos Deputados. As duas Virgílias, disse ele num assomo de ternura política. Aceitei-os; meu pai deu-me dous fortes abraços. Era o seu próprio sangue que ele, enfim, reconhecia. (ASSIS, 2009, p. 46).

O reconhecimento de Bento Cubas pelo filho remonta à infância de BC, mas teve uma pausa, devido à relação inconsequente do moço com Marcela. Adquirindo os valores do pai que reconhecia “seu próprio sangue”, BC restaura sua posição de prestígio no ambiente familiar. No entanto, isso tem caráter temporário, pois BC concorda com o acordo (contrato fiduciário), mas não é capaz de cumpri-lo, como se expende no subcapítulo 3.2.3 Virgília. BC perde Virgília e a candidatura para outro rapaz. Sem o casamento, que seria uma ponte para levá-lo à pasta ministerial, o protagonista tenta outras maneiras de lograr sucesso político e alcançar a nomeada. Dessa jornada política se ocupa o próximo subitem, 3.3.1 “Política e ambição”.

BC acredita nas considerações de seu pai de que valer pela opinião dos outros homens é o modo mais seguro de se valer. Assim, o protagonista tem a ideia de inventar um medicamento sublime, destinado a aplacar as dores da humanidade (ASSIS, 1994, p. 40): o emplasto anti-hipocondríaco. Todavia, como esse é um desejo linear, ou seja, proveniente da sua própria vontade e não da

manipulação de terceiros, e BC é um sujeito da ação fraco para lutar pelos seus desejos, o projeto 'não sai do papel'.

Depois de frustrada a carreira política, BC tenta se atualizar para realizar a *performance*, ou seja, desenvolver o emplasto. Como última tentativa do BC vivo de alcançar a nomeada, o medicamento é a expressão descarada de sua ambição, nada mais é do que “o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas” (ASSIS, 2009, p. 46), do qual se ocupa o subitem 3.3.2 “O emplasto Brás Cubas”.

3.3.1 Política e Ambição

“Deve ser um vinho enérgico a política”.

Quando o jovem BC desfoca sua atenção de Marcela e começa a pensar no sucesso previsto para ele pelo capitão da embarcação que o levava para a Europa, afirma: “Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo, — bispo que fosse, — uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior” (ASSIS, 1994, p. 31). Político aparece apenas como uma das variadas opções de carreira, desde que o levasse a “uma posição superior”. Percebe-se que o objeto-valor, a finalidade é o sucesso, a preeminência, a nomeada. A carreira que o leve até esse objetivo é mero objeto-modal e pode ser qualquer uma que cumpra com a finalidade. Mesmo após concluir os estudos, BC não demonstra interesse na carreira política, volta ao Rio de Janeiro após “oito ou nove anos” (ASSIS, 1994, p. 31), para ver a mãe moribunda. Após o falecimento de sua mãe, BC enluta-se no interior e não cogita a carreira política até a intervenção de seu pai.

O desejo pela carreira política, como diversos outros desejos de BC, também é um desejo triangular porque é criado em BC pela manipulação de seu pai. Bento Cubas planejava casar o filho com Virgília, filha de uma influência política, para que o futuro sogro respaldasse a candidatura de BC. Antes de conversar com BC, Bento Cubas já havia falado para o Conselheiro Dutra suas intenções para o filho: “Há tempos, conversando com ele a teu respeito, confessei-lhe o desejo que tinha de te ver deputado; e de tal modo falei, que ele prometeu fazer alguma coisa, e creio que o fará” (ASSIS, 1994, p. 47). É explicitado nesse trecho que o desejo pela carreira política para BC é de seu pai. Esse desejo relaciona-se à condição de

sujeito da falta de Bento Cubas, que espera que o filho realize a *performance* por ele, aproximando a família Cubas da glória e da nomeada por meio da política. Para isso, o pai de BC inicia tentativas de manipulação.

Antes mesmo de apresentar a proposta a BC, seu pai o elogia, ressaltando suas qualidades, tentando manipulação por sedução: “Tu; é um homem notável, faz hoje as vezes de imperador. Demais trago comigo uma idéia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento” (ASSIS, 1994, p. 37). Bento Cubas lança a ideia de que um homem notável quer uma carreira política e um casamento, ou seja, intenta criar em BC um querer-fazer. A resposta de BC explicita o seu desinteresse por política: “— Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou” (ASSIS, 1994, p. 38).

BC comenta que seu pai, para convencê-lo a aceitar a proposta, “experimentou assim a fascinação, depois a persuasão, depois a intimação” (ASSIS, 1994, p. 38). A fascinação relaciona-se com uma sensação de encanto, de deslumbramento, o que é causado por coisas às quais os fascinados atribuem valores positivos. Para tal, Bento Cubas deve apresentar os valores positivos de sua proposta.

Quanto à persuasão, se refere ao processo de convencer o indivíduo da necessidade ou da conveniência de alguma coisa. Bento Cubas faz uso da persuasão em toda a manipulação, especialmente no seguinte excerto, no qual diz a BC: “Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento” (ASSIS, 1994, p. 38).

A intimação, por sua vez, refere-se ao processo de dar ordens impositivas a alguém. A desobediência de ordens impositivas de um pai pode acarretar uma punição, uma sanção negativa, cognitiva ou pragmática, como reprimenda ou castigo. Apesar de não haver a explicitação da intimação detalhadamente no texto, mas apenas sua menção, a relação de poder que ela engendra fica implícita na exigência do pai de que BC lhe dê uma resposta definitiva acerca de suas propostas (ASSIS, 1994, p. 38). Dessa forma, Bento Cubas intenta criar um dever-fazer em BC, para que ele realize a *performance*.

No entanto, nenhuma dessas manipulações surtiu o efeito de fazer BC aderir aos valores do pai e aceitar a manipulação, deixando-o apenas confuso:

“Sentia-me aturdido. Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma esposa formosa e uma posição política eram bens dignos de apreço; outra dizia que não” (ASSIS, 1994, p. 38).

Bento Cubas tenta convencer o filho de que ele deve brilhar como lhe convém, que ele deve continuar e ilustrar ainda mais o nome da família e não estragar as vantagens de sua posição (ASSIS, 1994, p. 40). Ou seja, Bento Cubas quer fazer BC crer que é um homem notável, a quem convém brilhar, afinal, ele tem posição vantajosa e uma família de nome ilustre e, pessoas assim, de imagem deveras positiva, são dotadas de um querer-fazer em relação a carreira política e ao casamento.

Essa manipulação surte efeito, e BC adere aos valores do pai: “Vencera meu pai; dispus-me a aceitar o diploma e o casamento, Virgília e a Câmara dos Deputados. — As duas Virgílias, disse ele num assomo de ternura política” (ASSIS, 1994, p. 40). BC, movido pela ambição por uma preeminência, passa a querer-ser deputado e, para isso, decide casar-se com Virgília. Todavia, mesmo aceitando a proposta do pai, BC é um sujeito virtual que não consegue atualizar-se. Ele foi incapaz de realizar a *performance*, pois Lobo Neves, que não era mais belo nem mais simpático que BC, conseguiu roubar-lhe a noiva e a candidatura (ASSIS, 1994, p. 52).

Mesmo diante da disjunção com a carreira política e a com a moça, o desejo por ambas persistiu em BC, que veio a ser deputado por outros meios e amante de Virgília. Para tornar-se político, BC atualizou-se como sujeito da ação: “escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas, e cheguei a alcançar certa reputação de polemista e de poeta” (ASSIS, 1994, p. 56). Como na maioria das vezes, BC era movido por ambição, vaidade e despeito, pois, sua mola propulsora era a lembrança de Lobo Neves, que já era deputado, e que faria de Virgília marquesa (ASSIS, 1994, p. 56). BC acredita que poderia ser mais competente deputado e marquês que o rival, porque crê-ser superior e, então, merecer mais essa posição do que Lobo Neves. BC consegue realizar a *performance* e torna-se deputado, no entanto, esse processo não é descrito, BC aparece já deputado.

Outra tentativa de atualização de BC para a realização da *performance* da carreira política é a interação com a moeda de ouro encontrada. Ambicioso e com arroubos de ganância, BC encontra uma meia dobra no chão: “É

minha! repeti eu a rir-me, e meti-a no bolso” (ASSIS, 1994, p. 59). O personagem, que não tem nenhum escrúpulo em desejar a carreira e a mulher do rival, apresenta uma crise de consciência no dia seguinte ao achado, como se percebe no seguinte excerto:

[...] no dia seguinte, recordando o caso, senti uns repelões da consciência, e uma voz que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu não herdara nem ganhara, mas somente achara na rua. Evidentemente não era minha; era de outro, daquele que a perdera, rico ou pobre, e talvez fosse pobre, algum operário que não teria com que dar de comer à mulher e aos filhos; mas se fosse rico, o meu dever ficava o mesmo. Cumpria restituir a moeda, e o melhor meio, o único meio, era fazê-lo por intermédio de um anúncio ou da polícia. Enviei uma carta ao chefe de polícia, remetendo-lhe o achado, e rogando-lhe que, pelos meios a seu alcance, fizesse devolvê-lo às mãos do verdadeiro dono. (ASSIS, 1994, p. 59).

Nesse episódio, BC demonstra um desprendimento divergente da sua postura costumeira de sujeito ambicioso. Ele se preocupa em fazer justiça e restituir a moeda ao dono. Todavia, não há incoerência na passagem, mas apenas uma representação da identidade de BC. Ele tem a ganância pelo dinheiro, pois vê a moeda, inicialmente, como um suprimento do acaso aos seus “arroubos possessórios”, no entanto, como o achado envolve um pequeno valor, BC percebe uma possibilidade de lucro maior ao devolver publicamente a moeda para receber os louros por sua postura. Dessa forma, ele tenta projetar para o outro (sociedade) a imagem de ser um sujeito íntegro, desprendido do dinheiro, preocupado com a justiça, com a justeza das coisas na sua comunidade, características altamente desejáveis ao homem público. Com isso, ele intenta alcançar a glória, o reconhecimento social, ser bem quisto pela sociedade, que é o seu objeto-valor. Ou seja, há o jogo entre o enunciado e a enunciação, pois, no o BC narrador demonstra total lisura nas ações do BC personagem / actante, mas observando o texto como um todo, percebe-se uma enunciação que nega essa lisura: BC queria reconhecimento pela suposta nobreza de sua atitude. BC tenta parecer generoso, todavia o ato é uma evidência, na enunciação, da sua ambição, apesar de ela não ser discursivizada.

BC afirma que é um alívio para a sua consciência:

Mandei a carta e almocei tranqüilo, posso até dizer que jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! não vos digo mais nada. (ASSIS, 1994, p. 59).

Dessa forma, BC demonstra outro interesse nessa ação: neutralizar o episódio de ter flertado em público com uma mulher casada, demonstrando sua integridade em público, ou seja, zelar pela sua imagem. Mesmo assim, BC tenta parecer desinteressado:

Todavia, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo a um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela aberta. (ASSIS, 1994, p. 59, grifo nosso).

No entanto, BC não consegue sustentar o despreendimento, pois o termo janela aberta já faz menção ao público, ao que é para ser visto. Além disso, BC prevê a angariação de vantagens com sua ação, um tipo de recompensa do destino, o que contraria a essência da generosidade. Ademais, o episódio também ajuda BC a aumentar sua autoestima, o seu crer-ser:

E a boa dama sacou um espelho e abriu-mo diante dos olhos. Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma, — ser dez — depois trinta — depois quinhentas, — exprimindo assim o benefício que me daria na vida e na morte o simples ato da restituição. E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande. Uma simples moeda, hem? Vejam o que é ter valsado um pouquinho mais. (ASSIS, 1994, p. 59, grifo nosso).

Nessa reflexão, BC também comenta sobre a descoberta de uma lei, que considera sublime: “a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência” (ASSIS, 1994, p. 59). A janela fechada representa seu fracasso de não ter se casado com Virgília e não ter se tornado um grande político. A janela que se abre é a possibilidade de parecer um altruísta, um homem preocupado com a justiça social e abrir as portas da sua carreira política.

Toda a postura de BC sugere a criação de desculpas para o próprio comportamento: parecer bom em público é a reparação para o flerte impróprio em público. Crer-ser bom é uma desculpa para a autoestima abalada pela “janela fechada”, a perda de Virgília e da carreira. A multiplicação da meia dobra pelo destino é desculpa para a postura gananciosa que BC terá no capítulo seguinte, “O embrulho misterioso”. Esta relação é discutida no subitem 3.4 “A ambição e a constituição identitária de Brás Cubas”.

A ambição é a maior paixão de BC, mas ele também tem momentos de ganância. Como o seu objeto-valor é a glória, e o dinheiro é objeto-modal, BC consegue sacrificar sua ganância em nome de sua ambição diante de uma pequena quantia, como a meia dobra. Sacrificando seu estado de conjunção com a moeda, BC atualiza-se para a *performance*: a conjunção com o reconhecimento público, com a glória. Vale lembrar que a carreira política é uma ponte para levá-lo à glória e à nomeada. Portanto, a carreira política instaura-se, também, como objeto modal.

Quando encontra o embrulho misterioso na praia, BC não tem a mesma atitude que teve com a meia dobra, pois o valor encontrado, cinco contos, era alto mesmo para ele, que era rico. Movido por ganância, BC interpreta o achado como reconhecimento divino por sua boa ação: “não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência” (ASSIS, 1994, p. 60).

Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto e até direi que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência. (ASSIS, 1994, p. 60–61)

Nesse caso, BC não sentiu os repelões da consciência, pois

[...] não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim tolamente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem.

Mesmo assim, BC manteve os cinco contos encontrados na esfera do privado, ao passo que a restituição da meia dobra ele manteve na esfera do público. Isso se deve ao fato de que a restituição o aproxima da glória, enquanto que não há mérito em dinheiro achado, apenas em dinheiro conquistado, nem em

comportamento ganancioso, ou seja, o cuidado maternal com o dinheiro o afasta da glória, já que o afasta do elemento público e o coloca na esfera do privado.

Na casa de Lobo Neves, BC tem uma prévia do reconhecimento pela restituição da moeda de ouro. Lá BC encontrou o chefe de polícia que expôs o ocorrido para os presentes. BC comenta: “Virgília pareceu saborear o meu procedimento” (ASSIS, 1994, p. 60). Posteriormente, quando BC vai ao banco depositar os cinco contos, vê a realização da sua *performance* relativa ao episódio:

Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a coisa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia, — e porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande.

Nesse trecho, BC é um sujeito realizado, isto é, um sujeito que conquistou o que desejava, que está em conjunção com seu objeto-valor. A estratégia de BC, de fingir altruísmo para ser bem quisto publicamente funciona. O texto não explicita que se trata de uma estratégia, mas esse sentido apresenta-se nas entrelinhas do texto. BC diz se achar grande quando está em particular, conversando apenas com a sua consciência, mas finge modéstia quando está em público, para manter-se no eixo do parecer e continuar com a imagem de altruísta. Portanto, BC constrói uma imagem social positiva e também conquista a admiração de Virgília, que logo se esquece do que ele fez, mas mantém a sua imagem positiva. Assim, BC começa a conquistar a moça.

O desejo de BC pela carreira política intensifica-se após uma interação com Lobo Neves, na qual o rival confessa que “trazia uma triste carcoma na existência; faltava-lhe a glória pública” (ASSIS, 1994, p. 64). BC, que sofre desse mal, tenta animá-lo, dizendo “muitas coisas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer” (ASSIS, 1994, p. 64), e conclui que “a ambição dele andava cansada de bater as asas, sem poder abrir o voo”, como a sua própria ambição. Lobo Neves conta a BC “todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engolidas, as raivas sopitadas; contou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfídias, interesses, vaidades” (ASSIS, 1994, p. 64), o que faz BC identificar no rival o mal que também o aflige: “Evidentemente havia aí uma crise de melancolia; tratei de combatê-la” (ASSIS,

1994, p. 64). BC e Lobo Neves não conseguem realizar a *performance* e ambos ficam melancólicos, dado que vai ao encontro do estudo de Burton, apresentado anteriormente, que afirma que a ambição é uma das causas da melancolia.

Lobo Neves continua com as queixas, relata seus motivos para entrar na política:

— Sei o que lhe digo, replicou-me com tristeza. Não pode imaginar o que tenho passado. Entrei na política por gosto, por família, por ambição, e um pouco por vaidade. Já vê que reuni em mim só todos os motivos que levam o homem à vida pública; faltou-me só o interesse de outra natureza. (ASSIS, 1994, p. 64)

Dos motivos elencados por Lobo Neves para entrar na política, BC não compartilha, a princípio, apenas o gosto. A família, no caso o pai, estimulou o protagonista a tornar-se político, que aceitou para tentar suprir sua ambição e sua vaidade. BC desenvolve paulatinamente o gosto pela política, nessa interação com o rival, por exemplo, o rapaz admira o jogo político: “Vira o teatro pelo lado da platéia; e, palavra, que era bonito! Soberbo cenário, vida, movimento e graça na representação” (ASSIS, 1994, p. 64).

A crise de melancolia de Lobo Neves intensifica-se durante a conversa com BC. O rival “calou-se, profundamente abatido, com os olhos no ar, parecendo não ouvir coisa nenhuma, a não ser o eco de seus próprios pensamentos” (ASSIS, 1994, p. 65), e, em seguida:

[...] ergueu-se e estendeu-me a mão: — O senhor há de rir-se de mim, disse ele; mas desculpe aquele desabafo; tinha um negócio, que me mordía o espírito. E ria, de um jeito sombrio e triste; depois pediu-me que não referisse a ninguém o que se passara entre nós. (ASSIS, 1994, p. 65).

Nesse estado emocional, Lobo Neves foi requisitado pelo dever político, “entraram dois deputados e um chefe político da paróquia. Lobo Neves recebeu-os com alegria, a princípio um tanto postiça, mas logo depois natural”. BC testemunha a melancolia de Lobo Neves ser aplacada pelo exercício da política, ele comenta que “no fim de meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos. Deve ser um vinho enérgico a política, dizia eu comigo, ao sair da casa de Lobo Neves” (ASSIS, 1994, p. 65).

A política, vinho energético, adquire ainda mais valor positivo para BC, pois além de objeto-modal para a sua ambição pode vir a ser a cura para a melancolia que o aflige. No mesmo dia, BC encontra um amigo da época do colégio que é ministro e o desejo pela política intensifica-se:

— Por que não serei eu ministro?

Esta idéia, rútila e grande, — trajada ao bizarro, como diria o Padre Bernardes, — esta idéia começou uma vertigem de cabriolas e eu deixei-me estar com os olhos nela, a achar-lhe graça. Não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; sentia a atração do abismo. Recordei aquele companheiro de colégio, as correrias nos morros, as alegrias e travessuras, e comparei o menino com o homem, e perguntei a mim mesmo por que não seria eu como ele. Entrava então no Passeio Público, e tudo me parecia dizer a mesma coisa. — Por que não serás ministro, Cubas? — Cubas, por que não serás ministro de Estado? Ao ouvi-lo, uma deliciosa sensação me refrescava todo o organismo. Entrei, fui sentar-me num banco, a remoer aquela idéia. E Virgília que havia de gostar! (ASSIS, 1994, p. 65)

A carreira política poderia oferecer a BC, além da cura de sua melancolia, a realização de sua ambição, a manutenção da sua vaidade e o prestígio com a mulher que ama, Virgília, que “possuía a vocação diplomática” (ASSIS, 1994, p. 102). Entretanto, devido a sua natureza volúvel, BC não mantém o foco de deixar de ser um sujeito virtual. Suas atenções dispersam-se porque ele está muito envolvido com seu caso com Virgília, com a expectativa de ser pai, com o encontro com seu amigo de infância, Quincas Borba, na miséria.

Diante disso, BC alterna entre estados de excitação e melancolia. Ele vai de um estado de excitação devido à possível paternidade, por exemplo, a um estado de melancolia devido à perda do neném e ao término com Virgília. Da excitação dos perigos dos seus amores secretos com Virgília, à melancolia do término do caso com a moça. Da melancolia de encontrar QB na miséria à excitação da ideia, que não leva a cabo, de regenerá-lo.

BC não deixa de ser um sujeito da falta, que o punge mais profundamente em algumas circunstâncias: “Ao demais, eu galgara os quarenta anos, e não era nada, nem simples eleitor de paróquia. Urgia fazer alguma coisa, ainda por amor de Virgília, que havia de ufanar-se quando visse luzir o meu nome...” (ASSIS, 1994, p. 101). Motiva-se para adquirir prestígio para agradar Virgília, mas como não busca a atualização como sujeito da ação, não realiza a *performance*.

Mais tarde, também por causa de Virgília, BC passa ao estado de melancolia do término do relacionamento com Virgília e enluta-se como um viúvo.

A carreira política de BC também é o palco de Quincas Borba e do Humanitismo. O amigo exerce forte influência nas decisões de BC, que considera QB uma das forças que o impele a superar o estado de frustração em que a partida de Virgília o deixou:

Duas forças, porém, além de uma terceira, compeliavam-me a tornar à vida agitada do costume: Sabina e Quincas Borba. Minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhã-loló de um modo verdadeiramente impetuoso. [...] Quanto ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas. (ASSIS, 1994, p. 115)

Entretanto, BC é movido pela ambição, pelo gosto de luzir e, para isso, precisa de público, precisa dos olhos do outro, de sanções positivas:

A terceira força que me chamava ao bulício era o gosto de luzir, e, sobretudo, a incapacidade de viver só. A multidão atraía-me, o aplauso namorava-me. Se a idéia do emplasto me tem aparecido nesse tempo, quem sabe? não teria morrido logo e estaria célebre. Mas o emplasto não veio. Veio o desejo de agitar-me em alguma coisa, com alguma coisa e por alguma coisa. (ASSIS, 1994, p. 115)

A admiração de BC por Quincas Borba é proveniente da infância: “uma flor, o QB. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade” (ASSIS, 1994, p. 21). O pequeno Borba possuía diversas características que remetiam à glória:

A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e *trazia-o amimado, asseado, enfeitado*, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dois peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o *Quincas Borba fazer de imperador* nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, *ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios.* (ASSIS, 1994, p. 21, grifo nosso).

Similarmente a BC, Quincas Borba era um sujeito ambicioso, queria sempre uma “supremacia qualquer que fosse”. BC considera valorosos indivíduos que, como ele, possuam características prestigiosas. Assim, BC crê na nobreza de QB e no seu merecimento dos louros sociais. Por causa disso, BC tem um enorme choque ao reencontrar o amigo mendigo, QB tornou-se o antimodelo da glória:

Recuei espantado [...] Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e abastado. Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. (ASSIS, 1994, p. 66).

BC foi educado a temer a obscuridade, a fugir do que é ínfimo, que aprendeu “os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens” (ASSIS, 1994, p. 40). Diante disso, o protagonista considera o orgulho do pobre uma afronta. Outro incômodo para BC é a falta de sentimento de vergonha de Borba sobre sua atual condição:

Lembra-se das nossas festas, em que eu figurava de rei? Que trambolhão! Acabo mendigo...
E alçando a mão direita e os ombros, com um ar de indiferença, parecia resignado aos golpes da fortuna, e não sei até se contente. Talvez contente. Com certeza, impassível. Não havia nele a resignação cristã, nem a conformidade filosófica. Parece que a miséria lhe calejara a alma, a ponto de lhe tirar a sensação de lama. Arrastava os andrajos, como outrora a púrpura: com certa graça indolente. (ASSIS, 1994, p. 66).

Quincas Borba pede dinheiro a BC, que dá ao antigo colega de escola uma nota de cinco mil-réis, “a menos limpa”, que QB recebe “com os olhos cintilantes de cobiça”. O rapaz beija a nota e demonstra tanta alegria, que causa em BC “um sentimento misto de nojo e lástima” (ASSIS, 1994, p. 67). QB justifica a sua alegria, “não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis” (ASSIS, 1994, p. 67). BC responde: “— Pois está em suas mãos ver outras muitas” e o aconselha a trabalhar. QB, orgulhoso, “fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes; depois disse-me positivamente que não queria trabalhar” (ASSIS, 1994, p. 67). BC diz estar “enjoado dessa abjeção tão cômica e tão triste” (ASSIS, 1994, p. 67).

Quincas Borba tem mais um gesto de orgulho para com BC, não aceita saber onde ele mora: “Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mil-réis; mas permita-me que não a vá buscar à sua casa. É uma espécie de orgulho” (ASSIS, 1994, p. 67). Ir pegar o dinheiro na casa de BC é implorar. Ganhá-lo ao encontrá-lo por acaso é outra coisa. É o orgulho do pobre. Como último ato desse encontro, QB rouba o relógio de bolso de BC.

BC afirma: “não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo” (ASSIS, 1994, p. 68). Nesse aspecto, Quincas Borba aparece como um espelho das possibilidades de desgraças do próprio BC, pois ambos eram similares: ambos eram crianças mimadas, adoradas pela família, traquinas, voluntariosos, vaidosos e dotados de um crer-ser nobre que causava um crer merecer reconhecimento. Justamente por esse motivo, o encontro desencadeia repulsa em BC, sentimento que está ligado a um não-querer-ser. BC não quer-ser potencial desperdiçado, não quer que suas esperanças de infância sejam separadas da realidade por um abismo. Em uma realidade onde alguém com todo o potencial infantil de QB pode tornar-se mendigo, BC, que detinha potencial similar na infância, também pode. Além disso, a mendicância de QB causa dúvidas sobre o teor glorioso do passado: de “o encontro do Quincas Borba, tornara-me aos olhos o passado, não qual fora deveras, mas um passado roto, abjeto, mendigo e gatuno” (ASSIS, 1994, p. 68).

Toda a admiração de BC pelo menino Quincas Borba era movida pelo amor à glória, pelo amor ao que eleva a autoestima. Devia-se a nobreza que Borba representava. Portanto, a perda dessas características abala a ambição de BC e, por causa disso, desabrocha nele mais uma vez a “flor amarela e mórbida” da melancolia. BC chega a cogitar a ideia de regenerar o antigo colega, mas ela acaba se perdendo em meio às desventuras amorosas do protagonista, que tem novas notícias do colega de infância tempos depois, quando recebe “uma carta extraordinária” (ASSIS, 1994, p. 95).

No capítulo XCI “Uma carta extraordinária”, Quincas Borba escreve para BC contando que saiu da miséria, restituindo-lhe o relógio e introduzindo o Humanitismo, novo sistema filosófico criado por ele. QB, vaidoso, define-o como uma filosofia que “não só explica e descreve a origem e a consumação das coisas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um

verdadeiro brinco de crianças ao pé da minha receita moral” (ASSIS, 1994, p. 95). QB associa o Humanitismo à glória pública: “É singularmente espantoso esse meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país” (ASSIS, 1994, p. 95). Também se aproxima da glória ao se colocar como detentor dos louros do sistema, a verdade e a felicidade:

verá que é deveras um monumento; e se alguma coisa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. (ASSIS, 1994, p. 96).

Essa nova aura de glória que reveste o colega é reconhecida por BC, que ressalta “a lucidez, a serenidade, a convicção, — um pouco jactanciosa, é certo”. Comenta ainda que “o Quincas Borba herdara de algum dos seus parentes de Minas, e a abastança devolvera-lhe a primitiva dignidade” (ASSIS, 1994, p. 96). A descrição de QB também é permeada de nobreza:

Calo-me; digo somente que se a principal característica do homem não são as feições, mas os vestuários, ele não era o Quincas Borba; era um desembargador sem beca, um general sem farda, um negociante sem *deficit*. Notei-lhe a perfeição da sobrecasaca, a alvura da camisa, o asseio das botas. A mesma voz, roufenha outrora, parecia restituída à primitiva sonoridade. [...] Mas eu não quero descrevê-lo. Se falasse, por exemplo, no botão de ouro que trazia ao peito, e na qualidade do couro das botas, iniciaria uma descrição, que omito por brevidade (ASSIS, 1994, p. 108).

Quincas Borba voltou a representar a glória, assemelha-se a um desembargador, um general, um negociante, uma “supremacia, qualquer que fosse” (ASSIS, 1994, p. 21), tal qual o pequeno QB nas festas de infância. BC, que muito se interessa por pessoas que o aproximam do *status* e da nobreza, torna a admirar o amigo: “Contudo, era instrutiva a narração do nosso filósofo; admirava-lhe, sobretudo o talento de observação com que descrevia a gestação e o crescimento do vício, as lutas interiores, as capitulações vagarosas, o uso da lama” (ASSIS, 1994, p. 108).

Não apenas os ornamentos e a postura de Quincas Borba foram restaurados, como sua autoestima e vaidade. Dixon comenta que “as pretensões de seu “Humanitismo” são hiperbólicas” (ASSIS, 1994, p. 124), pois “Quincas Borba

compara suas próprias pesquisas às dos filósofos gregos, e conclui que os pensadores clássicos são bem inferiores” (ASSIS, 1994, p.124). Além disso, QB também se compara com filósofos modernos, como Pascal e Erasmo, e conclui que sua filosofia é deveras superior, que “é a verdade eterna, anterior aos mundos, posterior aos séculos” (ASSIS, 1994, p. 131).

Ostentando essas novas características, Quincas Borba passou a ter uma posição de prestígio nas relações de BC. Sobre a filosofia de QB, BC comenta: “Para que negá-lo? eu estava estupefato. A clareza da exposição, a lógica dos princípios, o rigor das conseqüências, tudo isso parecia superiormente grande” (ASSIS, 1994, p. 114). BC, egoísta e vaidoso, identifica-se com o sistema de Borba, pois o Humanitismo considera o mundo em torno do umbigo da classe privilegiada, assim como BC, que considera Virgília um travesseiro divino para ele repousar e se livrar de seus aborrecimentos (ASSIS, 1994, p. 68), que não se importa com a sangrenta guerra na Dalmácia, mas a abençoa porque ela o beneficia (ASSIS, 1994, p. 102), e que acredita que a utilidade da vida de D. Plácida foi possibilitar a não interrupção dos seus amores com Virgília (ASSIS, 1994, p. 130–131). O Humanitismo, por sua vez, considera sobre o frango que alimenta BC e Borba:

Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite. (ASSIS, 1994, p. 114).

O discurso de BC e o discurso do Humanitismo falam basicamente da mesma coisa, mas a ilustram de forma diferente, ou seja, usam figuras diferentes para falar do mesmo tema, a egocentricidade das classes dominantes. Consonantes, BC logo passa a depositar grande confiança em Quincas Borba, que vem a ser uma das forças que o empurra em direção à vida agitada quando o protagonista se separa de Virgília. O filósofo também estimula BC ao casamento com Nhã-loló, pois o desejo de casar-se e procriar são uma expressão de *humanitas* (ASSIS, 1994, p. 116). Além disso, tanto QB quanto os princípios do Humanitismo influenciam muito a carreira política de BC.

O livro não conta o percurso da candidatura de Cubas, apresenta-o já deputado, dois anos depois da morte de Eulália:

E notai bem que eu vi a gravura turca [...] na Câmara dos Deputados, em meio de grande burburinho, enquanto um deputado discutia um parecer da comissão do orçamento, sendo eu também deputado. Para quem há lido este livro é escusado encarecer a minha satisfação, e para os outros é igualmente inútil. Era deputado, e vi a gravura turca, recostado na minha cadeira, entre um colega, que contava uma anedota, e outro, que tirava a lápis, nas costas de uma sobrecarta, o perfil de orador. (ASSIS, 1994, p. 121).

Mesmo sem a narração, implicitamente sabe-se que, para vencer a eleição e entrar em conjunção com a cadeira de deputado, BC tornou-se um sujeito atualizado e realizou a *performance*. No entanto, BC não demonstra arroubos de felicidade devido à nova posição, diz que é inútil encarecer a satisfação de ser deputado. A alegria da realização da ambição não é duradoura, angariar a posição e, por consequência, o reconhecimento de deputado supre apenas temporariamente a ambição de BC. Como afirma Schopenhauer, alcançar o objeto de desejo põe apenas um termo na condição de sujeito da falta de BC, pois satisfazer um desejo brevemente dá lugar a outro desejo (SCHOPENHAUER, 1980, p. 26). BC dá a entender certa satisfação pela posição conquistada, mas já demonstra a manifestação da paixão da ambição, ou seja, se mostra como sujeito da falta novamente: “efetivamente não continha nada, a não ser a ambição de ser ministro” (ASSIS, 1994, p. 121).

Acabrunhado com os seus cinquenta anos e com a extinção do amor na sua vida (ASSIS, 1994, p. 124), BC pede conselhos a Quincas Borba que o alerta: “ia escorregando na ladeira fatal da melancolia” (ASSIS, 1994, p. 125), e o aconselha:

— Meu caro Brás Cubas, não te deixes vencer desses vapores. Que diacho! é preciso ser homem! ser forte! lutar! vencer! brilhar! influir! dominar! Cinquenta anos é a idade da ciência e do governo. Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma. Que tens tu com essa sucessão de ruína a ruína ou de flor a flor? Trata de saborear a vida; e fica sabendo que a pior filosofia é a do choramigas que se deita à margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas. O ofício delas é não parar nunca; acomoda-te com a lei, e trata de aproveitá-la. (ASSIS, 1994, p. 125).

Assim como Bento Cubas, pai de BC, Quincas Borba estimula o amigo a lutar, vencer e brilhar. QB eleva a autoestima de BC ao afirmar que ele está na idade da ciência e do governo. Além disso, tenta criar em BC um querer-não-ser: não ser palerma nem choramingas. BC, que se importa deveras com a opinião de Borba, que tem “a autoridade de um grande filósofo” (ASSIS, 1994, p. 125), declara: “As palavras do Quincas Borba tiveram o condão de sacudir o torpor moral e mental em que andava. Vamos lá; façamo-nos governo, é tempo” (ASSIS, 1994, p. 125).

BC já tinha o desejo de ser ministro, no entanto, o seu desejo é frouxo, precisa sempre da intervenção de terceiros. Este trecho é considerado por Dixon como “outra ação que mostra o desejo triangular”, pois “o protagonista tem uma atitude servil e imitativa” (DIXON, 2009, p. 104). O apoio do amigo de infância foi a mola propulsora para a tentativa de atualização de BC, que era um sujeito virtual: “Cortejava a pasta por meio de rapapés, chás, comissões e votos; e a pasta não vinha” (ASSIS, 1994, p. 125). BC era dotado de um querer-ser aliado a um não-saber ser, pois sua estratégia não era eficiente. BC conclui que a sua condição de sujeito virtual devia-se ao fato de ele não participar dos grandes debates: “Urgia apoderar-me da tribuna” (ASSIS, 1994, p. 125), pois outros tiveram êxito dessa forma, portanto “Brás Cubas deve fazer o mesmo” (DIXON, 2009, p. 104). Todavia, BC não tem sucesso, porque

está tão empenhado em copiar as fórmulas dos sucedidos que se esquece de ter um objetivo autêntico e sincero. O discurso contém a eloquência de praxe, mas a questão do tamanho da barretina é tão trivial que cria confusão e suspeita nos colegas e superiores. (DIXON, 2009, p. 104).

BC, preocupado apenas com as aparências, faz um discurso com aparência retórica impressionante, mas “julga mal as exigências nacionais e os interesses dos ouvintes” (DIXON, 2009, p. 27), pois a essência de seu discurso é pobre e fútil. Apesar de ter conseguido realizar a *performance* de tornar-se deputado, ele não é competente para manter a conjunção com o seu objeto-valor, nem para alcançar um cargo superior. BC “chama, sim, a atenção de todos, mas só no sentido de expor claramente sua incapacidade política” (DIXON, 2009, p. 27).

Tanto BC quanto seu discurso precisam se manter no eixo do parecer, porque o eixo do ser é esvaziado de mérito:

Quanto à forma, ao rpto eloqüente, à parte literária e filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas idéias. Mas a parte política foi considerada por muitos deplorável; alguns achavam o meu discurso um desastre parlamentar. (ASSIS, 1994, p. 126).

Como consequência desse discurso, alguns parlamentares desconfiaram das reais intenções de BC. O protagonista diz: “me davam já em oposição [...] chegaram a insinuar a conveniência de uma moção de desconfiança. Repeli energicamente tal interpretação, que não era só errônea, mas caluniosa, à vista da notoriedade com que eu sustentava o gabinete” (ASSIS, 1994, p. 126). O argumento de BC quanto à notoriedade com a qual sustenta o gabinete, baseado em sua postura jactanciosa não é convincente para a comunidade parlamentar, e BC não consegue realizar a *performance*.

Quincas Borba, principal incentivador da tentativa de ascensão política de BC, não faz críticas ao discurso, pelo contrário, ele declara: “Não sou homem político, disse-me ele ao jantar; não sei se andaste bem ou mal; sei que fizeste um excelente discurso” (ASSIS, 1994, p. 126). Assim, mesmo na posição de sujeito frustrado, BC recebe uma sanção cognitiva positiva do amigo. Essa postura bajuladora de QB faz com que BC creia ser nobre e digno de reconhecimento:

E então notou as partes mais salientes, as belas imagens, os argumentos fortes, com esse comedimento de louvor que tão bem fica a um grande filósofo; depois, tomou o assunto à sua conta, e impugnou a barretina com tal força, com tamanha lucidez, que acabou convencendo-me efetivamente do seu perigo. (ASSIS, 1994, p. 126).

Além das características de Quincas Borba que remetem à glória e suscitam a admiração de BC, essa interação entremeada de adulação remete ao comportamento que o pai de BC tinha para com o filho. Bento Cubas e QB elogiam demasiadamente BC, fazendo-o acreditar ser mais importante e interessante do que realmente é. Egocêntrico e vaidoso, BC mantém uma relação de amizade íntima com QB tanto pelo que o filósofo representa, quanto pelo que ele faz BC pensar representar.

O fracasso de BC em sua investida política é explicitado primeiramente no título do capítulo CXXXIX, “De como não fui Ministro d’Estado”. Sobre esse capítulo, Dixon ensina que “ocupado exclusivamente pelos pontos,

sinais de reticência, comunica o remordimento mudo de um fracasso absoluto e a volta para a “flor amarela” da melancolia” (DIXON, 2009, p. 27). No enunciado, composto unicamente por pontos, recupera-se a enunciação que revela o sentimento de frustração, de decepção reticente e reflete a postura de BC, de supervalorizar suas características positivas e esconder seus fracassos. BC comenta o capítulo “De como não fui Ministro d’Estado” no capítulo seguinte:

Há coisas que melhor se dizem calando; tal é a matéria do capítulo anterior. Podem entendê-lo os ambiciosos malogrados. Se a paixão do poder é a mais forte de todas, como alguns inculcam, imaginem o desespero, a dor, o abatimento do dia em que perdi a cadeira da Câmara dos Deputados. lam-se-me as esperanças todas; terminava a carreira política. (ASSIS, 1994, p. 127).

Esse trecho traz duas informações novas, além de não realizar a *performance* de se tornar ministro, BC também mudou de relação junctiva com o objeto-valor cargo de deputado, com o qual entrou em disjunção. Esse acontecimento vai ao encontro do apontamento de Maricá, de que a ambição, muitas vezes, faz o homem perder o que já conquistou por correr inutilmente atrás do que deseja (MARICÁ, 1850, p. 209). Por ambição BC se lança em uma tentativa de tornar-se ministro e, como consequência, perde o seu posto de deputado. Como a tensividade da ambição de BC é alta, como “a paixão do poder é a mais forte de todas” (ASSIS, 1994, p. 127), a perda do objeto-valor causa desespero, dor, desesperança, vergonha e aborrecimento.

Diante do fracasso, o protagonista sabe-não-ser nobre, e fica envergonhado: “Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada”. A vergonha é uma paixão que, assim como a ambição, depende dos olhos do outro. A ambição tem essa necessidade por engendrar em seu cerne uma sanção positiva, enquanto a vergonha tem a mesma necessidade por englobar uma sanção negativa: o ambicioso anseia pelo público e o envergonhado foge do público.

O estado de conjunção de BC com outros objetos, com suas outras posses, não o consolam quanto à perda da cadeira ministerial porque a ambição de BC é voltada à glória, não aos bens materiais:

Tudo tinha a aparência de uma conspiração das coisas contra o homem: e, conquanto eu estivesse na *minha* sala, olhando para a *minha* chácara, sentado na *minha* cadeira, ouvindo os *meus* pássaros, ao pé dos *meus* livros, alumiado pelo *meu* sol, não chegava a curar-me das saudades daquela outra cadeira, que não era minha. (ASSIS, 1994, p. 127).

BC, que é jactancioso, fica decepcionado quando passa ao estado de saber-não-ser e de crer-não-poder-ser um político bem sucedido, pois perdeu as esperanças de retornar ao estado conjuntivo com seu objeto-valor: “terminava a carreira política” (ASSIS, 1994, p. 127).

Quincas Borba, por “indução filosófica que fez”, discorre sobre a ambição de BC:

[...] achou que a minha ambição não era a paixão verdadeira do poder, mas um capricho, um desejo de folgar. Na opinião dele, este sentimento, não sendo mais profundo que o outro, amofina muito mais, porque orça pelo amor que as mulheres têm às rendas e toucados. Um Cromwell ou um Bonaparte, acrescentava ele, por isso mesmo que os queima a paixão do poder, lá chegam à fina força ou pela escada da direita, ou pela da esquerda. Não era assim o meu sentimento; este, não tendo em si a mesma força, não tem a mesma certeza do resultado; e daí a maior aflição, o maior desencanto, a maior tristeza. O meu sentimento, segundo o Humanitismo... (ASSIS, 1994, p. 127).

Nesse trecho, Quincas Borba associa a ambição à iniciativa e a persistência, o que, obviamente, não é o caso de BC. No levantamento lexicográfico disposto no capítulo dois desta dissertação, percebe-se que a ambição é um desejo veemente, forte, intenso; todavia, nada se refere à iniciativa ou à persistência investidas nesse desejo. Pela ausência de ímpeto em BC, QB considera sua ambição mero capricho, menos profunda que a “paixão do poder”. Observe-se que o termo “capricho” sugere um desejo repentino, sem justificativa. A vontade de BC não é repentina, a ambição é uma paixão que o acompanha da infância até a morte; também não é sem justificativa, é inculcada em BC por sua família.

Ainda no capítulo dois, é apresentado um estudo cultural acerca da ambição que demonstra uma tendência dos estudiosos a relacionar essa paixão ao sofrimento. Esse sofrimento presume a não realização da *performance* do sujeito ambicioso, o que acontece com BC. Quincas Borba acredita que a não realização dos desejos de BC se deve a falta de força do seu querer, como já se discutiu, da frouxidão da vontade do personagem. Esse apontamento é coerente, já que, mesmo

quando BC é um sujeito atualizado, como quando aceita o casamento com Virgília, a frouxidão da vontade faz com que ele não se torne um sujeito realizado: BC não se casa com Virgília, ou seja, não realiza a *performance*. Entretanto, no caso em questão, BC não era um sujeito atualizado: queria (achava que) devia, podia (era deputado), mas não sabia participar dos debates.

Diante da desesperança de BC, Quincas Borba estimula o amigo a não desistir da busca pela nomeada: “Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. [...] Funda um jornal, disse-me ele, e “desmancha toda esta igreja”” (ASSIS, 1994, p. 128). BC, movido novamente por um desejo triangular, adere ao conselho de QB: “Magnífica idéia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...” (ASSIS, 1994, p. 128). O filósofo arremata: “— Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal” (ASSIS, 1994, p. 128). Como BC é sujeito da ação fraco, não tem garra para conquistar o que deseja sozinho, QB começa a manipulá-lo.

Quincas Borba e BC veem uma luta entre dois cães por causa de um osso, o filósofo, então, faz diversas considerações sobre a magnificência do momento: “em algumas partes do globo o espetáculo mais é grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis”. BC não se dá por convencido: “Andando, disse-lhe que tinha uma dúvida; não estava bem certo da vantagem de disputar a comida aos cães” (ASSIS, 1994, p. 128). QB responde ao amigo que “disputá-la aos outros homens é mais lógico, porque a condição dos contendores é a mesma, e leva o osso o que for mais forte” (ASSIS, 1994, p. 128). Essas considerações de QB, sobre a necessidade e a sublimidade da luta, estimulam BC a lutar contra os outros políticos pelo “osso” do ministério.

Convencido da utilidade do jornal por Quincas Borba, ou seja, manipulado novamente, BC quer, sabe (acha que) deve e pode realizar a *performance*. Assim, BC lança-se nessa nova empreitada: abre o jornal de afronta que intenta escachar o ministério. QB colabora com o jornal cedendo à BC o direito de divulgação dos princípios do Humanitismo:

Urgia fundar o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; somente, como o Quincas Borba não houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em ano), assentamos de lhe não fazer nenhuma referência. Quincas Borba exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito. (ASSIS, 1994, p. 131).

BC tem pretensões hiperbólicas com o jornal, ambicioso e vaidoso, o protagonista crê que seu jornal é excelente e, por causa disso, cria um simulacro no qual ele terá um grande impacto social, o que, conseqüentemente, traria a nomeada a seu editor. Suas pretensões unem-se às de Quincas Borba com o Humanitismo, de natureza igualmente hiperbólica:

Era a fina flor dos programas; prometia *curar a sociedade*, destruir os abusos, defender os sãos princípios de liberdade e conservação; fazia um apelo ao comércio e à lavoura; citava Guizot e Ledru-Rollin, e acabava com esta ameaça, que o Quincas Borba achou mesquinha e local: “A nova doutrina que professamos há de inevitavelmente derrubar o atual ministério”. Confesso que, nas circunstâncias políticas da ocasião, o programa pareceu-me uma obra-prima. (ASSIS, 1994, p. 131, grifo nosso).

Dois projetos de BC, o emplasto e o jornal, intentam curar a sociedade, pois, ao curar a sociedade, BC curaria a si próprio da melancolia que o aflige, ao entrar em conjunção com o prestígio social. Em prol desse objetivo, BC interioriza o sistema filosófico de Quincas Borba, o que se percebe no episódio em que QB acha mesquinha a ameaça de BC, de “derrubar o atual ministério”, mas BC consegue convencer o amigo do mérito da ameaça utilizando as premissas do próprio Humanitismo:

A ameaça do fim, que o Quincas Borba achou mesquinha, demonstrei-lhe que era saturada do mais puro Humanitismo, e ele mesmo o confessou depois. Porquanto, o Humanitismo não excluía nada; as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras eram, segundo a nossa doutrina, a mesma sublimidade [...] Ora, eu não fazia mais do que aplicar às circunstâncias a nossa fórmula filosófica: Humanitas queria substituir Humanitas para consolação de Humanitas. (ASSIS, 1994, p. 131).

A crença cega de BC no Humanitismo, a ponto de querer desenvolver um jornal com a aplicação de seus devaneios demonstra uma grande ironia, nas palavras de Calbucci:

A tentativa de aplicação política do Humanitismo, como todos os devaneios megalomaníacos da filosofia de Borba, confirma que Brás levou a sério a doutrina proposta pelo amigo, tanto é verdade que ela a considera “nossa”. Mas o fato é que defender que “as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras” são “a mesma sublimidade”, além de todas as bravatas cândidas de Quincas Borba, funciona como indício mais do que suficiente para concluir que o Humanitismo é uma brincadeira, muito provavelmente uma sátira de “Machado” [enunciador] aos cientificismos do final do século XIX, como o Positivismo ou o Determinismo, que eram tomados por alguns como verdades religiosas a serem louvadas, e não discutidas⁶². Assim, se o Humanitismo não é sério e Brás o apresenta como se fosse, tem-se uma ironia que atinge Brás e, por isso, só pode ter sido produzida por “Machado”, isto é, pelo enunciador, no nível da enunciação de 1º grau. (CALBUCCI, 2007, p.184)

A interiorização da filosofia de Quincas Borba, associada à vontade de lutar que o filósofo incentivou em BC, rende ao “defunto-autor” uma sanção cognitiva positiva de Quincas Borba:

— Tu és o meu discípulo amado, o meu califa, bradou Quincas Borba, com uma nota de ternura, que até então lhe não ouvira. Posso dizer como o grande Muamede: nem que venham agora contra mim o sol e a lua, não recuarei das minhas idéias. Crê, meu caro Brás Cubas, que esta é a verdade eterna, anterior aos mundos, posterior aos séculos. (ASSIS, 1994, p. 131).

O prazer que Quincas Borba sente e materializa em adulação ao amigo “discípulo” representa uma relação quase que antropofágica, no mínimo viciosa, de ideias. BC admira e considera Borba pela sua aparência nobre e sua bajulação, QB bajula BC pela sua aparência nobre e porque o protagonista o admira e o considera. Por causa disso, BC acredita nos conselhos de QB e os coloca em prática, recebendo constantemente o estímulo e os elogios do amigo, por mais absurdos que os conselhos soem para os demais. BC devolve os elogios a QB que, por causa disso, acredita ainda mais em seu sistema e bajula ainda mais o seu discípulo:

Mandei logo para a imprensa uma notícia discreta, dizendo que provavelmente começaria a publicação de um jornal oposicionista, daí a algumas semanas, redigido pelo Dr. Brás Cubas. Quincas Borba, a quem li a notícia, pegou da pena, e acrescentou ao meu nome, com uma fraternidade verdadeiramente humanística, esta frase: “um dos mais gloriosos membros da passada Câmara”. (ASSIS, 1994, p. 132).

Quando a notícia do lançamento do jornal de oposição de BC vem à tona, ele recebe sanções negativas de sua família. BC conta a reação de seu cunhado, Cotrim, ao tomar conhecimento de sua nova empreitada: “vira a notícia do jornal, e achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de semelhante idéia. Era um erro, um erro fatal. Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil, e de certa maneira trancar as portas do parlamento” (ASSIS, 1994, p. 132).

Cotrim sanciona BC negativamente porque acredita que BC não será capaz de destruir o ministério, ou seja, que BC não será capaz de realizar a *performance*. Sobre o atual regime político, Cotrim comenta que este “lhe parecia excelente” e “com certeza viveria muito” (ASSIS, 1994, p. 132). Sob o ponto de vista sensato do cunhado, o jornal de oposição de BC não surtiria efeito em derrubar os políticos da situação e ainda acabaria com as possibilidades de BC na política. Ou seja, o jornal, como objeto-modal para o alcance da glória, não daria a BC a competência necessária para realizar a *performance*. Pelo contrário, afastaria BC do objeto-modal carreira política para o alcance da nomeada. Cotrim sugere que, como BC ainda tinha a afeição de alguns ministros, “não era impossível uma vaga” (ASSIS, 1994, p. 132), no ministério e, por causa disso, BC não teria nenhuma vantagem em indispor os políticos da situação contra si.

BC responde a ele que “meditara muito o passo que ia dar, e não podia recuar uma linha” (ASSIS, 1994, p. 132). Obstinado, BC propõe ao cunhado a leitura do programa, mas conta que Cotrim se recusou firmemente, pois não queria se envolver minimamente no lançamento daquele jornal: “— É um verdadeiro desatino, repetiu ele; pense ainda alguns dias, e verá que é um desatino” (ASSIS, 1994, p. 132).

Como o marido não obtém sucesso na tentativa de dissuadir BC, sua irmã, Sabina, também se opõe ao projeto de BC: “— Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflita. Que idéia é essa de provocar o governo, sem necessidade, quando podia...” (ASSIS, 1994, p. 132). Percebe-se que ela também considera como melhor opção para BC uma nova investida na carreira política. O protagonista rebate:

Expliquei-lhe que não me convinha mendigar uma cadeira no parlamento; que a minha idéia era derrubar o ministério, por não me parecer adequado à situação — e a certa fórmula filosófica; afiançei que empregaria sempre uma linguagem cortês, embora enérgica. A violência não era especiaria do meu paladar. (ASSIS, 1994, p. 132).

A volubilidade de BC e a sua condição de sujeito manipulável não são evidenciadas nessa interação familiar. BC, que anteriormente foi deveras influenciado pelos conselhos da irmã e do cunhado, resiste firmemente às opiniões deles sobre o lançamento do jornal de oposição. Segundo o texto, Sabina joga na cara de BC que ele não está aberto aos conselhos da família: “Desenganada, lançou-me em rosto preferi os conselhos de pessoas estranhas e invejosas aos dela e do marido” (ASSIS, 1994, p. 132). Isso ocorre porque BC é, sim, manipulável, mas opta pela opinião de quem possui mais prestígio. Nesse caso, a opinião do louvado Quincas Borba é mais valiosa que a opinião dos familiares, meros emergentes do comércio de escravos. Assim, BC mantém-se em sua opinião, que deriva da manipulação de QB sobre ele.

Obstinado, BC realiza a *performance* a que se propõe e entra em conjunção com o objeto-modal publicação do jornal:

Publiquei o jornal. Vinte e quatro horas depois, aparecia em outros uma declaração do Cotrim, dizendo, em substância, que “posto não militasse em nenhum dos partidos em que se dividia a pátria, achava conveniente deixar bem claro que não tinha influência nem parte direta ou indireta na folha de seu cunhado, o Dr. Brás Cubas, cujas idéias e procedimento político inteiramente reprovava. O atual ministério (como aliás qualquer outro composto de iguais capacidades) parecia-lhe destinado a promover a felicidade pública”. (ASSIS, 1994, p. 132).

Por essa *performance*, BC recebe uma sanção pragmática negativa do cunhado que declara publicamente sua discordância ao novo jornal. A ação de Cotrim é tomada por BC como uma agressão pessoal, que o deixa chocado: “Não podia acabar de crer nos meus olhos. Esfreguei-os uma e duas vezes, e reli a declaração inoportuna, insólita e enigmática” (ASSIS, 1994, p. 133). BC considera essa sanção enigmática porque, apesar de eles terem se desentendido na divisão da herança do pai de BC, após a reconciliação, Cotrim, Sabina e BC estavam se dando bem. Além disso, quando BC estava no cargo de prestígio (deputado) prestava favores ao cunhado:

Nossas relações até então tinham sido lhanas e benévolas; não me lembrava nenhum dissentimento, nenhuma sombra, nada, depois da reconciliação. Ao contrário, as recordações eram de verdadeiros obséquios; assim, por exemplo, sendo eu deputado, pude obter-lhe uns fornecimentos para o arsenal de marinha, fornecimentos que ele continuava a fazer com a maior pontualidade, e dos quais me dizia algumas semanas antes, que no fim de mais três anos, podiam dar-lhe uns duzentos contos. (ASSIS, 1994, p. 133).

BC acredita que seja “muito poderoso o motivo da declaração” para que “a lembrança de tamanho obséquio não teve força para obstar que ele viesse a público enxovalhar o cunhado” (ASSIS, 2001, p. 94). No entanto, a ação de Cotrim é basicamente movida por ambição, o cunhado de BC não quer perder a conjunção com a posição social que angariou, de fornecedor da marinha, pois isso lhe custaria, além da ascensão social, duzentos contos de réis das negociações engendradas pelo cargo de fornecedor.

Como a imprensa marrom de BC aproximaria o cunhado de valores de rebeldia e de oposicionismo, o afastaria das possibilidades de prestígio entre a sociedade. Se Quincas Borba está correto e “a esperança de outros favores, é certo, conserva sempre no beneficiado a lembrança do primeiro” (ASSIS, 1994, p. 133), o desacato de Cotrim ao cunhado deve-se, também, a um crer-não-ser referente a BC, à perda da esperança de que BC possa vir a oferecer-lhe valores prestigiosos após o suicídio político que representa a publicação do jornal.

Mesmo recebendo essas sanções negativas, a conjunção com o objeto-modal publicação do jornal deixa BC feliz: “O primeiro número do meu jornal encheu-me a alma de uma vasta aurora, coroou-me de verduras, restituiu-me a lepidéz da mocidade”. Entretanto, esse objeto-modal não cumpre com as suas funções, não derruba o ministério e não leva BC à conjunção com o objeto-valor prestígio social. Entretanto, a disjunção com o objeto-modal jornal causa desapontamento em BC. O protagonista narra a extinção de seu jornal: “Seis meses depois batia a hora da velhice, e daí a duas semanas a da morte, que foi clandestina, como a de D. Plácida. No dia em que o jornal amanheceu morto, respirei como um homem que vem de longo caminho” (ASSIS, 1994, p. 134). É válido reiterar que o jornal é uma ideia desmedida de Quincas Borba, acolhida por BC por causa da sua intensa ambição. BC consegue prazer temporário com o jornal, mas acaba frustrado.

O último prazer, apesar de breve, de BC com a política deve-se à morte de Lobo Neves, que “morria com o pé na escada ministerial”. Segundo BC, “Correu ao menos durante algumas semanas, que ele ia ser ministro; e pois que o boato me encheu de muita irritação e inveja, não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer” (ASSIS, 1994, p. 134). Para BC, o pavão, o consolo de sua própria derrota é que a águia, Lobo Neves, também não conseguira realizar a *performance*, ou seja, se tornar ministro. O fracasso do rival, mesmo devido a um incidente e não à incompetência, deixa o defunto-autor alegre, jubiloso: “Prazer é muito, mas é verdade; juro aos séculos que é a pura verdade” (ASSIS, 1994, p. 134).

BC considerava a carreira política acabada após o discurso frustrado sobre a barretina da guarda nacional, contudo, enterrou permanentemente suas possibilidades políticas ao seguir os conselhos de Quincas Borba e publicar o jornal. Com a porta do ministério fechada, frustrado e sem opções, BC tenta dar a sua vida pública um último fôlego como voluntário de uma ordem de caridade, a convite de Cotrim e com o aval de Quincas Borba: “E vede agora a minha modéstia; filiei-me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos” (ASSIS, 1994, p. 138).

Nesse capítulo, as ações de BC são muito semelhantes às de seu cunhado Cotrim. A generosidade de BC não é altruísta, BC, ambicioso, está interessado nas recompensas, nos louros recebidos, na autoimagem positiva. Ele se diz modesto no enunciado, mas quando se recupera a enunciação, percebe-se que ele, na verdade, se vangloria, o que é necessário para a manutenção de sua ambição. Mostra-se a sede de BC por uma realização, qualquer que seja, meramente para se vangloriar. Segundo Calbucci:

O curioso do capítulo “Fase brilhante” é que Brás não costuma evitar situações para expor e realçar sua mediocridade, pois “a franqueza é a “primeira virtude de um defunto”. No entanto [...] embora fosse possível que Brás assumisse mais explicitamente que a bondade que o tomou nos últimos anos de sua vida era falsa, ele prefere sugerir que essa época realmente foi a fase mais brilhante de sua vida, usando, para justificar isso, argumentos muito parecidos aos utilizados para ironizar a postura do cunhado. É como se ele se tornasse vítima daquele discurso irônico. Portanto há ironia e, mais do que isso, auto-ironia, na medida em que o enunciado deixa transparecer que as crenças de Brás na “pureza” das recompensas reflexas são sinceras e a enunciação denuncia que são essas crenças estão sendo ironizadas. (CALBUCCI, 2007, p. 180–181).

BC crê que seus gestos na entidade teriam impacto social se fossem divulgados, porém diz que divulgá-los seria romper o silêncio que ele jurou manter acerca da caridade prestada (ASSIS, 1994, p. 138). Ele glorifica seus atos negando contá-los, porque crer-ser nobre por causa deles:

[...] foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Não obstante, calome, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada. [...] Afirmando somente que foi a fase mais brilhante da minha vida. Os quadros eram tristes [...] Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres, é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-la o obsequiado. Não; eu recebia-a de um modo reflexo, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente idéia de mim mesmo. (ASSIS, 1994, p. 138).

Esse relato vai ao encontro do apontamento de Freitas, de que BC “pode levantar suspeitas [...] e dizer a verdade”, pois, o defunto-autor, em sua condição póstuma, “não se preocupa com a incompatibilidade entre verdade e vantagem” (FREITAS, 2001, p. 67). Morto não precisa cumprir promessas e pode contar vantagem, como BC efetivamente faz.

No entanto, Calbucci afirma que “esse seria apenas um dos exemplos em que a ironia é dirigida ao narrador, e não apenas produzida por ele”. (CALBUCCI, 2007, p. 180- 181). Assim, o autor demonstra a ironia de segundo nível, que é produzida no nível enunciativo do narrador, diferente da que é produzida no nível do enunciador (cf. CALBUCCI, 2007, p.28–54).

Como é marcado por vaidade e por ambição, não por caridade ou por generosidade, após alguns anos, BC se cansa do voluntariado na ordem e o abandona, conforme conta: “não sem um donativo importante, que me deu direito ao retrato na sacristia” (ASSIS, 1994, p. 138). O retrato na sacristia é o derradeiro reconhecimento a BC em vida e, como é o único que, literalmente, ostenta a sua imagem, não há estranhamento em BC considerar essa fase a mais brilhante de sua vida. Além de alimentar seu crer-ser, a recompensa cognitiva era “grande, tão grande” que, nas palavras de BC: “me dava excelente idéia de mim mesmo”. Assim, pela caridade, BC recebe uma autossanção cognitiva positiva e uma sanção pragmática positiva da Ordem, que é o retrato na sacristia.

Ao final de sua vida, BC presencia a morte de Quincas Borba, demente, que prometia tornar o Humanitismo a melhor das religiões, na qual BC seria califa. Pois não foi: como se vê no último capítulo, “Das negativas”, o protagonista não foi califa e não foi ministro. Sem QB e diante do fracasso do Humanitismo, BC desiste de alcançar a glória pública por meio da política. No entanto, como tem amor à glória, BC tenta colocar em prática uma ideia que remonta a juventude: inventar um emplasto anti-hipocondríaco e, por meio dele, alcançar a nomeada. Desse mote se ocupa o próximo subcapítulo.

3.3.2 O Emplasto Brás Cubas

“Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa.”

Cronologicamente, a primeira ideia fixa de BC foi o suicídio: “três dias depois seguiu barra fora, abatido e mudo. Não chorava sequer; tinha uma idéia fixa... Malditas idéias fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela”, (ASSIS, 1994, p. 28). Todavia, como todas as ideias provenientes de BC, sem intermédio de ninguém, essa ideia não era assaz fixa. Apesar de intensa, a ideia do suicídio não durou muito tempo. BC pensou apenas uma vez em levá-la a cabo, quando estava a bordo no barco que seguia para Lisboa, não conseguiu, mas não abandonou a ideia. No entanto, logo passou por uma situação de perigo em alto mar, que ameaçou sua vida, BC desistiu do suicídio.

A segunda ideia que BC também denomina “ideia fixa”, o emplasto Brás Cubas, é apresentada logo no capítulo II do livro, mas aparece, cronologicamente, no episódio em que BC está de luto na Tijuca, sofrendo a morte de sua mãe. Bento Cubas, preocupado com a demora do filho no interior, vai ao seu encontro, incentivá-lo a voltar à cidade. Leva com ele duas propostas na algibeira (ASSIS, 1994, p. 37): a carreira política e o casamento com Virgília. Como BC se recusa a aceitá-las, seu pai empreende estratégias de manipulação para convencê-lo: Bento Cubas elogia o filho, eleva sua autoestima, diz que ele deve brilhar, que deve temer a obscuridade e ilustrar o nome dos Cubas, (cf. ASSIS, 1994, p. 40), como foi abordado anteriormente. Essa argumentação convence BC a aceitar a carreira e o casamento. Ademais, BC passa a compartilhar dos valores do pai, a acreditar que o melhor modo de um homem ter valor é perante a opinião pública

(ASSIS, 1994, p. 40). Acreditar nisso fez BC desejar além do que o pai propõe, pois, como quer ser bem querido pela sociedade, BC tem a ideia, que se tornará fixa:

E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada mórbida, — o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas. (ASSIS, 1994, p. 40).

A ideia do emplasto aparece quando BC é jovem, mas somente é esmiuçada quando o BC defunto narra a sua morte e conta que, mais do que a pneumonia, foi uma “idéia grandiosa e útil” (ASSIS, 1994, p. 03), que o matou. BC conta o surgimento da ideia:

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, e das cabriolas de contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te. Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. (ASSIS, 1994, p. 04).

Fato relevante é que, no decorrer da narrativa, o emplasto, medicamento de destino hiperbólico, não é mais abordado profundamente. Dixon afirma que, “como o chocalho, o emplasto não escapa a um ritmo alternativo, um vaivém de aceitação e negação ou de convite e fuga”, (DIXON, 2009, p. 26). Assim, apesar de querer desenvolver o emplasto, de ter essa ideia pendurada no trapézio, BC não busca meios de torná-la realidade, não adquire os conhecimentos necessários para o desenvolvimento do medicamento, o que o configura como um sujeito virtual.

No decorrer do tempo, BC galga a carreira política e entretém-se com a relação com Virgília. Concomitantemente às frustrações dos seus interesses políticos, BC envolve-se com Quincas Borba e o humanitismo. Nessa jornada, a ideia do emplasto parece esquecida. Quando está narrando sua decepção pelo término da relação com Virgília, o BC defunto chega a lamentar o esquecimento da ideia: “Se a idéia do emplasto me tem aparecido nesse tempo, quem sabe? não teria morrido logo e estaria célebre. Mas o emplasto não veio”, (ASSIS, 1994, p. 115).

O abandono da ideia do emplasto, que lhe surgiu na mocidade e que é retomada apenas na velhice, diz muito sobre a personalidade de BC. É mais uma evidência de que ele é um sujeito da ação fraco, que não persiste em seus objetivos. Schwarz comenta que as ideias fixas de BC são 'quase fixas', "pois a fixidez tampouco existe, como lembra o próprio narrador, a quem não ocorre nada mais fixo neste mundo do que "a finada dieta germânica", (SCHWARZ, 1990, p. 138), para comparar à sua ideia.

Ao narrar a morte de Quincas Borba, BC conta: "ENTRE A MORTE do Quincas Borba e a minha, mediram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas", (ASSIS, 1994, p. 139). Vale-se destacar dois pontos sobre esse relato, o primeiro é a ironia do termo "sucessos" para designar os acontecimentos da primeira parte do livro que são, resumidamente, a doença, o delírio, a morte e o velório com apenas onze amigos. O segundo é o fato de que BC somente tentou atualizar-se para realizar a *performance* e desenvolver o emplasto após a demência e a morte de QB. Somente na maturidade, após a frustração de todos os outros desejos, que BC retoma o projeto do emplasto:

Seu mundo estava agora marcado pela decadência, a ruína, a melancolia e a morte inexoráveis e ele sabia nada ter feito da vida senão deixá-la fluir no vazio e na inseqüência. Ele se sente mergulhado simplesmente no que denomina a volúpia do aborrecimento. (FACIOLI, 2008, p. 73).

Essa retomada baseada na "volúpia do aborrecimento" vai ao encontro do apontamento de Dixon: "O emplasto, muito mais que um projeto comercial ou médico, parece ter no romance o valor de um emblema da energia vital ou da ambição de progredir", (DIXON, 2009, p. 25). Dixon considera que, no estado de frustração que BC se encontra por estar velho, solteiro, sem filhos e frustrado em seus projetos políticos, dedicar-se ao emplasto é uma forma de tentar manter a vida, a vontade de viver, a energia vital. A vida e a vontade de viver, desde a infância de BC, estão estreitamente ligadas à ambição, pois, desde neném, BC é motivado a buscar o chocalho reluzente:

Eis o sentido psicológico do emplasto — “o amor da nomeada”. O curioso medicamento, portanto, representa uma ambição de brilhar, de aparecer, de se impor no mundo. O emplasto é extensão do brinquedo infantil, do chocalho de lata, que também brilhava e atraía, convidando o sujeito a sair do estado complacente, a caminhar antes do tempo, a se estender e a se esforçar. (DIXON, 2009, p. 26).

Na maturidade, BC tenta tornar-se capacitado, sujeito atualizado, para desenvolver o “emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 1994, p. 04), ou seja, realizar a *performance*. Ele tenta conseguir patrocínio: “Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão” (ASSIS, 1994, p. 04). BC ressalta os benefícios do emplasto para a humanidade para parecer que a ideia é fruto de filantropia. Isso se configura não apenas na expressão “resultado verdadeiramente cristão”, mas também no trecho seguinte, no qual BC assume que teria vantagens pecuniárias, mas trata o lucro como consequência de um produto farmacêutico sublime: “não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos” (ASSIS, 1994, p. 04).

Ressaltar a nobreza do emplasto não configura o surgimento de altruísmo ou filantropia. A ideia que BC tenta passar é de que a motivação foi altruísta, mas que, diante de algo tão bem realizado, os rendimentos seriam uma consequência inevitável. Ele tenta parecer não ambicioso, quando afirma que o lucro será por merecimento.

Todavia, o BC defunto, que conta a história, assume suas verdadeiras motivações para o emplasto:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do ruído, do cartaz do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me argúam esse defeito fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. (ASSIS, 2009, p. 08).

BC afirma, na comparação com as duas faces das medalhas, a diferença entre o que ele é em público, (face virada para o público) e o que ele é em particular (face virada para ele). Diante da sociedade, ele zela por sua imagem, afirma filantropia, que não condiz com sua verdadeira motivação, a ambição: “Assim

a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro, de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória”, (ASSIS, 2009, p. 08–09).

Ademais, ao afirmar que é movido tanto por filantropia, quanto por ambição, BC está fingindo, dissimulando. Não é possível associar o profundo amor à humanidade, o desprendimento, a generosidade e a caridade, ao amor à glória e à sede de nomeada. No enunciado, BC sugere que foi movido também por filantropia, mas, na enunciação, isso é negado. Além disso, filantropia, por definição, exclui a ambição: os termos são contraditórios.

A ambição de BC é tão intensa que desenvolve um novo estado de alma, a obsessão, a ideia fixa:

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se *idéia fixa*. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Era fixa a minha idéia, fixa como... *Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a Lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica*. (ASSIS, 2009, p. 10, grifo nosso).

O sentimento que envolve BC é um apego veemente a uma ideia caprichosa e hiperbólica. A ideia do desenvolvimento do emplasto divide a Crítica Literária. Para alguns críticos, a invenção é desarrazoada, para outros, não. Em geral, os emplastos são usados para problemas cutâneos ou como facilitadores de passagem de anti-inflamatório para os músculos, não para curar hipocondria.

Ademais, hipocondria é, conhecidamente, a condição do sujeito que se preocupa compulsivamente com o próprio estado de saúde e acredita ter moléstias imaginárias. Isso faz com que o hipocondríaco procure diversos e inusitados tratamentos, que podem ser perigosos, para tentar curar-se da doença inexistente. Diante disso, seria sarcástico propor um medicamento para curar a obsessão por medicamentos e por tratamentos. O fato é que o emplasto metaforiza o estado de frustração, de decepção, de melancolia de BC.

Dentro da corrente crítica que considera o emplasto um disparate, Rodrigues afirma que BC morreu de audácia, porque tentava desenvolver um emplasto que curasse a humanidade, mas cuja principal função era disseminar a imagem vencedora de BC, mais do que efetivamente curar a melancolia humana:

De qualquer forma, estranhamos essa empresa. Como um homem tão sutil iria entrar numa loucura dessas? Não pensemos, entretanto, nesse emplasto como coisa muito realista, Porque, se, pelo lado narrativo, ele revela insensatez e vaidade, pelo lado transcendental ele é paródia de nossas ansiadas panacéias, crenças em milagres e utopias. O emplasto alegoriza o sonho humano. Isso mostra que Brás Cubas finge ser bem maior e bem menor do que de fato é. Expõe-se ao ridículo. E até demente ele parece. (RODRIGUES, 2001, p. 32).

A demência apontada por Rodrigues poderia até ser uma suspeita a se considerar caso a ideia surgisse do BC idoso, frustrado, que perdera as possibilidades e as esperanças. No entanto, BC tem essa ideia na juventude e nunca questiona a possibilidade de se desenvolver o medicamento. Ele crê-ser capacitado para desenvolvê-lo e crê que o emplasto seria a cura para a humanidade e a garantia de sua nomeada. Por BC enunciar a possibilidade de fazer o emplasto, sem debruçar-se sobre o projeto até a maturidade, Faccioli acusa BC de charlatanismo:

em matéria de ciência, Brás é apenas um charlatão, completamente fraudulento, como em tudo o que fez na vida, desmascarando também o narrador que pretende desmascarar o personagem. Ambos são cúmplices no charlatanismo, resultando que o escândalo não está apenas na pretensa frustração de Brás por ter morrido e não conseguido inventar o emplasto, mas em enunciar a possibilidade ridícula de o fazer. (FACIOLI, 2008, p. 34–35).

Porém, hipocondria tem outro significado que ameniza essa acusação de charlatanismo. É, além da obsessão pela própria saúde, uma tristeza profunda, um estado melancólico. Considerando esse sentido, pode-se dizer que o maior mal que assola BC é a hipocondria, que é representada no trecho abaixo e se relaciona à melancolia, à tristeza profunda, não à compulsão sobre a saúde:

Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil. — “Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!” — Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. Lembra-me que estava sentado, debaixo de um tamarineiro, com o livro do poeta aberto nas mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura, — ou jururu, como dizemos das galinhas tristes. Apertava ao peito a minha dor taciturna, com uma sensação única, uma coisa a que poderia chamar volúpia do aborrecimento. (ASSIS, 1994, p. 36).

Nesse relato evidencia-se que a hipocondria de BC sugere um estado melancólico. A melancolia, por sua vez era considerada na época como um fenômeno corporal, como ensina Dixon: “uma das perspectivas mais influentes trata da melancolia como um fenômeno corporal e não uma consequência dos atos do indivíduo” (DIXON, 2009, p. 145), a chamada teoria dos humores. Essa vertente

[...] afirma que as tendências emocionais — as personalidades, pode-se dizer — são determinadas pelo equilíbrio ou desequilíbrio dos humores (líquidos) no corpo. Os corpos tendem ao desequilíbrio. Assim, o excesso de um dos humores (sangue, bÍlis, cólera, fleuma), que é mais ou menos constante na vida de uma pessoa, cria uma tendência emocional. E a melancolia é uma destas quatro predisposições, causada pelo excesso de bÍlis negra, secretada pelo fÍgado. (DIXON, 2009, p. 145).

Destarte, se a causa da melancolia é física, um desequilíbrio da bÍlis negra do fÍgado, não é de se estranhar que BC pense em um remédÍo para o corpo, para aplacar esse estado, conforme Dixon: “reconhecida esta perspectiva, talvez a ideia de um emplasto para curar a melancolia possa parecer menos aleatÓria; aplica-se no corpo porque o corpo é a origem do problema” (DIXON, 2009, p. 145).

Indiferente à viabilidade do projeto do emplasto, o relato evidencia que ele é ideia fruto do estado alma que acompanha BC a vida toda, a ambição. BC assume que o que o motivou à invenção do emplasto foi o amor da glÓria, a sede de nomeada, a paixão do cartaz, do arruído, do foguete de lágrÍmas, (cf. ASSIS, 1994, p. 04). No entanto, sua ambição continuamente frustrada é a maior causa da melancolia que o assola, dessa forma, o emplasto iria curar a melancolia de BC, não por seus efeitos terapêuticos, mas pela fama que renderia a seu inventor. Sobre esse assunto, Dixon afirma que “o principal paciente é o próprio Brás Cubas, carente e enfermo embora rico e dotado. Para aliviar os sofrimentos deste doente, o rótulo, publicando seu nome, vale tanto quanto o remédÍo em que está colado”, (DIXON, 2009, p. 146). Entretanto, pode-se afirmar que, para BC, o rótulo vale mais do que o remédÍo em que está colado, pois ele é um sujeito que valoriza mais a aparência, do que a essência. Ademais, um remédÍo que efetivamente tratasse a sua melancolia, iria exercer seu efeito na consequência, enquanto o rótulo e a glÓria pÚblica iriam curar a causa da melancolia: a ambição frustrada de BC.

Com tamanha utilidade para o protagonista, é relevante o fato de que, mesmo obsecado pela ideia, BC não busca conhecimento sobre ela, nem tenta

mais do que pedir apoio ao governo. Assim, sujeito da ação fraco, BC continua sendo um sujeito virtual, que quer, (acha que) deve, pode, mas não-sabe desenvolver o emplasto. Quando BC começa “preparar e apurar” a sua invenção, isto é, a tentar se atualizar para desenvolver o emplasto, que é a realização da *performance*, a combinação de sua ambição e de sua obsessão o faz tomar um golpe de ar, que o leva à morte:

Senão quando, estando eu ocupado em *preparar e apurar* a minha invenção, *recebi em cheio um golpe de ar*, adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a idéia fixa dos doudos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio *haver provado que foi a minha invenção que me matou*. (ASSIS, 2009, p. 11, grifo nosso).

A obsessão é um sentimento forte, intenso, mas não o suficiente para motivar BC a tornar-se capaz de conseguir prestígio social nessa derradeira possibilidade. Somando-se, a ambição e a obsessão de BC resultam em um sentimento de frustração, porque BC não consegue realizar a *performance*, não consegue entrar em conjunção com o objeto-modal emplasto, que o levaria ao objeto-valor glória. Isto ocorre, porque BC tem o desejo de ser prestigiado, pois herdou da família valores nos quais ele tem o dever de ter sucesso e porque ele crê-ser digno de glória, como ele reitera:

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre macróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de coligar os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens. (ASSIS, 2009, p. 10).

Esse trecho também mostra BC dando uma desculpa para seu fracasso em ser ministro e em ser califa, pois, se fosse um desses o projeto em que BC estivesse se debruçando, se estivesse insistindo em galgar sucesso em “uma instituição política” ou em promover “uma reforma religiosa” com o Humanitismo, a corrente de ar iria impedi-lo de qualquer forma. Dessa forma, BC dá a entender que

seus fracassos não são culpa de sua incapacidade, mas do destino ou do acaso. Ele crê que o emplasto lhe daria o primeiro lugar entre os homens, mas que “o acaso determinou o contrário”, (ASSIS, 2001, p. 254), ou seja, em seu simulacro, BC se vê como sujeito atualizado que realizaria a *performance*, se o acaso não lhe impedisse. Após o golpe de ar, BC passa a ser um sujeito virtual, nesse mesmo simulacro, no qual ele quer, (acha que) sabe, (acha que) deve, mas não pode realizar a *performance*. No entanto, fora desse simulacro, sabe-se que mesmo vivo e gozando de boa saúde, BC era um sujeito virtual, porque não buscava tornar-se competente com afinco, tinha frouxidão da vontade. Dessa forma, BC foi impedido por si mesmo, por sua falta de motivação, de alcançar os desejos de sua ambição.

A última paixão suscitada em BC pela história do emplasto, e também pelas demais ‘negativas’, é a frustração, que pode ser percebida quando BC faz o levantamento sobre sua vida:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 2009, p.143).

Ao afirmar que saiu com saldo positivo, porque não teve filhos. BC está sendo irônico, está fingindo, pois em diversos momentos da narrativa, ele demonstra desejo de ser pai. Ter filhos é um valor positivo na sociedade. O pai de BC afirma que “é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais” (ASSIS, 2009, p. 46). Por conseguinte, ter filhos é um dever de BC para manter o prestígio familiar. Além disso, a paternidade é uma forma de imortalidade do nome, da família, que configura um dos desejos de BC. Conforme Dixon, o homem estabelece família vendo nela uma “eternidade genética”, o autor afirma que “construímos edifícios, movimentos, patrimônios, livros — para deixar nossos nomes como uma presença monumental, depois da extinção” (DIXON, 2009, p. 112).

BC não conseguiu galgar nenhuma dessas formas de imortalidade e, “não tendo podido satisfazer sua “sede de nomeada” antes de falecer, o espírito do

protagonista parece permanecer com uma forte sede insatisfeita no mundo das almas” (DIXON, 2009, p.146). Por causa disso, o BC defunto, narrador, que conta sua história, é tão ambicioso e vaidoso quanto o jovem BC. No entanto, a ambição do defunto-autor se evidencia pela manipulação da sua história de vida. Para parecer nobre, ele esconde seus fracassos, superestima suas qualidades e conquistas, além de dar um tom hiperbólico a tudo que lhe convém. No excerto seguinte, BC usa do termo “sucesso” para se referir a acontecimentos nada nobres:

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do Céu. (ASSIS, 1994, p. 139).

Ou seja, mesmo após a morte, BC ainda tenta esconder seus fracassos e sua essência fraca e volúvel. Ele tenta parecer nobre e bem-sucedido ao considerar o emplasto como principal sucesso de sua maturidade, objeto-modal com o qual ele sequer entrou em conjunção. BC não tinha mais possibilidades, pois, a carreira política, que foi sua busca mais concreta e o objeto-modal com o qual ele mais conseguiu manter conjunção, foi perdida por causa da sua ambição desmedida, por causa da sua busca intensa pelo objeto-valor prestígio social.

O sucesso em torno do emplasto é um simulacro criado por BC. Da mesma forma, a filosofia / religião do Humanitismo também é um simulacro, mas compartilhado entre BC e Quincas Borba. O Humanitismo tem uma pretensão semelhante à do emplasto: também quer suprimir a dor (ASSIS, 1994, p. 95, 114). Fundamentado nos princípios do Humanitismo, o jornal de oposição fundado por BC, como o emplasto, pretende curar a sociedade (ASSIS, 1994, p. 131).

Sob essa ótica, retomando o argumento de Facioli sobre BC ser “apenas um charlatão, completamente fraudulento” por “enunciar a possibilidade ridícula” (Facioli, 2008, p. 34–35), de fazer um emplasto anti-hipocondríaco com características tão hiperbólicas, a acusação de charlatanismo é enfraquecida. A natureza exagerada do projeto do emplasto é tão exagerada quanto a natureza do Humanitismo e a do jornal de oposição, que se deve, não ao charlatanismo, mas à jactanciosidade de BC e à sua ambição. Como ele crê ser nobre e ser destinado a grandes coisas, não é ridículo ele crer que as coisas que desenvolve são grandes.

Facioli justifica sua acusação de charlatanismo, afirmando que, “nesse caso, como Brás pode escrever suas memórias no outro mundo, poderia também, em tese, finalmente inventar o emplasto...” (FACIOLI, 2008, p. 34–35). Entretanto, a invenção do emplasto é uma forma de BC alcançar a imortalidade e a glória, mas também de curar a sua melancolia que, como é um problema físico, o desequilíbrio da bílis negra do fígado, só faz sentido ser tratada em vida. Assim, “quando Cubas tem pele, quer aplicar o emplasto; quando já não a possui, aplica o texto”, (DIXON, 2009, p.146).

Quando já não tem corpo, publicar um livro póstumo é uma forma de manter sua memória pela eternidade. BC considera que a vida do homem é separada por edições, que “cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes” (ASSIS, 1994, p. 39). A teoria de BC é reforçada quando ele está à beira da morte e vê-se metamorfoseado em um livro:

Logo depois, senti-me transformado na *Suma Teológica* de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto. (ASSIS, 1994, p. 09).

Vale ressaltar que BC não se transforma em um livro qualquer, mas em um livro muito importante culturalmente, o que o revela como sujeito marcado pela vaidade. Para não entregar uma edição final deveras importante aos vermes, BC escreve as memórias, “pois os livros são os restos mortais de seus autores” (DIXON, 2009, p. 141). Assim, BC supera a morte por meio das memórias. Ele pode dedicar o livro ao primeiro verme que roeu o seu corpo morto, porque não precisa mais de corpo, porque as memórias sobrevivem ao verme.

Vivo e eterno por meio do livro, BC ainda pode buscar a nomeada. Apesar de dizer, na nota ao leitor, que não pretende ter muitos leitores, BC confessa: “eu ainda espero angariar as simpatias da opinião”, (ASSIS, 1994, p. 02). A esse respeito, Facioli afirma que “de fato, assim como o emplasto, as memórias de Brás serviriam principalmente para a ostentação, para a confirmação de sua superioridade, para a glória das suas aparências” (FACIOLI, 2008, p. 89).

Caso isso não ocorra e BC não receba nenhum reconhecimento por sua obra, sendo um autor desconhecido, ele ainda tem a esperança de que a edição única de seu livro seja encontrada por um bibliômano, que lhe glorificará e terá gosto em possuí-lo:

Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas Memórias; faria a mesma coisa com o Almanaque de Laemmert, uma vez que fosse único. (ASSIS, 1994, p. 78).

Essa postura de BC é praticamente um xeque-mate: ou ele obtém sucesso e recebe reconhecimento público, ou ele permanece desconhecido e recebe reconhecimento por ser único. Isso evidencia a intensidade de sua ambição. Ela é tão relevante na obra, que desencadeia os sentimentos que o levam à morte frustrada. A morte é a causa para o livro, tentativa derradeira, do outro mundo, de BC sentir-se realizado. O livro, no entanto, não está isento das pretensões hiperbólicas dos outros projetos de BC, pois “o memorial de Brás Cubas se afilia a uma tradição [...] na qual o livro se oferece como um remédio da melancolia humana” (DIXON, 2009, p. 146). Por conseguinte, as memórias pretendem superar a morte e curar a melancolia de seu defunto-autor.

3.4 A AMBIÇÃO E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE BRÁS CUBAS

Rodrigues pergunta-se “quem foi Brás Cubas?” e, ação contínua, responde que ele foi “um tolo, que não deixou de ser sutil. Insensível, volúvel e exibicionista”, (RODRIGUES, 2001, p. 20). Percebe-se que as características comumente atribuídas a BC não correspondem à sua autoimagem gloriosa. No subcapítulo “As origens da ambição em Brás Cubas” elenca-se uma série de comportamentos deploráveis que BC desenvolve na infância: não aceitava ser contrariado, era temperamental, cruel, vingativo, egocêntrico, egoísta e irascível.

O próprio BC considera que foi menino diabo, dos mais malignos do seu tempo, “arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso”, (ASSIS, 1994, p. 15). No entanto, ele afirma que não passou a vida inteira a “quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus”, (ASSIS, 1994, p. 16), mas que se tornou um adulto preocupado com a condição humana, em suas próprias palavras: “afeiçoei-

me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, classifiquei-a por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares”, (ASSIS, 1994, p. 16). No entanto, essa preocupação que o narrador afirma no enunciado, é negada quando se recupera a enunciação. BC reflete sobre a condição humana somente quando lhe convém, para justificar suas próprias posturas viciosas e para justificar e legitimar as mazelas impostas aos menos favorecidos pela classe dominante. Assim, BC muda de opinião sobre seu cunhado e sua irmã sempre que lhe é conveniente: quando estão brigando pela herança de Bento Cubas, BC propaga uma imagem negativa de Cotrim e Sabina. Quando estão lhe arranjando casamento e incentivando sua carreira política, BC justifica todas as posturas dos familiares, que antes considerava ruins. BC também reflete sobre o sofrimento humano para zombar do destino do pobre, como o de D. Plácida:

É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam. — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia. (ASSIS, 1994, p.81)

Após essa reflexão, BC sente peso na consciência por fazer D. Plácida, que teve uma vida de constante sofrimento e labuta, servir a “um papel torpe”, pois “medianeira não era melhor que concubina” e ele “tinha-a baixado a esse ofício, à custa de obséquios e dinheiros” (ASSIS, 1994, p. 81). Então, BC parte para a justificativa de suas posturas viciosas, em um diálogo com sua consciência:

Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de D. Plácida estava agora ao abrigo da mendicidade: era uma compensação. Se não fossem os meus amores, provavelmente D. Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã. A consciência concordou, e eu fui abrir a porta a Virgília. (ASSIS, 1994, p.81)

Quando presencia a morte clandestina de D. Plácida, BC retoma a reflexão, a seus modos, sobre a condição humana e finaliza com a zombaria no que tange ao destino do pobre:

[...] se não fosse D. Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de D. Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo? (ASSIS, 1994, p. 130–131).

No que se relaciona com as suas vicissitudes de opinião, Schwarz salienta deveras essa volubilidade de BC (cf. SCHWARZ, 1990, p. 123). Ademais, propõe que BC coleciona perfis convenientes:

Quando quebra a cabeça de uma escrava, o Brasinho é *filho querido* de sua mãe e de seu pai; quando emite cinismos sobre a função social dos pobres, o jovem capitalista o faz como *protetor* de uma agregada; quando foge à modesta Eugênia, único bom sentimento de sua vida, será na qualidade de *moço de família importante*, com obrigações de carreira etc. (SCHWARZ, 1990, p. 67–68, grifo dele).

Para Schwarz, esses perfis nada mais são do que a síntese de um “tipo representativo da classe dominante brasileira através das relações que lhe são peculiares” (SCHWARZ, 1990, p. 68), fundamentadas sobre o clientelismo e a escravidão. Ademais, Schwarz ensina que a permissividade da família com essas posturas de BC era uma forma de legitimar a impunidade peculiar à classe dominante e indicam uma existência acima da lei. (SCHWARZ, p. 125). Sob esse contexto, a volubilidade de BC, assim como seus outros vícios de caráter se devem à deseducação recebida por BC:

Como se explica o caráter de Brás Cubas? A resposta está na infância da personagem, no meio doméstico, no temperamento herdado e na educação recebida. O pai, impermeável às exigências de moral ou razão, mira-se nas tropelias do menino com fatuidade e gozo irrestritos. (SCHWARZ, 1990, p. 122).

A família Cubas, que esconde suas origens pela falta de tradição, faz de tudo para legitimar-se em seu lugar de prestígio, de família abastada, e o faz por nada menos que ambição. As expectativas provenientes dessa falta de tradição são lançadas sobre BC desde o seu nascimento: o bebê tem feições napoleônicas,

deve vir a ser um grande líder, ou grande cônego, ou apenas grande indiferentemente à carreira escolhida.

Na infância o pequeno BC é estimulado a seguir o chocalho de lata para andar antes do tempo e, dessa forma, agradar e receber os louros de sua primeira plateia, a família. Primeira, porque BC tem o dever de brilhar e, para isto, precisa de outras plateias. O ambicioso precisa do olhar do outro, da sanção positiva.

A inocente busca pelo chocalho já começa a moldar a identidade de BC, primeiramente porque as sanções positivas desenvolvem nele uma grande autoestima, um crer-ser. Decorrente disso, BC torna-se jactancioso e cria um simulacro no qual ele é nobre e merece ser reconhecido por suas qualidades. Essa postura é evidenciada ainda na infância, no episódio em que o pequeno BC ganha um espadim e o exhibe vaidosamente. O menino declara acreditar que seu espadim é maior que a espada de Napoleão, que acabava de descer do poder (ASSIS, 1994, p. 17).

Convencido de seu valor, BC começa a querer-ser prestigiado e a querer manter a conjunção com o prestígio que adquire, ou seja, torna-se ambicioso. Por causa disso, passa a se aproximar de objetos e pessoas que remetem à glória, o que se prolonga por toda a sua vida. Ademais, BC aprende que precisa agradar a plateia para ser ovacionado. Por conseguinte, durante toda a sua vida adota uma postura diante do público e outra em contextos privados. Essa dualidade marca a existência de BC, que sempre alterna entre dois extremos, nas palavras de Dixon:

Brás Cubas é uma contradição. Por um lado ele representa a elite de seu país, com toda sua ostentação e arbitrariedade. Pelo outro, porém, Brás Cubas evidentemente representa, principalmente no comportamento, aspectos de uma classe inferior, de um grupo cujos gostos e desejos são determinados pelos modelos alheios, e cuja face pública apresenta uma urbanidade mais na base de fórmulas e frases feitas do que na de um autêntico conhecimento. (DIXON, 2009, p. 107).

Sob essa perspectiva, por um lado BC é marcado pelo capricho e pela ostentação, é o jovem pavão, que gasta onze contos de réis com uma prostituta. Na faculdade é um acadêmico estroina, petulante, superficial e tumultuário, com grande fama de folião, que anseia prolongar esses

comportamentos pela vida, sem nenhum objetivo, além de gozar dos prazeres da sua posição social (ASSIS, 1994, p. 31–32).

Por outro lado, BC carrega a condição de sujeito da falta herdada da família. Por causa da intensidade desse sentimento de falta, Bento Cubas estimula firmemente o filho a buscar a carreira política e o casamento. O pai justifica seus conselhos com base nos modelos de sucesso alheios, cita exemplos das vantagens que os conhecidos da família obtiveram por esses métodos (ASSIS, 1994, p. 38). Bento Cubas quer prolongar pela vida o orgulho que sentia do filho na infância, quer que BC brilhe para suprir a sua própria falta de brilho. Como aponta Schwarz, “a complacência da alma consigo mesma, devida aqui às admirações colhidas pelo filho, corresponde a um interesse machadiano particular” (SCHWARZ, 1990, p. 126). Tanto que BC desenvolve a mesma complacência com o filho que Virgília espera, de paternidade duvidosa, mas que BC acredita e quer que seja dele. Deste modo, corre o ciclo vicioso da ambição, pai projetando sobre filho, geração após geração, as expectativas de alcançar a glória.

Dixon considera que essas expectativas transferidas de pai para filho em *MPBC* são deveras identificáveis com a cultura brasileira. Ele ensina que os valores representados nas negativas enumeradas por BC no final do livro são o reflexo das aspirações definidoras de um tipo nacional que Machado de Assis batizou de “medalhão” (DIXON, 2009, p. 99):

O medalhão pratica uma espécie de malandragem de classe cuja artimanha principal é uma sofisticação fingida. Faz sempre uma negociação entre a classe dotada (de respeito, bens, cultura ou autossuficiência) e a classe carente (em que tais qualidades estão em falta). O conhecido conto “Teoria do Medalhão” dá um retrato desta figura, pintando-a como uma pessoa que faz tudo pelas aparências e não tem identidade própria. John Gledson já identificou Brás Cubas como outra manifestação desta figura (XVIII-XIX).

Como no conto, os valores de medalhão são transferidos de pai para filho. Bento Cubas, o pai do protagonista, mostra uma estima muito maior pelas aparências do que pelas essências. (DIXON, 2009, p. 99).

Diante do exposto, Dixon afirma que BC é um medalhão e que herdou os fumos de pacholice de Bento Cubas (DIXON, 2009, p. 100). A relação entre a figura do medalhão do conto e a proposta do pai de BC é evidente, principalmente no que tange à apreciação da opinião pública. Para ser bem quisto

por ela, o indivíduo deve cuidar da aparência, indiferente à sua essência, o que BC efetivamente faz.

O episódio exposto no capítulo XXI “O almocreve”, é um bom exemplo dessa postura. Em sua essência, BC possui traços de ganância, o que não deve expor em público. Entretanto, quando estão apenas ele e o almocreve, que acabou de salvar sua vida, BC pode ser ganancioso, sem se preocupar com os olhos da sociedade. Inicialmente Como valoriza muito a própria vida, BC sente ímpetos de recompensar o almocreve com moedas de ouro por sua atitude nobre:

O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-no no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! [...] Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, — essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas. (ASSIS, 1994, p. 32).

No entanto, com a falta de plateia, a ganância de BC fala mais alto:

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre-diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, vi-a reluzir à luz do sol [...] Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata. (ASSIS, 1994, p. 32–33).

Assim, conforme a ganância de BC aumenta, ele tenta diminuir a nobreza da ação do almocreve, para se eximir do dever de recompensá-lo. BC sempre dá desculpas por suas posturas viciosas. Ressalta-se a tensão da ganância de BC, pois em público ele abdica facilmente de uma moeda de ouro para manutenção de sua ambição, mas em ambiente privado, no qual ele pode exprimir toda a intensidade de sua ganância, ele considera uma moeda de ouro, e mesmo uma de prata, recompensas excessivas pelo salvamento de sua vida:

[...] eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de

estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?) tive remorsos. (ASSIS, 1994, p. 33).

Como se expende anteriormente, os traços de ganância de BC não se manifestam quando ele tem a oportunidade de usar uma falsa generosidade para manutenção de sua imagem pública. Quando encontra a moeda de ouro na rua, a meia dobra, BC diz se sentir culpado em considerar seu algo que ele não conquistou e que pode estar fazendo falta ao verdadeiro dono. Assim, procura uma forma ruidosa, pública, de devolver a moeda ao delegado de polícia, o que efetivamente lhe rende diversos louros. Nesse episódio a pretensa generosidade de BC em público é, em essência, a manifestação de sua ambição.

Logo em seguida ao episódio da meia dobra, BC encontra um embrulho na praia com cinco contos de réis, cerca de R\$450.000,00²². Nesse caso, a ganância de BC fala mais alto. Ele não desenvolve o mesmo raciocínio de quando encontrou a moeda. Ele acredita que a meia dobra pode fazer falta a quem perdeu, mas os cinco contos não, porque achá-los só pode ser um benefício da “Providência”, assim, BC justifica-se à própria consciência:

Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim tolamente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem. Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto e até direi que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência. (ASSIS, 1994, p. 60–61).

Esses episódios corroboram deveras a hipótese de BC ser uma manifestação do medalhão. No entanto, no decorrer do romance essa identidade entra em xeque, pois BC afronta duas características importantes ao medalhão: não ter ideias originais e não afrontar a opinião pública. Contudo, BC não afronta essas características propositalmente, afinal, devido à manipulação de seu pai, BC quer-

²² Conforme procedimento de cálculo utilizado por Fernandes (2011, s/p), cf. página 77.

ser um medalhão. Assim, a afronta se deve ao fato de BC ser um sujeito virtual, que quer-ser, pode-ser, deve-ser, mas não sabe-ser medalhão.

Quando BC decide fazer o discurso na câmara para tentar conquistar a pasta ministerial, por exemplo, ele aborda um discurso fútil, o que é comum ao medalhão, mas comete o erro de elaborá-lo com várias ideias originais: “disseram-me todos [...] que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas ideias” (ASSIS, 1994, p. 126). O medalhão, por outro lado, repetiria a fórmula de sucesso dos demais políticos, tanto na estratégia, o discurso, quanto na forma e no conteúdo, ou seja, repetiriam ideias batidas. Dessa forma, por um não-saber-ser, BC perde a cadeira de deputado, ao invés de lograr os sucessos dignos de um medalhão.

A segunda expressão do não-saber-ser medalhão de BC foi o jornal de afronta que fundou. Destinado a atacar os poderosos, o jornal coloca BC em posição contrária a que sempre esteve. Indispor os representantes da classe dominante contra si é atitude de alguém que não zela pela sua imagem pública, alguém que não se preocupa com as aparências, ou seja, alguém que não é medalhão. No entanto, ressalta-se que essa postura não se deve a ausência do desejo de ser medalhão, mas a falta de saber sê-lo.

Por um lado, se existe essa possibilidade de questionamento da identidade de medalhão atribuída à BC, por outro lado, não existe nenhuma possibilidade de questionar que a sua vida as suas atitudes são regidos pelo desejo triangular. BC é incapaz de dedicar-se a desejos lineares, como o desejo por Eugênia, ou o desejo pelo desenvolvimento do emplasto. Em termos semióticos, quando o desejo de BC não é proveniente de uma manipulação de terceiros, a tensão investida na busca pelo objeto é ínfima e não o leva a atualizar-se para a realização da performance. No ponto de vista de Schwarz: “digamos então que a nitidez e a movimentação específicas do desejo, tão extraordinárias neste romance, devem-se a certo grau de indefinição – ou fraqueza, se quisermos usar o critério moral – das personagens” (SCHWARZ, 1990, p. 135). Ou seja, BC é marcado pela frouxidão da vontade, pela volubilidade e pela indecisão.

Schwarz afirma que *MPBC* tem uma “excelente galeria de tipos, traçados à maneira do retrato moral universalista, mas visando realidades sócio-históricas” (SCHWARZ, 1990, p.123). Não apenas BC, mas a maior parte dos personagens que figuram nessa galeria são anti-heróis, sedentos por poder ou, no

mínimo, demasiadamente apegados às aparências. A fragmentação do caráter das personagens vai de encontro à representação do herói mítico, forte, perfeito e benevolente, sempre preocupado com o bem da coletividade. “As *Memórias* são antiépicas” (RODRIGUES, 2001, p. 59), e o são porque o romance, em seu cerne, representa e é produto de uma sociedade fragmentada.

Como o meio social influencia a construção das identidades, BC, como seu pai, possui a identidade de uma das “personalidades da sociedade brasileira oitocentista” que “desprezam as transformações do mundo” (BATELLA, 2007, p. 147), e que assim o fazem porque as transformações podem tirá-las do topo da pirâmide social. Por causa disso, BC escreve “suas memórias para perpetuar uma ideologia adaptada e perfeitamente inserida nos requintados moldes capitalistas” (BATELLA, 2007, p. 147), para afirmar a supremacia da sua classe.

Candido ensina que a obra machadiana possui um senso profundo do comportamento capitalista: “o ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens, aparecendo em *Memórias póstumas de Brás Cubas* [...] sempre transformado em modos de ser e de fazer” (CANDIDO, 1995, p. 37, grifo dele). A família de BC teve seu “ser” influenciado pelo “fazer” do meio em que estava inserida. BC, por sua vez, desenvolveu as características do seu “ser” com base nos modos de ser e de fazer de sua família.

Por conseguinte, guardada as proporções, por meio da sua ambição e de seus modos viciosos, os Cubas representam os valores de toda a sociedade, o que, segundo Gledson, era um traço realista da obra machadiana: “os objetivos de Machado eram e permaneceram sempre realistas, num sentido ambicioso: ele queria retratar, em seus romances, a verdadeira natureza de toda uma sociedade” (GLEDSON, 1986, p. 110). Assim, a obra que pretende mostrar a autobiografia, supostamente de alguém nobre, é uma grande ironia, conta a vida de BC, fútil, amoral. Representa a grande crítica que o enunciador faz à sociedade que BC retrata.

Esse sentido se fixou tão fortemente e de forma tão universalista, que foi uma das causas do desajustamento de *MPBC* às outras obras que lhe são contemporâneas e, dessa forma da recepção negativa da crítica da época, conforma aponta Pereira:

O desajustamento entre Machado de Assis e os escritores do seu tempo provém, afinal, tanto de sua intrínseca superioridade como do fato de haver ele seguido o ritmo da vida política e social das classes dominantes, enquanto os outros se atrasavam, perdidos na busca do elemento típico. (PEREIRA, 1973, p. 68).

Não obstante, essa construção de sentidos que evidencia a ambição, paixão deveras intrínseca à condição humana, conforme se observa no capítulo 2 deste trabalho, torna *MPBC* o romance mais “atual da nossa literatura”, (TEIXEIRA, 1987, p. 93). A atualidade do romance é fruto, justamente da atemporalidade da ambição. Conforme exposto, nos mitos de criação da mitologia cristã e da mitologia grega a ambição já era origem de diversos conflitos (p. 25). Desde então o homem está aprisionado nessa “roda de cães”, alternando entre a ambição e a melancolia sem chegar a lugar algum, como propôs Burton séculos atrás (p. 22). Atualmente, Roberto Shinyashiki, psiquiatra e pesquisador do comportamento humano, faz considerações que, a bem da verdade, descrevem um perfil semelhante ao de BC. Shinyashiki afirma que a principal tirania a qual a humanidade está submetida é a das aparências, que “o objetivo de vida se tornou parecer” (SHINYASHIKI, 2005, s/p). Ele considera que a submissão humana se deve a três fraquezas: “a primeira é precisar de aplauso, a segunda é precisar se sentir amada e a terceira é buscar segurança” (SHINYASHIKI, 2005, s/p).

Sob essas considerações, não é a toa que *MPBC* foi considerada um marco na Literatura Brasileira. Nas palavras de Cunha, a obra

continua a envolver e a surpreender, a dar conta como possibilidade de apresentação e interpretação de uma realidade existencial que, a despeito da defasagem da distância cronológica, em muitos e fundamentais aspectos ainda vigora, é porque o objeto primeiro e último da discussão machadiana é o homem, com toda a sua problemática inerente, sempre escondida sob o disfarce que as convenções da diferentes épocas apenas tratam de realçar. (CUNHA, 1998, p. 38).

Dessa forma, sob as convenções de sua época e devido a elas BC se constrói como sujeito ambicioso. Essa identidade o faz alternar entre diversos outros estados de alma, como a vaidade, a ganância, a inveja e, principalmente a frustração e a decepção. Como representante de sua sociedade, fragmentado e anti-herói, BC deixa-se caprichosamente guiar pelos interesses da classe dominante que engendram as problemáticas humanas ligadas à sede de nomeada, à ambição,

paixão perene que envolve a humanidade. Torna-se, assim, representante universal e atemporal do homem: consciente de que mata o tempo e depois o tempo o enterra (ASSIS, 1994, p. 115), BC anseia por vencer a obscuridade e a morte. Quando conhece Pandora, mãe e inimiga (ASSIS, 1994, p. 10), descobre que a natureza não precisa dele, que não adianta lutar, diante da aventura humana ele não é nada. Roído pelos vermes, como qualquer outro exemplar humano, BC tem a chance única de tentar ser lembrado escrevendo suas memórias póstumas e o faz:

Tendo fracassado no projeto do emplasto, não tendo podido satisfazer sua “sede de nomeada” antes de falecer, o espírito do protagonista parece permanecer com uma forte sede insatisfeita no mundo das almas [...] O ressurgimento do defunto, na forma do livro, é ainda outra iteração, ritual e absurda, nesta série de tentativas de estabelecer-se como nome e como pessoa. (DIXON, 2009, p. 146).

Por causa da morte, o ambicioso BC vence a morte, seu livro, nas palavras de Dixon, “surgido do túmulo, é seu último esforço xamânico, seu segundo emplasto, seu chocalho mágico, sua última cura e última tentativa de estabelecer-se e restabelecer-se” (DIXON, 2009, p. 148). Essa imortalidade pretendida é observável até na escolha do gênero do livro, segundo Dixon:

o autor autobiográfico deve possuir uma certa fama, ou um nome reconhecido pelo público por ter alcançado coisas notáveis [...] porque ao expor a sua vida satisfaz pedidos alheios, esclarece dúvidas ou responde a opiniões já existentes na boca do povo. (DIXON, 2009, p. 45).

Apesar de escolher o gênero autobiográfico, BC não tem essa fama junto ao público, assim, “é fascinante que essa falta de nome (ou renome) se torna um dos temas centrais do livro [...] a vida de Cubas se resume pela incapacidade de conseguir tal renome” (DIXON, 2009, p. 45–46) e, assim, a vida do ambicioso frustrado culmina no capítulo de negativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, toda a produção machadiana é marcada por reiterações temáticas. Nesse panorama, a ambição é uma das reiterações que vem desde seus primeiros romances, aprofundando-se e tornando-se cada vez mais complexa. Muitas vezes ela se manifesta como desejo de um casamento de conveniências, como nos romances do “ciclo da ambição” (p. 30), outras como um desejo por bens materiais par ascensão de classe social, com em *Quincas Borba* (2009). No entanto, sua manifestação mais complexa é a do amor da glória e da sede de nomeada de Brás Cubas, porque a glória, mesmo que alcançada, não é acumulável. Além disso, é um objetivo um tanto abstrato quando comparado à ambição pelo casamento ou pelos bens materiais.

Por causa disso, BC torna-se um belo exemplar do indivíduo ambicioso abordado pelas correntes psicológicas, filosóficas e históricas apresentadas neste trabalho. BC é um ser desejanter, conforme a condição humana determina, que toma os valores de sua família e sua sociedade como direcionadores do seu desejo. A ambição é a mola propulsora das ações dos personagens de *MPBC*, principalmente de BC. Rodrigues afirma que BC morreu de audácia (RODRIGUES, 2001, p. 32), mas vale dizer que BC morreu de ambição e, não por menos, erigiu-se da cova para escrever suas memórias.

Diante da grande importância da ambição nessa obra, este trabalho se propôs a analisar sua manifestação no personagem BC, como esse efeito de sentido se engendra no texto: de onde surge esse estado de alma, como ele influencia o comportamento do sujeito, direciona suas atenções e rege seus relacionamentos. Como já nasceu em berço abastado, a ambição de BC é direcionada à tradição e ao prestígio social. Fruto de seu meio social, BC é pressionado a aliviar a condição de sujeito da falta de toda a sua família e, quando aceita essa manipulação, a sua busca por esse objeto investido de valores torna-se deveras tensa. A ambição, por sua essência, requer os olhos do outro, a sanção positiva da sociedade. Assim, marcado pela ambição, BC se preocupa muito mais com a sua aparência do que com a sua essência, com a sua desenvoltura diante do público, do que com sua desenvoltura em particular. Dessa forma, para ser bem quisto BC precisa dissimular, fingir e manter-se próximo de tudo e todos que

aumentam seu brilho. Não pode dar vazão aos sentimentos puros que ora desenvolve, porque a sua ambição é muito mais intensa do que qualquer deles.

Toda a vida de BC é gerida por essa busca tensa, que combinada à sua condição de sujeito da ação fraco e à sua falta de competência para a realização da maior parte das *performances*, o marca com paixões também tensas, como a inveja, a ganância, a melancolia, a vergonha e, principalmente, a frustração. As poucas *performances* que BC consegue realizar, como ter um caso com Virgília ou tornar-se deputado, não são suficientes para ele tornar-se um sujeito realizado. Pelo contrário, essas realizações apenas colocam um breve termo em seu sofrimento, em sua falta.

Essa pesquisa buscou demonstrar como os modos de fazer de BC foram definindo seu modo de ser, paulatinamente, a partir de sua infância. Por conseguinte, a ambição influenciou em sua constituição identitária: BC se constrói como sujeito ambicioso e, por causa, disso amoral. Também é marcado pela insatisfação e pela frustração devido à volubilidade e ao capricho inerentes à classe dominante da qual faz parte, que o impedem de lutar efetivamente por seus desejos. Intentou-se, ainda, demonstrar que essa composição identitária é parte fundamental da grandiosidade e da atualidade conferidas a *MPBC*. E, principalmente, procurou-se evidenciar a adequação da ponte entre os Estudos Literários e a teoria Semiótica.

REFERÊNCIAS

AMBIÇÃO. In: **Dicionário inFormal**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinforma.com.br/ambição>>. Consultado em: 04 jul. 2013.

AMBIÇÃO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2010, <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=ambição>>. Consultado em: 2013-04-07.

AMBIÇÃO. In: **iDicionário Aulete** [em linha]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/ambição>>. Consultado em: 01 jul. 2013.

AMBIÇÃO. In: **Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ambi%C3%A7%C3%A3o>>. Consultado em: 01 jul. 2013.

ACHCAR, Francisco. Introdução a Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Sol, 1999.

ALVES, Neviraldo Lira. **Como transformar seus sonhos em realidade**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

ANSCOMBRE, Jean Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue. Langages. Paris*, 42: 5 – 27, jun. 1976.

ASSIS, Machado de. A mão e a luva. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Casa Velha. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra Completa**, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. Dom Casmurro. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Esaú e Jacó. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Helena. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. **Histórias sem data**. São Paulo: Globo, 1997.

_____. Iaiá Garcia. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Memorial de Aires In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Apresentação e notas: Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Ateliê Editorial, 3. Ed., 2001.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Coleção Grandes clássicos em *graphic novel*. Adaptação de: João Batista Melado e Wellington Srbek. Rio de Janeiro: Desiderata, 2010.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Coleção Literatura Brasileira em quadrinhos. Roteiro de: Maria Sonia Barbosa. Ilustrações de: Sebastião Seabra. São Paulo: Escala Educacional. 2008.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Comentários: André Klotzel. São Paulo: Sá Editora, 2001.

_____. Memórias póstumas de Brás Cubas. Texto-fonte: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=164:romance&catid=34:obra-completa&Itemid=123>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. Papéis Avulsos. Texto-fonte: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**, vol. II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=166:conto&catid=34:obra-completa&Itemid=123>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Quincas Borba**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. Um ambicioso. **Portal Domínio Público**. Publicado originalmente no *Jornal das Famílias* (1887). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17857>. Acesso em: 23 jan. 2013.

_____. **Várias histórias**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

AUGUSTO, Sérgio. Bressane e Brás Cubas. In: VOROBOW, B. & ADRIANO, C. (Org.). **Júlio Bressane**: Cinepoética. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

BARBOSA, Ana Maria dos Anjos M.; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. A constituição do sujeito em livro de Pré-coisas, de Manoel de Barros: uma leitura sob o olhar da Semiótica. In: I ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA – MÖEBIUS, n.º 1, 2010, Dourados. **Anais do I MÖEBIUS**. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/anais-do-i-moebius/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

BARREIROS NETO, Jaime. Histórico do processo eleitoral brasileiro e retrospectiva das eleições. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2162, 2 jun. 2009. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/12872>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

BARRETO FILHO. O romancista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra Completa**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana C.; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.

_____. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro semiótico**, Porto, n. 11/12, p. 60-73, 1990.

_____. **Teoria do Discurso**: fundamentos semióticos, 3. Ed. São Paulo: Humanitas / FLLCH/ USP, 2001.

_____. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005

_____. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999.

BENVENISTE, Emile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris, Gallimard. v. 2, 1974.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**, Bauru: Edusc, 2003.

BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis**, São Paulo: Nankin, EDUSP, 2007.

BÍBLIA. Português. A Bíblia sagrada. Tradução por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**. 1728. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/a>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**: antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1995.

_____. **Machado de Assis**: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Machado de Assis**: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2003.

Brás Cubas. Dir. Júlio Bressane, 1995, Embrafilme.

BURTON, Robert. **Melancholy**. London: T.Maiden, 1801. Digitalizado pelo Google. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books/reader?id=4kQRAA AAYAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PP1>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

CALBUCCI, Eduardo. **A construção do ator da enunciação em romances com narrador-personagem**: a experiência machadiana em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2007. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Modalidade, paixão e aspecto. **Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 70–78. Acesso em: 08 ago. 2012.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTANHA, Marilda. **O Delírio**: capítulo VII de memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COBIÇA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/cobi%C3%A7a> [consultado em 26-10-2013].

COLTON, Charles Calleb. **Lacon or many things in few words**. London: *Stereotyped and printed by J M'Gowan; for Longman, Hurst, Reers, Orme and Brown*, 1821. Digitalizado pelo Google. Disponível em: <<http://google.com.br/books?id=a6MIAAAAQAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na Literatura brasileira. In: ASSIS, Machado de. **Obra Completa**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. **Machado de Assis**: um escritor na capital dos trópicos. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998.

CRUZ, Dilson Ferreira da. Sobre veleidades, cinismose apatias. **Estudos Semióticos**. [on-line] i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 45–51. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado Larousse. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DIXON, Paul. **O chocalho de Brás Cubas**: uma leitura das Memórias póstumas. São Paulo: Nankin, EDUSP, 2009.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural **Literatura Brasileira** Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm>. Acesso em: 02 jun. 2013.

FACIOLI, V. **Um defunto estrambótico**: Análise e Interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas. 2ª Ed. São Paulo: Nankin, EDUSP. 2008

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário escolar Latino-Português**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FERNANDES, Anibal de Almeida. 2011. Estudo comparativo entre 4 fortunas do Império Brasileiro nos anos 1860/70. **Riqueza no Império** - Genealogia Historia Disponível em: <http://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=56>. Acesso em: 02 dez. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio. Versão 5.0**. São Paulo: Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**, Lisboa: Livraria Clássica, 1913. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

FIORIN, José L. 2012. Semiótica e História. **Anais do I STIS - Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC**, v. 1, n. 1, Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/article/view/2025>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

_____. 2007. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. **Cadernos de Semiótica aplicada**. Bauru, v. 5, n. 2, 1–15. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASAhome.html>>. Acesso em: 30 ago. 2012.

_____. 2008. Semiótica e Paixão. Entrevista a Cristina Sampaio. **Eutomia**. Recife, Ano I – Nº 02, 58 - 67. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volume2/especial-destaques/Jose-Luiz-Fiorin_Entrevista-a-Cristina-Sampaio.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2012.

_____. A noção de texto na Semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002. (Ensaio 144).

_____. **Elementos de análise do discurso**, 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

FLOCH, Jean-Marie. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral**. Trad. Analice Dutra Pilar. São Paulo: Centro de Pesquisas Sócio-semióticas, 2001.

FONTANILLE, Jacques. *Le tumulte modal: de la macro-syntaxe la microsyntaxe passionelle*. **Actes Semiotiques**. Paris: Institut National de la Langue Française, 1986.

FREITAS, Luis Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis**: uma interseção entre Psicanálise e Literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, Sigmund. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. (1910). Ed. Standard Brasileira, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **O mal-estar na civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936). Obras completas volume 18. (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIGANTÈS, Phillippe. **Poder e ambição**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Grasset, 1961.

_____. Entrevista – René Girard. In: MENEZES, Melissa Antunes de. **Revista CULT**, ed. 134. São Paulo: Editora Bregantini, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-rene-girard/>> . Acesso em: 06 set. 2013.

GLEDSOON, John. Quincas Borba. In: _____. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 58–113.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens II**. Paris: Seuil, 1983.

_____; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, (publicação do original em francês em 1979).

_____. **Sémantique structurale: recherche de méthode**. Paris: Larousse, 1966.

_____. **Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette, 1986.

_____. **Semiótica: diccionario razonado de la teoria del lenguaje**. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

_____.; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KANITZ, Stephen. **Família acima de tudo: Descubra o verdadeiro valor das pessoas mais importantes de sua vida**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

LOBO, Ana Lúcia. **Freud: a presença da Antiguidade clássica**. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2004.

MARICÁ, Marquez. (sic) **Colecção completa de máximas, pensamentos e reflexões**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1850. Digitalizado pelo Google. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books/reader?id=qdhWAAAcAAJ&hl=ptBR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PP11>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

MARTELINI, Rita de Cássia Simões. **O dinheiro e o jogo das aparências: temas recorrentes na contística machadiana**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MASSAUD, Moisés. **Machado de Assis: Utopia e Ficção**, São Paulo: Cultrix, 2001.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Epissemiótica: entorno, contorno e turno. In: ANAIS – **Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC** – I STIS. Nov/2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/issue/view/120>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

_____. Verificação e paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos. **Estudos Semióticos**. [on-line]. Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es>>. Acesso em: 24 ago. 2012.

MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. A configuração patêmica no conto “A escola da noite”, de Rubens Figueiredo. **Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 113-123. Acesso em 10 fev. 2013.

_____. Sobre a Semiótica das Paixões. In: **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 8/2, p. 47-64, dez. 2005.

Memórias Póstumas. Dir. André Klotzel, 2001, Superfilmes.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**, 1953-1958. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MORENTIN, Juan Magariños de. Conceito e Método da Semiótica. In: **Mundos Semióticos Possíveis**. Darcilia Simões (org.) et al – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.)

NICOLAU, Jairo Marconi. **História do voto no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ORWELL, George. *I have tried to tell the truth: 1943-1944. Collection The complete works of George Orwell, vol. 16. Assisted by Ian Angus and Sheila Davidson. London: Secker & Warburg, 1998.*

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Estudo crítico e biográfico**. 2. ed. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Cia Ed. Nacional, 1939.

PERISSÉ, Gabriel. O nariz ensina, Agosto/2011, Leituras Educadoras, **Revista Educação UOL**, Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/151/artigo234678-1.asp>> Acesso em: 19 dez. 2013.

PINTO, Luiz Maria da Siva. **Dicionário da língua brasileira**. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/3/a>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

RODRIGUES, Antônio Medina. Forma e sentido nas Memórias póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 3ª. Ed., 2001.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/hamlet.html>> Acesso em: 21 jan. 2013.

SHINYASHIKI, Roberto. Entrevista - Roberto Shinyashiki: "Cuidado com os burros motivados". In: VANNUCHI, Camilo. **Isto É**, ed. 1879. São Paulo: Editora Três, 2005. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/12528_CUIDADO+COM+OS+BURROS+MOTIVADOS+?pathImagens=&path=&actualArea=internaIPage>. Acesso em: 15 out. 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**, III pt.; Crítica da filosofia kantiana; Parerga e paralipomena, cap. V, VIII, XII, XIV. Trad. Wolfgang Leo Maar et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portugueza**. Lisboa: Typografia Lacérdina, 1789. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/diccionario/2/a>. Acesso em: 21 jan. 2013.

SOUZA, Valdira Meira Cardoso de. **Sede de nomeada**: o amor da glória na produção literária de Machado de Assis. 2007. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TRANJAN, Roberto. A medida da ambição. **Metanóia**: Educação nos negócios. Disponível em: <<http://www.metanoia.net/?p=747#more-747>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

Viagem ao fim do mundo. Dir. Fernando Cony Campos, 1967, F. Campos Produções Cinematográficas.

VIEIRA, Pedro. **Memórias desmortas de Brás Cubas**. São Paulo: Tarja Editorial, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Tabela 3 – Traduções de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>				
ANO	TÍTULO	TRADUTOR	EDITORA	IDIOMA
S/d	<i>Epitaph of a small winner</i>	William L. Grossman	Nova York: Noonday	Inglês
S/d	<i>Laat commentaar van Bras Cubas</i>	A. Mastenbroek jr Bussum	G.J. A	Holandês
1911	<i>Mémoires posthumes de Braz Cubas</i>	Adrien Delpec	Paris: Livraria Garnier	Francês
1919	<i>Memoire postume di Braz Cubas</i>	Giuseppe Alpi	Lanciano	Italiano
1940	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	Francisco José Bolla	Buenos Aires: Club del Libro	Espanhol
1948	<i>Mémoires d'Outre-tombe de Braz Cubas</i>	Chadebec de Lavalade	Paris: Rd. Émile-Paul frères	Francês
1953	<i>Memoire dall'Aldilà</i>	Laura Marchiori	Milão: Rizzoli	Italiano
1953	<i>Epitaph of a small winner</i>	William L. Grossman	Londres: W.H. Allen	Inglês
1956	<i>En Vranten Herres Betragtninger</i>	Erick Bach-Pedersen	Copenhague: Danske Bogsamleres Klub	Dinamarquês
1957	<i>Posmrtni zapisi Brasa Cubasa</i>	Josip Tabak	Sarajevo: Narodna Prosvjeta	Servo-croata
1957	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	s/t	Lisboa: Bertrand	Portugal
1967	<i>Postume erinnerungen des Brás Cubas</i>	Erhard Engler	Berlim: Rütten & Loening	Alemão
1979	<i>Postume erinnerungen des Bras Cubas</i>	Erhard Engler	Frankfurt: Suhrkamp	Alemão
1985	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	s/t	Porto: Lello & Irmão	Portugal
1986	<i>Memoriile postume ale lui Brás Cubas</i>	A editora	Bucuresti: Minerva, Bucuresti	Romeno
1987	<i>Memórias póstumas de</i>	s/t	Lisboa: Dinalivro	Portugal

	<i>Brás Cubas</i>			
1996	<i>Posmrtné paměti Bráse Cubase</i>	Sárka Grauová	Praga: Torst	Tcheco
1997	<i>Epitaph of a small winner</i>	Trafalgar Square	Londres: Trafalgar Square	Inglês
2002	<i>The Posthumous memoirs of Bras Cubas</i>	Gregory Rabassa	Oxford: Oxford University Press	Inglês
2003	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	José Ángel Cilleruelo	Madrid: Alianza Editorial	Espanhol
2003	<i>Die nachträglichen memoiren des Bras Cubas</i>	Wolfgang Kayser	Zurique: Manesse Verlag	Alemão
2005	<i>Mémoires d'Outre-tombe de Braz Cubas</i>	Chadebec de Lavalade	Paris: Métailié	Francês
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural Literatura Brasileira (2008)				